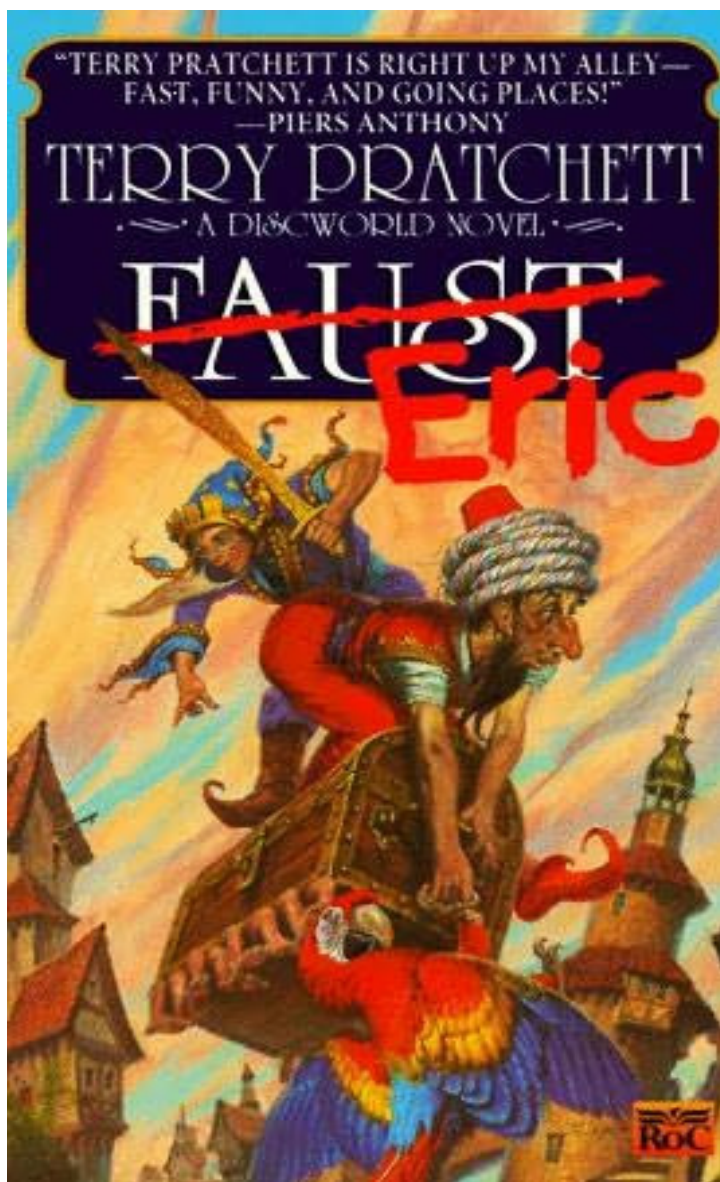


‘ERIC’ – versão portuguesa

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO DO AUDIOBOOK **ERIC** (Terry Pratchett)

Maria Julieta de Oliveira Santos

Licenciada em Assessoria e Tradução pelo ISCAP - Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (2007)



Copy: Paperback 9780575048362 Gollancz, London, 1990

Seller: Bondgate Books, Bishop Auckland, GB, United Kingdom

Trabalho de Projeto para obtenção do grau de Mestre em TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ESPECIALIZADAS

Orientação: Professora Maria Helena Anacleto-Matias

ISCAP 2010

Ao meu Filho, António Rui, cujo permanente apoio foi imprescindível para me dar ânimo e conseguir ultrapassar todos os obstáculos de natureza vária que tive de superar.

Dedico-lhe, com todo o meu amor, a conclusão deste Curso.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho, que iniciei em 2008 e agora termino, representa para mim, acima de tudo, uma realização pessoal que só foi possível graças ao contributo inestimável de todos os Professores do ISCAP com quem tive o privilégio de viver uma das fases mais positivas e gratificantes da minha vida.

A todos, e em particular, à minha Orientadora de Trabalho de Fim de Curso de Mestrado, Professora Helena Anacleto-Matias, o meu mais profundo agradecimento.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	5
Índice.....	7
Nota prévia.....	9
Introdução.....	10
1 O Audiolivro	11
2 A Audiodescrição	13
2.1 História da audiodescrição	14
2.2 Expansão e atualidade	15
2.3 Narradores e técnicas de audiodescrição.....	17
2.4 A audiodescrição em Portugal.....	20
3 A audiodescrição - Considerações	23
4 O autor e a obra	24
4.1 Biografia de Terry Pratchett.....	24
4.2 Série DISCWORLD.....	25
4.3 Bibliografia de Terry Pratchett.....	26
4.4 ERIC: Lista de personagens	38
5 Técnicas utilizadas na transcrição e tradução	45
6 Conclusão.....	47
7 Referências.....	48
ANEXO: Transcrição e tradução do Romance ‘ERIC’	1

NOTA PRÉVIA

Encontrei este audiolivro na biblioteca digital que temos em casa. Comecei a ouvi-lo, achei a história interessante e fora do comum e, depois de pesquisar a bibliografia do autor, Terry Pratchett, e a temática de ‘fantasia’ que constitui a base dos seus romances, decidi transcrever e traduzir esta obra para apresentar como Trabalho de Fim de Curso de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

Desde logo, a minha intenção foi aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas de Tradução e de Interpretação, aliando e desenvolvendo as minhas capacidades de tradução neste domínio específico, tão diferente de todos os que abordei ao longo do Curso.

Não foi fácil completar esta tarefa; a subjetividade do tema, a pesquisa constante que foi necessária ao longo do trabalho de transcrição e tradução e as dificuldades próprias de um trabalho deste teor, quase me fizeram desistir.

Foi um trabalho árduo mas compensador; espero ter correspondido minimamente aos requisitos exigidos para a conclusão deste Curso.

INTRODUÇÃO

Uma das razões que estiveram na origem da escolha deste trabalho prende-se com o facto de eu ser, há algum tempo, utilizadora de audiolivros.

Tenho por hábito ouvir os cursos de línguas Pimsleur, de língua inglesa e francesa, e foi desta forma que tomei contacto com a língua alemã, a terceira língua estrangeira que aprendi.

Relativamente ao autor Terry Pratchett, o tipo de fantasia das suas histórias agrada-me particularmente por parodiar e caricaturar personagens históricas e lendárias que nos remetem para a natureza humana e para o nosso imaginário.

Decidi também fazer a tradução obedecendo às regras do Novo Acordo Ortográfico tendo em vista a sua eventual publicação. O romance ‘ERIC’ de Terry Pratchett ainda não existe traduzido no mercado português.

Sendo o audiolivro um recurso muito útil que pode, decisivamente, contribuir para melhorar os conhecimentos do cidadão comum, não podia esquecer uma ‘incursão’ pela investigação da história e desenvolvimento da audiodescrição, uma arte ao serviço da inclusão dos deficientes visuais que, de acordo com Joel Snyder:

“Audio description is a kind of literary art form in itself, to a great extent. It's a type of poetry - a haiku. It provides a verbal version of the visual, the visual is made verbal, and aural, and oral. AD uses words that are succinct, vivid, and imaginative to convey the visual image that is not fully accessible to a segment of the population and not fully realized by the rest of us-sighted folks who see but who may not observe.”¹

¹ SNYDER, Joel, International Journal of the Arts in Society, Volume 2. Issue 2, 2007.
<http://www.arts-journal.com>

1 O Audiolivro ²

O *Audiobook*, audiolivro ou livro falado é uma gravação dos conteúdos de um livro lidos em voz alta. Apresenta-se em suportes diversificados, como por exemplo em cassete e CD, além de outros formatos mais modernos como o MP3, o WMA, o Ogg, entre outros, podendo ser gratuitos ou pagos. As versões pagas têm a vantagem de ter a participação de narradores profissionais que contam a história, podendo haver ainda efeitos sonoros, que ajudam na interpretação do texto e evitam a monotonia na escuta.

Os audiolivros gratuitos trazem uma grande variedade de obras para descarregamento, a maioria atualmente em domínio público, *copyleft* ou outra licença pública livre disponível, narradas por voluntários ou profissionais, gratuitamente.

O conceito de *copyleft* está explicado no sítio do **The GNU Project**, disponível em <http://www.gnu.org/copyleft/> e consiste numa forma de usar a legislação de proteção dos direitos de autor com o objetivo de retirar barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa devido à aplicação clássica das normas de propriedade intelectual, exigindo que as mesmas liberdades sejam preservadas em versões modificadas. O *copyleft* difere assim do domínio público, que não apresenta tais exigências. "Copyleft" é um trocadilho com o termo "copyright" que, traduzido literalmente, significa "direitos de cópia".

Segundo Aquino (2008: online), o *audiobook* é “uma opção eficiente e menos dispendiosa de promover o estudo académico e a inclusão dos deficientes visuais nos diferentes contextos informacionais”. A utilização deste recurso não se limita apenas aos invisuais, pois constitui uma forma diferenciada e dinâmica de acesso à informação, podendo inclusivamente atrair aqueles leitores que, por vários motivos, não dispõem de tempo nem local apropriado para realizar a leitura de um livro físico, podendo desta forma ouvi-lo a partir de um dispositivo móvel. Aquino (2008: online) reforça ainda que “aos poucos, o audiolivro vem abrindo espaços e conquistando o público dos grandes centros urbanos que fica horas preso no trânsito.”

Também podemos incluir neste grupo os estudiosos que desejam otimizar o seu tempo ocioso e os tipos de personalidades que são mais auditivas do que visuais.

²

As informações contidas nesta secção foram obtidas nas seguintes páginas da Web:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/resumos/R30759-1.pdf>

<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2625.pdf>

<http://www.buzzle.com/articles/audio-books.html>

http://www.101noites.com/index.php?option=com_content&task=view&id=118&Itemid=1

No mercado americano contamos, em 2010, mais de 50 000 títulos. No entanto, são os alemães os maiores entusiastas e consumidores de audiolivros, principalmente em formato de radionovelas.

Temos hoje quase 1000 títulos em língua portuguesa, embora em Portugal o *audiobook* tenha uma penetração muito baixa, sendo o serviço Audible.com existente desde 1997. Com o sucesso dos leitores MP3, o serviço da Audible ganhou ainda mais força.

A maior dificuldade para o sucesso desta plataforma é que a maioria dos *audiobooks* são em inglês e muitos portugueses não querem ou não sabem inglês.

O mais recente estudo da Audio Publishers Association (APA), divulgado em agosto de 2007, revela que a indústria dos livros falados está avaliada em 923 milhões de dólares (cerca de 590 milhões de euros), o que corresponde a um crescimento de 6% desde 2005.

Portugal entra no estudo através da editora ‘Solutions by Heart’(SBH), a única portuguesa que figura na lista de membros da APA.

A SBH faz a sua aposta no mercado internacional com o lançamento de audiolivros em inglês e sobre economia e tecnologia.

Em 2007, a editora ‘101 Noites’ lançou obras de seis autores maiores da literatura portuguesa, entre elas: Um Jantar Muito Original, de Fernando Pessoa (lido por São José Lapa); Sete Mulheres, de Camilo Castelo Branco (na voz de Nuno Lopes); ou Civilização, de Eça de Queirós (com interpretação de José Wallenstein). Segundo os responsáveis da editora ‘101 Noites’, “o sucesso foi significativo”.

Em 2008, esta editora lançou a sua primeira coleção, Livros para Ouvir.

Apesar da resistência de alguns, que temem que este formato possa contribuir para um maior fosso nos índices de leitura, a editora ‘101 Noites’ lançou uma coleção para os mais jovens: três contos de Óscar Wilde, com voz de Rosa Lobato Faria.

Os responsáveis desta editora não admitem que este suporte contribua para a iliteracia, antes pelo contrário, é uma forma de a combater. Por isso, fazem questão de que os audiolivros da sua editora (com duração de 70 minutos e as obras na íntegra, já que se trata de contos) sejam “distribuídos sempre com o livro impresso”. Aqueles responsáveis apontam, como grande vantagem deste formato, a possibilidade de “as obras poderem ser descarregadas em ficheiros digitais para os iPod, MP3 ou mesmo o iPhone, o que pode levar a ler mais, sobretudo os jovens, que são os grandes adeptos das tecnologias”.

No estrangeiro já foram ultrapassadas várias etapas. Sabe-se que a operadora norueguesa Telenor já tem mais de 200 títulos disponíveis para telemóvel. Basta enviar um SMS e recebemos o livro. Na Alemanha, na Noruega e na Suécia já é possível alugar automóveis com uma biblioteca de audiolivros. E em França existem comboios com audiolivros disponíveis.

Em Portugal o mercado dos audiolivros ainda é pequeno. E são poucos os pontos de venda. Além das editoras '101 Noites' e 'Solutions by Heart', há ainda a 'Boca - Palavras que Alimentam' e a 'MHIJ Editores Associados'. No entanto, podemos encomendar livros em vários sítios internacionais, que são autênticas bibliotecas, como por exemplo:

www.101noites.com	www.audible.com
www.solutionsbyheart.com	www.audiobooksonline.com
www.boca.pt	www.audioeditions.com
www.amazon.com	www.learnoutloud.com

2 A Audiodescrição ³

A Audiodescrição é um recurso que permite que as pessoas com deficiência visual possam assistir e perceber melhor filmes, peças de teatro, programas de televisão, exposições, musicais, óperas e outros, através do sentido da audição. Transforma o que é visto no que será ouvido, abrindo assim muitas portas do conhecimento às pessoas com deficiência visual.

Permite também que se conheçam cenários, figurinos, expressões faciais, linguagem corporal, entrada e saída das personagens de cena, bem como outros tipos de ação utilizados em televisão, cinema, teatro, museus e exposições.

Estas artes exploram os recursos visuais tanto na cenografia como na caracterização das personagens e da época e são atividades que geralmente não fazem parte do quotidiano das pessoas com necessidades especiais.

³ MOTTA, L.M.V.M., Banco de escola: Educação para todos, Audiodescrição – recurso de acessibilidade para a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual.
<http://www.bancodeescola.com/audiodescr.htm>

2.1 História da audiodescrição ⁴

Génese

A primeira vez que a audiodescrição apareceu formalmente descrita como tal, foi na tese de pós-graduação, apresentada na Universidade de São Francisco pelo norte-americano Gregory Frazier, em 1975. Realizaram-se vários estudos e os resultados favoráveis que foram sendo comprovados nessas primeiras experiências fizeram com que a técnica se desenvolvesse em teatros, museus e cinemas dos Estados Unidos durante a década de 80.

Durante uma entrevista ao jornal 'The New York Times'⁵, publicada em 17 de Julho de 1996, Gregory Frazier contou como a ideia de audiodescrição nasceu no seu espírito e se tornou um objetivo de vida.

Em 1970, quando passava um serão em sua casa na companhia de um amigo cego, estava a ser transmitido pela televisão o filme 'High Noon', protagonizado por Gary Cooper, Frank Miller e Grace Kelly.

O amigo pediu-lhe que lhe explicasse o que se ia passando, e assim, Frazier descrevia rapidamente toda a ação durante as pausas entre as cenas.

O amigo de Frazier ficou deslumbrado e muito agradecido. Para Gregory Frazier foi o início de uma atividade intensa que se tornou importantíssima durante toda a sua vida. A partir daquele momento, e segundo as suas palavras, a sua vida mudou completamente.

"The light bulb went on" comentou Frazier. *"It was one of the most exciting moments in my life."*

Porém, teve alguma dificuldade em encontrar as pessoas certas para pôr em prática o conceito, até ao momento em que August Coppola⁶, professor de Literatura na universidade onde Frazier também dava aulas, se interessou pela ideia e o apresentou ao seu irmão Francis Ford Coppola, realizador de cinema.

A audiodescrição foi incorporada no filme 'Tucker', realizado por Francis Ford Coppola, em 1988. Foi esta circunstância que facilitou a divulgação da audiodescrição pela América do Norte.

⁴ As informações contidas nesta secção foram obtidas nas seguintes páginas da Web:

<http://audiodescricao.com.br/>

<http://www.bengalalegal.com/livia.php>,

<http://www.bancodeescola.com/audiodescr.htm>

⁵ Robert McG. Thomas Jr., Gregory T. Frazier, 58; Helped Blind See Movies With Their Ears. **The New York Times**, 17 de julho 1996.

<http://www.nytimes.com/1996/07/17/us/Gregory-t-frazier-58-helped-blind-see-movies-with-their-ears.html>

⁶ **August Coppola** (16 de fevereiro 1934 – 27 de outubro 2009) foi professor de literatura na San Francisco State University, na Califórnia. Era irmão do cineasta Francis Ford Coppola

<http://www.imdb.com/name/nm1692024/bio>, consultado em 15-11-2010

Em 1989 a audiodescrição foi aplicada em alguns filmes do Festival de Cannes. Esta técnica difundiu-se rapidamente noutros países da Europa, principalmente no Reino Unido que, inicialmente, experimentou inserir a audiodescrição na televisão. Essa experiência ficou conhecida como “Descriptive Video Service”. Graças ao êxito deste programa pioneiro, outras experiências se seguiram, como por exemplo, no Canal Network.

Em 1992, surgiu o Projeto Audetel, uma iniciativa britânica coordenada pelo Royal National Institute for the Blind, que se dedica a investigar os requisitos técnicos necessários para a incorporação da audiodescrição nas emissoras de televisão.

Em Espanha, a partir de 1991, foi desenvolvido o sistema Sonocine, que permitiu que as pessoas com necessidades visuais especiais seguissem a audiodescrição dos filmes exibidos na televisão através de um canal de rádio especialmente preparado para o efeito. Os canais TVE e La 2 colocaram em prática essa experiência durante algum tempo. Hoje, somente o Canal Sur ainda utiliza este sistema.

Em 1993, a Fundação ONCE, uma organização espanhola para a cooperação e integração social de pessoas com deficiência, começou um programa de investigação e pesquisa em audiodescrição, que culminou com a publicação da norma UNE 153020, intitulada: ‘*Audiodescripción para personas con discapacidad visual - Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías*’.

2.2 Expansão e atualidade⁷

A Audiodescrição tem vindo a desenvolver-se por todo o mundo.

Em alguns países como Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Estados Unidos e Uruguai a audiodescrição já é uma realidade nos cinemas, teatros, museus, programas de televisão e está disponível em DVD.

Festivais de cinema como o Festival de Cine de Pamplona, o Festival Iberoamericano de Cine de Huelva e o Festival de Cine de Móstoles, oferecem o recurso da audiodescrição.

Dentro do Museu das Artes Audiovisuais de Alcira em Valência, há uma sala que oferece o serviço de audiodescrição de forma permanente.

A maior parte dos canais de televisão no Reino Unido têm este tipo de acessibilidade na sua programação.

⁷ As informações contidas nesta secção foram obtidas nas seguintes páginas da Web:

<http://www.robinoththeatre.co.uk/theatrehistory2.htm>

http://www.rnib.org.uk/livingwithsightloss/leisureculture/theatre/Pages/theatre_audio_description.aspx

<http://cantinhoamigoespecial.blogspot.com/2009/07/audiodescricao-em-portugal-e-lei-e.htm>

O Chapter Arts Center, em Cardiff, foi o primeiro a fazer uso do recurso com tradutores ao vivo. Um dos defensores do teatro, o dramaturgo Norman King, ficou tão impressionado com os benefícios das descrições, que incentivou a Companhia do Royal Theatre of Windsor a introduzir esse serviço com maior abrangência e, em fevereiro de 1988 foi instalado o equipamento para a transmissão simultânea da peça “Stepping Out” no Royal Theatre of Windsor. Em inúmeros teatros no Reino Unido podemos assistir a representações com audiodescrição, como por exemplo, no Queen's Theatre, no Orange Tree Theatre, e no Unicorn Theatre for Children. Neste país existem mais de 270 salas de cinema com este tipo de serviço e mais de 250 filmes em DVD com acessibilidade estão disponíveis para venda ou locação.

Na Alemanha, alguns cinemas contam com o recurso da audiodescrição e o canal de televisão BR oferece programas com o serviço. Em Munique, o Festival de Cinema “Wie wir leben” oferece audiodescrição em todas as sessões, desde 1995.

Na Austrália, o The Sydney Film Festival e o The Other Film Festival disponibilizam a audiodescrição nas suas sessões.

A França começou a oferecer este tipo de serviços através da Fundação Valentin Haüy. O canal TF1 exibe programas com audiodescrição e algumas salas de cinema espalhadas pelo país, como o Cinema MK2, oferecem o serviço de forma permanente. O Festival Retour D’Image é um dos festivais de cinema franceses que oferece sessões audiodescritas. Uma das audiodescritoras mais importantes do mundo, Marie-Luce Plumazille, desenvolve a técnica na França desde 1989.

Nos Estados Unidos o serviço de audiodescrição é patrocinado por doações e fundações, produzindo cerca de 6 a 10 horas de programação com audiodescrição, por semana, e está disponível em 50% das residências nos Estados Unidos. Estes programas são possíveis devido à presença de um canal secundário de áudio – SAP (Secondary Audio Programme).

2.3 Narradores e técnicas de audiodescrição

Os Audiodescritores precisam de um curso de formação específico que considere informações sobre a deficiência visual, definição, histórico e princípios da audiodescrição, noções de sumarização e, principalmente, atividades práticas.

Precisam de assistir à peça, filme ou espetáculo algumas vezes, antes de fazer a audiodescrição, para se familiarizarem com o tema, personagens, figurino, vocabulário específico, autor e cenários. Outro aspeto importante é a elaboração do argumento e guião para a audiodescrição. É um trabalho minucioso que exige tempo, dedicação, objetividade e preparação.

A reação das pessoas com deficiência visual que já experimentaram este recurso comprova a sua utilidade e eficácia. Contribui para que estas sejam incluídas na vida social e cultural ampliando as suas opções de lazer e cultura.

Utilizam-se ferramentas e técnicas diferentes dependendo do tipo de suporte.

No caso de filmes, séries, novelas ou documentários, os suportes atuais são o cinema, a televisão e o DVD.

Em produtos audiovisuais, a audiodescrição é adicionada a um segundo canal de áudio. No caso da televisão, através de um canal que disponibilize esta banda extra de áudio, geralmente acionada pela tecla SAP (Programa Secundário de Áudio) dos televisores.

Para as peças de teatro, o suporte é o próprio espetáculo e, neste caso, terá de ser feita ao vivo.

Variantes da audiodescrição

Audiodescrição gravada

Para a produção da audiodescrição gravada, o processo inclui as seguintes etapas:

Estudo e Guião: Um audiodescritor especializado estuda a obra a ser descrita e escreve um guião com os textos que vão ser narrados. A criação do guião é um trabalho delicado e subjetivo, que deve seguir padrões e técnicas internacionais estabelecidas em países onde a audiodescrição já está normatizada. As falas audiodescritas acontecem entre falas do áudio do filme; por isso, para que haja no guião a indicação exata de onde cada fala deve ser encaixada no áudio original do filme, é necessário que o audiodescritor trabalhe a partir de uma cópia do filme com Time Code aparente (referência de tempo que sincroniza áudio e vídeo). Se o guião for escrito por mais de uma pessoa, o texto deverá ser alvo de verificação por um revisor especializado que deverá uniformizar a linguagem e o vocabulário.

Ensaaios e adaptação: Depois do guião pronto, o ator audiodescritor deverá ensaiar a colocação das falas narradas nos locais previamente escolhidos. É neste momento que se fazem pequenos ajustes de tempo ou a troca de uma palavra por outra para que a descrição fique adequada.

Com o guião pronto e já tendo ensaiado, o ator audiodescritor entra em estúdio, acompanhado de um diretor de gravação e do técnico em gravação, para gravar as descrições contidas no guião.

Sincronização: O ficheiro extra de áudio que contém a audiodescrição é editado e incluído na banda sonora original do filme ou programa, no caso da televisão e do DVD, e por meio de um canal extra de áudio. No caso do cinema, esse ficheiro de som é transmitido para auriculares, para que essas informações complementem o som original do filme.

Audiodescrição ao vivo ensaiada

A audiodescrição pode ser feita ao vivo, tal como acima já se afirmou, esta forma é mais adequada em Festivais de Cinema, peças de teatro, espetáculos de dança, óperas e manifestações artísticas em geral. Na audiodescrição ao vivo ensaiada, a preparação das falas da audiodescrição é feita da mesma forma que na audiodescrição gravada, mas, neste caso, o ator audiodescritor faz a narração ao vivo. As duas primeiras etapas, Estudo e Guião e Ensaaios e adaptação são idênticas às da audiodescrição gravada.

Audiodescrição ao vivo

Esta é a execução da audiodescrição ao mesmo tempo em que a obra é exibida. Neste tipo de audiodescrição, feito em cinemas e teatros, o equipamento utilizado é o mesmo que o da interpretação simultânea. Os atores audiodescritores instalam-se em cabines com microfones e o som é transmitido para os utilizadores através de auriculares. A projeção do filme ou a peça decorrem normalmente, sem interferência para o restante público. O som original é captado pelo utilizador de audiodescrição pelo próprio sistema de som da sala de cinema ou voz dos atores no palco, e o conteúdo audiodescrito, pelo auricular.

Audiodescrição simultânea

Nesta variante, o audiodescritor não tem conhecimento prévio da obra a ser descrita, por isso, não há guião, nem possibilidade de ensaio. Esta forma é a única possível em espetáculos em direto. Por esta razão, a audiodescrição simultânea está sujeita a falhas e sobreposições das falas do audiodescritor com as falas das personagens, já que a obra não foi estudada previamente.

Audiodescrição em filmes estrangeiros não dobrados

Quando o produto é estrangeiro e não está dobrado, os atores audiodescritores fazem a leitura interpretada dos diálogos do filme traduzidos para o português. Este serviço não é uma dobragem, porque a leitura interpretada não se sobrepõe completamente à voz original das personagens. O espectador escuta o diálogo original, porém, em forma de “voice over”, ouve também a leitura interpretada dos diálogos, juntamente com a audiodescrição das cenas. Essa interpretação dos diálogos deve ser feita de forma a acompanhar subtilmente o espírito das cenas e das personagens, mas sempre em tom mais baixo e discreto. A preparação do guião, ensaios e ajustes é idêntica à da audiodescrição gravada.

Este método foi utilizado por **Lara Pozzobon**⁸ que produziu o guião de audiodescrição e efetuou gravação em estúdio do filme “Los Olvidados” de Luiz Buñuel, que foi exibido em doze cidades do Brasil, por ocasião da 3ª Mostra Cinema e Direitos Humanos na América do Sul, que decorreu de 6 de outubro a 6 de novembro de 2008.⁹



⁸ **Lara Pozzobon** é Doutora em Literatura Comparada, Mestre em Literatura Brasileira e formada em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desde 1999 coordena a Lavoura Produções, produtora pioneira em projetos acessíveis no Rio de Janeiro. Produziu 4 curtas metragens e estreou na produção de longas metragens com “Incuráveis”, de Gustavo Acioli. Dirige o “Assim Vivemos, Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência”, do qual é produtora e curadora e que oferece acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva em todos os filmes. Desde 2003, atua como coordenadora de revisão de conteúdo de guiões de audiodescrição e participa ativamente em palestras em seminários, congressos e encontros. Coordenou a revisão de 200 guiões de audiodescrição em filmes. <http://audiodescricao.com.br/>, consultado em 28-08-2010

⁹ http://www.cinedireitoshumanos.org.br/2008/a_filmes_tit.htm, consultado em 28-08-2010

2.4 A audiodescrição em Portugal

2.4.1 Cinema

Em Portugal o primeiro filme com audiodescrição intitula-se “Atrás das Nuvens”, realizado por Jorge Queiroga, em dezembro de 2008. Com este feito a ZON Lusomundo deu continuidade ao seu projeto de inclusão e responsabilidade social com a produção de um DVD com características únicas.

Com esta aposta na tecnologia digital, a ZON Lusomundo permite que todos os cidadãos possam ter melhor acesso ao cinema. Este foi sem dúvida, nesta área específica, um acontecimento muito importante no nosso país.¹⁰

O DVD apresenta, além da versão original, audiodescrição em português para Cegos, legendagem em português especialmente criada para Surdos, assim como língua gestual portuguesa (LGP). Estima-se que o universo de cidadãos com défice visual e auditivo em Portugal seja de 230 mil pessoas.

Notas Técnicas sobre o DVD:

- A legendagem para Surdos respeita as regras de legendagem mais inovadoras permitindo identificar as personagens, tons de voz, efeitos sonoros e música com valor narrativo.
- A audiodescrição integra-se de forma interativa com o texto dobrado, surgindo apenas nos momentos certos, nunca se sobrepondo a informação sonora importante. Existe também o cuidado de orientar o espectador cego na interpretação de sons pouco claros ou de difícil perceção.
- A língua gestual é apresentada em primeiro plano, sobreposta de forma distinta ao texto audiovisual sem que interfira nas partes importantes da mensagem visual. A LGP utilizada é considerada padrão entre a comunidade Surda.
- Menus com audiodescrição: toda a navegação do DVD é sonorizada para que os Cegos possam ter total autonomia na utilização do DVD.

¹⁰ <http://www.acesso.unic.pt/tv.htm>

2.4.2 Televisão

Em Portugal a Audiodescrição na televisão teve início em julho de 2009. Esta medida foi imposta pela Entidade Reguladora dos média para permitir o acompanhamento das emissões por deficientes. O plano plurianual da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) define um conjunto de obrigações que permitam o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais. As televisões devem assegurar uma hora e meia de programas de ficção ou documentários com audiodescrição:

“ERC define obrigações das emissões para pessoas com necessidades especiais

O Conselho Regulador aprovou, após audição dos operadores de televisão e das associações representativas das pessoas com deficiência, um plano plurianual de obrigações que permitem o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais, nomeadamente através do recurso à legendagem, à interpretação por meio de língua gestual, à áudio-descrição ou a outras técnicas que se revelem adequadas.

O plano plurianual, correspondente ao período de 1 de Julho de 2009 a 31 de Dezembro de 2012 e segmentado em dois períodos temporais distintos, prevê o seu cumprimento gradual, atendendo às condições técnicas e de mercado em cada momento.

Os serviços de programas generalistas de acesso não condicionado livre deverão garantir, no horário compreendido entre as 8h00 e as 02h00, oito horas semanais de programas de ficção ou documentários com legendagem especificamente destinada a pessoas com deficiência auditiva, recorrendo, para o efeito, a qualquer meio técnico ao seu alcance. Deverão ainda garantir três horas semanais de programas de natureza informativa, educativa, cultural, recreativa ou religiosa com interpretação por meio de língua gestual portuguesa, incluindo, com periodicidade semanal, a interpretação integral de um dos serviços noticiosos do período nocturno, bem como uma hora e trinta minutos semanais de programas de ficção ou documentários com áudio-descrição.

Quanto aos serviços de programas temáticos informativos de acesso não condicionado com assinatura, deverão garantir, no horário compreendido entre as 19h00 e as 00h00, duas horas semanais de programas de natureza informativa com interpretação por meio de língua gestual portuguesa, incluindo, com periodicidade semanal, a interpretação integral de um dos serviços noticiosos.

Já os serviços de programas generalistas de acesso não condicionado livre e temáticos informativos de acesso não condicionado com assinatura de âmbito nacional deverão, no período em referência, duplicar os valores das obrigações fixadas para o período compreendido entre 1 de Julho de 2009 e 31 de Dezembro de 2011.

No operador de serviço público, os serviços de programas generalistas de âmbito nacional, além de outros instrumentos a que se

encontrem vinculados, designadamente acordos de auto-regulação ou de co-regulação, deverão atender, quanto a esta matéria, às metas fixadas no Contrato de Concessão do Serviço Público de Televisão, devendo também antecipar em pelo menos um ano as condições definidas para os serviços de programas disponibilizados pelos operadores privados. Devem ainda difundir programas especificamente direccionados aos públicos com necessidades especiais, que não deverão ser emitidos em períodos de audiência reduzida.

Os serviços de programas generalistas de acesso não condicionado livre que procedam à difusão de mensagens do Presidente da República, do Presidente da Assembleia da República e do Primeiro-Ministro, assim como à divulgação de comunicações dos serviços de protecção civil, deverão assegurar a acessibilidade das mesmas às pessoas com dificuldades auditivas, através de legendagem e interpretação por meio de língua gestual portuguesa, assim como a disponibilização em linha dos respectivos conteúdos às pessoas cegas e com baixa visão.

O Conselho Regulador recomenda ainda aos operadores de televisão que prossigam esforços tendentes à adopção de novas técnicas susceptíveis de permitir o acompanhamento das emissões por pessoas com necessidades especiais, particularmente aquelas que são proporcionadas pelos avanços tecnológicos e pelo aproveitamento da capacidade das plataformas digitais, tendo em conta a necessidade de satisfazer o aumento progressivo das exigências quanto a esta matéria.

A ERC irá proceder à divulgação periódica dos resultados da execução do presente Plano Plurianual, bem como à apreciação desses mesmos resultados, assim como da sua evolução. O Conselho Regulador poderá rever, até 30 de Novembro de 2010, e com produção de efeitos a partir de 1 de Janeiro de 2011, o conjunto das obrigações fixadas no presente Plano Plurianual, ponderando a evolução das condições técnicas e de mercado verificadas durante o seu período de validade.”¹¹

Segundo a fonte www.lerparaver.com, A ACAPO (Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal), parceira da ERC na elaboração do documento alega que o plano é bastante insuficiente para os invisuais.

Todas as obrigações impostas pela ERC precisam de ser reforçadas para que o plano seja abrangente a todos.¹²

¹¹ http://www.erc.pt/index.php?op=vernoticia&nome=noticias_tl&id=256

¹² <http://www.lerparaver.com/node/8729>

2.4.3 Teatro

Foi com uma peça de Mia Couto e José Eduardo Agualusa que se iniciou em Portugal a audiodescrição no teatro; a peça intitulava-se “Chovem amores na rua do matador”. Este espetáculo encenado pelo grupo Trigo Limpo, Teatro Acert, foi apresentado no MITO - Mostra Internacional de Teatro de Oeiras e a Companhia de Atores apresentou a primeira sessão de teatro audiodescrita em Portugal. Esta mostra de teatro decorreu em setembro de 2009.

Era idêntica a uma tradução simultânea onde o sinal era recebido por infravermelhos e ouvida através de auriculares.¹³

3 A audiodescrição - Considerações

A audiodescrição trouxe formalidade a algo que no passado era improvisado, graças à sensibilidade e boa vontade de alguns.

As pessoas com deficiência visual, curiosas, começavam a fazer perguntas, tirar dúvidas durante o filme, peças de teatro e outros tipos de espetáculo.

Mas nem todas as pessoas que as acompanhavam estavam dispostas a prestar esse tipo de serviço, pois ter de dar informações adicionais fazia com que as pessoas deixassem de acompanhar e perceber determinadas cenas.

A evolução da televisão digital e de outras tecnologias mudará o modo como as pessoas irão ter acesso à informação.

À medida que as tecnologias vão abrindo novas portas, outras irão fechar-se para os invisuais se não forem dados passos no sentido de assegurar a acessibilidade nesse novo meio ambiente.

A figura do telespectador passivo está a desaparecer. No futuro, a televisão disponibilizará serviços interativos educacionais, comerciais e de entretenimento para lares, salas de aula, locais de trabalho e a acessibilidade é um facto que tem de ser levado em conta.

¹³ <http://tv1.rtp.pt/noticias/index.php?t=Invisuais-veem-tudo-em-peca-de-Mia-Couto-e-Agualusa>

4 O autor e a obra

4.1 Biografia de Terry Pratchett

Terence David John Pratchett, (28 de abril de 1948 -) é um escritor inglês, mais conhecido pelos seus livros da série Discworld.

Terry Pratchett diz que vendeu a primeira história quando tinha apenas treze anos, e explica que, com o dinheiro recebido, comprou uma máquina de escrever em segunda mão. A sua primeira novela humorística intitulava-se "The Carpet people", e o editor Colin Smythe publicou-a em 1971.

Depois de ter trabalhado com jornalista e assessor de imprensa durante alguns anos, escrevendo nas horas vagas, publicou "A Cor da Magia" em 1983, e o grande sucesso do livro, inaugurando a série Discworld, acabou por convencer o autor a iniciar uma carreira literária em tempo integral.

Através de um humor cáustico e irónico, utiliza histórias que se desenrolam num mundo de fantasia para trazer à tona incoerências e idiossincrasias bem reais. No entanto, consegue fazer isso sem prejudicar as características mais marcantes das suas obras: o bom humor e o entretenimento inteligente.

Terry Pratchett obteve um recorde de vendas em 1990 no Reino Unido e tem a sua obra publicada por todo o mundo, em cerca de 37 idiomas.

Vários romances de Terry Pratchett foram já adaptados pela rádio, na BBC Radio 4 : 'The Colour of Magic', 'Equal Rites' (no programa Woman's Hour), 'Only You Can Save Mankind', 'Guards! Guards!', 'Wyrd Sisters', 'Mort', e 'Small Gods'.

A Thames Television emitiu uma série de animação produzida em 1992 pela Cosgrove Hall Films, a partir do romance 'Truckers'; também as estações televisivas BBC One, ITV e Channel 4, para só citar alguns, têm difundido adaptações das obras deste profícuo escritor.

Também no cinema, num futuro que se prevê próximo, poderemos assistir a uma produção cinematográfica do romance 'Truckers', adaptada por Frank Cottrell Boyce e realizada por Danny Boyle.

Em dezembro de 2007, Terry Pratchett anunciou publicamente que lhe foi diagnosticada uma forma muito rara da doença de Alzheimer, que apesar de se ter começado a manifestar na sua capacidade motora parece não ter interferido minimamente nas suas capacidades intelectuais.

Atualmente vive em Wiltshire com a esposa Lyn.

Na sua opinião, escrever é a coisa mais divertida que alguém pode fazer sozinho.¹⁴

¹⁴ <http://www.lspace.org/about-terry/biography.html>

4.2 Série DISCWORLD

Discworld é uma série de livros de fantasia, criada pelo escritor inglês Terry Pratchett, sendo uma referência ao local imaginário onde decorre a ação da maior parte dos seus livros.

O Discworld é um mundo plano repleto de magia e apoiado nos ombros de quatro elefantes gigantes (Grande T'phon, Tubul, Berilia e Jerakeen), que, por sua vez, estão sobre o casco de uma enorme tartaruga, a Grande A'Tuin. Esse conceito é inspirado pela crença da Mitologia Hindu, segundo a qual o mundo é apoiado em seres semelhantes, com uma nomenclatura diferente.¹⁵

A maior cidade do Discworld é Ankh-Morpork. É uma mistura burbulhante de raças e culturas e um reflexo do planeta Terra.

Terry Pratchett prefere dizer que as suas histórias não são propriamente paródias; são mais 'ressonâncias' do mundo real.

A série é famosa por satirizar grandes autores de fantasia, como J. R. R. Tolkien, C.S. Lewis, jogos de RPG - **role-playing game** (RPG, traduzido como "jogo de interpretação de personagens"), cenas do quotidiano.

¹⁵ **Matsya** é a primeira encarnação de Vishnu. Tem o aspeto de um peixe. Segundo as escrituras, antes do universo ser criado, os quatro Vedas estavam perdidos no fundo do oceano e eram indispensáveis para que Brahma pudesse criar o universo, uma vez que era neles que estava o conhecimento necessário para isso.

Kurma é a segunda encarnação do deus Vishnu. É representado com a parte de baixo com a forma de uma tartaruga, e a parte de cima como um humano. Na parte de cima, Kurma é representado com quatro braços e cada mão segura um dos seus atributos divinos: uma concha, um disco de energia, um lótus e um cajado.

<http://www.mailerindia.com/god/hindu/index.php?vish7>, consultado em 22-11-2010

4.3 Bibliografia de Terry Pratchett

A partir de uma pesquisa no sítio oficial www.harpercollins.com e da ligação <http://www.harpercollins.com/features/pratchettbooks/listing.aspx>, recolhi as sinopses dos romances apresentados a seguir.

Desta forma, tive oportunidade de perceber a interligação entre várias personagens à medida que surgiam ao longo da obra de Terry Pratchett e, no que se refere às do romance ERIC que transcrevi e traduzi, este processo foi um auxiliar precioso para o trabalho que desenvolvi.

Terry Pratchett publica em 1983 o romance ‘The Colour of Magic’

Neste romance é abordado o tema fantasia e é a primeira viagem de Terry Pratchett por terras do famoso mundo Discworld. É onde tudo começa - com o turista Twoflower e o feiticeiro, Rincewind.

Em 1986 surge o romance ‘The Light Fantastic’, continuando a ser explorado o tema fantasia.

Há apenas um indivíduo que pode salvar o mundo de uma colisão fatal. Infelizmente, o herói é o desajeitado feiticeiro Rincewind, que, quando foi visto pela última vez, estava a cair do fim do mundo.

No ano seguinte, 1987, é publicado ‘Equal Rites’. Nesta obra são abordados os temas da fantasia e da igualdade dos sexos.

Um feiticeiro moribundo tenta passar os seus poderes ao oitavo filho de um oitavo filho, que acaba de nascer nesse preciso momento. O facto de a criança ser uma rapariga é descoberto um pouco tarde demais.

A obra ‘Mort’, publicada em 1987 aborda a temática da morte.

Neste episódio da série Discworld, A Morte faz a Mortimer uma oferta irrecusável – especialmente porque não é obrigatório estar morto. Como é aprendiz da Morte, tem direito a casa e mesa grátis, pode usar o cavalo da empresa, e não precisa de andar de luto nos funerais dos seus familiares. O cargo é tudo o que Mortimer sempre ambicionara, até que descobre que este trabalho perfeito pode destruir a sua vida amorosa...

‘Sourcery’ surge em 1988. O apocalipse é o tema escolhido por Terry Pratchett.

Quando Rincewind, o inigualável e desastrado feiticeiro, foi visto pela última vez, tinha caído do fim do mundo.

Agora, por artes mágicas, ele regressa e, desta vez, traz consigo a Bagagem.

Neste romance, ‘Wyrd Sisters’, de 1988, Terry Pratchett introduz uma nova personagem: Granny Weatherwax, a não-regente mais cobiçada que um conventículo de bruxas anti-sociais alguma vez podia ter. Geralmente, estas solitárias não se envolvem em nada, muito menos em intrigas palacianas. Mas, de vez em quando, não conseguem resistir. Como Granny Weatherwax está prestes a descobrir, é muito mais difícil espreitar conflitos no castelo do que alguns grupos teatrais podem fazer crer. Mesmo quando se tem uns feitiços surpresa escondidos na manga.

‘Pyramids’ é publicado em 1989. O antigo Egito e a Grécia antiga são os temas.

Já é suficiente mau ser-se novo no trabalho, mas Teppic não tem a mínima ideia do que um Faraó deve fazer. Afinal de contas, ele fora treinado na famosa escola de assassinos de Ankh-Morpork, do lado do mar a partir do Reino do Sol. Em primeiro lugar, existe a tarefa monumental de construir um local de descanso final para o Pai – uma pirâmide para acabar com todas as pirâmides. Depois, existem os milhares de tarefas administrativas tais como lidar com sacerdotes loucos, crocodilos sagrados, e múmias andantes. O Faraó adolescente descobre o que é a intriga, a traição além de incluir uma empregada teimosa no meio do seu reino.

Com ‘Guards! Guards!’, de 1989, Terry Pratchett aborda os romances policiais.

Nesta obra há dragões... e os habitantes de Ankh-Morpork desejam que um grande cuspidor de fogo regresse de onde uma vez já veio. Há muito se pensava extinto, um espécimen soberbo de ‘dragão-nobre’, apareceu na maior cidade de Disworld. Não só este visitante inoportuno tem o horrível hábito de esturricar tudo no seu caminho, como muito rapidamente é coroado Rei (é um dragão nobre, apesar de tudo...)

O romance 'Eric', de 1990, é uma paródia a Fausto, ao Inferno de Dante.

O único manipulador de demónios de Discworld, Eric, está prestes a tornar a vida dos habitantes de Ankh-Morpork num frenesim. Tudo o que deseja é concretizar três desejos: viver para sempre, ser o mestre do Universo, e encontrar uma namorada que seja a mais bela do mundo.

E como se isso não fosse suficientemente mau, aquele adorável acessório de viagem, a Bagagem, também apareceu. Acompanhado dos seus melhores amigos, só há uma coisa que Eric deseja agora – nunca ter nascido!

'Moving Pictures', também de 1990, traz-nos o mundo de Hollywood, do cinema, das celebridades.

Os insuportáveis alquimistas de Discworld voltaram aos truques antigos. Desta feita, descobriram como obter ouro a partir de prata – isto é, o cinema (silver screen). A ouvir o apelo de Holy Wood está Victor Tugelbend, um aprendiz de feiticeiro transformado em figurante. Não sabe cantar, não sabe dançar, mas sabe manejar uma espada (mais ou menos...), e agora quer ser uma estrela. Tal como Theda Withel, uma rapariga ingénua e ambiciosa de uma cidade pequena, da qual nunca ninguém ouviu falar. Mas o burburinho das imagens em movimento não está apenas a agitar sonhos em Discworld. A magia de Holy Wood está também a alastrar-se para além das fronteiras dos universos, onde realidades cruas, os 'o-que-poderia-ter-sido', os 'talvez', os 'que-nunca-foram', as ideias alucinantes estão a começar a fermentar num caldo nojento. Está nas mãos de Victor e Gaspode, o Cão Maravilha reinar no caos e repor a ordem no tempestuoso Discworld.

Em 1991, chega a público o romance 'Reaper Man'. Os temas escolhidos por Terry Pratchett são a sociedade de consumo e os direitos das minorias.

Tudo estava bem antes de a Morte começar a questionar o existencial

A última coisa que alguém quer é um Ceifeiro enfastiado e rapidamente os donos do Discworld o mandaram embora com os melhores votos e um merecido relógio de ouro. Agora a Morte está a viver o melhor momento da sua vida, procurando pastos verdes onde pode dar novos usos à sua foice. Mas como com qualquer corte num importante serviço público, o desaparecimento da Morte levou ao caos e ao desassossego – literalmente, para aqueles cujo tempo tinha chegado ao fim, tal como Windle Poons. O mais velho de todos em toda a Universidade Invisível – casa da magia, feitiçaria e grandes jantares – Windle estava a contar com uma vida depois da morte tranquila, e não com esta rotina repetitiva e aborrecida. Para ter o recomeço que tanto deseja, Windle e os restantes não-mortos e mal-empregados de Ankh-Morpork decidiram ir à procura da Morte e salvar o mundo para os vivos (e todos os outros, claro).

‘Witches Abroad’ surge em 1991. O vudu e os contos de fadas foram a inspiração de Terry Pratchett.

Era uma vez, uma bela madrinha chamada Desiderata que tinha um bom coração, uma mente justa e poucas capacidades de planeamento – que infelizmente deixaram a Princesa Emberella ao cuidado da sua outra (nada boa nem inteligente) madrinha, quando Desiderata morreu.

Magrat Garlick, Granny Weatherwax e Nanny Ogg saltam para as suas vassouras e voam para a distante Genua para garantir que a rapariga escrava não se casa com o Príncipe.

Mas o caminho para Genua é complicado, e durante a viagem, o trio de bruxas encontra o típico vampiro, o lobisomem e a casa em ruínas. Os problemas realmente começam quando estas teimosas madrinhas chegam a Genua e têm de lutar contra o seu homólogo ávido de poder e que não se deterá por nada para atingir o seu ‘final feliz’ – mesmo que isso signifique destruir um reino.

Com a publicação de ‘Small Gods’, em 1992, o autor comenta as religiões monoteístas, a inquisição católica, a filosofia, a antiguidade grega, a corrida ao armamento e a tecnologia ao serviço do exército.

Perdido nos confins gelados do espaço entre as galáxias, navega para todo o sempre um mundo plano e circular às costas de uma tartaruga gigante – o Discworld – uma terra onde o inexpetável pode sempre acontecer. Onde as coisas mais estranhas acontecem às pessoas simpáticas. Tal como a Brutha, um rapaz simples que apenas quer cuidar do seu canteiro de melões. Até que um dia, ouve a voz de um deus chamando por si. Um deus menor, é certo. Mas muitíssimo autoritário.

‘Lords and Ladies’, publicado em 1992, remete-nos para a ruralidade, os Elfos, a cultura gótica (a feitiçaria e os adolescentes)

É uma noite de sonho no solstício de verão no Reino de Lancre. Mas a música e o romance não são as únicas coisas que enchem o ar. As magias e malandrices estão em preparação e ameaçam estragar o casamento real de D. Verence e a sua bruxa favorita, Magrat Garlick. Invadido por algumas Fadas do Lixo, não será apenas o champanhe que vai correr pelas ruas...

1993. 'Men at Arms' Os romances policiais, o racismo

O cabo Carrott foi promovido.

Agora é o encarregado de recrutar os novos soldados para proteger Ankh-Morpork, a maior cidade de Discworld, das tribos bárbaras, ladrões e outros bandidos.

É um trabalho muito importante, especialmente para um duende que foi adotado.

Mas uma tarefa ainda maior o espera. Um documento antigo revela que Ankh-Morpork, onde impera o 'Crime Desorganizado', tem um soberano secreto e o seu nome é Carrott...

É então que começa a maior aventura de todos os tempos, durante a qual, o destino da cidade – na verdade de todo o Universo – depende da coragem de um jovem, de uma antiga espada mágica e da bexiga de um cachorro com três patas.

'Soul Music', em 1994, parodia a música *Rock*

Quando o seu querido e velho avô - o Ceifeiro Grim – morreu, Susan assumiu os negócios da família. A descendente da filha adotiva da Morte e do seu aprendiz mostra o seu verdadeiro talento para o negócio. Tudo correu bem até ao dia em que alguém fez vibrar o seu coração.

Com a cabeça cheia de ilusões e os bolsos cheios de algodão, o mafarrico Bard aparece em Ankh-Morpork, desejando ardentemente tornar-se uma estrela 'rock'. Determinado a dedicar toda a sua existência à música, o infeliz vê os seus sonhos tornarem-se realidade. Bem, quase todos.

'Interesting Times' vem à estampa em 1994. E vai fazer-nos lembrar a China, a dualidade civilização/barbárie, o totalitarismo e o comunismo.

"Oxalá viva tempos interessantes" é a pior coisa que se pode desejar a um cidadão do Discworld - especialmente ao feiticeiro falhado Rincewind, que já teve muitas emoções perigosas na vida. Mas quando um pedido do Grande Feiticeiro chega a AnkhMorpork, trazido por um albatroz que veio do distante Continente Counterweight, é Rincewind que é enviado como mensageiro.

O caos paira sobre a cidade depois do desaparecimento do chefe do Império Agateano. E, por alguma razão incompreensível, há quem acredite que Rincewind vai desempenhar um papel mítico na guerra e derramamento de sangue que certamente se seguirá. A carnificina é quase certa, uma vez que Cohen, o Bárbaro, e o seu velho Exército Prateado andam ocupados a fazer planos para os saques, pilhagens e a olhar com cobiça para as meninas.

Rincewind sabe que já existem muitos heróis no mundo, mas como ele não há mais nenhum. E sente que tem uma dívida para com o mundo que o tem ajudado a manter-se vivo.

‘Maskerade’, de 1995, é uma paródia à ópera, ao Fantasma da Ópera

A Casa da Ópera, em Ankh-Morpork é um edifício enorme, desconforme, onde figuras mascaradas e sombras de capuzes fazem coisas terríveis nos corredores; onde a morte no palco é um pouco mais do que apenas uma metáfora; onde sopranos jovens e inocentes são atirados ao seu destino por uma mente maligna dentro de um vestido de noite horroroso; onde estão duas velhotas na plateia, com chapéus pontiagudos e a comer amendoins, que olham para o lustre grande e dizem coisas como: “Acho que vai haver um acidente, estás a ver?”

Sim... A avozinha Weatherwax e Nanny Ogg, as maiores bruxas do Discworld, estão de volta para uma inocente noite na ópera.

‘Feet of Clay’ é publicado em 1996. A inspiração é: os romances policiais, os *robots*.

Quem é que anda a matar velhinhos inofensivos? Quem anda a envenenar os seus semelhantes?

O nevoeiro de outono envolve a cidade de Ankh-Morpork e os Vigilantes da Cidade perseguem um assassino que ninguém viu.

Talvez os ‘golems’ saibam alguma coisa - mas aqueles solenes homens de barro, que trabalham dia e noite e nunca tem problemas com ninguém, começaram a suicidar-se...

Não é que os Vigilantes não tenham com que se preocupar.

Anda um lobisomem em sofrimento com a Tensão Pré-Lunar.

O cabo Nobbs está a confraternizar com os camaradas e o novo recruta anão tem qualquer coisa muito estranha, especialmente os brincos e a sombra.

Em quem confiar quando as ruas estão cheias de gente, há conspirações por todo o lado e todas as pistas apontam o caminho errado?

‘Hogfather’, sai em 1996. Fala-nos do Natal, de histórias para crianças.

É véspera da Noite das Bruxas. Está tudo muito tranquilo.

Há neve, pássaros, árvores com enfeites, mas falta o homem grande e gordo que dá os brinquedos... Desapareceu.

A governanta Susan tem de o encontrar antes de a noite acabar, caso contrário, o sol não vai nascer. E infelizmente só tem como ajudantes são apenas um corvo de olhar fixo, o terror das ratazanas e o rei das ressacas.

Pior ainda: está alguém a descer pela chaminé. Desta vez traz um saco em vez de uma foice e tem qualquer coisa de terrivelmente familiar.

‘Jingo’, de 1997, aborda o tema da guerra e a diplomacia.

O Discworld já tem um catavento à beira-mar e de repente é possível determinar a direcção do vento. Uma nova terra surgiu e também velhas disputas. E enquanto dois exércitos marcham, o Comandante Vimes da Polícia de Ankh-Morpork tem apenas duas horas para lidar com um crime tão vil que nem existe lei para ele. É a ‘guerra’. Ele tem de lutar contra adversários terríveis que o tentam apanhar... e esses são só os que estão ao seu lado. O inimigo pode ainda ser pior. E a sua Des-agenda de bolso diz Morrer na ‘Lista-de-Coisas-a-Fazer-Hoje’.

Mas é melhor que isso não aconteça, pois o inventor mais inteligente do mundo e o político mais sinuoso vão a caminho do campo de batalha com um pequeno pacote que garantidamente irá por fim à batalha...

Discworld vai para a guerra, com exércitos de sardinhas, guerreiros, pescadores, lulas e, pelo menos, um campista.

‘The Last Continent’ é publicado em 1998. Leva-nos à aventura, à Austrália.

Este é o último continente do Discworld, um mundo completamente à parte. É quente. É seco... muito seco. Antigamente havia esta coisa chamada A Molha, em que hoje em dia já ninguém acredita. Praticamente tudo o que não é tóxico é venenoso. E vai morrer dentro de alguns dias, a não ser que...

Quem é este herói que caminha altivo pelo deserto vermelho? É um campeão da tosquia de ovelhas, cavaleiro supremo, guerreiro da estrada, consumidor de cerveja, viandante pelos bosques e alguém que é capaz de comer uma Tarte de Carne Flutuante quando está sóbrio? É um homem de chapéu, cuja Bagagem o segue em passos pequenos, e prestes a mudar o rumo da história impedindo um ladrão de roubar uma ovelha na margem de um ribeiro calmo? A única coisa que separa este sítio da desgraça completa é Rincewind, o inapto feiticeiro que nem sequer consegue soletrar feiticeiro. Ele é o último herói. Mesmo assim... não precisam de se preocupar.

‘Carpe Jugulum’, de 1998. O tema: os vampiros.

Mightily Oats não escolheu a melhor altura para se tornar um padre. Pensava que iria ao reino de Lancre nas montanhas para uma pequena cerimónia religiosa. Agora, vê-se apanhado numa guerra entre vampiros e bruxas, e ele não tem a certeza se existe um lado bom.

Por um lado há as bruxas – a jovem Agnes, que está sempre indecisa quanto a tudo, Magrat, que tenta combinar feitiçaria com sonecas, Nanny Ogg, que sabe sempre demais... e Granny Weatherwax, que é sempre um problema.

E os vampiros são inteligentes – não nos livramos deles facilmente com mezinhas à base de alho ou abrindo uma janela, correndo as cortinas e gritando: ‘É de mim ou está um bocado abafado aqui dentro?’ Eles têm estilo e coletes encantadores. Saíram do caixão e têm um apetite voraz pelo futuro.

Mightily Oats sabe que tem uma oração, mas gostava de ter um machado.

‘The Fifth Elephant’, de 1999, aborda a temática da diplomacia.

Sam Vimes é um homem em fuga e se ele não conseguir chegar até à civilização pela floresta, uma terrível guerra pode eclodir. Mas há monstros que o perseguem. Eles são espertos, são rápidos, são lobisomens – e estão cada vez mais perto.

‘The Truth’, publicado em 2000. Transporta-nos ao mundo da imprensa.

Os habitantes de Ankh-Morpork orgulham-se de dizer que já viram de tudo. Mas eis que chega o Ankh-Morpork Times, a revista de alta sociedade do jornalista em apuros William de Worde, transformada no primeiro registo histórico de Discworld.

Um jornalista com ética, de Worde tem a tendência para investigar histórias – um hábito desagradável que depressa o leva a ganhar poderosos inimigos ansiosos por parar as suas escritas. E que maneira melhor de fazer isso do que criar o Inquirer, um vibrante tablóide que convenientemente altera o que é real por aquilo que vende.

Mas de Worde tem uma pista para a história à volta do aristocrata mais famoso de Ankh-Morpork, Lorde Vetinari. Os factos dizem que Vetinari é culpado. Mas William de Worde descobre que nem sempre os factos contam toda a história. Existe sempre aquela coisa incomodativa chamada verdade...

‘Thief of Time’, surge em 2001. Filmes de artes marciais, o caos e o apocalipse são as questões abordadas.

Toda a gente quer ter mais tempo e é por isso que em Discworld apenas os peritos conseguem geri-lo – os veneráveis Monges da História, que o armazenam e o recuperam de onde é desperdiçado, tal como se fosse água, até lugares como cidades, onde os habitantes se lamentam ‘Para onde vai o tempo?’

Enquanto toda a gente fala em abrandar, um jovem relojoeiro está prestes a fazer o impensável. Vai parar. Isto é, parar o tempo, construindo o primeiro relógio realmente preciso do mundo. O que significa que o estimado Monge do Tempo Lu-Tze e o seu aprendiz Lobsang Ludd têm de se apressar para parar o relógio antes sequer de ele iniciar. Porque se o Relógio Perfeito começa a badalar, o Tempo – tal como o conhecemos – vai acabar.

‘The Last Hero’, publicado em 2001. Temas: Os deuses, as viagens espaciais, o apocalipse.

Cohen, o Bárbaro.

Foi uma lenda no seu tempo.

Lembra-se dos bons velhos tempos repletos de aventura, quando ser um Herói significava não ter de se preocupar com dores na lombar, advogados e civilização.

Mas hoje em dia, já nem se consegue lembrar onde deixou a dentadura...

Por isso, com a sua antiga (mas ainda fiável) espada e a sua nova muleta na mão, Cohen reúne um grupo dos seus velhos – muito velhos – amigos e partem rumo a última aventura. Vai escalar a montanha mais alta do Discworld e encontrar-se com os deuses.

É altura certa para o Último Herói no mundo devolver o que o primeiro roubou. O problema é que isso vai significar o fim do mundo, se ninguém o parar a tempo.

‘The Amazing Maurice and his Educated Rodents’, publicado em 2001. Uma paródia ao Flautista de Hamelin.

Um rato aqui e ali, a guinchar alto e a tomar banho no creme, só por si, pode ser já uma praga. Depois de alguns dias nesta rotina, as pessoas ficaram felizes por verem o rapaz com a sua flauta encantada. E ficaram espantadas quando os ratos o seguiram para fora da cidade.

E teriam ficado ainda mais espantadas se tivessem descoberto que os ratos e o flautista se encontraram com um gato algures no exterior da cidade e solenemente contaram o dinheiro.

O Espantoso Maurice executa perfeitamente a patranha do flautista de Hamelin. Este vivido gato do beco sabe tudo sobre o valor do dinheiro bem ganho e consegue sempre tudo aquilo que quer. Mas quando Maurice e os seus sócios decidem ludibriar a cidade de Bad Blinitz, vai ser preciso mais do que falar depressa para sobreviver aos perigos que os esperam. Pois é uma cidade onde a comida é escassa e os ratos são odiados, onde as caves estão bem armadilhadas, e onde um Mal assustador vagueia pelas esfomeadas ruas da cidade.

‘Night Watch’, de 2002. As viagens no tempo

Num segundo, Sir Sam Vimes está com o seu uniforme de patrulha, a perseguir um psicopata de falinhas mansas pelos telhados de Ankh-Morpork. No segundo seguinte, está deitado na rua todo nu, tendo sido enviado para trás no tempo trinta anos, cortesia de um grupo de monges do tempo que não tinham mais nada para fazer. Este Discworld é um local muito escuro que Vimes recorda muito bem, três décadas antes do seu título, fortuna, amada mulher, e iminente primeiro filho. Pior ainda, o assassino que perseguia, também viajou no tempo com ele. O pior de tudo é a véspera de uma revolta popular que desnecessariamente destruiu mais do que alguns bons (e alguns não tão bons) homens.

Sam Vimes sabe qual é a sua missão, e ao alterar o futuro pode muito bem conseguir ganhar alguma margem preciosa – apesar de lhe poder vir a custar a sua vida pessoal futura. Além disso, existe a possibilidade de endireitar um polícia novato e ensinar-lhe uma ou três coisas valiosas sobre policiamento, um impressionante jovem polícia chamado Sam Vimes.

‘The Wee Free Men’, publicado em 2003, fala-nos do folclore, dos mitos e lendas da Escócia. Quando Tiffany Aching decidiu tornar-se uma bruxa, enfrentou inimigos aterradores e ganhou aliados surpreendentes. Ao mesmo tempo que confronta a Rainha das Fadas e luta contra um mal antigo e sem corpo, é ajudada (e habilidosamente encorajada) pelos homenzinhos de quinze centímetros de altura, lutadores, ladrões e bêbados, Wee Free Men! Com momentos muito humorísticos e ação vertiginosa, combinados nos livros que lançaram as inesquecíveis aventuras de uma certa jovem bruxa e dos seus pequeninos mas temíveis amigos azuis.

‘Monstrous Regiment’, publicado em 2003. A guerra, a igualdade homem-mulher, o patriotismo.

A guerra chegou ao Discworld... outra vez.

E, sem surpreender ninguém, o conflito deve-se ao pequeno, arrogante e fundamentalista ducado de Borogravia, que há muito se orgulha da sua agressividade sem limites. Há um ano atrás, o irmão de Polly Perks marchou para a frente de combate, e Polly está disposta a recorrer a todos os meios para o encontrar. Assim, ela cortou o cabelo, vestiu-se de forma masculina, e – com a ajuda de um par de socas bem colocadas – parte para se juntar a este exército de homens. Como à nação não se pode negar nenhum tipo de carne para canhão, Polly é muito bem-vinda ao centro de combate – juntamente com um vampiro, um ‘troll’, um Igor, um fanático religioso, e dois amigos ‘demasiado’ próximos. Parece que Polly “Ozzer” Perks não é a única recruta a guardar um segredo. Mas o dever chama e a arena espera. E agora é o momento para todos os bons ‘homens’ soldados responderem ao chamamento da pátria.

‘A Hat Full of Sky’, publicado em 2004, lembra os mitos e lendas da Bretanha

Há qualquer coisa estranha a perseguir Tiffany...

Tiffany Aching está pronta a dar início à sua aprendizagem na magia. Está à espera de feitiços e magia – não de fretes nem de cabras teimosas e velhas. A feitiçaria não é só isto.

O que Tiffany não sabe é que tem uma criatura incorpórea e insidiosa atrás de si. Desta feita, nem a Professora Weatherwax (a maior bruxa do mundo) nem os ferozes homenzinhos de quinze centímetros de altura, Wee Free Men, a podem proteger. No final, Tiffany vai precisar de toda a sua força interior para conseguir salvar-se... se é que isso é possível.

Ainda em 2004, o autor publica ‘Going Postal’. O correio, a Internet, a economia e a globalização são os temas abordados.

Subitamente, Moist von Lipwig, condenado por fraude, sentiu-se com um nó na garganta e a cair por um alçapão para um cargo governativo.

Por aquilo que é sagrado, Moist deveria estar a reunir-se com o criador em vez de lhe ser oferecido um cargo de Chefe de Correios por Lord Vetinari, líder supremo de Ankh-Morpork. Colocar o moribundo Serviço Postal a funcionar outra vez pode no entanto revelar-se uma tarefa impossível, com aquilo que parece ser montanhas de cartas com décadas de atraso de entrega a entupir todos os cantos do velhinho posto de correios. Pior ainda, Moist quase podia jurar que o correio fala com ele. Pior de tudo, ele terá de enfrentar o gigantesco e ganancioso Grand Trunk, monopólio de sistema de comunicações e o seu sanguinário patrão. Mas se coragem e o impossível é o que é necessário, então Moist é o homem certo para o trabalho – deslocar o correio, continuar a respirar, ficar com a rapariga, e especialmente entregar aquela comodidade valiosa que qualquer ser, humano ou outro, precisa: esperança.

‘Thud!’, de 2005, fala-nos do comunitarismo, da intolerância e da conspiração.

Uma vez, num local esquecido pelos deuses chamado Koom Valley, os trolls e os anões entraram num sangrento confronto. Séculos mais tarde, cada uma das espécies olha para a outra com grande animosidade. Ultimamente, o influente anão Grag Hamcrusher tem fomentado desconforto junto dos cidadãos mais pequenos de Ankh-Morpork – uma situação muito delicada quando o pequeno provocador aparece morto à paulada... com uma moca de ‘troll’ convenientemente deixada por perto.

O Comandante Sam Vimes da Patrulha da Cidade está bem ciente da importância de resolver o homicídio de Hamcrusher sem demora (a segunda tarefa mais importante para Vimes, a seguir a estar em casa às seis da tarde em ponto para ler “Onde está a minha vaca?” ao Sam, Jr). Mas mais do que um cadáver aguarda por Vimes na misteriosa, escura e labiríntica rede de cavernas que está a ser escavada por debaixo das ruas de Ankh-Morpork. E o puzzle mortal arrasta-o para a lama e lodo de superstição, ódio e medo – e talvez mesmo até a Koom Valley.

‘Wintersmith’ surge em 2006. Paródia a Orfeu.

Wintersmith quer que Tiffany permaneça no seu mundo resplandecente e gelado. Para sempre. Vai precisar de toda a sua astúcia para conseguir chegar até à Primavera. Vai precisar também dos seus amigos, desde aprendizes de bruxa até à lendária Granny Weatherwax. Tiffany vai também precisar de Wee Free Men. Vai ser uma estação muito fria, porque se Tiffany não sobreviver até à primavera, a primavera não chegará.

‘Making Money’, de 2007, tem como tema central os bancos.

O Posto de Correios de Ankh-Morpork está a funcionar como algo que não se parece nada com um serviço público. O correio é entregue a tempo e horas, as reuniões começam e terminam a horas, cinco em cada seis cartas enviadas para o Gabinete de Cartas Sem Endereço acabam sempre por chegar ao destino correto. O Chefe dos Correios Moist von Lipwig, antigo charlatão e homem de confiança, superou todas as expectativas – até as suas próprias. É por isso desconcertante quando Lord Vetinari chama Moist ao palácio e lhe pergunta: ‘Diga-me, Mr Lipwig, gostaria de ganhar muito dinheiro?’. Vetinari obviamente não está a falar de salário. Ele refere-se à Casa da Moeda de Ankh-Morpork, a venerável instituição que funciona há séculos sob o controlo dos Homens dos Derrames e dos seus leais súbitos, que, de facto, fazem dinheiro nas horas livres. Infelizmente, custa mais do que um cêntimo para fazer um cêntimo, logo todo o processo parece contraproducente.

Na porta ao lado, no Banco Real, o Gloop, uma máquina de analogias, demonstrou cientificamente que um indivíduo nunca chega ao final da semana com tanto dinheiro como acha que deveria, e o presidente do banco, um velhote de nome Topsy (nascido Turvy) Lavish, mantém duas bestas carregadas na sua secretária. Ah, e o funcionário chefe é, provavelmente, um vampiro.

Mas antes que Moist tenha tempo para considerar o convite de Vetinari, o destino responde por ele. Agora, não só faz dinheiro, mas também inimigos; tem de libertar um prisioneiro da cadeia, assaltar o cofre do seu próprio banco, impedir o novo gerente de lambar a sua própria cara, e, acima de tudo, descobrir para foi o ouro todo – caso contrário, a sua vida como bancário, apesar de excitante, vai ser muito curta.

‘Unseen Academics’, publicado em 2009, tem como tema central o futebol.

O futebol chegou à cidade de AnkhMorpork - e não é o futebol à maneira antiga, com pontapés e empurrões, mas um futebol novo e ágil, com chapéus pontiagudos a atirarem bolas aos postes... Agora, os feiticeiros da Universidade Invisível vão ganhar uma partida de futebol sem usar magia porque estão com vontade de experimentar coisas diferentes e normais. Perante a perspectiva do grande desafio, um menino da rua, com um talento fantástico para dar chutos nas latas, um pasteleiro, uma jovem e bela mulher, que afinal era a manequim mais famosa de todos os tempos, e o misterioso Sr. Nutt, sobre o qual ninguém sabe muita coisa, vêm-se envolvidos em episódios incríveis que mudam as suas vidas para sempre.

4.4 ERIC: Lista de personagens

Desde o primeiro momento e ao longo de todo o trabalho de transcrição e tradução que me propus fazer, tive necessidade de pesquisar a informação disponível em linha sobre o romance ‘ERIC’ para conseguir situar-me, identificar e escrever os nomes das personagens da obra.

Assim, e numa primeira fase, recorri ao sítio <http://wiki.lspace.org/wiki/Book:Eric>, de onde retirei a descrição de todas as personagens, locais e personificações que o autor incluiu no romance.

Como se poderá verificar, as alegorias e paródias são uma constante em ‘ERIC’, bem como em toda a coleção DISCWORLD, representando um cunho pessoal do autor.

O estilo deste escritor é solidamente fundamentado no mundo moderno, destacando todas as nossas fraquezas e o verdadeiro carácter e a natureza do ser humano.

Apresento, de seguida, a lista das personagens deste romance:

Personagens principais

- A Morte – surge com uma capa preta e uma foice. É uma alegoria ao que a morte representa: o fim da vida.
- Eric - Eric Thursley é um rapazinho que se interessa pelas artes do oculto e começa por convocar o feiticeiro Rincewind através de rituais de magia. A sua caracterização constitui uma paródia a Fausto, o protagonista de uma popular lenda alemã de um pacto com o demónio, baseada no médico, mágico e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust (1480-1540).

- Rincewind – Este é um feiticeiro desastrado, um estudante falhado da Universidade Invisível para feiticeiros em AnkhMorpork, é frequentemente descrito como "o feiticeiro de nível zero", passa quase todo o tempo a fugir das pessoas que o querem matar por diversas razões. O motivo pelo qual ainda está vivo explica-se porque, embora tenha nascido com o espírito de um feiticeiro, tem o corpo de um corredor de fundo. Rincewind também é conhecido por tentar resolver pequenos problemas, transformando-os em grandes catástrofes.
- A Bagagem - A bagagem é uma mala com pernas. É feita de *Pearwood Sapientes*, e é extremamente fiel. O seu primeiro dono foi um turista chamado Twoflower, que no final de 'The Light Fantastic' a ofereceu a Rincewind. Parece conter muitas dimensões, e engoliu muitas vezes as pessoas que tentaram prejudicar o seu dono.

Personagens secundárias

- O Reitor Ezrolith Churn – Este é o Reitor das Universidades de Feitiçaria, e líder oficial de todos os feiticeiros do Disworld. Em épocas passadas isto significava que era o feiticeiro mais poderoso, mas, atualmente os feiticeiros mais velhos preferem a gestão das universidades e participar em grandes jantares.
- Astfgl, Rei do Inferno é um Lorde Demónio que aparece em 'Eric'. Foi eleito Rei do Inferno, e a sua postura moderna e arrojada faz com que os outros demónios se distraiam. A sua mente pérfida concebeu um método de tortura muito eficaz. Criou um tédio tenebroso que causa uma dor psicológica muito mais violenta do que a dor física que os condenados às penas do Inferno, que já não têm corpo, não podem sentir.
Por fim, e em consequência das maquinações ardilosas do seu maior rival, Duque Vassenego, foi promovido a Supremo Presidente Vitalício do Inferno, uma função que consiste em escrever relatórios, enquanto Vassenego é quem realmente governa.
É uma paródia às personalidades outrora poderosas que passaram a ter apenas um papel representativo.

- Elenor de Tsort – é uma paródia a Helena de Troia.

Na mitologia grega, Helena era filha de Zeus e de Leda, irmã gémea da rainha Clitemnestra de Micenas, irmã de Castor e de Pólux e esposa do rei Menelau de Esparta. Quando tinha onze anos foi raptada pelo herói Teseu. Porém os seus irmãos Castor e Pólux levaram-na de volta a Esparta.

Possuía a reputação de mulher mais bela do mundo. Helena tinha diversos pretendentes, que incluíam muitos dos maiores heróis da Grécia, e o seu pai adotivo, Tíndaro, hesitava tomar uma decisão em favor de um deles temendo enfurecer os outros. Finalmente um dos pretendentes, Odisseu (cujo nome latino era Ulisses), rei de Ítaca, resolveu o impasse propondo que todos os pretendentes jurassem proteger Helena e o marido que ela escolhesse, qualquer que fosse. Helena casou-se com Menelau, que se tornou rei de Esparta. Numa viagem a Esparta, Páris encontra a princesa Helena, que está casada com Menelau, irmão de Agamenon, filhos de Atreu, rei de Micenas. Helena e Páris fogem para Troia; Menelau, Agameon, Aquiles e outros reis juntam-se numa guerra contra Troia, em princípio, para resgatar Helena e vingar Menelau, mas na realidade, também com interesses económicos. A guerra dura dez anos. Páris, o seu irmão Heitor e Aquiles morrem. Um dia, os troianos percebem que o acampamento de seus inimigos está vazio, e pensam que finalmente abandonaram a guerra. Encontram um enorme cavalo de madeira, que acreditam ser um presente, e levam-no para dentro das muralhas. São surpreendidos pelos soldados que começam a sair de dentro do cavalo e a atacar a cidade, que está agora indefesa. A guerra foi ganha pelos inimigos.¹⁶

- Lavaeolus – é uma personagem que parodia Eolus, deus do ar.

O significado do seu nome resulta num trocadilho com o nome de Rincewind, em inglês: "O que lava os ventos" – "Lava o vento", "Rinses the wind", Rincewind.

¹⁶ http://www.english.illinois.edu/maps/poets/g_l/hd/abouthelen.htm

- O Bibliotecário – este surgiu no primeiro romance da série, ‘The Colour of Magic’, e foi transformado num orangotango no ‘The Light Fantastic’. Ao descobrir que ser um orangotango trazia algumas vantagens para um bibliotecário - poder subir para as prateleiras altas, por exemplo - recusou ser transformado novamente num ser humano.

Reage de forma violenta quando as pessoas se dirigem a ele e o tratam por "macaco". Fala uma língua cujo vocabulário consiste numa única palavra ‘Ook’ com significado afirmativo ou negativo, conforme a entoação. Em momentos de pânico ou raiva ouvem-se uns guinchos que se podem traduzir por ‘Eeek’.

O Duque Vassenego – é o maior rival do Rei do Inferno, Astfagl, consistindo a sua personagem numa adversativa dele. Consegue afastar o Rei Astfagl do poder com uma promoção a Supremo Presidente Vitalício do Inferno. Astutamente, sobrecarrega-o de tarefas burocráticas e governa no seu lugar.

- Quezovercoatl, a Jiboia de Plumas, uma paródia a Quetzalcóatl

Quetzalcóatl representa a dualidade inerente à condição humana: a "serpente" é o corpo físico com as suas limitações, e as "plumas" são os princípios espirituais na mitologia maia. Outros nomes aplicados a esta deidade eram: Nahualpiltzintli, "príncipe dos nahuales", Moyocoyani, "o qual se cria a si mesmo", Ipalnemoani, "aquele por quem vivemos" e Tloque Nahuaque, "dono do perto e o junto".

Quetzalcóatl é também o nome dos messias mesoamericanos e o título dos sacerdotes supremos da religião tolteca. Manifestou-se em diversos profetas históricos, o último dos quais foi Ce Acatl Topiltzin, rei de Tula, que viveu entre os anos 947 e 999 da era cristã.

Os ensinamentos de Quetzalcóatl ficaram registados em documentos chamados *Huehuetlahtolli*, que significa "palavras antigas". Estes ensinamentos eram transmitidos por tradição oral e foram registados pelos primeiros cronistas espanhóis. Publicaram-se traduções parciais, sendo que a última é da autoria do antropólogo Miguel León-Portilla (cidade do México 1926 -)¹⁷

Este conceito também se relaciona com o sexto sol e a finalização do calendário maia no ano de 2012.¹⁸

¹⁷ Miguel Leon Portilla (Cidade do México, 22 fev 1926). É um antropólogo e historiador mexicano e a principal autoridade no campo do pensamento e da literatura ‘nahuatl’. Desde 1988 é pesquisador da Universidade Nacional Autónoma do México.
http://www.biografiasyvidas.com/biografia/l/leon_portilla.htm,

¹⁸ <http://archaeology.asu.edu/tm/pages2/mtm38B.htm>

- Ponce da Quirm é uma paródia a Ponce de Leon.

Ponce de Leon foi o primeiro Europeu a explorar a Flórida, em busca da Fonte da Juventude. Nasceu em 1460, em Tierra de Campos Palencia, Espanha. Quando era ainda criança, foi contratado para entregar mensagens na corte real. Mais tarde, participou em muitas campanhas militares contra os muçulmanos até 1492, altura em que foram expulsos de Espanha.

Depois de acompanhar Cristóvão Colombo na segunda viagem ao novo mundo em 1493, Ponce de Leon ficou em Santo Domingo, uma ilha situada a sul da Flórida. Como recompensa pelos serviços prestados a Espanha, foi-lhe dada a oportunidade de descobrir Bimini, uma das ilhas nas Bahamas. Pensava-se que era nessa ilha que se encontrava a "Fonte da Juventude. Segundo a lenda, quem bebesse a água dessa fonte nunca envelheceria. Ponce de Leon organizou uma expedição para encontrar a Fonte em março de 1513. Desembarcou perto do local agora conhecido como St. Augustine, Flórida. Não tinha noção que estava a pisar terras da América do Norte e pensou tratar-se de uma ilha. Deu-lhe o nome de Florida, inspirado na flora exuberante. Cinco anos depois de regressar a Espanha, Ponce de Leon partiu de novo para Bimini em fevereiro de 1521 com dois navios e 200 homens. Desembarcaram na costa oeste da Flórida. Durante esta expedição, foram atacados por um grupo de nativos americanos e neste confronto, Ponce De Leon foi ferido. Apesar de o terem levado para Cuba, não resistiu aos ferimentos, vindo a morrer em julho desse mesmo ano.¹⁹

- O Criador – é uma personagem idosa, que se senta de pernas cruzadas e lápis na orelha e que cria universos.

¹⁹ http://library.thinkquest.org/J002678F/ponce_de_leon.htm

Personagens que surgem pontualmente

- Herrena – é uma prostituta de cabelo pintado
- Scharron, a ruiva
- Diome, a Bruxa da Noite
- Tutor sénior
- Soldado Archeios, é um soldado que toma conta de uma criança
- Urglefloggah, Cria das Profundezas e Vil Guardiã do Portal dos Horrores – É o porteiro do Inferno. O nome ‘Urglefloggah’ sugere a existência de uma onomatopeia (o vocábulo ‘Urgle’ + ‘floggah’) que remete para uma simbologia relacionada com o Inferno.
- Azaremoth, Fedor de Bafo de Cão – com a referência ao fígado, Azaremoth é uma paródia a Tício que era um gigante, filho da Terra. Terá tentado violar Latona, mãe de Apolo e Diana, e foi condenado por Júpiter a uma tortura eterna: ficar esticado no Hades enquanto dois abutres lhe comiam o fígado,²⁰ e/ou a Prometeu, cujo fígado, em constante regeneração, foi comido por uma águia, embora este episódio não tenha acontecido no Inferno, no Hades. Segundo a mitologia grega, foi atribuída, a Prometeu e a seu irmão Epimeteu, a tarefa de criar os homens e todos os animais. Epimeteu encarregou-se da obra e Prometeu encarregou-se de a supervisionar. Na obra, Epimeteu atribuiu a cada animal dons variados, como a coragem, força, rapidez, sagacidade; deu asas a um, garras a outro, uma carapaça a alguns, etc. Porém, quando chegou a vez do homem, formou-o a partir do barro. Mas como Epimeteu gastara todos os recursos nos outros animais, pediu ajuda a seu irmão Prometeu que, na tentativa de colmatar a falha, roubou o fogo dos deuses e o deu aos homens. Isto assegurou a superioridade dos homens sobre os outros animais. Todavia o fogo era exclusivo dos deuses. Como castigo, Zeus ordenou a Hefesto que o acorrentasse no cume do monte Cáucaso, onde todos os dias, uma águia (ou corvo) dilacerava o seu fígado que, por sua vez, se regenerava continuamente. Este castigo devia durar 30.000 anos. Prometeu foi libertado do seu sofrimento por Hércules que, tendo concluído os seus doze trabalhos, se dedicou a aventuras. No lugar de Prometeu, o centauro Quíron deixou-se acorrentar no Cáucaso, pois a substituição de Prometeu era uma exigência para assegurar a sua libertação.²¹

²⁰ <http://www.columbia.edu/dlc/garland/deweever/T/ticius.htm>, consultado em 26-04-2010

²¹ <http://www.theoi.com/Titan/TitanPrometheus.html>, consultado em 26-04-2010

- Lorde Vizzimuth, um demônio que lê ao prisioneiro as "Normas de Insalubridade e Insegurança que regulam os Atos de Erguer e Mover Grandes Objetos", paródia a Sísifo - Por toda a eternidade Sísifo foi condenado a rolar uma grande pedra de mármore com as mãos até o cume de uma montanha, sendo que toda vez que ele estava quase a alcançar o topo, a pedra rolava novamente pela montanha abaixo até ao ponto de partida por meio de uma força irresistível. Por esse motivo, a tarefa que envolve esforços inúteis passou a ser chamada "Trabalho de Sísifo".²²

Pessoas / Coisas mencionadas

- A Alegria do Sexo Tântrico com Instruções para o Estudante de Nível Avançado, da autoria de Uma Senhora, parodiando livros como a 'A História de O' - *Histoire d'O*, um romance erótico francês, publicado em França em 1954, da autoria de Anne Desclos sob o pseudónimo de Pauline Réage.

Pela abordagem do tema da submissão sexual feminina no estilo cru e direto, o romance tornou-se um dos ícones da literatura erótica do século XX.

O livro provocou reações muito fortes por parte do público e da crítica e recebeu o prémio de literatura erótica *Les Deux-Magots*, em 1955.

- Alguns Pequenos Aspectos dos Rituais de Dança da Chuva do Povo Kuian, um tratado constituído por sete volumes, da autoria de Ezrolith Churn.
- Os Nomes das Formigas, um livro da autoria de Humptemper poderá ser uma paródia às histórias para crianças 'Humpty Dumpty nursery rhymes'.
- Ku, um continente que se afundou lentamente no oceano (durante um período de 30 anos). Paródia a Atlantida ou Atlantis, uma ilha lendária cuja primeira menção conhecida remonta a Platão nas obras "Timeu ou a Natureza" e "Crítias ou a Atlântida". Nos contos de Platão, Atlântida era uma potência naval localizada "na frente das Colunas de Hércules", que conquistou muitas partes da Europa Ocidental e África 9000 anos antes da era de Solon, ou seja, aproximadamente 9600 a.C.. Após uma tentativa fracassada de invadir Atenas, Atlântida afundou no oceano "num único dia e noite de infortúnio".

²¹ <http://www.nyu.edu/classes/keefer/hell/camus.html>, consultado em 26-05-2010

²² <http://www.nyu.edu/classes/keefer/hell/camus.html>, consultado em 26-05-2010

- Velho Tom, relógio mágico da Universidade Invisível que tocava silêncios a cada hora que passava. - Paródia ao Relógio da Torre (vulgarmente conhecido por Big Ben²³).

- Riinjswin e Winswin, são demónios com nomes parecidos com o de Rincewind, fazendo um jogo de letras baralhadas.

- *Mallificarum Sumpta Diabolicite Ocularis Singularum*, um livro de invocação de demónios, cujas iniciais são uma paródia ao sistema MSDOS. Os termos utilizados na composição do título do livro **Mallificarum Sumpta Diabolicite Ocularis Singularum** por parecerem latim, dão erudição ao escrito e remetem para:
 - *Mallificarum* / *Malleus Maleficarum* - O Martelo das Feiticeiras, um manual de caça às bruxas, escrito em 1484 pelos dominicanos Heinrich Kramer (1430/1505) e James Sprenger (1436/1495)²⁴
 - *Sumpta* / *Sumptus* – que evoca a ideia de magnífico
 - *Diabolicite* / *Diabolus* – evoca o Diabo, o Inferno
 - *Ocularis* / *Occulõ* – noção de oculto
 - *Singularum* / *Singularis* – ideia de original; único²⁵

5 Técnicas utilizadas na transcrição e tradução

MP3 – Media Player e a velocidade da gravação

Para levar a cabo esta tarefa, principalmente na fase da transcrição, utilizei técnicas das quais já tinha conhecimento empírico, como a redução da velocidade de reprodução do ficheiro áudio (reproduzido em Windows Media Player), assim como a utilização de uma Pen Disk, que consiste num dispositivo em forma de caneta que digitaliza o texto manuscrito e possibilita a sua transferência em formato digital para o computador.

²³ **Big Ben**, ao contrário do que muitos pensam, não é o famoso relógio do Parlamento Inglês, nem tão pouco a sua torre. É o nome do sino, que pesa 13 toneladas e que foi instalado no Palácio de Westminster durante a gestão de sir Benjamin Hall, ministro de Obras Públicas da Inglaterra, em 1859. Por ser um sujeito alto e corpulento, Benjamin tinha o apelido de Big Ben. Todos os dias, a rádio BBC transmite as badaladas do sino. O sino, fundido por George Mears em 1858, media quase 3 metros de diâmetro e pesava 13, 5 toneladas.

²⁴ <http://www.uepg.br/anpuh/8encontro/cc47a.htm>, consultado em 23-04-2009

²⁵ <http://www.math.ubc.ca/~cass/frivs/latin/latin-dict-full.html>
http://www.translation-guide.com/free_online_translators.php?from=English&to=Latin

Desta forma e em todos os momentos em que me era possível, ouvia o audiolivro nas pausas do meu horário laboral, durante as deslocações de carro para o local de trabalho, de modo a poder interiorizar a história que ouvia e repetia o procedimento várias vezes para cada segmento da história – que identificava anotando o ponto exacto, minutos e segundos, em que interrompia a audição.

Feita a transcrição de um segmento, ouvia-o novamente e procedia às correções necessárias.

Tentei também usar uma ferramenta de apoio à tradução, o TRADOS, tendo em mente a questão quantitativa. Porém, devido às características deste tipo de trabalho, depressa percebi que não era o mais adequado.

Desta forma, tive de explorar e aperfeiçoar, ao máximo, tudo o que aprendi nas disciplinas de Interpretação e Tradução, o que se revelou muito útil e me ajudou a perceber como são difíceis e exigentes as profissões de Intérprete e de Tradutor.

Tradutores autónomos, dicionários de livre acesso e dicionários de calão

Ao longo de toda a transcrição e tradução do romance ‘ERIC’, o que constituiu o objetivo principal deste trabalho, recorri a inúmeros dicionários em linha e enciclopédias, pesquisei pelo sistema ‘tentativa e erro’, inúmeras vezes, para encontrar a palavra exata que poderia corresponder ao termo que ouvia ao reproduzir o audiolivro.

Utilizei todos os meios que tinha à minha disposição durante os dois anos em que fui desenvolvendo este trabalho.

De entre os vários recursos *online*, tais como dicionários em linha, destaco os seguintes:

http://www.freedict.com/onldict/lat.html	http://www.answers.com/
http://www.systran.co.uk/	http://www.priberam.pt/dlpo/
http://dictionary.reference.com/	http://dictionary.reverso.net/
http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php	http://www.yourdictionary.com/
http://www.portaldalinguaportuguesa.org	http://freedictionary.org/
http://www.urbandictionary.com/	http://www.merriam-webster.com/

Utilizei também auxiliares de tradução, instalados no meu computador, como a aplicação ‘Dicionários PRO da Língua Inglesa – Porto Editora’.

6 Conclusão

Tendo conseguido concretizar este projeto, gostaria de ter a oportunidade, num futuro próximo, de participar em projetos na área da transcrição e tradução de textos, assim como de legendagem.

Considero que em Portugal há ainda um longo caminho a percorrer nesta área específica de conhecimento.

Tanto quanto me é dado observar, a entrada em vigor do Acordo Ortográfico implicará um substancial esforço por parte de todos aqueles que nutrem pela sua língua materna um sentimento de respeito, mas também reconhecem a necessidade de acompanhar a evolução dos tempos, no sentido de garantirem a sua presença, como língua viva, no mundo globalizado.

No sentido de dar o meu contributo para consolidar a utilização efetiva das novas normas impostas pelo Acordo Ortográfico, gostaria de ter a possibilidade de publicar o romance 'ERIC' que traduzi a partir da versão áudio integral e, assim, contribuir para familiarizar os mais jovens, e não só, com as alterações impostas por aquele acordo.

7 Referências

- AQUINO, S.D. (2008). No Ar: O “Livro Falado”. In XXXI Congresso Brasileiro da Ciências da Comunicação. Intercom.Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.Natal,RN.
Disponível:<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/resumos/R30759-1.pdf>,
consultado em 07-08-2010
- POZZOBON. G. Audiodescrição e Voice Over no Festival Assim Vivemos. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. disponível em <http://www.vercompalavras.com.br/download/audiodescricao-transformando-imagens-em-palavras.pdf>, consultado em 11-08-2010
- MESQUITA, I.C.A.;CONDE,M.G. (2008) A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. In X congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. São Luís.
Disponível em: www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0645-1.pdf, consultado em 16-08-2010
- PALETTA, F.A.C.; WATANABE, E.T.Y.; PENILHA, D.F.(2008). AUDIOLIVRO: inovações tecnológicas, tendências e divulgação. In XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitário. São Paulo. Disponível em:
<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2625.pdf>, consultado em 07-04-2010
- BENGALA LEGAL, Audiodescrição - recurso de acessibilidade de inclusão cultural.
Disponível em: <http://www.bancodeescola.com/audiodescr.htm>, consultado em: 30/07/2008.
- <http://www.lspace.org/about-terry/biography.html>, consultado em 22-01-2009
- <http://wiki.lspace.org/wiki/Book:Eric>, consultado em 20-01-2009
- www.harpercollins.com, disponível em: <http://www.terrypratchettbooks.com/terry/>, consultado em 21-02-2009
- <http://cantinhamigospecial.blogspot.com/2009/07/audiodescricao-em-portugal-e-lei-e.html>, consultado em 16-12-2009
- <http://www.buzzle.com/articles/audio-books.html>, consultado em 17-12-2009

- <http://tv1.rtp.pt/noticias/index.php?t=Invisuais-veem-tudo-em-peca-de-Mia-Couto-e-Agualusa>, consultado 17-12-2009
- <http://www.bengalalegal.com/livia.php>, consultado em 19-12-2009
- <http://www.bancodeescola.com/audiodescr.htm>, consultado em 19-12-2009
- <http://www.alagoasinclusiva.org.br/boletim/02.htm>, consultado em 19-12-2009
- <http://www.oje.pt/>, consultado em 19-12-2009
- <http://styx.nied.unicamp.br:8080/todosnos/noticias/1o-encontro-nacional-de-audiodescritores/>, consultado em 19-12-2009
- <http://www.lerparaver.com/node/8729>, consultado em 22-04-2010
- <http://www.math.ubc.ca/~cass/frivs/latin/latin-dict-full.html>, consultado em 23-04-2010
- <http://www.scribd.com/doc/18868224/MECDAISY-Uma-Janela-Para-a-Alma>, consultado em 28-06-2010
- http://www.rnib.org.uk/livingwithsightloss/leisureculture/theatre/Pages/theatre_audio_description.aspx, consultado em 11-08-2010
- http://www.cinedireitoshumanos.org.br/2008/a_filmes_tit.htm, consultado em 15-08-2010
- <http://www.robinhoodtheatre.co.uk/theatrehistory2.htm>, consultado em 16-08-2010
- <http://audiodescricao.com.br/>, consultado em 28-08-2010
- <http://www.imdb.com/name/nm1692024/bio>, consultado em 15-11-2010
- <http://www.mailerindia.com/god/hindu/index.php?vish7>, consultado em 22-11-2010
- http://www.101noites.com/index.php?option=com_content&task=view&id=118&Itemid=1 consultado em 26-11-2010
- http://www.english.illinois.edu/maps/poets/g_l/hd/abouthelen.htm, consultado em 30-11-2010
- <http://resolveagora.wordpress.com/o-que-e-ebook/>, consultado em 30-11-2010
- http://www.biografiasyvidas.com/biografia/l/leon_portilla.htm, consultado em 12-12-2010
- <http://www.gnu.org/copyleft/>, consultado em 14-12-2010
- <http://www.aceso.umic.pt/tv.htm>, consultado em 14-12-2010
- <http://www.gutenberg.org>, consultado em 14-12-2010

- <http://www.loc.gov/nls/technical/dtbprologue.html>, consultado em 14-12-2010
- <http://archaeology.asu.edu/tm/pages2/mtm38B.htm>, consultado em 14-12-2010

Dicionários em linha

- <http://freedictionary.org/>
- <http://www.urbandictionary.com/>
- <http://www.merriam-webster.com/>
- <http://www.yourdictionary.com/>
- <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>
- <http://www.systran.co.uk/>
- <http://dictionary.reference.com/>
- <http://www.freedict.com/onldict/lat.html>
- <http://www.answers.com/>
- <http://www.priberam.pt/dlpo/>
- <http://dictionary.reverso.net/>
- <http://www.portaldalinguaportuguesa.org>

ANEXO: TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO DO ROMANCE 'ERIC'

HIGH SEAS AUDIO BOOKS presents an unabridged recording of ERIC, written by Terry Pratchett, read by Steven Briggs.

The bees of Death are big and black, they buzz low and somber, they keep their honey in combs of wax as white as alter candles. The honey is black as night, thick as sin and sweet as treacle.

It is well known the eight colours make up white. But there are also eight colours of darkness, for those that have the seeing of them, and the hives of Death are among the black grass in the black orchard under the black-blossomed, ancient boughs of trees that will, eventually, produce apples that... put it like this... probably won't be red.

The grass was short now. The scythe that had done the work leaned against the gnarled bole of a pear tree. Now Death was inspecting his bees, gently lifting the combs in his skeletal fingers.

A few bees buzzed around him. Like all beekeepers, Death wore a veil. It wasn't that he had anything to sting, but sometimes a bee would get inside his skull and buzz around and give him a headache.

As he held a comb up to the grey light of his little world between the realities there was the faintest of tremors. A hum went up from the hive, a leaf floated down. A wisp of wind blew for a moment through the orchard, and that was the most uncanny thing, because the air in the land of Death is always warm and still.

Death fancied that he heard, very briefly, the sound of running feet and a voice saying, no, a voice thinking "oh shit, oh shit, oh shit, I'm gonna die, I'm gonna die, I'm gonna die!"

Death is almost the oldest creature in the universe, with habits and modes of thought that mortal man cannot begin to understand, but because he was also a good beekeeper, he carefully replaced the comb in its rack and put the lid on the hive before reacting.

He strode back through the dark garden to his cottage, removed the veil, carefully dislodged a few bees who had got lost in the depths of his cranium, and retired to his study.

As he sat down at his desk, there was another rush of wind, which rattled the hourglasses on the shelves and made the big pendulum clock in the hall pause ever so briefly in its interminable task of slicing time into manageable bits.

Death sighed, and focused his gaze.

HIGH SEAS AUDIO BOOKS apresenta a versão áudio integral do conto ERIC, escrito por Terry Pratchett, narrado por Steven Briggs.

As abelhas da Morte são grandes e pretas, zumbem em tom baixo e sombrio e guardam o mel nos favos de cera brancos como velas de altar. O mel é escuro como a noite, denso como o pecado e doce como o melaço.

Sabemos que a cor branca é formada por oito cores. Mas há também oito cores na escuridão, para aqueles que as conseguem ver, e as colmeias da Morte estão algures na relva negra do negro pomar sob os negros ramos das árvores antigas que, um dia, produzirão maçãs que... digamos... provavelmente não serão vermelhas.

A relva estava rasteira. O ceifeiro, que já a tinha cortado, encostou-se ao tronco velho e retorcido de uma pereira. Agora a Morte inspecionava as suas abelhas, levantando delicadamente os favos com os seus dedos esqueléticos. Algumas abelhas zumbiam à sua volta. Como todos os apicultores, a Morte usava uma capa. Não é que tivesse alguma coisa a picá-lo, mas, por vezes, as abelhas entravam-lhe na caveira e os zumbidos causavam-lhe uma enorme dor de cabeça.

Quando ergueu um favo na penumbra do seu pequeno mundo entre as realidades, sentiu um leve estremecimento. Ouviu-se um zumbido saído da colmeia e uma folha flutuou no ar. O vento soprou mansamente por um momento pelo pomar, e aquela era uma coisa muito estranha, porque o ar na terra da Morte é sempre tépido e parado.

Por breves instantes, a Morte pensou ter ouvido o som de passos a correr e uma voz que dizia, ou melhor, alguém que pensava em voz alta: “que sarilho, que sarilho, que sarilho, vou morrer, vou morrer, vou morrer...”

A Morte é talvez a criatura mais velha no universo, com hábitos e mentalidade que os mortais não podem sequer tentar compreender, mas como também era um bom apicultor, repôs com cuidado o favo na respetiva camada e voltou a por a tampa sobre a colmeia antes de reagir.

Recolheu-se a passos largos, pelo jardim sombrio para a sua cabana, tirou a capa, removeu cuidadosamente algumas abelhas que se tinham perdido nas profundezas da sua caveira, e foi para o escritório. Quando se sentou à secretária, sentiu outra rajada de vento que fez tilintar as ampulhetas nas prateleiras e descompassou o bater do grande relógio de pêndulo da entrada, na sua tarefa interminável de partir o tempo em pedacinhos.

A Morte suspirou e o seu olhar fixou-se no vácuo.

There is nowhere Death will not go, no matter how distant and dangerous. In fact, the more dangerous it is, the more likely he is to be there already.

Now he stared through the mists of time and space.

“Oh”, he said. “It's him.”

It was a hot afternoon in the late summer in Ankh-Morpork, normally the most thriving, bustling and above all the most crowded city on the Disc. Now the spears of the sun had achieved what innumerable invaders, several civil wars and the curfew law had never achieved. It had pacified the place.

Dogs lay panting in the scalding shade. The river Ankh, which never what you might call sparkled, oozed between its banks as if the heat had sucked all the spirit out of it. The streets were empty, oven-brick hot. No enemies had ever taken Ankh-Morpork. Well, technically they had, quite often; the city welcomed free-spending barbarian invaders, but somehow the puzzled raiders always found, after a few days, that they didn't own their own horses any more, and within a couple of months they were just another minority group with its own *graffitis* and food shops.

But the heat had besieged the city and triumphed over the walls. It lay over the trembling streets like a shroud. Under the glow lamp of the sun, assassins were too tired to kill. It turned thieves honest. In the ivy-covered fastness of the Unseen University, premier college of wizardry, the inmates dozed with their pointy hats over their faces. Even bluebottles were too exhausted to bang against windowpanes.

Não há lugar algum onde a Morte não vá, por mais distante e perigoso que seja. Na verdade, quanto mais perigoso for, maior é a probabilidade de a encontrarmos. Agora o seu olhar sondava as névoas do tempo e do espaço.

– Oh – disse - É ele.

Estava uma tarde quente de fim de verão em Ankh-Morpork^{NT26} que normalmente era a mais próspera, agitada e populosa cidade do Discworld.^{NT27} O dardejar do sol tinha feito aquilo que inúmeros invasores, várias guerras civis e a lei marcial jamais tinham conseguido: pacificar aquele lugar. Os cães ofegavam, deitados na sombra escaldante. O rio Ankh,^{NT28} cujas águas nunca foram cristalinas, deslizava, lodoso, por entre as margens, como se o calor lhe tivesse sugado todo o vigor. As ruas estavam desertas, o ar abrasador como o interior de um forno.

Ankh-Morpork nunca tinha sido conquistada pelos seus inimigos. Bem... tecnicamente, isso acontecera e por mais de uma vez; a cidade acolhia os mais bárbaros e perdulários dos invasores, mas, de alguma forma, passados poucos dias, aqueles cavaleiros confusos acabavam por perceber que não tinham conquistado nada; já nem os cavalos lhes pertenciam. Ao fim de alguns meses eram apenas mais um grupo minoritário com os seus próprios *grafittis* e lojas de comida.

Mas o calor tinha-se apoderado da cidade e triunfava sobre as muralhas. Estendia-se sobre as ruas como um manto abrasador. Sob o brilho escaldante do sol, os assassinos estavam demasiado cansados para matar. Aquele calor transformara os gatunos em cidadãos honestos. Na vastidão de edifícios da Universidade Invisível, que mais pareciam fortalezas cobertas de hera, na mais importante academia de feitiçaria, os alunos internos dormitavam com os seus chapéus pontiagudos caídos sobre o rosto. Até as varejeiras azuis estavam demasiado cansadas para esvoaçarem contra as vidraças.

^{NT26} **Ankh-Morpork** é uma cidade-estado fictícia na qual decorre a ação da série de novelas de fantasia “Discworld” de Terry Pratchett. Tal como a maioria das cidades também ali imperam a corrupção e a poluição, sendo objeto de episódios de violência e os mexericos habituais. É lá que está situada a Universidade Invisível, um centro de estudos superiores de magia.

<http://en.wikipedia.org/wiki/Ankh-Morpork>, consultado em 20-01-2009

^{NT27} O **Discworld** é o cenário ficcional das novelas de fantasia “Discworld” de Terry Pratchett. Consiste num disco ligeiramente convexo (*com o rebordo ligeiramente em declive causando a inevitável queda de água*) que descansa nas partes traseiras de quatro elefantes enormes que por sua vez se apoiam na parte traseira de uma tartaruga enorme, a Grande A'Tuin (como a Chukwa ou a Akupara da mitologia Hindu) e flutua lentamente através do espaço. O disco é altamente influenciado por artes mágicas e, tal como o planeta Terra, submete-se geralmente às suas próprias leis de causalidade. Pratchett explorou pela primeira vez a ideia de um mundo em forma de disco no romance “Strata” (1981).

<http://en.wikipedia.org/wiki/Discworldworld>, consultado em 20-01-2009

^{NT28} O **Ankh** é uma paródia ao rio Tamisa durante os séculos XVIII e XIX, época em que estava altamente poluído. Esta paródia é também evidente nos mapas de Ankh-Morpork, que mostram nitidamente o rio Ankh com as curvas sinuosas do Tamisa circundando a “Isle of Dogs”, em Londres. O nome do rio resulta de um trocadilho irónico, uma vez que a palavra ‘Ankh’ (☥) é o símbolo egípcio antigo que significa Vida – a denominação Rio da Vida é a antítese do seu verdadeiro aspeto.

<http://www.lycos.com/info/ankh--river-ankh.html>, consultado em 20-01-2009

The city siested, awaiting the sunset and the brief, hot, velvet surcease of the night.

Only the Librarian was cool. He was also swinging and hanging out.

This was because he'd rigged up a few ropes and rings in one of the sub-basements of the Unseen University library - the one where they kept the, um, erotic books. (Just erotic. Nothing kinky. It's the difference between using a feather and using a chicken). In vats of crushed ice.

And he was dreamily dangling in the chilly vapour above them. All books of magic have a life of their own. Some of the really energetic ones can't simply be chained to the bookshelves; they have to be nailed shut or kept between steel plates.

Or, in the case of the volumes on tantric sex magic for the serious connoisseur, kept under very cold water to stop them bursting into flames and scorching their severely plain covers.

The Librarian swung gently back and forth above the seething vats, dozing peacefully.

Then the footsteps came out of nowhere, raced across the floor with a noise that scraped the raw surface of the soul, and disappeared through the wall. There was a faint, distant scream that sounded like "oh gods, oh gods, oh gods, this is it, I'm gonna die..."

The Librarian woke up, lost his grip, and flopped into the few inches of tepid water that was all that stood between 'The Joy of Tantric Sex with Illustrations for the Advanced Student',^{NT29} by A Lady, and spontaneous combustion.

And it would have gone badly for him if the Librarian had been a human being. Fortunately, he was currently an orangutan. With so much raw magic sloshing around to the Library, it would be surprising if accidents did not happen sometimes, and one particularly impressive one had turned him into an ape. Not many people get the chance to leave the human race while still alive, and he'd strenuously resisted all efforts set to turn him back. Since he was the only librarian in the universe who could pick up books with his feet the University hadn't pressed the point.

It also meant that his idea of desirable female companionship now looked something like a sack of butter thrown through a roll of old inner tubes, and so he was lucky to get away with only minor burns, a headache, and some rather ambivalent feelings about cucumbers, which wore off by teatime.

^{NT29} 'The Joy of Tantric Sex with Illustrations for the Advanced Student' – Paródia a **A História de O** (em francês: *Histoire d'O*) - um romance erótico, escrito por Anne Desclos sob o pseudónimo Pauline Réage e publicado em França em 1954.

http://en.wikipedia.org/wiki/Story_of_O, consultado em 20-01-2009

A cidade dormia a sesta, aguardando o pôr-do-sol e a frescura do crepúsculo que envolveria suavemente o cair da noite de veludo.

Só o Bibliotecário se sentia fresco e baloiçava-se languidamente.

Tinha pendurado algumas cordas e argolas numa das caves da biblioteca da Universidade Invisível – que era o sítio onde estavam guardados, hum..., os livros eróticos (apenas eróticos, nada pornográficos. Isto é tão diferente como usar uma pena ou uma galinha), dentro de tinas cheias de gelo esmagado. E o Bibliotecário balançava com expressão sonhadora sobre o vapor húmido que dali brotava.

Todos os livros de magia têm vida própria. Os mais agressivos não podem ser simplesmente acorrentados às prateleiras da biblioteca; têm de ser pregados ou mantidos bem presos entre placas de aço. Ou então, no caso dos livros sobre sexo tântrico para peritos, devem ser conservados debaixo de água bem gelada para evitar que se incendeiem e chamusquem as suas capas lisas e discretas.

E o Bibliotecário dormitava, baloiçando suavemente, indiferente a toda a agitação dentro das tinas. Então, ouviram-se passos, vindos do nada, e o soalho rangia como se raspasse o mais recôndito da alma; o som desvanecia-se ao longo das paredes como um ténue e distante gemido que parecia dizer: “meu Deus, meu Deus, meu Deus, é agora, vou morrer...”

O Bibliotecário acordou, soltou-se e caiu pesadamente nos poucos centímetros de água tépida que era a única coisa que o separava de ‘A Alegria do Sexo Tântrico com Instruções para o Estudante de Nível Avançado’, da autoria de Uma Senhora, e a combustão espontânea.

E as coisas teriam corrido pior se o Bibliotecário fosse um ser humano. Felizmente, naquele momento, era um orangotango. Com tanta magia à solta pela biblioteca, seria de admirar se acidentes surpreendentes como este não acontecessem algumas vezes e um incidente particularmente impressionante transformara-o num macaco. Não são muitos os seres humanos que têm a oportunidade de se transformarem em algo diferente, enquanto são vivos, e ele tinha resistido tenazmente a todas as tentativas para o trazerem de volta à sua origem. Como era o único Bibliotecário no universo que conseguia apanhar livros das prateleiras com os pés, a Universidade aderiu à sua nova condição.

Também significava que a sua ideia de uma desejável companhia do sexo feminino parecia agora ter-se desvanecido como manteiga derretida deslizando pelo interior de canos velhos, e tinha tido muita sorte em escapar com algumas pequenas queimaduras, uma dor de cabeça e uns pensamentos estranhos sobre pepinos que desapareceriam à hora do chá.

In the Library above, the grimoires creaked and rustled their pages in astonishment as the invisible runner passed straight through the bookshelves and disappeared, or rather disappeared even more... Ankh-Morpork gradually awoke from its slumber. Something invisible and yelling at the top of its voice was passing through every part of the city, dragging in its wake a trail of destruction. Wherever it went, things changed.

A fortune-teller in the Street of Cunning Artificers heard the footsteps run across her bedroom floor and found her crystal ball had turned into a little glass sphere with a cottage in it, plus snowflakes.

In a quiet corner of the Mended Drum tavern, where the adventuresses Herrena the henna-haired harridan, red Scharron and Diome, Witch of the Night, were meeting for some girl talk and a game of canasta, all the drinks turned into small yellow elephants.

"It's them wizards up at the university," said the barman, hastily replacing the glasses. "It oughtn't to be allowed."

Midnight dropped off the clock.

The Council of Wizardry rubbed their eyes and stared blearily at one another. They felt it oughtn't to be allowed too, especially since they weren't the ones that were allowing it.

Finally the new Archchancellor, Ezrolith Churn, suppressed a yawn, sat up straight in his chair, and tried to look suitably magisterial. He knew he wasn't really Archchancellor material. He hadn't really wanted the job. He was ninety-eight, and had achieved this worthwhile age by carefully not being any trouble or threat to anyone. He had hoped to spend his twilight years completing his seven-volume treatise on 'Some Little Known Aspects of Kuian Rain-making Rituals', which were an ideal subject for academic study in his opinion since the rituals only ever worked in Ku, and that particular continent had slipped into the ocean several thousand years ago. (It took thirty years to subside. The inhabitants spent a lot of the time wading. It went down in history as the multiverse's most embarrassing continental catastrophe). The trouble was that in recent years the lifespan of Archchancellors seemed to be a bit on the short side, and the natural ambition of all wizards for the job had given way to a curious, self-effacing politeness. He'd come down one morning to find everyone calling him 'sir'. It had taken him days to find out why.

Em cima, na Biblioteca, os grimórios^{NT30} rangiam e as suas páginas farfalhavam quando aquele corredor invisível passava a correr pelas prateleiras e desaparecia.

Ankh-Morpork despertava lentamente do seu torpor. Qualquer coisa invisível e gritante na sua voz trespassava a cidade, carregando consigo um rasto de destruição. Por onde quer que passasse, as coisas mudavam.

Uma vidente, na Rua dos Artífices Matreiros, ouviu o som de passos em corrida pelo chão do quarto e reparou que a bola de cristal se transformara numa pequena esfera de vidro com uma casinha e flocos de neve lá dentro.

Num cantinho tranquilo da Taberna do Tambor Remendado onde as aventureiras Herrena – a prostituta de cabelo pintado, a Scharron ruiva, Diome, a Bruxa da Noite, conversavam e jogavam canasta, todas as bebidas transformadas em pequenos elefantes amarelos.

– São eles, os feiticeiros da Universidade – disse o empregado do bar, substituindo rapidamente os copos – Isto não devia ser permitido.

O relógio batia a meia-noite.

Os membros do Conselho dos Feiticeiros esfregaram os olhos e entreolharam-se fixamente. Também eles achavam que aquilo não devia ser permitido, principalmente porque não tinham sido eles a autorizar tal coisa.

Por fim, o novo Reitor, Ezrolith Churn, conteve um bocejo, endireitou-se na cadeira e tentou mostrar um ar desejavelmente majestoso. Sabia que não fora feito para aquele trabalho. Nem nunca desejara aquele cargo. Tinha noventa e oito anos e tinha conseguido chegar àquela prolecta idade, evitando, a todo o custo, constituir uma ameaça ou criar problemas a quem quer que fosse. Tinha imaginado passar o crepúsculo da sua vida completando o seu tratado de sete volumes sobre ‘Alguns Pequenos Aspetos dos Rituais de Dança da Chuva do Povo Kuian’, o que, na sua opinião, era um excelente tema para estudo académico, uma vez que esses rituais só funcionavam em Ku e esse continente fora engolido pelo oceano há muitos milhares de anos (Demorou trinta anos a aluir. Os habitantes flutuaram durante muito tempo. Ficou na história como a mais grave e embaraçosa catástrofe continental). O problema era que, nos últimos anos, a longevidade dos Reitores parecia ter diminuído e a ambição natural de todos os feiticeiros no cargo dera lugar a um curioso comportamento de retraída modéstia. Uma manhã, reparou que todos lhe chamavam “Senhor”. Demorou alguns dias a perceber porquê.

^{NT30} Um **grimório** é um livro de conhecimentos mágicos escrito entre o final da Idade Média e o século XVIII. Estes livros contêm correspondências astrológicas, listas de anjos e demónios, orientações sobre como fazer feitiços ou misturar remédios, conjurar entidades sobrenaturais e fazer talismãs. A palavra *grimório* vem do francês antigo *gramaire*, da mesma raiz da palavra *gramática*. Isto deve-se ao facto de, na segunda metade da Idade Média, gramáticas de latim (livros sobre dicção e sintaxe de latim) serem guardados em escolas e universidades controladas pela Igreja – e para a maioria iletrada os livros não-eclesiásticos eram suspeitos de conter magia. Mas *gramática* também significa, para letrados e iletrados, um livro de instruções básicas. Uma gramática representa a descrição de uma combinação de símbolos, contendo também a descrição de como combiná-los, de modo a criar frases lógicas. Um grimório, por sua vez, seria a descrição de uma combinação de símbolos mágicos e de como combiná-los de forma apropriada.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Grimorio>, consultado em 28-09-2009

His head ached. He felt it was several weeks past his bedtime. But he had to say something.

"Gentlemen..." he began.

"Oook."

"Sorry, and mo..."

"Oook."

"I mean apes, of course..."

"Oook."

The Archchancellor opened and shut his mouth in silence for a while, trying to re-route his train of thought. The Librarian was, *ex-officio*, a member of the college council. No one had been able to find any rule about orangutans being barred, although they had surreptitiously looked very hard for one.

"It's a haunting," he ventured. "Some sort of a ghost, maybe. A bell, book and a candle job."

The Bursar sighed. "We tried that, Archchancellor."

The Archchancellor leaned towards him.

"Eh?", he said.

"I said, we tried that, Archchancellor," said the Bursar loudly, directing his voice at the old man's ear. "After dinner, do you remember? We used Humptemper's Names of the Ants and rang Old Tom." (Old Tom was the single cracked bronze bell in the University bell tower. The clapper dropped out shortly after it was cast, but the bell still tolled out some tremendously sonorous silences every hour).

"Did we, indeed. Worked, did it?"

"No, Archchancellor."

"Eh?"

"Anyway, we've never had any trouble with ghosts before," said the Senior Tutor. "Wizards just don't haunt places."

The Archchancellor groped for a crumb of comfort.

"Perhaps it's just something natural," he said. "Possibly the rumblings of an underground spring. Earth movements, perhaps. Something in the drains. They can make very funny noises, you know, when the wind is in the right direction."

He sat back and beamed.

The rest of the council exchanged glances.

Doía-lhe a cabeça. Sentia que tinha umas semanas de sono em atraso. Mas tinha de dizer alguma coisa.

– Meus senhores – disse ele.

– Oook...

– Desculpem, e mmm...

– Oook...

– Quero dizer, Macacos, claro.

– Oook...

O Reitor abriu e fechou a boca em silêncio algumas vezes, tentando reordenar a sua linha de pensamento. O Bibliotecário era *ex-officio* membro do Conselho da Universidade. Ninguém tinha conseguido descobrir uma regra para vetar os orangotangos embora tivessem procurado intensamente por uma qualquer.

– Isto é uma assombração – disse ele – Uma espécie de fantasma. Teremos de usar um sino, um livro e uma vela.

O Tesoureiro suspirou: – Já tentámos isso, Reitor.

O Reitor inclinou-se sobre ele.

– Eh?

– Eu disse que já tentamos isso, Reitor – disse o Tesoureiro em voz alta, dirigindo a voz para o ouvido do velho. – Depois do jantar, lembra-se? Usámos o livro ‘Os Nomes das Formigas’ de Humptemper e tocamos o Velho Tom (O Velho Tom era o único sino de bronze na torre da Universidade. O badalo tinha caído à primeira pancada, mas o sino ainda tocava uns terríveis e sonoros silêncios a cada hora que passava).

– Ah, pois. E funcionou?

– Não, Reitor.

– Eh?

– Seja como for, nunca tivemos nenhum problema com fantasmas – disse o Tutor sénior. – Os feiticeiros não assombram os lugares.

O Reitor procurou um pouco de consolo.

– Talvez seja uma coisa natural – disse ele – Talvez os ruídos de uma nascente subterrânea. Movimentos da terra, talvez. Alguma coisa nos canos. Às vezes fazem barulhos muito estranhos, sabem, quando o vento sopra numa determinada direção.

Recostou-se na cadeira e sorriu.

Os membros do Conselho entreolharam-se.

"The drains don't sound like hurrying feet, Archchancellor," said the Bursar wearily.

"Unless someone left a tap running," said the Senior Tutor.

The Bursar scowled at him. He'd been in the tub when the invisible screaming thing had hurtled through his room. It was not an experience he wanted to repeat.

The Archchancellor nodded at him.

"That's settled, then," he said, and fell asleep.

The Bursar watched him in silence. Then he pulled the old man's hat off and tucked it gently under his head.

..."Well?", he said wearily, "has anyone got any suggestions?"

The Librarian put his hand up.

"Oook," he said.

"Yes, well done, good boy," said the Bursar, breezily. "Anyone else?"

The orangutan glared at him as the other wizards shook their heads.

"It's a tremor in the texture of reality," said the Senior Tutor. "That's what it is."

"What should we do about it, then?"

"Search me. Unless we tried the old..."

"Oh, no," said the Bursar. "Don't say it. Please. It's far too dangerous..."

His words were chopped off by a scream that began at the far end of the room and dopplered along the table, accompanied by the sound of many running feet. The wizards ducked in a scatter of overturned chairs.

The candle flames were drawn into long thin tongues of octarine light before being snuffed out.

Then there was silence, the special kind that you get after a really unpleasant noise.

And the Bursar said, "All right. I give in. We will try the Rite of AshkEnte".^{NT31}

It is the most serious ritual eight wizards can undertake. It summons Death, who naturally knows everything that is going on everywhere.

And of course it is done with reluctance, because senior wizards are generally very old and would prefer not to do anything to draw Death's attention in their direction.

^{NT31} **Rite of AshkEnte** - Uma cerimónia para evocar a Morte, por várias razões e, a mais comum, é o facto de os feiticeiros pensarem que a Morte tem as respostas para inúmeros fenómenos inexplicáveis.
http://wiki.lspace.org/wiki/Rite_of_AshkEnte, consultado em 28-09-2009

– Os canos não fazem ruídos que parecem pés em correria, Reitor – disse o Tesoureiro em tom cansado.

– A não ser que alguém se tenha esquecido de uma torneira aberta – disse o Tutor sênior.

O Tesoureiro olhou-o de sobrolho carregado. Ele estava na banheira quando aquela coisa invisível, aos gritos, passara a grande velocidade pelo seu quarto. Não tinha sido uma experiência que quisesse repetir.

O Reitor acenou com a cabeça.

– Então, está resolvido – disse – e adormeceu.

O Tesoureiro olhou-o em silêncio. A seguir, tirou o chapéu do velho e aconchegou-o gentilmente debaixo da sua cabeça.

– Bem, – disse ele, em tom resignado – alguma sugestão?

O Bibliotecário ergueu a mão.

– Oook – disse ele.

– Sim, muito bem, meu rapaz – disse o Tesoureiro alegremente. – Mais alguém?

O orangotango lançou-lhe um olhar furioso enquanto os outros feiticeiros abanavam a cabeça.

– É uma perturbação para a nossa realidade – disse o Tutor sênior. – É o que é.

– Então, o que havemos de fazer?

– Não sei. A não ser que tentássemos o velho...

– Oh, não – disse o Tesoureiro. – Não diga isso. Por favor. É demasiadamente perigoso.

As suas palavras foram interrompidas por um grito que começou no extremo da sala e alastrou pela mesa acompanhado do barulho de muitos pés em correria. Os feiticeiros escondiam-se numa confusão de cadeiras viradas de pernas para o ar.

As chamas das velas transformaram-se em finas labaredas de luz octarina^{NT32} antes de se apagarem.

Depois veio o silêncio, aquele silêncio esquisito que se sente depois de um barulho muito desagradável.

E o Tesoureiro disse:

– Está bem, desisto. Vamos tentar o ritual de AshkEnte.

É o ritual mais sério que oito feiticeiros podem tentar. Evoca a Morte, que, naturalmente, sabe tudo o que acontece onde quer que seja.

É claro que isto é feito com relutância, porque os feiticeiros seniores são, geralmente, muito idosos, e preferem não fazer nada que chame a atenção da Morte sobre eles.

^{NT32} “**Octarina (cor)** - provavelmente reflete as formas mais eficientes de gnosos: o sexo (púrpura) e a raiva (vermelho). Cada um deve procurar uma cor de magia (octarina) para si. O poder octarino é o nosso impulso instintivo para a magia. Este impulso cria o 'eu-mágico', ou personalidade na psique, e uma afinidade com várias formas mágicas.”

<http://mortesubita.org/jack/magiadoaos/textos-caoticos/as-oito-cores-da-magia/>, consultado em 10-11-2009

It took place at midnight in the University's Great Hall, in a welter of incense, candlesticks, runic inscriptions and magic circles, the none of which was strictly necessary but made the wizards feel better. Magic flared, the chants were chanted, the invocations were truly invoked.

The wizards stared into the magic octogram, which remained empty. After a while, the circle of robed figures began to mutter amongst themselves.

"We must have done something wrong."

"Oook."

"Maybe He is out."

"Or busy..."

"Do you think we should give up and go back to bed?"

"Who are we waiting for, exactly?"

The Bursar turned slowly to the figure beside him. You could always tell a wizard's robe; it was bedecked with sequins, sigils, fur and lace, and there was usually a considerable amount of wizard inside it. This robe, however, was very black. The material looked as though it had been chosen for its hard-wearing qualities. So did its owner. He looked as though if he wrote a diet book it would be a bestseller.

Death was watching the octogram with an expression of polite interest.

"Er," said the Bursar. "The fact is, in fact, that, er, you should be on the inside."

"I'm so sorry."

Death stalked in a dignified way into the centre of the room and watched the Bursar expectantly.

"I hope we are not going to have any of this 'foul fiend' business again," he said.

"I trust we are not interrupting any important enterprise?" said the Bursar, politely.

"All my work is important" said Death.

"Er, naturally."

"To somebody."

"Er. Er. The reason, oh fou ... sir, that we have called you here, is for the reason ..."

Aconteceu à meia-noite, no Salão Nobre da Universidade, numa confusão de incensos, castiçais, inscrições rúnicas^{NT33} e círculos mágicos, não por serem indispensáveis mas porque faziam os feiticeiros sentirem-se melhor. A magia espalhava-se, ouviam-se cânticos e faziam-se invocações com ardor.

Os feiticeiros mantinham o olhar fixo no octograma mágico que continuava vazio. Passados alguns momentos, os vultos envoltos em capas e em círculo começavam a murmurar entre si.

- Devemos ter feito alguma coisa errada.
- Oook.
- Talvez tenha saído.
- Ou então está ocupado...
- Acham que deveríamos desistir e voltar para a cama?
- Afinal, de quem estamos à espera?

O Tesoureiro virou-se lentamente para o vulto ao seu lado. É muito fácil reconhecer o manto de um feiticeiro; enfeitado com lantejoulas, símbolos mágicos, pelagens e rendas e, normalmente, com um feiticeiro bastante volumoso no interior. Este manto, apesar de tudo, era muito escuro. O material de que era feito parecia ter sido escolhido pela sua resistência. À imagem do seu dono. Parecia que se tivesse escrito um livro de receitas para emagrecer, seria um *best-seller*.

A Morte observava o octograma com uma expressão de interesse bem-educado.

- Eh – disse o Tesoureiro – A questão é, de facto, eh, o senhor devia estar do lado de dentro.
- Lamento imenso.

A Morte caminhou majestosamente até ao centro da sala e observou o Tesoureiro em expectativa.

- Espero que não tenhamos que passar novamente por aquela coisa do demónio – disse a Morte.
- Estamos a interromper algo importante? – perguntou o Tesoureiro, educadamente.
- Todo o meu trabalho é importante – disse a Morte.
- Eh, naturalmente...
- Para alguém.
- Eh, eh. A razão...eh.. dem... – Senhor, pela qual o chamamos, foi...

^{NT33} “As **runas** são um conjunto de alfabetos relacionados que usam letras características (também chamadas **runas**) e eram usadas para escrever as línguas germânicas, principalmente na Escandinávia e nas ilhas Britânicas. Em todas as suas variedades, as runas podem ser consideradas como uma antiga forma de escrita da Europa do Norte. A versão escandinava que também é conhecida como **Futhark** (derivado das suas primeiras seis letras: 'F', 'U' 'Th', 'A', 'R', e 'K'), e a versão Anglo-saxónica conhecida como **Futhorc** (o nome também tem origem nas primeiras letras deste alfabeto). As inscrições rúnicas mais antigas datam de cerca do ano 150, e o alfabeto foi substituído pelo alfabeto latino com a cristianização, por volta do século VI na Europa central e no século XI na Escandinávia. Contudo, o uso de runas persistiu para propósitos especializados, principalmente na Escandinávia, na área rural da Suécia até ao início do século XX (usado principalmente para decoração e em calendários Rúnicos). Além do alfabeto, a cultura germânica antiga possuía um calendário, cujo ano se iniciava no dia 29 de junho, representado pela runa **Feob**.”

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Runas>, consultado em 10-11-2009

"It is Rincewind."^{NT34}

"What?"

"The reason you have summoned me. The answer is: it is Rincewind."

"But we haven't asked you the question yet!"

"Nevertheless the answer is: it is Rincewind."

"Look, what we want to know is, what is causing this outbreak of... oh."

Death pointedly picked invisible particles off the edge of his scythe.

The Archchancellor cupped a gnarled hand over his ear.

"What did he say? Who's the fellow with the stick?"

"It's Death, Archchancellor" said the Bursar, patiently.

"Eh ?..."

"It's Death, sir. You know."

"Tell him we don't want any," said the old wizard, waving his stick.

The Bursar sighed. "We summoned him, Archchancellor."

"Is it? What would we go and do that for? Bloody silly thing to do."

The Bursar gave Death an embarrassed grin. He was on the point of asking him to excuse the Archchancellor on account of his age, but realized that this would in the circumstances be a complete waste of breath.

"Are we talking about the wizard Rincewind? The one with the" - the Bursar gave a shudder - "horrible Luggage on legs?"

"But he got blown up when there was all that business with the sorcerer didn't he?" (The Bursar was referring obliquely to the difficult occasion when the University very nearly caused the end of the world, and would in fact have done so had it not been for a chain of events involving Rincewind, a magic carpet and a half-brick in a sock. (See 'Sorcery').

^{NT34} **Rincewind** - Um feiticeiro fracassado, de nível 0, que nunca conseguiu completar nenhum curso na Universidade Invisível, em Ankh-Morpork. Passa quase todo o seu tempo a tentar escapar de vários grupos de pessoas que o tentam matar, por razões diversas.

<http://wiki.lspace.org/wiki/Rincewind>, consultado em 10-11-2009

– É Rincewind.

– O quê?

– A razão pela qual me convocaram. A resposta é: é Rincewind.

– Mas nós ainda não fizemos a pergunta!

– Seja como for, a resposta é: é Rincewind.

– Mas o que nós queremos saber é o que está a causar este surto de...oh..

A Morte apanhou com precisão partículas faiscantes do gume da sua foice.

O Reitor pôs a mão em concha à volta da orelha.

– O que é que ele disse? Quem é a criatura de bengala?

– É a Morte, Reitor – disse o tesoureiro, pacientemente.

– Eh...?

– A Morte, Senhor. Sabe quem é.

– Diz-lhe que não queremos nada – disse o velho feiticeiro, agitando a bengala.

O Tesoureiro suspirou.

– Nós evocamo-la, Reitor.

– Ai sim? E porque razão faríamos uma coisa dessas? Que disparate.

O Tesoureiro dirigiu à Morte um sorriso forçado. Estava tentado a pedir-lhe que desculpasse o Reitor tendo em conta a sua idade avançada, mas percebeu que naquelas circunstâncias seria pura perda de tempo.

– Estamos a referir-nos ao feiticeiro Rincewind? Aquele que anda... – o Tesoureiro estremeceu – sempre com aquela Bagagem^{NT35} com pernas?

– Mas ele foi pelos ares quando houve aquela confusão toda com o feiticeiro, não foi? (o Tesoureiro referia-se indiretamente a um momento difícil, quando a Universidade quase causou o fim do mundo, o que teria acontecido não fora uma série de acontecimentos que envolveram Rincewind, um tapete mágico e metade de um tijolo dentro de uma meia. (Ver 'Sourcery').^{NT36}

^{NT35} A **Bagagem** é um grande peito que segue Rincewind literalmente para todo o lado, mesmo para Roundworld, que Rincewind visita apenas virtualmente. É feito de *Pearwood Sapientes* (uma planta mágica e inteligente, que está quase extinta, impermeável à magia, e só cresce em alguns lugares fora do Império Agatean, geralmente em locais de magia muito antiga). Pode produzir centenas de pernas pouco salientes e mover-se a grande velocidade, em caso de necessidade. Foi descrito como "meio mala, meio maníaco homicida".

<http://en.wikipedia.org/wiki/Rincewind>, consultado em 31-03-2010.

^{NT36} 'Sourcery' é a quinta novela da coleção Discworld de Terry Pratchett, publicada em 1988.

<http://en.wikipedia.org/wiki/Sourcery>, consultado em 10-11-2009

The whole affair was very embarrassing to wizards, as it always is to people who find out afterwards that they were on the wrong side all along, by the one that lost) and it was remarkable how many of the University's senior staff were now adamant that at the time they had been off sick, visiting their aunt, or doing research with the door locked while humming loudly and had had no idea of what was going on outside.

There had been some desultory talk about putting up a statue to Rincewind but, by the curious alchemy that tends to apply in these sensitive issues, this quickly became a plaque, then a note on the Roll of Honour, and finally a motion of censure for being improperly dressed.

"Into the dungeon dimensions^{NT37}. And now he is trying to get back home."

"Can he do that?"

"There would need to be an unusual conjunction of circumstances. Reality would need to be weakened in certain unexpected ways."

"That isn't likely to happen, is it?" said the Bursar anxiously. People who have it on record that they were visiting their aunt for two months are always nervous about people turning up who may have mistakenly thought they weren't, and owing to some trick of the light might have believed they had seen them doing things they couldn't have been doing owing to being at their aunt's.

"It would be a million to one chance," said Death. "Exactly a million to one chance."

"Oh," said the Bursar, intensely relieved, "Oh dear. What a shame." He brightened up considerably.

"Of course, there's all the noise. But, unfortunately, I expect he won't survive for long."

"This could be the case." said Death blandly. "I am sure, though, that you would not wish me to make a practice of issuing definitive statements in this field."

"No! No, of course not." said the Bursar hurriedly, "Right. Well, many thanks. Poor chap. What a great pity. Still can't be helped. Perhaps we should be philosophical about these things."

"Perhaps you should."

"And we had better not keep you," the Bursar added politely.

"Thank you."

"Goodbye."

"Be seeing you."

In fact, the noise stopped just before breakfast. The Librarian was the only one unhappy about it.

^{NT37} *Dungeon Dimensions* é um universo paralelo, um deserto sem fim, para lá do espaço-tempo.
http://en.wikipedia.org/wiki/Other_dimensions_of_the_Discworld, consultado em 10-11-2009

O caso foi muito incómodo para os feiticeiros, como é para as pessoas que descobrem mais tarde que estiveram sempre do lado errado (ou seja, do lado que perdeu), e era espantoso como muitos quadros superiores da Universidade afirmavam agora que naquele momento tinham estado ausentes por doença, em visita a uma tia, ou a fazer pesquisas com a porta fechada, enquanto cantarolavam em voz alta, não fazendo ideia do que se passava no exterior

Houve algumas conversas inconsistentes sobre erguer uma estátua a Rincewind, mas, por uma estranha alquimia que normalmente acontece nestas situações sensíveis, a ideia de estátua transformou-se rapidamente numa placa, depois num destaque no Quadro de Honra, e, finalmente, numa moção de censura por estar vestido de forma pouco apropriada.

– Foi para a dimensão dos calabouços. E agora está a tentar voltar para casa.

– E pode fazer isso?

– Seria necessário um conjunto de circunstâncias fora de comum. A realidade teria de ser distorcida de forma inesperada.

– Isso não é provável que aconteça, pois não? – perguntou o Tesoureiro, ansioso. As pessoas que declararam que estiveram em visita a uma tia durante dois meses ficam sempre nervosas sobre a possibilidade da aparição de pessoas que pensam que não estiveram e que devido a alguma ilusão de ótica pensaram que os viram fazer coisas que nunca poderiam ter sido feitas, uma vez que tinham estado ausentes em casa da tia.

– Seria uma hipótese num milhão – disse a Morte. – Exatamente uma hipótese num milhão.

– Oh – disse o Tesoureiro, muito aliviado – Uff, que vergonha – e ficou visivelmente animado.

– É claro, há aquele barulho todo. Mas, infelizmente, acho que ele não sobreviverá por muito tempo.

– Até podia ser isso – disse a Morte afavelmente – No entanto, tenho a certeza de que não vai querer que eu manifeste a minha opinião nesta situação específica.

– Não! Não, claro que não – afirmou o Tesoureiro apressadamente – Certo. Bem, muito obrigado. Pobre criatura. Que pena. Infelizmente, isso não se pode evitar. Talvez devêssemos ser racionais em relação a estas coisas.

– Talvez você devesse ser.

– E nós não devíamos estar a tomar-lhe o seu tempo – acrescentou o Tesoureiro educadamente.

– Obrigado.

– Adeus.

– Até à vista.

Na verdade, o barulho parou pouco antes do pequeno-almoço. O Bibliotecário era a única pessoa descontente com a situação.

Rincewind had been his assistant and his friend, and was a good man when it came to peeling a banana. He had also been uniquely good at running away from things. He was not, the Librarian considered, the type to be easily caught.

There had probably been an unusual conjunction of circumstances

That was a far more likely explanation

There had been an unusual conjunction of circumstances. By exactly a million to one chance there had been someone watching, studying, looking for the right tools for a special job.

And here was Rincewind. It was almost too easy.

So Rincewind opened his eyes. There was a ceiling above him; if it was the floor, then he was in trouble. So far, so good.

He cautiously felt the surface he was laying on. It was grainy, woody in fact, with the odd nail-hole. A human sort of surface. His ears picked up the crackle of a fire and a bubbling noise, source unknown. His nose, feeling that it was being left out of things, hastened to report a whiff of brimstone.

Right, so where did that leave him? Lying on a rough wooden floor in a fire lit room with something that bubbled and gave off sulphurous smells. In his unreal, dreamy state he felt quite pleased at this process of deduction.

What else?

"Oh, yes."

He opened his mouth and screamed and screamed and screamed. This made him feel slightly better. He lay there a bit longer. Through the tumbled heap of his memories came the recollections of mornings in bed when he was a little boy, desperately subdividing the passing time into smaller and smaller units to put off the terrible moment of getting up and having to face all the problems of life such as, in this case, who he was, where he was, and why he was.

"What are you?" said a voice on the edge of his consciousness.

"I was coming to that," muttered Rincewind.

The room oscillated into focus as he pushed himself up on his elbows.

"I warn you," said the voice, which seemed to be coming from a table, "I am protected by many powerful amulets."

"Jolly good," said Rincewind. "I wish I was."

Details began to distil out of the blur. It was a long, low room, one end of which was entirely occupied by an enormous fireplace. A bench all down one wall contained a selection of glassware apparently created by a drunken glassblower with hiccups, and inside its byzantine coils coloured liquids seethed and bubbled.

Rincewind tinha sido seu assistente e amigo, e era bom quando era preciso descascar uma banana. Também era muito bom a fugir das coisas. Não era, na opinião do Bibliotecário, alguém fácil de apanhar.

Tinha havido, provavelmente, uma conjunção de circunstâncias pouco comuns.

Era a explicação mais plausível

Tinha havido uma conjunção de circunstâncias pouco comuns. Por, exatamente, uma hipótese num milhão, aconteceu que alguém estivera a observar, a estudar, à procura dos meios ideais para um trabalho especial.

E Rincewind apareceu. Tinha sido demasiado fácil.

Rincewind abriu os olhos. Havia um teto por cima dele; se aquilo fosse o chão, então estava em apuros. Até ali, tudo bem. Tateou a superfície onde estava deitado, com cuidado. Era áspera, como madeira, com buracos de pregos. Uma superfície muito ao estilo dos humanos. Os ouvidos detetaram o crepitar de fogo e um ruído borbulhante, de origem desconhecida. O nariz, sentindo que estava a ser deixado de parte daqueles acontecimentos, apressou-se a detetar uma baforada da moldura da pedra da lareira.

Muito bem, então onde é que estaria? Deitado sobre um piso de madeira tosca num quarto onde ardia uma lareira e algo borbulhava e exalava odores sulfurosos. No seu estado semi-inconsciente até se sentiu bastante satisfeito com este processo dedutivo.

Mais alguma coisa?

– Ah, sim.

Abriu a boca e gritou, gritou, gritou. Isto fez com que se sentisse um pouco melhor.

Ficou ali deitado um pouco mais. Através do emaranhado das suas memórias vieram as lembranças das manhãs na cama quando era um menino, subdividindo desesperadamente o passar do tempo em unidades menores e menores para adiar o momento terrível de se levantar e ter de enfrentar todos os problemas da vida, tais como, neste caso, quem era, onde estava, e porque existia.

– O que és tu? – disse uma voz, no limite da sua consciência.

– Era isso que eu queria perceber – murmurou Rincewind.

O quarto oscilou e tornou-se nítido, quando se ergueu e apoiou nos cotovelos.

– Eu avisei – disse a voz, que parecia vir de uma mesa – Estou protegido por muitos amuletos poderosos.

– Que maravilha – disse Rincewind – Quem me dera estar também.

Os detalhes começaram a sobressair da confusão. Era uma sala comprida e baixa, uma das extremidades ocupada por uma enorme lareira. Um banco a todo o comprimento da parede continha uma seleção de objetos de vidro, aparentemente criados por um soprador de vidro embriagado com soluços, e dentro das suas serpentinas bizantinas ferviam e borbulhavam líquidos coloridos.

A skeleton hung from a hook in a relaxed fashion. On a perch beside it someone had nailed a stuffed bird. Whatever sins it had committed in life, it hadn't deserved what the taxidermist had done to it.

Rincewind's gazed and swept across the floor. It was obvious that it was the only sweeping the floor had had for some time. Only around him had space been cleared among the debris of broken glass and overturned retorts for... A magic circle.

It looked an extremely thorough job. Whoever had chalked it was clearly very aware that its purpose was to divide the universe into two bits, the inside and the outside.

Rincewind was, of course, inside.

"Ah," he said, feeling a familiar and almost comforting sense of helpless dread sweep over him.

"I adjure and conjure thee against all aggressive acts, o demon of the pit," said the voice from, Rincewind now realised, behind the table.

"Fine, fine," said Rincewind quickly. "That's all right by me. Er. It isn't possible that there has been the tiniest little mistake here, could there?"

"Avaunt!"

"Right!" said Rincewind. He looked around him desperately. "How?"

"Don't you think you can lure me to my doom with thy lying tongue, o fiend of Shamharoth," ^{NT38} said the table. "I am learned in the ways of demons."

"Obey my every command or I will return thee unto the boiling hell from which you came. Thou came, sorry. Thou came'st, in fact. And I really mean it."

The figure stepped out. It was quite short, and most of it was hidden by a variety of charms, amulets and talismans which, even if not effective against magic, would probably have protected it against a tolerably determined sword thrust. It wore glasses and had a hat with long sidepieces that gave it the air of a short-sighted spaniel.

It held a sword in one shaking hand. It was so heavily etched with sigils that it was beginning to bend.

"Boiling hell, did you say?" said Rincewind weakly.

"Absolutely. Where the screams of anguish and the tortured torments..."

"Yes, yes, you've made your point," said Rincewind. "Only, you see, the thing is, in fact, that I am not a demon. So if you would just let me out?"

"I am not fooled by thy outer garb, demon," said the figure. In a more normal voice it added, "Anyway, demons always lie. Well-known fact."

^{NT38} **Shamharoth** é uma das deidades do Discworld.
http://en.wikipedia.org/wiki/Discworld_gods, consultado em 31-03-2010.

Um esqueleto pendia de um gancho, de forma descontraída. Num poleiro ao lado, alguém tinha pregado um pássaro embalsamado. Quaisquer que tivessem sido os seus pecados, não merecia o que o embalsamador lhe fizera.

Rincewind percorreu o chão com o olhar. Era óbvio que há algum tempo que ninguém varria aquele soalho. Havia apenas um espaço limpo à sua volta, por entre destroços de vidro e retortas entornadas, que parecia...

Um círculo mágico.

Parecia um trabalho extremamente minucioso. Quem quer que o tivesse desenhado estava firmemente determinado em dividir o universo em duas partes, a interior e a exterior.

Rincewind estava, claro, do lado de dentro.

– Ah – disse ele, com uma sensação familiar e quase reconfortante de pavor e impotência abatendo-se sobre si.

– Eu te conjuro e esconjuro contra todo o mal, ó demónio do inferno – disse a voz que, Rincewind agora percebia, vinha detrás da mesa.

– Tudo bem, tudo bem – disse Rincewind rapidamente – Por mim, está tudo bem. Eh... Será que não houve aqui um pequenino erro?

– *Vade retro!*

– Está bem! – disse Rincewind. E... – olhou em volta desesperadamente – e para onde?

– Não penses que me atraís para a minha desgraça com a tua língua mentirosa, ó demónio de Shamharoth – disse a mesa. – Sou um perito nas artes dos demónios.

– Obedece às minhas ordens ou mando-te de volta para o inferno abrasador de onde veio. Desculpe, de onde você veio. Melhor, de onde vós viestes. E estou a falar a sério.

A figura humana deu um passo em frente. Era baixinho e estava quase todo coberto por uma variedade imensa de talismãs e amuletos, os quais, mesmo que não produzissem nenhum efeito contra feitiçarias, iriam protegê-lo contra qualquer golpe de espada. Usava óculos e tinha um chapéu com umas abas laterais que lhe davam um ar de um cachorro *cocker spaniel* míope.

Segurava na mão trémula uma espada. Estava tão carregada de adereços que começava a vergar.

– Disseste inferno abrasador? – titubeou Rincewind.

– Exatamente. Onde os gritos de angústia e os tormentos torturadores ..."

– Está bem, está bem, já percebi – respondeu Rincewind. – Só que, estás a ver, o que acontece, na realidade, é que eu não sou um demónio. Por isso, podes deixar-me sair?

– Eu não me deixo enganar pelas tuas vestes, demónio – disse a figura. Com uma voz mais normal, acrescentou – De qualquer maneira, os demónios mentem sempre. É certo e sabido.

"Is it?" said Rincewind, clutching at this straw. "In that case, then, I am a demon."

"Aha! Condemned out of your own mouth!"

"Look, I don't have to put up with this," said Rincewind. "I don't know who you are or what's happening, but I'm going to have a drink, all right?"

He went to walk out of the circle, and went rigid with shock as sparks crackled up from the runic inscriptions and earthed themselves all over his body.

"Thou may'sn't...thou may'sn't... thou may'sn't..." The conjurer of demons gave up. "Look, you can't step over the circle until I release you, right? I mean, I don't want to be unpleasant, it's just that if I let you out of the circle you will be able to resume your true shape, and a pretty awful shape it is too, I expect. Avaunt!" he added, feeling that he wasn't keeping up the tone.

"All right. I'm avaulting. I'm avaulting," said Rincewind, rubbing his elbow. "But I'm still not a demon."

"How come you answered the conjuration, then? I suppose you just happened to be passing through the paranatural dimensions, eh?"

"Something like that, I think. It's all a bit blurred."

"Pull the other one, it has got bells on." The conjurer leaned his sword against a lectern on which a heavy book, dripping bookmarks, lay open. Then he did a mad little jig on the floor. "It worked!" he said. "Heheh!" He caught sight of Rincewind's horrified gaze and pulled himself together. He gave an embarrassed cough, and stepped up to the lectern.

"I really am not..." Rincewind began.

"I had this list here somewhere," said the figure. "Let's see, now. Oh, yes. I command you... thee, I mean... to, ah, grant me three wishes. Yes. I want mastery of the kingdoms of the world, I want to meet the most beautiful woman who has ever lived, and I want to live forever." He gave Rincewind an encouraging look.

"All that?" said Rincewind.

"Yes."

"Oh, no problem," said Rincewind sarcastically. "And then I get to have the rest of the day off, right?"

"And I want a chest full of gold, too. Just to be going on with."

"I can see you've got it all thought out."

"Yes. Avaunt!"

- Achas? – disse Rincewind, agarrando-se a este pretexto – Nesse caso, então, eu sou um demónio.
- Aha! Fugiu-te a boca para a verdade!
- Olha, eu não tenho de aturar isto – disse Rincewind. – Não sei quem és nem o que está a acontecer e vou beber qualquer coisa, está bem?
- Rincewind tentou sair do interior do círculo mas parou, subitamente, surpreendido pelas faíscas que saíam das inscrições rúnicas e que cobriam o seu corpo – Não podes, não podes, não podes... – o exorcista desistiu. – Olha, tu não podes sair do círculo antes de eu te libertar, está bem? Quer dizer, eu não quero ser desagradável, mas se eu te deixar sair, vais assumir a tua verdadeira forma, que é horrenda, acho eu. – *Vade retro!* – acrescentou, sentindo que não estava a conseguir manter a firmeza do tom de voz.
- Está bem, eu vou, eu vou – disse Rincewind, esfregando o cotovelo, – mas eu não sou um demónio.
- Então, porque é que respondeste à invocação? Se calhar ias só a passar pela dimensão do paranormal, não?
- Foi mais ou menos isso. É tudo muito confuso.
- Vai brincar com outro. – O exorcista encostou a espada a uma estante onde estava um pesado livro aberto, do qual pendiam vários marcadores de página. A seguir, fez uma espécie de dança esquisita.
- Resultou! – disse ele. – Hehehe! – Captou o olhar horrorizado de Rincewind e recompôs-se. Tossicou e dirigiu-se para a estante.
- A sério, eu não sou... – começou Rincewind.
- Eu tinha essa lista algures por aqui – disse a figura. – Ora vamos lá ver. Oh, sim. Ordeno-te – quero dizer, ordeno-lhe – que, ah, me conceda três desejos. Sim. Quero ter o domínio dos reinos do mundo, quero conhecer a mais bela mulher que alguma vez existiu, e quero viver para sempre. – Lançou um olhar encorajador a Rincewind.
- Isso tudo? – perguntou Rincewind.
- Sim.
- Oh, não há problema – disse sarcasticamente Rincewind. – E depois tenho o resto do dia de folga, certo?
- E também quero um baú cheio de ouro. Para completar.
- Estou a ver que pensaste em tudo.
- Sim. *Vade retro!*

"Right, right. Only..." Rincewind thought hurriedly, "he's quite mad, but mad with a sword in his hands, the only chance I've got is to argue him out of it on his own terms." He said, "only, do you see, I'm not a very superior kind of demon and I'm afraid those sort of errands are a bit out of my league, sorry. You can avault as much as you like, but they're just beyond me."

The little figure peered over the top of its glasses.

"I see," he said testily. "What could you manage then, do you think?" "Well, er..." said Rincewind, "I suppose I could go down to the shops and get a packet of mints, or something."

There was a pause.

"You really can't do all those things?"

"Sorry. Look, I'll tell you what. You just release me, and I'll be sure to pass the word around when I get back to..." Rincewind hesitated. Where the hell did demons live, anyway? "Demon City," he said hopefully.

"You mean Pandemonium?" said his captor, suspiciously.

"Yes, that's right. That's what I meant. I'll tell everyone, next time you're in the real world be sure and look up...what's your name?"

"Thursley. Eric Thursley".^{NT39}

"Right".

"Demonologist. Midden Lane, Pseudopolis."^{NT40} Next door to the tannery," said Thursley hopefully.

"Right you are. Don't you worry about it. Now, if you'll just let me out..."

Thursley's face fell.

"You're sure you really can't do it?" he said, and Rincewind couldn't help noticing the edge of pleading in his voice. "Even a small chest of gold would do. And, I mean, it needn't be the most beautiful woman in the whole of history. Second most beautiful would do. Or third. You pick any one out of, you know, the top one hundr...thousand. Whatever you've got in stock, sort of thing." By the end of the sentence, his voice twanged with longing.

Rincewind wanted to say, "Look, what you should do is stop all this messing around with chemicals in dark rooms and have a shave, a haircut, a bath, make that two baths, buy yourself a new wardrobe and get out of an evening and then"...but he'd have to be honest, because even washed, shaved and soaked in body splash, Thursley wasn't going to win any prizes... "and then you could have your face slapped by any woman of your choice. I mean, it wouldn't be much, but it would be body contact."

^{NT39} **Eric Thursley** – Um rapazinho de 13 anos de idade, aprendiz de feitiçaria.

[http://en.wikipedia.org/wiki/Eric_\(novel\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Eric_(novel)), consultado em 06-04-2009

^{NT40} **Pseudopolis** (que significa "pseudo-cidade") é a cidade maior e mais próxima de Ankh-Morpork.

http://en.wikipedia.org/wiki/Discworld_geography, consultado em 06-04-2009

– Está bem, está bem. Só que – Rincewind pensou rapidamente – ele é completamente maluco, mas um maluco com uma espada nas mãos, a única hipótese que tenho é entrar no jogo dele – disse – Só que, estás a ver, eu não sou um demónio de alta categoria e receio bem não ser capaz de desempenhar esse tipo de tarefas, desculpa. Podes dar as ordens que entenderes, mas isso ultrapassa-me.

A figura olhou-o por cima dos óculos.

– Estou a ver – disse, a testá-lo – então o que achas que consegues arranjar? – Bem, eh, – disse Rincewind – acho que podia ir às lojas e trazer um pacote de rebuçados, ou qualquer coisa parecida. Houve uma pausa.

– Tu não consegues mesmo fazer aquelas coisas?

– Desculpa. Olha, vamos fazer assim. Libertas-me e eu contarei isso a todos quando voltar para... – Rincewind hesitou. Onde é que os demónios vivem, afinal? – ...a Cidade dos Demónios – disse ele, com esperança.

– Queres dizer *Pandemonium*? – respondeu o seu captor, desconfiado.

– Sim, é isso mesmo. É isso o que eu quis dizer. Vou contar a todos para, na próxima vez que estiverem no mundo real, procurarem o... – como é que te chamas?

– Thursley. Eric Thursley.

– Entendido.

– Demonólogo. Midden Lane, Pseudopolis. Na porta ao lado da fábrica de curtumes – disse Thursley, ansioso.

– Muito bem. Não te preocupes. Agora podias soltar-me...

Thursley ficou desanimado.

– Tens a certeza de que realmente não podes fazer aquilo? – disse ele, e Rincewind não pôde deixar de sentir um tom de súplica na sua voz. – Até uma caixa pequena cheia de ouro já me satisfazia. E, quero dizer, não precisava de ser a mulher mais bela que alguma vez existiu. A segunda mais bonita, já era bom. Ou terceira. Podes escolher tu qualquer uma, sabes, a mais bonita de um grupo de ce... mil. O que tiveres em armazém, ou qualquer coisa assim.

No fim da frase, o tom de voz nasalado denunciava ansiedade.

Rincewind tinha vontade de lhe dizer:

– Olha, o que deves fazer é parar com isso de brincar com substâncias químicas em salas escuras e ires barbear-te, cortar o cabelo, tomar um banho, talvez dois, comprar roupas novas, sair à noite e depois... – mas ele tinha de ser honesto, porque, mesmo lavado, barbeado e perfumado, Thursley não ia ganhar prémios – e depois podes levar uma bofetada de qualquer mulher à tua escolha. Quero dizer, não seria muito, mas sempre era um contacto físico.

"Sorry," he said again.

Thursley sighed. "The kettle's on," he said. "Would you like a cup of tea?"

Rincewind stepped forward into a crackle of psychic energy.

"Ah," said Thursley uncertainly, as the wizard sucked his fingers, "I'll tell you what. I'll put you under a conjuration of duress."

"There's no need, I assure you."

"No, it's best this way. It means you can move around. I had it all ready anyway, in case you could go and fetch, you know, her."

"Fine," said Rincewind. As the demonologist mumbled words from the book he thought: "Feet. Door. Stairs. What a great combination."

It occurred to him that there was something about the demonologist that wasn't quite usual, but he couldn't put his finger on it. He looked pretty much like the demonologists Rincewind had known back in Ankh-Morpork, who were all bent and chemical-stained and had eyes with pupils like pinheads from all the chemical fumes. This one would have fitted in easily. It was just that there was something odd.

"To be honest," said Thursley, industriously mopping away part of the circle, "you're my first demon. It's never worked before. What is your name?"

"Rincewind."

Thursley thought about this. "It doesn't ring a bell," he said. "There's a Riinjswin in the Demonologie. And a Winswin. But they've got more wings than you. You can step out now. I must say that's a first-class materialisation. No one would think you were a fiend, to look at you. Most demons, when they want to look human, materialise in the shape of nobles, kings and princes.

"This moth-eaten-wizard look is very clever. You could've almost fooled me. It's a shame you can't do any of those things."

"I can't see why you'd want to live forever," said Rincewind, privately determining that the words "moth-eaten" would be paid for, if ever he got the opportunity. "Being young again, I can understand that."

"Huh. Being young's not much fun," said Thursley, and then clapped his hand over his mouth.

Rincewind leaned forward.

About fifty years. That was what was missing.

"That's a false beard!" he said. "How old are you?"

"Eighty-seven!" squeaked Thursley.

"I can see the hooks over your ears!"

"Seventy-eight, honest! Avaunt!"

– Desculpa – disse ele, novamente Thursley suspirou.

– A chaleira apitou – disse – aceitas uma chávena de chá?

Rincewind deu um passo na direção de uma fenda na energia psíquica.

– Ah – disse Thursley, inseguro, enquanto o demónio chupava os dedos – Vamos fazer assim: vou deixar-te sob o efeito de uma magia de coação.

– Não é preciso, garanto-te.

– Não, é melhor assim. E assim podes ter liberdade de movimentos. De qualquer maneira, já tinha isso tudo preparado, no caso de poderes ir buscar... tu sabes, ir buscar a tal bela mulher.

– Tudo bem – disse Rincewind. Enquanto o demonólogo murmurava as palavras do livro, ele pensou: Pés. Porta. Escadas. Que bela combinação.

Ocorreu-lhe que havia alguma coisa de estranho com o demonólogo que não era muito normal, mas que não conseguia definir. Era parecido com muitos outros demonólogos que Rincewind conhecera em Ankh-Morpork, que eram todos curvados, cheios de nódoas dos produtos químicos e de olhos com pupilas que pareciam cabeças de alfinete por causa dos gases produzidos pelos químicos. Este tinha um perfil que se adaptava facilmente. Só que havia alguma coisa estranha.

– Para ser honesto – disse Thursley, atarefado a esfregar uma parte do círculo – tu és o meu primeiro demónio. Nunca tinha conseguido isto antes. Como te chamas?

– Rincewind.

Thursley refletiu – Este nome não me diz nada – disse ele. – Há um Riinjswin em Demonologia. E um Winswin. Mas têm mais asas do que tu. Agora já podes sair. Devo dizer-te que esta é uma materialização de primeira categoria. Ninguém adivinharia que és um demónio. A maior parte, quando querem parecer humanos, toma a forma de nobres, reis e príncipes. Esse teu ar de feiticeiro roído pelas traças, é uma ideia genial. Até a mim podias enganar. É uma pena não conseguires fazer nenhuma daquelas coisas.

– Não percebo porque é que queres viver para sempre – disse Rincewind, determinado em vingar-se, na primeira oportunidade, do termo ‘roído pelas traças’. – Ser jovem novamente, isso até posso perceber.

– Haah... Ser jovem não é lá muito divertido – disse Thursley – e, logo de seguida, bateu com a mão na boca.

Rincewind inclinou-se para a frente.

Cerca de cinquenta anos. Era isso o que faltava.

– Essa barba é falsa! – disse ele – Quantos anos tens?

– Oitenta e sete! – guinchou Thursley.

– Até consigo ver os ganchos nas tuas orelhas!

– Setenta e oito, a sério! *Vade retro!*

"You're a little boy!"

Eric pulled himself up haughtily. "I'm not!" he snapped. "I'm nearly fourteen" Ah-ha!"

The boy waved the sword at Rincewind. "It doesn't matter, anyway!" he shouted. "Demonologists can be any age, you're still my demon and you have to do as I say!"

"Eric!" came a voice from somewhere below them Eric's face went white.

"Yes, mother?" he shouted, his eyes fixed on Rincewind. His mouth shaped the words "don't say anything, please."

"What's all that noise up there?"

"Nothing, mother!"

"Come down and wash your hands, dear, your breakfast's ready!"

"Yes, mother." He looked sheepishly at Rincewind. "That's my mother," he said.

"She's got a good pair of lungs, hasn't she," said Rincewind.

"I'd, I'd better go, then," said Eric. "You'll have to stay up here, of course."

It dawned on him that he was losing a certain amount of credibility at this point. He waved the sword again.

"Avaunt!" he said. "I command you not to leave this room!"

"Right. Sure," said Rincewind, eyeing the windows.

"Promise? Otherwise you'll be sent back to the Pit."

"Oh, I don't want that," said Rincewind. "Off you trot. Don't worry about me."

"I'm going to leave the sword and stuff here," said Eric, removing most of his accoutrements to reveal a slim, dark-haired young man whose face would be a lot better when his acne cleared up. "If you touch them, terrible things will befall."

"Wouldn't dream of it," said Rincewind.

When he was left alone he wandered over to the lectern and looked at the book. The title, in impressively flickering red letters, was *Mallificarum Sumpta Diabolicite Occularis Singularum*,^{NT41} the Book of Ultimate Control. He knew about it. There was a copy in the Library somewhere, although wizards never bothered with it.

This might seem odd, because if there is one thing a wizard would trade his grandmother for, it is power.

But it wasn't all that strange, because any wizard bright enough to survive for five minutes was also bright enough to realise that if there was any power in demonology, then it lay with the demons.

Using it for your own purposes would be like trying to beat mice to death with a rattlesnake.

^{NT41} *Mallificarum Sumpta Diabolicite Occularis Singularum* - Paródia ao MS-DOS; sigla de MicroSoft Disk Operating System
http://wiki.lspace.org/wiki/Mallificarum_Sumpta_Diabolicite_Occularis_Singularum, consultado em 20-04-2009

– Tu és um rapazinho!

Eric endireitou-se com altivez.

– Não sou nada! – rematou Eric – Tenho quase catorze anos!

– Ah-ha!

O rapaz agitou a espada em direção a Rincewind. – Isso não interessa! – gritou. – Os demonólogos podem ter uma idade qualquer, tu ainda és o meu demónio e tens de fazer o que eu digo!

– Eric! – ouviu-se uma voz vinda algures do piso de baixo. O rosto de Eric empalideceu.

– Sim, mãe? – gritou, com os olhos fixos em Rincewind. A boca formulava as palavras: ‘não digas nada, por favor’.

– Que barulho é esse, aí em cima?

– Não é nada, mãe!

– Vem para baixo e lava as mãos, querido, o pequeno-almoço está pronto!

– Está bem, mãe. – Olhou timidamente para Rincewind. – É a minha mãe – disse ele.

– Tem um bom par de pulmões, não tem? – disse Rincewind.

– Eu, é melhor eu ir, então – disse Eric – Tu vais ter de ficar aqui em cima, é claro.

Sentiu que estava a perder alguma credibilidade. Agitou de novo a espada.

– *Vade retro!* disse Eric – Ordeno-te que não saias desta sala!

– Está bem. Claro. – disse Rincewind, olhando pelas janelas.

– Prometes? Se não, mando-te de volta para as Profundezas.

– Oh, isso não – disse Rincewind. – Vai lá. Não te preocupes comigo.

– Vou deixar a espada e as outras coisas aqui – disse Eric, retirando a maior parte dos acessórios, revelando um jovem de cabelos escuros, cujo rosto seria muito melhor quando a acne desaparecesse. – Se mexeres em alguma coisa, acontecerão coisas horríveis.

– Isso nunca me passaria pela cabeça – disse Rincewind.

Quando ficou sozinho, vagueou até à estante e olhou para o livro. O título, em letras vermelhas e cintilantes, era *Mallificarum Sumpta Diabolicite Occularis Singularum*, o Livro de Controlo Supremo. Já o conhecia. Havia um exemplar na Biblioteca, embora os feiticeiros não lhe atribuíssem muita importância.

Isto pode parecer estranho, porque, se há alguma coisa pela qual um feiticeiro até a avó seria capaz de vender, é o poder.

Mas não era assim tão estranho, porque qualquer feiticeiro suficientemente inteligente para sobreviver cinco minutos também perceberia que, se existe algum poder na demonologia, esse poder está na posse dos demónios. Usá-lo em proveito próprio seria como espancar ratos até à morte com uma cobra-cascavel.

Even wizards thought demonologists were odd; they tended to be surreptitious, pale men who got up to complicated things in darkened rooms and had damp, weak handshakes. It wasn't like good clean magic. No self-respecting wizard would have any truck with the demonic regions, whose inhabitants were as big a collection of *ding-dongs* as you'd find outside a large belfry. He inspected the skeleton closely, just in case. It didn't seem inclined to make a contribution to the situation.

"It belonged to his wosname,^{NT42} grandfather," said a cracked voice behind him.

"Bit of an unusual bequest," said Rincewind.

"Oh, not personally. He got it in a shop somewhere. It's one of them wosname, articulate wosnames."

"It's not saying much right now," said Rincewind, and then went very quiet and thoughtful.

"Er," he said, without moving his head, "what, precisely, am I talking to?"

"I'm a wosname. Tip of my tongue. Begins with a P."

Rincewind turned around slowly.

"You're a parrot?" he said.

"That's it."

Rincewind stared at the thing on the perch. It had one eye that glittered like a ruby. Most of the rest of it was pink and purple skin, studded with the fag ends of feathers, so that the net effect was of an oven-ready hairbrush. It jiggled arthritically on its perch and then slowly lost its balance, until it was hanging upside down.

"I thought you were stuffed," said Rincewind.

"Up yours, wizard."

Rincewind ignored it and crept over to the window. It was small, but gave out on to a gently sloping roof. And out there was a real life, real sky, real buildings. He reached out to open the shutters...

A crackling current coursed up his arm and earthed itself in his cerebellum.

He sat on the floor, sucking his fingers.

"He told you," said the parrot, swinging backwards and forwards upside down. "But you wouldn't wosname. He's got you by the wosnames."

"But it should only work on demons!"

"Ah," said the parrot, achieving enough momentum to swing upright again, whereupon it steadied itself with the stubby remains of what had once been wings. "It's all according, isn't it? If you come in the door marked 'wosnames' that means you get treated as a wosname, right? Demon, I mean. Subject to all the rules and wosnames. Tough one for you."

^{NT42} 'Wosname' – Abreviatura de 'What's his name'. Expressão que pode aplicar-se a ambos os sexos ou a coisas.
<http://www.pseudodictionary.com/wosname>, consultado em 25-04-2009

Mesmo os feiticeiros achavam os demonólogos muito estranhos, pois tendiam a ser sub-reptícios, homens pálidos que faziam coisas esquisitas em quartos escuros e cujo aperto de mão era fraco e húmido. Não era como a magia boa e limpa. Nenhum feiticeiro que se preze teria um pacto com regiões demoníacas, cujos habitantes são tão etéreos como os sons do sino de um campanário.

Inspecionou o esqueleto cuidadosamente, por precaução. Não parecia lá muito cooperante.

– Era do ‘coiso’^{NT43} do avô dele – disse uma voz aflautada, atrás dele.

– Que legado tão bizarro – disse Rincewind.

– Oh, não é isso. Comprou-o numa loja, não sei onde. É um desses ‘coisos’ articulados.

– Não diz grande coisa agora. – disse Rincewind. E ficou muito calmo e pensativo.

– Eh – disse ele, sem virar a cabeça – com quem estou a falar, exatamente?

– Eu sou um ‘coiso’. Está-me na ponta da língua. Começa com um ‘P’.

Rincewind virou-se lentamente.

– És um papagaio? – perguntou.

– É isso mesmo.

Rincewind olhou fixamente para aquela coisa empoleirada na vara. Tinha um olho que brilhava como um rubi. A maior parte do resto do corpo era de pele cor-de-rosa e púrpura, coberto de penas esfarrapadas, e o aspeto era de uma escova de cabelo acabada de sair do forno. O papagaio sacudiu-se no poleiro com movimentos artríticos e foi perdendo lentamente o equilíbrio até ficar pendurado de cabeça para baixo.

– Pensava que estavas embalsamado – disse Rincewind.

– Vai-te lixar, feiticeiro.

Rincewind ignorou-o e foi lentamente até a janela. Era pequena, mas dava para um telhado inclinado suavemente. E lá fora havia uma vida real, um céu verdadeiro, edifícios verdadeiros. Estendeu a mão para abrir as persianas.

Uma sensação de arrepio percorreu-lhe o braço até ao cerebelo.

Sentou-se no chão, chupando os dedos.

– Ele avisou-te – disse o papagaio, balançando para trás e para frente, de cabeça para baixo. – Mas tu não ‘coisaste’. Ele prendeu-te pelos ‘coisos’.

– Mas isso devia apenas dar resultado com demónios!

– Ah – disse o papagaio, dando lanço para voltar de novo à posição vertical, equilibrando-se com a ajuda dos tocos que lhe restavam das asas. – Está tudo relacionado, não achas? Se entrares por uma porta onde estiver escrito ‘coisos’, isso significa que serás tratado como um ‘coiso’, percebes? Quero dizer, como um demónio. Sujeito a todas as regras e ‘coisas’. A situação está complicada.

^{NT43} ‘Coiso’ – Tradução de ‘wossname’. Optei por esta tradução, uma vez que me pareceu a expressão mais adequada ao tipo de registo do diálogo entre as personagens.

"But you know I'm a wizard, don't you?"

The parrot gave a squawk. "I've seen them, mate. The real 'McWosname'. Some of the ones we've had in here, they'd make you choke on your millet. Great scaly fiery wosnames. Took weeks to get the soot off the walls," it added, in an approving tone of voice. "That was in his granddad's day, of course. The kid hasn't been any good at it. Up to now. Bright lad. I blame the wosnames, parents. New money, you know. Wine business. Spoil him rotten, let him play with his wosname's old stuff, 'Oh, he's such an intelligent lad, nose always in a book'," the parrot mimicked. "They never give him any of the things a sensitive growing wosname really needs, if you was to ask me".

"What you mean, love and guidance?" said Rincewind.

"I was thinking of a bloody good wosname, thrashing," said the parrot.

Rincewind clutched at his aching head. If this was what demons usually had to go through, no wonder they were always so annoyed.

"Polly want a biscuit," said the parrot vaguely, in much the same way as a human would say "Er" or "As I was saying", and went on, "His granddad was keen on it. That and his pigeons."

"Pigeons," said Rincewind.

"Not that he was particularly successful. It was all a bit trial and wosname."

"I thought you said great big scaly"

"Oh, yes. But that wasn't what he was after. He was trying to conjure up a succubus." It should be impossible to leer when all you've got is a beak, but the parrot managed it. "That's a female demon what comes in the night and makes mad passionate wossn."

"I've heard of them," said Rincewind. "Bloody dangerous things."

– Mas tu sabes que eu sou um feiticeiro, não sabes?

O papagaio deu um grito.

– Eu já os vi, parceiro. Os verdadeiros ‘senhores coisos’. Alguns dos que tivemos aqui fariam qualquer um engasgar-se com o milho. ‘Coisos’ com escamas e a largar fogo. Foram precisas várias semanas para tirar a fuligem das paredes – acrescentou, num tom de voz em aprovação. – Isso aconteceu no tempo do avô dele, claro, e o miúdo não conseguiu resolver a situação. Pelo menos até este momento. O rapazinho é inteligente. A culpa é dos ‘coisos’, os pais. Novos ricos, sabes como é. Negócios de vinhos. Estragaram-no com mimos, deixaram-no brincar com as velharias do ‘coiso’ – “Oh, ele é tão inteligente, sempre com a cara enfiada nos livros,”– imitou o papagaio. – Nunca lhe deram aquilo que um ‘coiso’ sensível, em fase de crescimento, realmente precisa, se queres saber o que eu penso.

– Referes-te a amor e orientação? – perguntou Rincewind.

– Estava mais a pensar noutra coisa, uns bons açoitos – disse o papagaio.

Rincewind apertou a cabeça dorida. Se era por aquilo que os demónios tinham de passar, não admirava que estivessem sempre tão aborrecidos.

– Polly quer um biscoito – disse o papagaio, em tom distraído, da mesma maneira como um homem diria ‘ eh...’ ou ‘como eu estava a dizer...’ e continuou: – O avô gostava muito dele. E dos pombos, também.

– Pombos? – disse Rincewind.

– Não é que fosse lá muito bem-sucedido. Era mais um passatempo e coisa e tal.

– Pensei que tinhas dito que eram umas coisas grandes e cheias de escamas...

– Oh, pois. Mas não era isso o que ele queria. Ele andava a tentar conjurar um súcubo.^{NT44} – Devia ser impossível fazer um esgar de desdém quando só se tem um bico, mas o papagaio conseguiu. – É um demónio feminino que aparece de noite e põe um ‘coiso’ loucamente apaixonado.

– Já ouvi falar – disse Rincewind. – Que raio de coisas perigosas.

^{NT44} **Súcubo** (do latim *succubus*, na lenda medieval ocidental; *aquela que está deitada sob*) é um demónio com aparência feminina que invade o sonho dos homens simulando ter uma relação sexual com eles para lhes roubar a energia vital. O súcubo alimenta-se da energia sexual dos homens e quando invade o sonho de uma pessoa toma a aparência do seu desejo sexual e suga a energia proveniente do prazer da vítima. Estão associados a casos de doenças e tormentos psicológicos de origem sexual, pois após os ataques, seguem-se pesadelos e poluições noturnas nas vítimas. A contrapartida masculina desse demónio é denominada ‘íncubo’.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%BAcubo>, consultado em 26-05-2009

The parrot put its head on one side. "It never worked. All he ever got was a *neuralger*"

"What's that?"

"It's a demon that comes and has a headache at you."

Demons have existed on the Discworld for at least as long as the gods, who in many ways they closely resemble. The difference is, basically, the same as that between terrorists and freedom fighters.

Most of the demons occupy a spacious dimension close to reality, traditionally decorated in shades of flame and maintained at roasting point. This isn't actually necessary, but if there is one thing that your average demon is, it is a traditionalist.

In the centre of the inferno, rising majestically from a lake of lava substitute and with unparalleled views of the eight circles, lies the city of Pandemonium. (Demons and their Hell are quite different from the Dungeon Dimensions, those endless parallel wastelands outside space and time. The sad, mad things in the Dungeon Dimensions have no understanding of the world but simply crave light and shape and try to warm themselves by the fires of reality, clustering around it with about the same effect - if they ever broke through - as an ocean trying to warm itself around a candle. Whereas demons belong to the same space-time wossname, more or less, as humans, and have a deep and abiding interest in humanity's day-to-day affairs. Interestingly enough, the gods of the Disc have never bothered much about judging the souls of the dead, and so people only go to hell if that's where they believe, in their deepest heart, that they deserve to go. Which they won't do if they don't know about it. This explains why it is important to shoot missionaries on sight).

At the moment, it was living up to its name.

Astfgl,^{NT45} the new King of the Demons, was furious. Not simply because the air-conditioning had broken down again, not because he felt surrounded by idiots and plotters on every side, and not even because no one could pronounce his name properly yet, but also because he had just been given bad news. The demon who had been chosen by lottery to deliver it cowered in front of his throne with its tail between its legs. It was immortally afraid that something wonderful was going to happen to it (Demons have a distorted sense of values)

"It did what?" said Astfgl.

"It, er, it opened, oh lord. The circle in Pseudopolis."

"Ah. The clever boy. We have great hopes of him."

^{NT45} **Astfgl** - Rei dos Demónios, Senhor do Inferno, Mestre das Profundezas, Senhor de Hades, Supremo Presidente Vitalício do Inferno.

<http://wiki.lspace.org/wiki/Astfgl>, consultado em 26-05-2009

O papagaio inclinou a cabeça.

– Ele nunca teve sucesso. Só conseguiu uma ‘*neuralger*’.^{NT46}

– O que é isso?

– É um demónio que aparece e provoca uma dor de cabeça horrível.

Os Demónios existem no *Discworld*, há tanto tempo como os deuses e, em muitos aspetos, são parecidos com eles. A diferença é basicamente a mesma que existe entre terroristas e combatentes pela liberdade.

A maioria dos demónios ocupa uma grande dimensão próxima da realidade, tradicionalmente decorada com sombras de chamas e mantida a temperaturas tórridas. Não é realmente necessário, mas se há uma coisa que caracteriza o demónio comum, é ser tradicionalista.

No centro do inferno, subindo majestosamente de um lago de um sucedâneo de lava e com um panorama incomparável dos oito círculos, fica a cidade de ‘Pandem’.

(Os Demónios e o Inferno são bastante diferentes das Dimensões dos Calabouços, os desertos infinitos paralelos fora do espaço e do tempo. Os que estão na Dimensão dos Calabouços não têm nenhuma noção do mundo e simplesmente anseiam por luz e forma tentando aquecer-se no fogo da realidade, amontoando-se à volta dele com o mesmo efeito - se é que alguma vez o conseguiram - de um oceano tentando aquecer-se em torno de uma vela. Já os demónios pertencem ao ‘coiso’ espaço-tempo, mais ou menos como os seres humanos, e têm um interesse profundo e permanente nos assuntos do dia-a-dia da humanidade. Curiosamente, os deuses do Disco nunca se preocuparam muito com o julgamento das almas dos mortos, e portanto as pessoas só vão para o inferno se acreditarem que é para lá que merecem ir. E não pensarão nisso se não souberem da sua existência. Isto explica porque é tão importante disparar sobre os missionários à vista).

Naquele momento, a cidade fazia jus ao nome.

Astfgl, o novo Rei dos Demónios, ficou furioso. Não apenas porque o ar condicionado estava outra vez avariado e se sentia rodeado de idiotas e intriguistas por todos os lados e nem mesmo porque ainda ninguém conseguia pronunciar o seu nome corretamente, mas também porque tinha recebido más notícias. O demónio que tinha sido escolhido por sorteio para dar a notícia, ajoelhou e curvou-se diante do seu trono com o rabo entre as pernas. Sentia um medo imortal de que algo maravilhoso estava para lhe acontecer. (Os demónios têm uma noção distorcida dos valores)

– O que é que ele fez? disse Astfgl.

– É, eh, é que abriu, Senhor. O círculo em Pseudopolis.

– Ah. Menino esperto. Temos grandes esperanças nele.

^{NT46} **Neuralger** é um demónio fêmea que aparece, em sonhos, aos homens e lhes provoca uma horrível dor de cabeça. Normalmente, são invocadas por engano por demonólogos quando tentam invocar um **Súcubo**.
http://en.wikipedia.org/wiki/Discworld_gods#Neuralger, consultado em 26-05-2009

"Er. Then it closed again, lord." The demon shut its eyes.

"And who went through?"

"Er." The demon looked around at its colleagues, clustered at the far end of the mile-long throne room.

"I said, and who went through?"

"In point of fact, oh lord..."

"Yes?"

"We don't know. Someone."

"I gave orders, did I not, that when the boy succeeded the Duke Vassenego^{NT47} was to materialise unto him, and offer him forbidden pleasures and dark delights to bend him to Our will?"

The King growled. The problem with being evil, he'd been forced to admit, was that demons were not great innovatory thinkers and really needed the spice of human ingenuity. And he'd really been looking forward to Eric Thursley, whose brand of super-intelligent gormlessness was a rare delight. Hell needed horribly bright, self-centred people like Eric.

They were much better at being nasty than demons could ever manage.

"Indeed, lord," said the demon, "And the duke has been awaiting the summons there for years, shunning all other temptations, steadfastly and patiently studying the world of men."

"So where was he?"

"Er. Call of supernatural, lord," the demon gabbled. "Hadn't turned his back for two minutes when..."

"And someone went through?"

"We're trying to find out."

Lord Astfgl's patience, which in any case had the tensile strength of putty, snapped at this point. That just about summed it up. He had the kind of subjects who used the words "find out" when they meant "ascertain". Damnation was too good for them.

"Get out," he whispered. "And I shall see to it that you get a commendation for this."

"Oh master, I plead..."

"Get out!"

The King stamped along the glowing corridors to his private apartments.

^{NT47} **Duke Vassenego** - Geralmente descrito com um advogado idoso e triste, Duque Vassenego é o demónio do Demónio. Se não foi ele quem inventou o pecado original, deve ter feito, pelos menos, uma das primeiras cópias. A sua maldade só é comparável à sua astúcia e conspira para livrar o Inferno da presença de Astfgl.
http://wiki.lspace.org/wiki/Duke_Vassenego, consultado em 15-08-2009

– Eh. E depois, fechou-o outra vez, Senhor. – O demónio fechou os olhos.

– E quem é que passou?

– Eh...– O demónio olhou em volta para os colegas, reunidos ao fundo da comprida sala do trono.

– Eu perguntei quem é que atravessou?

– Na verdade, Senhor...

– Sim?

– Não sabemos. Alguém.

– Eu não dei ordens para quando o rapaz conseguisse isso, o Duke Vassenego se materializasse e lhe oferecesse todos os prazeres proibidos e os deleites mais secretos para o submeter à nossa vontade?

O Rei resmungou. O problema de ser mau, tinha de reconhecer, é que demónios não eram grandes filósofos inovadores e precisavam da ingenuidade humana. Esperara ansiosamente por Eric Thursley, cujo tipo de esperteza superdotada era um prazer raro. O inferno precisava de pessoas egocêntricas e terrivelmente inteligentes como Eric. Conseguiram ser muito mais sórdidos do que qualquer demónio.

– É verdade, Senhor – disse o demónio. – E o duque há anos que espera a convocação, resistindo a todas as tentações, dedicando-se pacientemente a estudar o mundo dos homens.

– Então, onde é que ele estava?

– Eh... A atender uma chamada da dimensão sobrenatural – balbuciou o demónio. – Virou as costas por dois minutos, quando...

– E alguém passou?

– Estamos a tentar descobrir.

A paciência de Lord Astfgl, tão resistente como betume, estalou neste momento. Isto resumia toda a situação. Os seus súbditos usavam a expressão "descobrir" quando deveriam dizer "certificar-se". O fogo do inferno era bom demais para eles.

– Sai – sussurrou. – Vou certificar-me de que receberás um louvor por isto.

– Ó Mestre, imploro-lhe...

– Sai!

O Rei atravessou, com passos pesados, os corredores brilhantes até aos seus aposentos privados.

His predecessors had favoured shaggy hind legs and hoofs. Lord Astfgl had rejected all that sort of thing out of hand. He held that no one would ever get taken seriously by those stuck-up bastards in Dunmanifestin^{NT48} when their rear end kept ruminating all the time, and so he favoured a red silk cloak, crimson tights, a cowl with two rather sophisticated little horns on it, and a trident. The end kept dropping off the trident but, he felt, it was the sort of get-up in which a demon king could be taken seriously...

In the coolness of his chambers - oh, by all the gods or, rather, not by all the gods, it had taken him ages to get them up to some sort of civilized standard, his predecessors had been quite content just to lounge around and tempt people, they had never heard of executive stress - he gently lifted the cover off the Mirror of Souls and watched it flicker into life.

Its cool black surface was surrounded by an ornate frame, from which curls of greasy smoke constantly unfolded and drifted.

"Your wish, master?" it said.

"Show me the events around the Pseudopolis gate over the last hour," said the King, and settled down to watch.

After a while he went and looked up the name "Rincewind" in the filing cabinet he had recently had installed, in place of the distressingly-bound old ledgers that had been there; the system still needed ironing out, though, because the bewildered demons filed everything under P for People. Then he sat watching the flickering pictures and absent-mindedly playing with the stuff on his desk, to soothe his nerves.

He had any amount of desk things; notepads with magnets for paperclips, handy devices for holding pens and those tiny jotters that always came in handy, incredibly funny statuettes with slogans like "You're the Boss!", and little chromium balls and spirals operated by a sort of *ersatz* and short-lived perpetual motion. No one looking at that desk could have any doubt that they were, in cold fact, truly damned.

^{NT48} **Dunmanifestin** é o endereço dos deuses do Discworld. É uma espécie de condomínio com prédios de vários estilos onde os deuses brincam com o destino dos homens.

<http://wiki.lspace.org/wiki/Dunmanifestin>, consultado em 07-09-2009

Os seus antepassados tinham preferido ter patas traseiras peludas e com cascos. Lord Astfgl rejeitou essa hipótese desconfortável e pouco prática. Pensava que ninguém seria levado a sério por aqueles preconceituosos em Dunmanifestin, com aquelas extremidades traseiras e ruminando a toda a hora, e por isso preferiu usar um manto de seda vermelha, calças justas cor púrpura, um capuz com dois chifrinhos muito sofisticados e um tridente. O cabo estava sempre a cair ao tridente, mas ele achava que era o tipo de traje com que um Rei Demónio poderia ser levado a sério...

No ar frio do seu quarto – oh !, por todos os deuses... ou melhor, não por todos os deuses.... tinha demorado séculos para os elevar a uma espécie de padrão minimamente civilizado; os seus antepassados contentavam-se em passar o tempo sem fazer nada e a tentar as pessoas - nunca tinham ouvido falar de *stress* - levantou de forma suave a tampa do Espelho das Almas e observou o movimento bruxuleante da vida.

A sua superfície negra e fria era ornamentada por uma moldura, da qual saíam espirais de fumo gorduroso que subiam e se desenrolavam constantemente.

– O que deseja, Mestre? perguntou o espelho.

– Mostra-me o que aconteceu nas imediações de Pseudopolis durante a última hora – disse o Rei, instalando-se para assistir.

Passado algum tempo foi pesquisar o nome "Rincewind" no arquivo que tinha mandado instalar recentemente, substituindo os velhos livros de contabilidade com encadernações deprimentes que lá estavam. O sistema ainda precisava de ser aperfeiçoado porque os demónios desorientados arquivavam tudo na letra 'P' de 'pessoas'. Depois, sentou-se a observar as imagens trémulas e a brincar distraidamente com os objetos em cima da mesa, para acalmar os nervos.

Tinha vários objetos sobre a mesa; blocos com ímanes para cliques, porta-canetas muito práticos e minúsculos blocos de apontamentos sempre úteis, estatuetas incrivelmente engraçadas com *slogans* como "Tu é que mandas!" e também bolinhas e espirais cromadas que se deslocavam por meio de um tipo de mecanismo *ersatz*^{NT49} com movimentos curtos e contínuos. Observando aquela mesa, ninguém duvidaria de que eles estavam, de facto, condenados às penas eternas.

^{NT49} *Ersatz* é uma palavra alemã cujo significado literal é **substituto**. Embora o seu uso em inglês seja o de adjetivo, em alemão *Ersatz* só existe como nome próprio ou em aglutinação com outras palavras tais como *Ersatzteile* (partes substitutas) ou *Ersatzspieler* (jogador substituto). Embora em inglês este termo frequentemente implique a inferioridade ou a qualidade insatisfatória da substituição, o mesmo não acontece necessariamente em alemão.
<http://en.wikipedia.org/wiki/Ersatz> consultado em 26-09-2009

"I see," said Lord Astfgl, setting a selection of shiny balls swinging with one tap of a talon.

He couldn't remember any demon called Rincewind. On the other hand, there were millions of the wretched things, swarming all over the place with no sense of order, and he hadn't yet had time to carry out a proper census and retire the unnecessary ones. This one seemed to have fewer appendages and more vowels in its name than most. But it had to be a demon.

Vassenego was a proud old fool, one of the elder demons who smiled and despised him and not quite obeyed him, just because the King'd worked hard over the millennia to get from humble beginnings to where he was today. He wouldn't put it past the old devil to do this on purpose, just to spite him.

Well, he'd have to see about that later. Send him a memo or something. Too late to do anything about it now. He'd have to take a personal interest. Eric Thursley was too good a prospect to pass up. Getting Eric Thursley would really annoy the gods.

Gods! How he hated the gods! He hated the gods even more than he hated the old guard like Vassenego, even more than he hated humans. He'd thrown a little soirée, last week, he'd put a lot of thought into it, he wanted to show that he was prepared to let bygones be bygones, work with them for a new, better and more efficient universe.

Eric peered around the door.

"What shape are you?" he said.

"Pretty poor shape," said Rincewind.

"I've brought you some food. You do eat, do you?"

Rincewind tried some. It was a bowl of cereal, nuts, and dried fruit. He didn't have any quarrel with any of that. It was just that somewhere in the preparation something had apparently been done to these innocent ingredients what it takes a million gravities to do to a neutron star. If you died of eating this sort of thing, they wouldn't have to bury you, they would just need to drop you somewhere where the ground was soft.

He managed to swallow it. It wasn't difficult. The trick would have been preventing it from heading downwards.

"Lovely," he choked. The parrot did a splendid impersonation of someone being sick.

"I've decided to let you go," said Eric. "It's pretty pointless keeping you, isn't it?"

"Absolutely."

– Estou a ver... – disse o Senhor Astfagl, fazendo baloiçar, com um toque de unha, um conjunto de bolas brilhantes.

Não conseguia lembrar-se de nenhum demónio com o nome Rincewind. Por outro lado, havia milhões de infelizes pairando por todo o lado, sem sentido, e ele ainda não tinha tido tempo para fazer um recenseamento e dispensar os que já não eram necessários. Este parecia ter mais acessórios e mais vogais no nome do que qualquer outro. Mas era, de certeza, um demónio.

Vassenego era um velho louco orgulhoso, um dos mais velhos, daqueles que sorriem com ar de desprezo e não lhe obedeciam, só porque o Rei trabalhara arduamente durante milénios para sair da condição humilde onde começara e conseguir chegar onde estava. Não tinha dúvidas que o velho demónio tivesse feito tudo aquilo só para o prejudicar.

Bem, trataria disso mais tarde. Enviaria um memorando ou coisa parecida. Agora era tarde de mais para repor a situação. Teria de tratar do assunto pessoalmente. Eric Thursley era um candidato demasiado bom para ser desperdiçado. Chegar até Eric Thursley iria irritar verdadeiramente os deuses.

Deuses! Como odiava os deuses! Odiava os deuses ainda mais do que odiava um velho guarda como Vassenego, ainda mais do que odiava os seres humanos. Tinha organizado um pequeno serão na última semana que preparara com muito empenho. Queria mostrar que estava disposto a esquecer o passado e trabalhar com eles por um universo novo, melhor e mais eficiente.

Eric apareceu à porta.

– Qual é a tua forma? – Perguntou.

– Estou fora de forma – respondeu Rincewind.

– Trouxe-te comida. – Tu comes, não comes?

Rincewind provou. Era uma taça de cereais, nozes e frutos secos. Não tinha nada contra aquilo. Apenas parecia que em algum momento da preparação da refeição, tinham feito àqueles inocentes ingredientes o equivalente a um milhão de vezes a força da gravidade necessária para fazer uma estrela de neutrões. Se alguém morrer depois de comer uma coisa daquelas nem precisam de o enterrar, apenas de o deixar cair num lugar onde a terra for macia.

Conseguiu engolir. Não foi difícil. O truque era evitar engolir tudo de uma vez.

– Muito bom – disse, engasgando-se. O papagaio fez uma fantástica imitação de uma pessoa enjoada.

– Decidi deixar-te ir embora – disse Eric. – Não faz sentido prender-te aqui, pois não?

– Concordo plenamente.

"You haven't any powers at all?"

"Sorry. Dead failure."

"You don't look too demonic, come to think about it," said Eric.

"They never do. You can't trust them wossnames," chortled the parrot. It lost its balance again.

"Polly want a biscuit," it said, upside down.

Rincewind spun around.

"You stay out of this, beaky!"

There was a sound behind them, like the universe clearing its throat. The chalk marks of the magic circle grew terribly bright for a moment, became fiery lines against the scuffed planks, and something dropped out of the empty air and landed heavily on the floor.

It was a large, metal-bound chest. It had fallen on its curved lid. After a while, it started to rock violently, and then it extended hundreds of little pink legs and with considerable effort, flipped itself over.

Finally, it shuffled around until it was watching the pair of them. It was all the more disconcerting because it was staring without having any eyes to do it with.

Eric moved first. He grasped the home-made magic sword, which flapped wildly.

"You are a demon!" he said. "I nearly believed you when you said you weren't!"

"Wheee!" said the parrot.

"It's just my luggage," said Rincewind desperately. "It's a sort of... well. It goes everywhere with me, there's nothing demonic about it... er." He hesitated. "Not much, anyway," he finished lamely.

"Avaunt!"

"Oh, not again."

The boy looked at the open book.

"My commands earlier resume," he said firmly.

"The most beautiful woman who has ever lived, mastery of all the kingdoms of the world, and to live forever. Get on with it."

Rincewind stood frozen.

"Well, go on," said Eric. "You're supposed to disappear in a puff of smoke."

"Listen, do you think I can just snap my fingers..."

Rincewind snapped his fingers.

There was a puff of smoke.

Rincewind gave his fingers a long shocked stare, as one might regard a gun that has been hanging on the wall for decades and has suddenly gone off and perforated the cat.

"They've hardly ever done that before," he said.

– Não tens mesmo poderes nenhuns?

– Lamento muito. Falha mortal.

– Não pareces lá muito demoníaco, agora que reparo melhor – disse Eric.

– Nunca parecem. Não se pode confiar nesses ‘coisos’ – riu o papagaio. Perdeu o equilíbrio novamente. – Polly quer um biscoito – disse o papagaio, de cabeça para baixo.

Rincewind virou-se rapidamente.

– Fica fora desta questão, bicudo!

Ouviu-se um som atrás deles como se o universo estivesse a limpar a garganta. As marcas de giz do círculo mágico ficaram incrivelmente brilhantes por uns instantes, transformaram-se em linhas de fogo sobre as tábuas velhas do soalho e uma coisa surgiu no ar, caindo com um estrondo no chão.

Era uma grande arca com acabamentos de metal. Tinha caído sobre a tampa arredondada. Passado algum tempo, começou a baloiçar com violência, estendeu centenas de perninhas cor-de-rosa no ar e, com muito esforço, virou-se no ar.

Por fim, arrastou-se até ficar de frente para os dois. Aquilo era tudo muito desconcertante porque ela fitava-os sem ter olhos!

Eric foi o primeiro a reagir. Agarrou na espada mágica, feita em casa, e agitou-a descontroladamente.

– Tu és um demónio! disse ele. – Quase acreditei em ti quando disseste que não eras!

– Uauu! – gritou o papagaio.

– É só a minha Bagagem – explicou Rincewind, desesperado – É uma espécie de... bem... vai comigo para todo o lado. Não tem nada de demoníaco... eh... – ele hesitou. – Não muito, pelo menos – e terminou, desajeitadamente.

– *Vade retro!*

– Ai! Outra vez, não!

O menino olhou para o livro aberto.

– Retomando as minhas ordens anteriores – disse, com firmeza. – A mulher mais bela que alguma vez existiu, o domínio de todos os reinos do mundo e viver para sempre. Despacha-te.

Rincewind ficou petrificado.

– Bem, vamos lá – disse Eric. Devias desaparecer numa nuvem de fumo.

– Tu pensas que é só eu estalar os dedos...

Rincewind estalou os dedos.

Apareceu uma nuvem de fumo.

Rincewind ficou a olhar para os dedos, estarrecido, como quem olha para uma arma que estava pendurada na parede há décadas e, de repente disparou, atingindo o gato.

– Isto nunca aconteceu – disse ele.

He looked down.

"Aargh," he said, and closed his eyes.

It was a better world in the darkness behind his eyelids. If he tapped his foot he could persuade himself that he could feel the floor, he could know that he was really standing in the room, and that the urgent signals from all his other senses, which were telling him that he was suspended in the air some thousand miles or so above the Disc, were just a bad dream he'd wake up from. He hastily cancelled that thought. If he was asleep, he'd prefer to stay that way. You could fly in dreams. If he woke up, it was a long way to fall.

"Perhaps I have died and I really am a demon," he thought.

It was an interesting point. He opened his eyes again.

"Wow!" said Eric, his eyes gleaming. "Can I have all of it?"

The boy was standing in the same position as he had been in the room. So was the luggage. So, to Rincewind's annoyance, was the parrot. It was perching in mid-air, looking speculatively at the cosmic panorama below.

The Disc might almost have been designed to be seen from space; it hadn't, Rincewind was damn sure, been designed to be lived on. But he had to admit that it was impressive.

The sun was about to rise on the far rim and made a line of fire that glittered around half the circumference. A long slow dawn was just beginning its sweep across the dark, massive landscape. Below, harshly lit in the arid vacuum of space, Great A'Tuin, the world's turtle, toiled under the weight of Creation. On his - or her, the matter had never really been resolved - carapace the four giant elephants strained to support the Disc itself.

There might have been more efficient ways to build a world. You might start with a ball of molten iron and then coat it with successive layers of rock, like an old-fashioned gobstopper. And you'd have a very efficient planet, but it wouldn't look so nice. Besides, things would drop off the bottom.

"Pretty good," said the parrot. "Polly want a continent."

"It's so big," breathed Eric.

"Yes," said Rincewind flatly.

He felt that something more was expected of him.

"Don't break it," he added.

Olhou para baixo.

– Aargh – exclamou, e fechou os olhos.

O mundo era mais agradável no escuro por detrás das suas pálpebras. Se batesse os pés poderia sentir o chão e perceber que estava realmente de pé na sala, e que os sinais urgentes de todos os outros sentidos, que lhe diziam que estava suspenso no ar a milhares de quilómetros acima do Disco, eram apenas um pesadelo do qual despertaria em breve. Libertou-se rapidamente desse pensamento. Se estava a dormir, então preferia continuar adormecido. Podemos voar nos sonhos. Se acordasse, seria uma grande queda.

– Talvez eu tenha morrido e realmente seja um demónio – pensou ele.

Era uma perspetiva interessante. Abriu os olhos novamente.

– Uuu! – exclamou Eric, com os olhos a brilhar. – Posso ficar com isto tudo?

O menino mantinha a mesma posição em que estava antes no quarto. E a Bagagem também. Assim como, para desgosto de Rincewind, o papagaio. Estava empoleirado, olhando curioso para o panorama cósmico lá em baixo.

Talvez o Disco não tenha sido concebido para ser visto do espaço. Rincewind estava convencido de que não tinha sido projetado para alguém viver nele. Mas tinha de admitir que era impressionante.

O sol estava prestes a surgir no horizonte distante e formava uma linha de fogo que brilhava sobre metade da circunferência. Um alvorecer lento e longo começava a surgir no panorama escuro e sombrio.

Por baixo, mal iluminada no vácuo árido do espaço, a grande A'Tuin, a tartaruga do mundo, movia-se penosamente sob o peso da criação. Sob a carapaça dela, ou dele, essa questão nunca tinha ficado esclarecida, os quatro elefantes gigantes esforçavam-se para suportar o Disco.

Talvez existissem formas mais eficientes de construir um mundo. Podia ter começado com uma bola de ferro fundido e depois revesti-la com várias camadas de rocha, como um rebuçado antigo. E o resultado seria um planeta muito bem construído mas não teria lá muito bom aspeto. Além disso, as coisas cairiam pela parte de baixo.

– Muito bom – disse o papagaio – Polly quer um continente.

– É tão grande – suspirou Eric.

– É – respondeu Rincewind, sem grande entusiasmo. Sentiu que esperavam mais dele.

– Não interrompam – acrescentou.

He had a nagging doubt about all this. If he was for the sake of argument, a demon, and so many things had happened to him recently then he was prepared to concede that he might have died and not noticed it in the confusion. Rincewind had been told that death was just like going into another room. The difference is, when you shout, "Where's my clean socks?", no one answers. If he died, notched in confusion, then he still didn't quite see how the world was his to give away. He was pretty sure that it had owners who felt the same way.

Also, he was sure that a demon had to get something in writing.

"I think that you have to sign for it," he said. "In blood."

"Whose?" said Eric.

"Yours, I think," said Rincewind. "Or bird blood will do it a pinch." He glared meaningfully at the parrot, which growled at him.

"Aren't I allowed to try it out first?"

"What?"

"Well suppose it doesn't work? I'm not signing for it until I've seen it work."

Rincewind stared at the boy. Then he looked down at the broad panorama of the kingdoms of the world. I wonder if I was like him at his age? he thought. I wonder how I survived?

"It's the world," he said patiently. "Of course it will bloody well work. I mean, look at it. Hurricanes, continental drift, rainfall cycle. It's all there. All ticking over like a bloody watch. It'll last you a lifetime, a world like that. Used carefully."

Eric gave the world a critical examination. He wore the expression of someone who knows that all the best gifts in life seem to require the psychic equivalent of two U2 batteries and the shops won't be open until after the holidays.

"There's got to be tribute," he said flatly.

"You what?"

"The kings of the world," said Eric. "They've got to pay me tribute."

"You've really been studying this, haven't you," said Rincewind sarcastically. "Just tribute? You don't fancy the moon while we're up here? This week's special offer, one free satellite with every world dominated?"

"Are there any useful minerals?"

"What?"

Eric gave a sigh of long-suffering patience.

Rincewind tinha uma dúvida inquietante sobre tudo aquilo. Se fosse realmente um demónio, e com tudo o que lhe tinha acontecido recentemente, sentia-se preparado para aceitar que talvez tivesse morrido e nem se tinha apercebido disso no meio de toda aquela confusão (tinham-lhe dito que morrer era como ir para outro quarto, com a diferença que, quando pedimos peúgas lavadas, ninguém nos responde). Mesmo assim não percebia como o mundo podia ser dele para que pudesse oferecê-lo a alguém. Tinha a certeza que o mundo tinha outros donos que se sentiam da mesma maneira.

Também era certo que um demónio tinha de receber alguma coisa por escrito.

– Acho que tens de assinar um papel para poderes receber isso tudo – disse Rincewind – Com sangue.

– Sangue de quem? perguntou Eric.

– Teu, acho eu – disse Rincewind – Em caso de emergência, sangue de passarinho também serve. Lançou um olhar fulminante para o papagaio, que rosnava para ele.

– Não posso experimentar primeiro?

– O quê?

– Bom, e se não resultar? Eu não vou assinar sem saber se funciona.

Rincewind olhou fixamente para o rapaz. Depois olhou para baixo para o vasto panorama dos reinos do mundo. Será que eu era assim na idade dele? – Interrogou-se Rincewind. – Como consegui sobreviver?

– O mundo é assim – disse, resignadamente. – Claro que tudo funciona muito bem. Quer dizer, pensa só nisto: furacões, deslocamento de continentes, o ciclo das chuvas. Está tudo ali. Tudo a funcionar como o mecanismo de um relógio. Um mundo assim vai durar eternamente. Se for usado com cuidado.

Eric observou o mundo com um olhar crítico. Tinha a expressão de alguém que sabia que todos os melhores presentes da vida pareciam exigir o equivalente psíquico à energia de 2 pilhas bem grandes e que as lojas só estariam abertas depois das férias.

– Tem de haver uma homenagem – afirmou Eric, em tom categórico.

– O quê?

– Os reis do mundo – disse Eric. – Eles têm de me prestar uma homenagem.

– Planeaste isto tudo, não foi? – disse Rincewind, em tom sarcástico. – Só queres uma homenagem? Não quererás também a Lua, já que estamos aqui em cima? Oferta especial da semana, um satélite por cada mundo dominado...

– A Lua tem algum mineral útil?

– O quê?

Eric suspirou de impaciência.

"Minerals," he said. "Ores. You know."

Rincewind coloured. "I don't think a lad your age should be thinking of..."

"I mean metal and things. It's no use to me if it's just a load of rock."

Rincewind looked down. The Discworld's tiny moonlet was just rising over the far edge, and shed a pale radiance across the jigsaw pattern of land and sea.

"Oh, I don't know. It looks quite nice," he volunteered. "Look, it's dark now. Perhaps everyone can pay you tribute in the morning?"

"I want some tribute now."

"I thought you might."

Rincewind gave his fingers a careful examination. It wasn't as if he'd ever been particularly good at snapping them.

He gave it another try.

When he opened his eyes again he was standing up to his ankles in mud.

Pre-eminent amongst Rincewind's talents was his skill in running away, which over the years he had elevated to the status of a genuinely pure science; it didn't matter if you were fleeing from or to, so long as you were fleeing. It was flight alone that counted. I run, therefore I am; more correctly, I run, therefore with any luck I'll still be.

But he was also skilled in languages and in practical geography. He could shout `help!` in fourteen languages and scream for mercy in a further twelve. He had passed through many of the countries on the Disc, some of them at high speed, and during the long, lovely, boring hours when he'd worked in the Library he'd whiled away the time by reading up on all the exotic and faraway places he'd never visited. He remembered that at the time he'd sighed with relief that he'd never have to visit them.

And, now, here he was.

Jungle surrounded him. It wasn't nice, interesting, open jungle, such as leopard-skin-clad heroes might swing through, but serious, real jungle, jungle that towered up like solid slabs of greenness, thorned and barbed, jungle in which every representative of the vegetable kingdom had really rolled up its bark and got down to the strenuous business of outgrowing all competitors. The soil was hardly soil at all, but dead plants on the way to compost hood; water dripped from leaf to leaf, insects whined in the humid, spore-laden air, and there was the terrible breathless silence made by the motors of photosynthesis running flat out. Any yodelling hero who tried to swing through that lot might just as well take his chances with a bean-slicer.

"How do you do that?" said Eric.

"It's probably a knack," said Rincewind.

– Minerais. Metais preciosos, sabes o que é, não sabes?

Rincewind corou. – Acho que um menino da tua idade não devia pensar nessas coisas...

– Estou a falar de metais e coisas do género. Não me serve de nada se for só um monte de pedras.

Rincewind olhou para baixo. A Lua minúscula do Disco estava a aparecer no horizonte e espalhava uma luz pálida sobre os contornos recortados de terra e mar.

– Oh, não sei. É muito bonito – comentou Rincewind. – Repara, já escureceu. Se calhar a tua homenagem só vai ser possível amanhã de manhã...

– Mas eu quero a homenagem agora.

– Pois, eu já calculava.

Rincewind examinou os dedos com cuidado. Nunca tinha tido muito jeito para dar estalos com os dedos.

Tentou de novo. Quando voltou a abrir os olhos, estava de pé, atolado em lama até aos tornozelos.

De entre os talentos de Rincewind, destacava-se a sua capacidade de se por em fuga, habilidade que, ao longo dos anos, conseguira aperfeiçoar; não importava se estava a fugir de alguma coisa ou para algum sítio, desde que estivesse a fugir. O que interessava era a fuga, propriamente dita. Corro, logo existo; ou mais corretamente: corro, então, com sorte, continuarei a existir.

Mas ele também era bom em línguas e geografia. Sabia gritar por ‘socorro’ em catorze línguas e implorar por piedade em outras doze. Percorrera muitos países do Disco, alguns deles a alta velocidade e, durante as longas, esplêndidas e entediadas horas durante as quais trabalhara na Biblioteca, passara o tempo a fazer pesquisa sobre todos os lugares exóticos e longínquos onde nunca tinha estado. Lembrava-se de que, naquela época, tinha respirado de alívio por nunca ter visitado tais lugares.

E agora, ali estava ele.

A selva rodeava-o. Não era uma selva bonita, interessante, com clareiras onde heróis vestidos com pele de leopardo poderiam balançar-se de um lado para o outro, pendurados em lianas. Era uma selva real, agreste, rodeada de blocos sólidos de vegetação, espinhos e farpas, onde cada um dos representantes do reino vegetal tinha ‘arregaçado a casca’ e se empenhara na tarefa árdua de crescer mais do que os seus adversários. O chão tinha pouca terra, estava coberto por uma enorme quantidade de plantas mortas em decomposição. A água escorria de folha em folha, os insetos lamentavam-se no ar húmido e carregado de germes e havia o silêncio terrível dos motores da fotossíntese na monotonia do seu funcionamento. Qualquer herói a cantar, que tentasse baloiçar-se pendurado numa liana por aquele sítio, corria o mesmo risco se tentasse passar por entre as lâminas de um cortador de legumes.

– Como é que consegues fazer isso? – perguntou Eric.

– Deve ser um dom – respondeu Rincewind.

Eric subjected the wonders of Nature to a cursory and disdainful glance.

"This doesn't look like a kingdom," he complained. "You said we could go to a kingdom. Do you call this a kingdom?"

"This is probably the rain forests of Klatch",^{NT50} said Rincewind. "They're stuffed full of lost kingdoms."

"You mean mysterious ancient races of Amazonian princesses who subject all male prisoners to strange and exhausting progenerative rites?" said Eric, his glasses beginning to fog.

"Ha-ha," said Rincewind stonily. "What an imagination the child has."

"Wosname, wosname, wosname!" shrieked the parrot.

"I've read all about them," said Eric, peering into the greenery. "Of course, I own those kingdoms as well." He stared at some private inner vision. "Gosh," he said, hungrily.

"I should concentrate on the tribute if I was you," said Rincewind, setting off down what was possibly a path.

The brightly coloured blooms on a tree nearby turned to watch him go.

In the jungles of central Klatch there are, indeed, lost kingdoms of mysterious Amazonian princesses who capture male explorers for specifically masculine duties. These are indeed rigorous and exhausting and the luckless victims do not last long. This is because wiring plugs, putting up shelves, sorting out the funny noise in attics and mowing lawns can eventually reduce even the strongest constitution.

There are also hidden plateaux where the reptilian monsters of a bygone epoch romp and play, as well as elephants' graveyards, lost diamond mines, and strange ruins decorated with hieroglyphs the very sight of which can freeze the most valiant heart.

On any reasonable map of the area, there is barely room for the trees.

The few explorers who have returned have passed on a number of handy hints to those who follow after, such as: 1) avoid, if possible, any hanging-down creepers with beady eyes and a forked tongue at one end; 2) don't pick up any orange-and-black-stripped creepers that are apparently lying across the path, twitching, because there is often a tiger on the other end; and 3) don't go.

^{NT50} **Klatch** – Grande país multiétnico e o mais importante do continente. Muito parecido com a Arábia medieval, com um sistema político que faz lembrar o do Império Otomano.

http://en.wikipedia.org/wiki/Discworld_geography#Klatch, consultado em 27-01-2010

Eric lançou um olhar rápido e arrogante àquelas maravilhas da Natureza.

– Isto não se parece nada com um reino – argumentou Eric. – Disseste que íamos ter a um reino. Chamas a isto ‘um reino’?

– Talvez seja a floresta tropical de Klatch – respondeu Rincewind. – Isto está a abarrotar de reinos perdidos.

– Referes-te a raças antigas e misteriosas de princesas da Amazónia que submetiam todos os prisioneiros machos a estranhos e exaustivos rituais de procriação? – perguntou Eric, com as lentes dos óculos a começarem a ficar embaciadas.

– Ah, ah – respondeu Rincewind, com frieza. – A imaginação que esta criança tem.

– Um coiso, um coiso, um coiso! – gritou o papagaio.

– Já li sobre eles – disse Eric espreitando por entre as folhas. – Claro que estes reinos também são meus.

Perdeu-se nos seus pensamentos mais secretos. – Caramba! – exclamou, em tom ávido.

– Se estivesse no teu lugar, concentrava-me na tal homenagem – sugeriu Rincewind, começando a seguir o que possivelmente era um trilho na floresta.

As flores coloridas e brilhantes de uma árvore próxima viraram-se para o observar.

Nas selvas do Klatch Central existem, de facto, reinos perdidos de misteriosas princesas Amazónicas que capturam os exploradores para desempenharem tarefas tipicamente masculinas. São trabalhos muito duros e cansativos e as infelizes vítimas não duram muito tempo. Isto, porque instalar tomadas, montar prateleiras, verificar a origem de barulhos estranhos vindos do sótão e cortar a relva, podem enfraquecer até a constituição física mais robusta.

Também existem os planaltos escondidos, onde monstros rastejantes de uma época remota brincam ruidosamente, além de cemitérios de elefantes, grutas perdidas de diamantes e ruínas estranhas decoradas com hieróglifos cuja visão pode fazer paralisar o coração mais corajoso.

Em qualquer mapa aceitável daquela região, mal se encontrava espaço para as árvores.

Os poucos exploradores que conseguiram regressar, deixaram alguns conselhos para os que lhes sucederam, tais como: 1) evitar, se possível, qualquer criatura rastejante com olhos pequenos e brilhantes, com uma língua bifurcada e que esteja pendurada; 2) não pegar em nenhum bicho rastejante com riscas pretas e cor de laranja, que pareça estar deitado no meio do caminho, contorcendo-se, porque, geralmente, há um tigre na outra ponta; 3) não vá.

If I'm a demon, Rincewind thought hazily, why is everything stinging me and trying to trip me up? I mean, surely I can only be harmed by a wooden dagger through my heart? Or do I mean garlic?

Eventually the jungle opened out into a very wide, cleared area that stretched all the way to a distant blue range of volcanoes. The land fell away below them to a patchwork of lakes and swampy fields, here and there punctuated by great stepped pyramids, each one crowned with a thin plume of smoke curling into the dawn air. The jungle track opened out into a narrow, but paved, road.

"Where's this demon?" said Eric.

"It looks like one of the Tezuman kingdoms⁵¹," said Rincewind. "They're ruled over by the Great Muzuma, I think."

"She's an Amazonian princess, is she?"

"Strangely enough, no. You'd be astonished how many kingdoms aren't ruled by Amazonian princesses, Eric."

"It looks pretty primitive, anyway. A bit Stone Age."

"The Tezuman priests have a sophisticated calendar and an advanced horology," quoted Rincewind.

"Ah," said Eric, "Good."

"No," said Rincewind patiently. "It means time measurement."

"Oh."

"You'd approve of them. They're superb mathematicians, apparently."

"Huh..." said Eric, blinking solemnly. "Shouldn't think they've got a lot to count in a backward civilisation like this."

Rincewind eyed the chariots that were heading rapidly towards them.

"I think they usually count victims," he said.

The Tezuman Empire in the jungle valleys of central Klatch is known for its organic market gardens, its exquisite craftsmanship in obsidian, feathers and jade, and its mass human sacrifices in honour of Quezovercoatl,^{NT52} the Feathered Boa, god of mass human sacrifices. As they said, you always knew where you stood with Quezovercoatl. It was generally with a lot of people on top of a great stepped pyramid with someone in an elegant feathered head-dress chipping an exquisite obsidian knife for your very own personal use.

^{NT51} **Tezuman** – Alusão ao povo Asteca.

http://wiki.lspace.org/wiki/Tezuman_Empire, consultado em 27-01-2010

^{NT52} **Quezovercoatl** – Alusão a Quetzalcóatl, uma divindade das culturas da América Central, em especial da cultura asteca, também venerada pelos Toltecas e Maias. É considerada por alguns pesquisadores como a principal divindade desta cultura pré-hispânica. Os astecas incorporaram esta deidade quando chegaram ao vale do México, mas modificaram o seu culto, eliminando algumas partes, como a proibição dos sacrifícios humanos. O nome de Quetzalcóatl é composto por duas palavras: *quetzal*, que é uma ave de formosa plumagem que habita a selva e *cóatl*, "serpente" e é usualmente traduzida como "Serpente Emplumada", "Pássaro Serpente", ou "Pássaro Serpente da Guerra".

<http://en.wikipedia.org/wiki/Quetzalcoatl>, consultado em 27-01-2010

– Se eu sou um demônio, pensou Rincewind, confuso, porque será que tudo me incomoda e todos tentam passar-me rasteiras? Quer dizer, eu só poderia ser atingido por uma espada de madeira no coração. Ou será que tinha de ser alho?

Por fim, a selva abria-se numa vasta clareira que se estendia até uma distante cadeia de vulcões azuis. O terreno alargava-se diante deles até uma mancha de lagos e pântanos, marcada aqui e ali por grandes pirâmides, todas coroadas com uma fina espiral de fumo que subia no ar. O trilho da selva desembocava numa estrada estreita e pavimentada.

– Onde estamos, demônio? perguntou Eric.

– Parece um dos reinos dos Tezuman – respondeu Rincewind. São governados pela Grande Muzuma, acho eu.

– É uma princesa Amazónica, não é?

– Não, por mais estranho que pareça. Ficarias admirado com a quantidade de reinos que não são governados por princesas Amazónicas, Eric.

– Acho tudo isto muito primitivo. Um pouco como a Idade da Pedra.

– Os sacerdotes de Tezuman têm um calendário sofisticado e uma horologia avançada – citou Rincewind.

– Ah! – disse Eric. – Pois.

– Não – disse Rincewind, pacientemente. – Significa medição do tempo.

– Oh.

– Acho que havias de gostar deles. Parece que são excelentes matemáticos.

– Hah.... – disse Eric, pestanejando solenemente. – Ninguém diria que eles têm muita coisa para contar numa civilização atrasada como esta.

Rincewind observou as quadrigas que se aproximavam velozes em sua direção.

– Parece que contam as vítimas – disse Rincewind.

O Império Tezuman, nos vales da selva do Klatch central, é conhecido pelas suas hortas orgânicas, o belíssimo artesanato em obsidiana, plumas e jade, e os sacrifícios humanos em massa em honra de Quezovercoatl, a Jiboia de Plumam, a deusa dos sacrifícios humanos em massa. Como diziam, sabiam com o que contar com Quezovercoatl. Normalmente é no meio de muita gente, no topo de uma grande pirâmide, perto de um indivíduo com um elegante enfeite de plumas na cabeça, que afia uma faca de obsidiana para usar naquelas pessoas.

The Tezumen are renowned on the continent for being the most suicidally gloomy, irritable and pessimistic people you could ever hope to meet, for reasons that may soon be made clear. It was true about the time measurement as well. The Tezumen had realised long ago that everything was getting worse and, having a terrible literal-mindedness, had developed a complex system to keep track of how much worse each succeeding day was.

Contrary to general belief, the Tezumen did invent the wheel. They just had radically different ideas about what you used it for.

It was the first chariot that Rincewind had ever seen that was pulled by llamas. That wasn't what was odd about it. What was odd about it was that it was being carried by people, two holding each side of the axle and running after the animals, their sandalled feet flapping on the flagstones.

"Do you think it's got the tribute in it?" said Eric.

All the leading chariot seemed to contain, apart from the driver, was a squat, basically cube-shaped man wearing a puma-skin outfit and a feather head-dress.

The runners panted to a halt, and Rincewind saw that each man wore what would probably be described as a primitive sword, made by affixing shards of obsidian into a wooden club. They looked to him no less deadly than sophisticated, extremely civilised swords. In fact they looked worse.

"Well?" said Eric.

"Well what?" said Rincewind.

"Tell him to give me my tribute."

The fat man got down ponderously, marched over to Eric and, to Rincewind's extreme surprise, groveled.

Rincewind felt something claw its way up his back and onto his shoulder, where a voice like a sheet of metal being torn in half said, "That's better. Very wosname, comfy. If you try and knock me off, demon, you can wosname your ear goodbye. What a turn up for the scrolls, eh? They seemed to be expecting him."

"Why do you keep saying wosname?" said Rincewind.

"Limited wosname. Doodah. Thingy. You know. It's got words in it," said the parrot.

"Dictionary?" said Rincewind.

The passengers in the other chariots had got out and were also grovelling to Eric, who was beaming like an idiot.

The parrot considered this.

Os Tezumanos são conhecidos no continente por serem o povo mais suicida, deprimido, irascível e pessimista que alguém pode encontrar, por razões que serão esclarecidas em breve. Isso também se aplicava à forma como eles mediam o tempo. Os Tezumanos perceberam há muito que tudo piorava constantemente, e com a sua forma de pensar muito prosaica, desenvolveram um sistema complexo que lhes permitia registar como as coisas pioravam a cada dia que passava.

Ao contrário do que se possa pensar, foram os Tezumanos que inventaram a roda. Só que tinham ideias muito radicais quanto ao seu uso.

Aquela era a primeira vez que Rincewind via uma quadriga puxada por lamas. E não era isso que era o mais estranho. O que era estranho é que a quadriga era puxada por duas pessoas, uma de cada lado do eixo que corriam atrás dos animais com as sandálias a bater no empedrado do chão.

– Não achas que isso pode ser uma espécie de homenagem? – perguntou Eric.

O que a primeira quadriga transportava, para além do condutor, era um indivíduo atarracado, o corpo praticamente em forma de cubo, vestido com pele de puma e um chapéu de plumas na cabeça.

Os corredores ofegavam com o esforço para fazer parar a quadriga, e Rincewind reparou que cada um usava o que poderia ser descrito como uma espada primitiva, feita com pedaços de obsidiana colados num bastão de madeira. Pareciam-lhe não menos mortíferos do que espadas sofisticadas e civilizadas. Na realidade, pareciam bem piores.

– Então? – perguntou Eric.

– Então o quê? – respondeu Rincewind.

– Diz-lhes para me prestarem homenagem.

O homem gordo desceu da quadriga com movimentos pesados, caminhou em direção a Eric e, para extrema surpresa de Rincewind, ajoelhou-se aos pés de Eric.

Rincewind sentiu alguma coisa a subir-lhe pelas costas até ao ombro e uma voz, que parecia uma lâmina de metal a ser rasgada, disse:

– Assim estou melhor. Muito coiso, confortável. Se tentares atirar-me ao chão, demónio, podes coisar adeus à tua orelha. Com isto não contavas tu, pois não? Parece que estavam à espera dele.

– Porque é que estás sempre a dizer coiso? – perguntou Rincewind.

– Tenho um coiso limitado. Aquela coisa. Como é que se chama? Aquilo que tem palavras – disse o papagaio.

– Dicionário? – sugeriu Rincewind.

Os passageiros da outra quadriga tinham descido e também faziam vénias a Eric, que sorria como um idiota.

O papagaio pensou sobre a resposta.

"Yeah, probably," it said. "I've got to wing it to you," it went on. "I thought you were a bit of a wossname at the start, but you seem to be delivering the wossname."

"Demon?" said Eric, airily.

"Yes?"

"What are they saying? Can't you speak their language?"

"Er, no," said Rincewind. "I can read it, though," he called out, as Eric turned away. "If you could just sort of make signs for them to write it down..."

It was around noon. In the jungle behind Rincewind creatures whooped and gibbered. Mosquitoes the size of hummingbirds whined around his head.

"Of course," he said, for the tenth time, "They've never really got around to inventing paper."

The stonemason stood back, handed the latest blunted obsidian chisel to his assistant, and gave Rincewind an expectant look.

Rincewind stood back and examined the rock critically.

"It's very good," he said. "I mean, it's a very good likeness. You've got his hairstyle and everything. Of course, he's not as, eh..., square as that normally but, yes, very good. And here's the chariot and here's the step-pyramids. Yes. Well, it looks as though they want you to go to the city with them," he said to Eric.

"Tell them yes," said Eric firmly.

Rincewind turned to the headman.

"Yes," he said.

"Hunched-figure-in-triple-feathered-headress-over-three-dots"

Rincewind sighed. Without saying a word, the stonemason put a fresh stone chisel into his unresisting fingers and manhandled a new slab of granite into position.

One of the problems of being a Tezuman, apart from having a god like Quezovercoatl, is that if you unexpectedly need to order an extra pint of milk tomorrow you probably should have started writing the note for the milkman last month. Tezumen are the only people who beat themselves to death with their own suicide notes.

It was late afternoon by the time the chariot trotted into the slab city around the largest pyramid, between lines of cheering Tezumen.

"This is more like it," said Eric, graciously acknowledging the cheers. "They're very pleased to see us."

"Yes," said Rincewind, gloomily. "I wonder why...?"

"Well, because I'm the new ruler, of course."

– Pois, provavelmente – respondeu – vou ter de dar a asa a torcer – continuou. – No princípio, pensava que eras um pouco coiso, mas parece que estás a dar conta do coiso.

– Demónio? – gritou Eric, alegremente.

– Sim?

– O que é que eles estão a dizer? Sabes falar a língua deles?

– Eh..., não – respondeu Rincewind – Mas sei ler – gritou, enquanto Eric se afastava – Se conseguires fazer um gesto para eles escreverem o que estão a dizer....

Era quase meio-dia. Na selva, atrás de Rincewind, havia criaturas a gritar e a fazer algazarra. Mosquitos do tamanho de colibris zumbiam à volta da sua cabeça.

– É claro – disse, pela décima vez – eles nunca estiveram nem sequer perto de inventar o papel.

O pedreiro recuou, entregou o cinzel tosco de obsidiana ao ajudante e lançou um olhar de esperança a Rincewind.

Rincewind recuou e examinou a pedra com um olhar crítico.

– Está muito bem – disse ele – Quer dizer, está muito parecido. Fizeram o penteado como o dele e tudo. Claro que não é tão..., eh, quadrado, mas está bem, está muito bem. E está aqui a quadriga e ali as pirâmides. Pois. Bem, parece que eles querem que vás à cidade com eles – disse a Eric.

– Diz-lhes que vou – respondeu Eric, com firmeza.

Rincewind virou-se para o chefe.

– Está bem – disse ele.

– **‘Figura-curvada-com-chapéu-de-três-penas-com-três-marcas’.**

Rincewind suspirou. Sem dizer uma só palavra, o pedreiro pegou num novo cinzel de pedra com os seus dedos incansáveis e colocou uma nova placa de granito em posição.

Um dos problemas de ser um Tezumano, sem contar com o facto de ter um deus como Quezovercoatl, é que se de repente precisar de mais um litro de leite para o dia seguinte, deveria ter começado a esculpir o pedido para o leiteiro no mês anterior. Os Tezumanos são o único povo que usa o próprio bilhete suicida para se matar.

Já no fim da tarde, a quadriga entrou, a trote, na cidade empedrada, à volta da maior pirâmide, por entre filas de Tezumanos que aplaudiam.

– Assim está melhor – disse Eric, respondendo, com elegância, às saudações. – Eles estão muito felizes com a nossa presença.

– Sim – respondeu Rincewind, em tom pessimista – Porque será...?

– Bem, é porque eu sou o novo chefe, claro.

"Humm."

Rincewind glanced sidelong at the parrot, who had been unnaturally silent for some time and was now cowering up against his ear like an elderly spinster in a strip club. It was having serious thoughts about the exquisite feather headdresses.

"Wosname bastards," it croaked. "Any wosname lays a hand on me and that wosname is minus one finger, I'm telling you."

"There's something not right about this," said Rincewind.

"What's that?" said the parrot.

"Everything."

"I'm telling you, one feather out of place..."

Rincewind wasn't used to people being pleased to see him. It was unnatural, and boded no good. These people were not only cheering, they were throwing flowers and hats. The hats were made out of stone, but the thought was there.

Rincewind thought they were rather odd hats. They didn't have crowns. They were, in fact, mere discs with holes in the middle.

The procession trotted up the wide avenues of the city to a cluster of buildings at the foot of the pyramid, where another group of civic dignitaries was waiting for them.

They were wearing lots of jewelry. It was all basically the same. There are quite a lot of uses to which you can put a stone disc with a hole in the middle, and the Tezumen had explored all but one of them.

More important, though, were the boxes and boxes of treasure stacked in front of them. They were stuffed with jewels.

Eric's eyes widened.

"The tribute!" he said.

Rincewind gave up. It really was working. He didn't know how, he didn't know why, but at last it was all going right. The setting sun glinted off a dozen fortunes. Of course, it belonged to Eric, presumably, but maybe there was enough for him too...

"Naturally," he said weakly. "What else did you expect?"

And there was feasting, and long speeches that Rincewind couldn't understand but which were punctuated with cheers and nods and bows in Eric's direction. And there were long recitals of Tezuman music, which sounds like someone clearing a particularly difficult nostril.

Rincewind left Eric sitting proudly enthroned in the firelight and wandered disconsolately across to the pyramid.

– Humm.

Rincewind olhou de lado para o papagaio, que, estranhamente ficara em silêncio durante algum tempo e agora se encolhia contra a sua orelha, como se fosse uma solteirona num clube de *strip*. Estava com pensamentos muito sérios sobre os soberbos enfeites de cabeça feitos com plumas.

– Os canalhas dos coisos – grasnou o papagaio. – Qualquer coiso que me ponha a mão em cima, fica sem um dedo, estou a avisar.

– Há aqui qualquer coisa errada – disse Rincewind.

– O que é?

– Tudo.

– Estou a dizer-te... uma pena fora do lugar...

Rincewind não estava habituado a que as pessoas ficassem felizes quando o viam. Não era natural e não pressagiava nada de bom. Aquela gente não estava apenas a aplaudir, também atiravam flores e chapéus. Os chapéus eram feitos de pedra, mas o que conta é a intenção.

Rincewind achava aqueles chapéus muito estranhos. Não tinham copa. Eram apenas simples discos com buracos no meio.

A procissão avançou pelas largas avenidas da cidade até um grupo de construções na base da pirâmide, onde outro grupo de dignitários os aguardava.

Usavam muitas joias. Eram praticamente todas iguais. Há muitas formas de usar um disco com um buraco no meio e os Tezumanos tinham explorado todas exceto uma. O mais importante, no entanto, eram os baús e baús de tesouros empilhados diante deles. Estavam a abarrotar de joias.

Eric arregalou os olhos.

– A homenagem! – disse ele.

Rincewind desistiu. Aquilo estava mesmo a acontecer. Não sabia como nem porquê, mas, por fim, estava tudo a correr bem. O pôr-do-sol fazia reluzir todas aquelas joias. Claro que também pertenciam todas a Eric mas, talvez sobrassem algumas para ele...

– Naturalmente – disse ele, baixinho – O que mais podia ser?

Houve grandes banquetes e longos discursos que Rincewind não conseguia perceber, mas que eram marcados por vivas, expressões de aprovação e vénias dirigidas a Eric. E também longos recitais de música tezumana, cujos sons eram parecidos com os de alguém a desobstruir as narinas com dificuldade.

Rincewind deixou Eric sentado orgulhosamente num trono à luz da fogueira e deambulou tristemente até à pirâmide.

"I was enjoying the wosname," said the parrot, reproachfully.

"I can't settle down," said Rincewind. "I'm sorry, but this sort of thing has never happened to me before. All the jewels and things. Everything going as expected. It's not right."

He looked up the monstrous face of the steep pyramid, red and flickering in the firelight. Every huge block was carved with a bas-relief of Tezumen doing terribly inventive things to their enemies. It suggested that the Tezumen, whatever sterling qualities they possessed, were not traditionally inclined to welcome perfect strangers and heap them with jewels. The overall effect of the great heap of carvings was very artistic... it was just the details that were horrible.

While working his way along the wall he came to a huge door, which artistically portrayed a group of prisoners apparently being given a complete medical check-up. From a distance it did, anyway. Close to, no.

It opened into a short, torch-lit tunnel. Rincewind took a few steps along it, telling himself he could always hurry out again, and came out into a lofty space which occupied most of the inside of the pyramid.

There were more torches all around the walls, which illuminated everything quite well.

That wasn't really welcome because what they mainly illuminated was a giant-sized statue of Quezovercoatl, the Feathered Boa.

If you had to be in a room with that statue, you'd prefer it to be pitch dark.

Or, then again, perhaps not. A better option, would be to put the thing in a darkened room while you had insomnia a thousand miles away, trying to forget what it looked like.

It's just a statue, Rincewind told himself. It's not real. They've just used their imagination, that's all.

"What the wosname is it?" said the parrot.

"It's their god."

"Getaway?"

"No, really. It's Quezovercoatl. Half man, half chicken, half jaguar, half serpent, half scorpion and half mad."

The parrot's beak moved as it worked this out.

"That makes a wosname total of three homicidal maniacs," it said.

"About right, yes," said the statue.

"On the other hand," said Rincewind instantly, "I do think it's frightfully important for people to have the right to worship in their own special way, and now I think we'll just be going, so just..."

"Please don't leave me here," said the statue. "Please take me with you."

– Eu estava a gostar da coisa – disse o papagaio, em tom de reprovação.

– Não estou sossegado. – Disse Rincewind. – Desculpa, mas este tipo de situação nunca me aconteceu antes. Aquelas joias todas e o resto. Tudo a correr bem. Há aqui qualquer coisa errada.

Olhou para a face monstruosa da pirâmide íngreme, vermelha e a brilhar à luz da fogueira. Cada bloco enorme tinha esculturas em baixo-relevo que representavam Tezumanos a fazer coisas terrivelmente inventivas aos seus inimigos. Isso sugeria que os Tezumanos, por mais qualidades que eventualmente possuíssem, não tinham muito o hábito de receber bem e encher de joias pessoas totalmente desconhecidas. O efeito do conjunto das esculturas era muito artístico... só os pormenores é que eram horripilantes.

Enquanto caminhava ao longo da parede, Rincewind encontrou uma porta enorme que retratava artisticamente um grupo de prisioneiros a serem objeto de um exame médico completo. Pelo menos, à distância, era o que parecia. Mas ao perto, não.

A porta dava para um túnel curto, iluminado por archotes. Rincewind deu alguns passos em frente, tentando convencer-se que, a qualquer momento, podia voltar para trás a correr, e chegou a um espaço amplo que ocupava grande parte do interior da pirâmide.

Havia mais tochas espalhadas pelas paredes e todo o espaço estava muito bem iluminado.

A vista não era lá muito agradável, pois os archotes iluminavam, principalmente, uma estátua gigante de Quezovercoatl, a Jiboia de Plumas.

Quem estivesse numa sala com aquela estátua, ia preferir estar às escuras.

Ou por outro lado, talvez não. Talvez a melhor opção fosse colocar o objeto numa sala escura e ficar a quilómetros de distância, cheio de insónias, tentando esquecer o seu aspeto.

– É só uma estátua – pensou Rincewind. – Não é real. Eles usaram apenas a imaginação, mais nada.

– O que é esse coiso? – perguntou o papagaio.

– É o deus deles.

– Fugimos?

– Não. É o Quezovercoatl. Meio homem, meio galinha, meio onça, meio serpente, meio escorpião e meio louco.

O bico do papagaio mexia-se enquanto tentava perceber tudo aquilo.

– Isto dá um coiso total de três maníacos homicidas – disse o papagaio.

– É, mais ou menos isso – respondeu a estátua.

– Por outro lado – disse Rincewind, rapidamente, – acho muito importante que as pessoas tenham direito a prestar culto aos seus deuses à sua maneira; e agora, acho que está na altura de irmos embora.

– Não me deixem sozinho, por favor – disse a estátua – Por favor, levem-me convosco.

"Could be tricky, could be tricky," Rincewind said hurriedly, backing away. "It's not me, you understand, it's just that where I come from, everyone has this racial prejudice thing against thirty-foot-high people with fangs and talons and necklaces of skulls all over them. I just think you'll have trouble fitting in."

The parrot tweaked his ear.

"It's coming from behind the statue, you stupid wosname," it croaked.

It turned out to be coming from a hole in the floor. A pale face peered short-sightedly up at Rincewind, from the depths of a pit. It was an elderly, good-natured face with a faintly worried expression.

"Hallo?" said Rincewind.

"You don't know what it means to hear a friendly voice again," said the face, breaking into a grin.

"If you could just sort of help me up...?"

"Sorry?" said Rincewind. "You're a prisoner, are you?"

"Alas, this is so."

"I don't know that I ought to go around rescuing prisoners just like that," said Rincewind. "I mean, you might have done anything."

"I am entirely innocent of all crimes, I assure you."

"Ah, well, so you say," said Rincewind gravely. "But if the Tezumen have judged..."

"Wosname, wosname, wosname!" shrieked the parrot in his ear as it bounced up and down on his shoulder. "Haven't you got the faintest? Where've you been? He's a prisoner! A prisoner in a temple! You've got to rescue prisoners in temples! That's what they're bloody there for!"

"No it isn't," snapped Rincewind. "That's all you know! He's probably here to be sacrificed! Isn't that right?" He looked at the prisoner for confirmation.

The face nodded. "Indeed, you are correct. Flayed alive in fact."

"There!" said Rincewind to the parrot. "See? You think you know everything! He's here to be flayed alive."

"Every inch of skin removed to the accompaniment of exquisite pain," added the prisoner, helpfully.

Rincewind paused. He thought he knew the meaning of the word "exquisite", and it didn't seem to belong anywhere near "pain".

– Isso pode ser complicado, pode ser complicado – disse Rincewind, apressadamente, enquanto recuava – Não é por mim, compreende, é só porque do sítio de onde venho, todos têm muitos preconceitos raciais em relação a pessoas com 9 metros de altura com dentes enormes e garras e que usam colares feitos com caveiras. Acho que ia ter dificuldade em se adaptar.

O papagaio beliscou-lhe a orelha.

– A voz vem da parte de trás da estátua, seu coiso burro. – Gritou o papagaio.

Afinal, a voz vinha de um buraco no chão. Um rosto pálido, no fundo de um poço, semicerrava os olhos para espiar Rincewind. Era um rosto bondoso e de idade avançada, com uma leve expressão de preocupação.

– Sim? disse Rincewind.

– Não imaginam como é bom ouvir uma voz amiga, outra vez – disse o rosto, abrindo-se num largo sorriso. – Podem ajudar-me a subir...?

– Como? – perguntou Rincewind – És um prisioneiro, não és?

– Ai de mim, é verdade.

– Não sei se devo andar por aí a libertar prisioneiros, assim, sem mais nem menos – disse Rincewind – quer dizer, deves ter feito alguma coisa.

– Estou completamente inocente de todos os crimes de que me acusam, garanto-vos.

– Pois, isso é o que tu dizes – respondeu Rincewind, em tom sério. – Mas se os Tezumanos te condenaram...

– Um coiso, um coiso, um coiso! – gritou o papagaio, em tom estridente, nos ouvidos de Rincewind, aos pulos no seu ombro – Não tens noção do que estás a fazer? Em que estás a pensar? Ele é um prisioneiro! Está preso num templo! Tens de salvar os prisioneiros dos templos! É para o raio disso que eles lá estão!

– Nada disso – retorquiu Rincewind. – Isso é o que tu pensas! Provavelmente, está aqui para ser sacrificado. É assim ou não? – E olhou para o prisioneiro à espera de confirmação.

O rosto fez um movimento afirmativo.

– Tens razão. Vou ser esfolado vivo.

– Estás a ver? – disse Rincewind ao papagaio. – Vês? Achas que sabes tudo! Ele vai ser esfolado vivo!

– Cada pedacinho de pele arrancado, acompanhado de uma dor magnífica – acrescentou o prisioneiro, para ajudar.

Rincewind parou. Pensava que sabia o significado da palavra ‘magnífica’, e não lhe parecia que combinasse com o da palavra ‘dor’.

"What, every bit?" he said.

"This is apparently the case."

"Gosh! What was it you did?"

The prisoner sighed.

"You'd never believe me..." he said.

The Demon King let the mirror darken and drummed his fingers on his desk for a moment. Then he picked up a speaking tube and blew into it.

Eventually a distant voice said: "Yes, guv?"

"Yes, **Sir!**" snapped the King.

The distant voice muttered something. "Yes, **Sir?**" it added.

"Do we have a Quezovercoatl working here?"

"I'll see, guv." The voice faded. Came back. "Yes, guv."

"Is he a Duke, Earl, Count or Baron?" said the King.

"No, guv."

"Well, what is he?"

There was a long silence at the other end.

"Well?" said the King.

"He's no one much, guv".

The King glared at the tube for some time. You try, he thought. You make proper plans, you try to get organised, you try to help people, and this is what you get.

"Send him to see me," he said.

Outside, the music rose to a crescendo and stopped. The fires crackled. From the distant jungles a thousand glowing eyes watched the proceedings.

The high priest stood up and made a speech. Eric beamed like a pumpkin. A long line of Tezumen brought baskets of jewels which they scattered before him.

Then the high priest made a second speech. This one seemed to end on a question.

"Fine," said Eric. "Jolly good. Keep it up."

He scratched his ear and ventured, "You can all have a half holiday."

The high priest repeated the question again, in a slightly impatient tone of voice.

"I'm the one, yes," said Eric, just in case they were unclear. "You've got it exactly right."

The high priest spoke again. This time there was no slightly about it.

– O quê? Cada bocadinho? – Perguntou Rincewind.

– Aparentemente é esse o caso.

– Caramba! O que é que fizeste?

O prisioneiro suspirou.

– Nunca ias acreditar... – disse ele.

O Rei Demónio esperou que o espelho escurecesse e tamborilou com os dedos na secretária, por alguns instantes. Depois, pegou num megafone e soprou.

Por fim, uma voz distante disse: – Sim, chefe?

– Sim, Senhor! – gritou o rei.

A voz distante murmurou qualquer coisa. – Sim, **Senhor?** – acrescentou.

– Temos alguém chamado Quezovercoatl a trabalhar aqui?

– Vou verificar, chefe – disse a voz, afastando-se. Voltou. – Sim, temos, chefe.

– É algum Duque, Conde, ou Barão? perguntou o Rei.

– Não, chefe.

– Então, o que é que ele é?

Fez-se um longo silêncio do outro lado.

– Então? – Disse o Rei.

– Não é ninguém importante, chefe.

O Rei olhou por instantes, furioso, para o megafone.

– Tentaste – pensou, consigo mesmo. – Fizeste planos, organizaste as coisas, tentaste ajudar os outros e, no fim, é isto que recibes.

– Manda-o cá vir para falar comigo. – disse o Rei.

Lá fora, a música atingiu um crescendo e parou. As fogueiras crepitavam. Das selvas distantes, milhares de olhos brilhantes observavam o que se passava.

O sumo-sacerdote levantou-se e discursou. Eric tinha um sorriso de orelha a orelha, parecia uma abóbora no Dia das Bruxas. Uma fila enorme de Tezumanos trazia cestos cheios de joias que eles espalhavam aos seus pés.

A seguir, o sumo-sacerdote fez outro discurso. Este pareceu acabar com uma pergunta.

– Muito bem – disse Eric. – Ótimo. Podem continuar.

Coçou a orelha e disse, de forma ousada: – Estão todos dispensados o resto do dia.

O sumo-sacerdote repetiu a pergunta, com um pouco de impaciência na voz.

– Sou eu, sim, – disse Eric, para esclarecer qualquer dúvida. – Percebeste bem.

O sumo-sacerdote falou de novo. E desta vez, num tom bastante impaciente.

"Let's just run through this again, shall we?" said the Demon King. He leaned back in his throne. "You happened to find the Tezumen one day and decided, I think I recall your words correctly, that they were a bunch of Stone-Age no-hopers sitting around in a swamp being no trouble to anyone', am I right?"

Whereupon you entered the mind of one of their high priests - I believe at the time they worshiped a small stick - drove him insane and inspired the tribes to unite, terrorise their neighbours and bring forth upon the continent a new nation dedicated to the proposition that all men should be taken to the top of ceremonial pyramids and be chopped up with stone knives." The King pulled his notes towards him. "Oh yes, some of them were also to be flayed alive," he added.

Quezovercoatl shuffled his feet.

"Whereupon," said the King, "they immediately engaged in a prolonged war with just about everyone else, bringing death and destruction to thousands of moderately blameless people, etc, etc. Now, look, this sort of thing has got to stop."

Quezovercoatl swayed back a bit.

"It was only, you know, a hobby," said the imp. "I thought, you know, it was the right thing, sort of, thing. Death and destruction and that."

"You did, did you?" said the king. "Thousands of more-or-less innocent people dying? Straight out of our hands," he snapped his fingers, "just like that. Straight off to their happy hunting ground or whatever. That's the trouble with you people. You don't think of the Big Picture. I mean, look at the Tezumen. Gloomy, unimaginative, obsessive... By now, they could have invented a whole bureaucracy and taxation system that could have turned the minds of the continent to slag. Instead of which, they're just a bunch of second-rate axe-murderers. What a waste."

Quezovercoatl squirmed.

The King swiveled the throne back and forth a bit.

"Now, I want you to go straight back down there and tell them you're sorry," he said.

"Pardon?"

"Tell them you've changed your mind. Tell them that what you really wanted them to do was strive day and night to improve the lot of their fellow men. It'll be a winner."

"What?" said Quezovercoatl, looking extremely shifty. "You want me to manifest myself?"

"They've seen you already, haven't they? I saw the statue, it's ver lifelike."

"Well, yes. I've appeared in dreams and that," said the demon uncertainly.

"Right, then. Get on with it."

Quezovercoatl was clearly unhappy about something.

– E se analisássemos esta situação? – disse o Rei Demónio, encostando-se no trono. Um dia destes, encontrei os Tezumanos e disseste, se bem me lembro das tuas palavras, que eles eram ‘uma cambada de falhados da Idade da Pedra, que viviam lá num pântano e não faziam mal a ninguém’, não disseste?

E, a seguir, penetraste na mente de um dos sumo-sacerdotes – acho que, nessa época, eles adoravam um galho de árvore – levaste-o à loucura e inspiraste as tribos a unirem-se, a aterrorizarem a vizinhança e a criarem uma nova nação cujo propósito seria o de levar todos os indivíduos do sexo masculino até ao topo das pirâmides cerimoniais e cortá-los aos bocados com facas de pedra.

O Rei puxou para si os seus apontamentos. – Ah! E que alguns também deveriam ser esfolados vivos – acrescentou o Rei.

Quezovercoatl deu alguns passos, arrastando os pés.

– Depois disso, – continuou o Rei – entraram numa interminável guerra com todos os povos vizinhos, trazendo morte e destruição a milhares de pessoas inocentes, etc, etc. Olha, isto tem de acabar.

Quezovercoatl inclinou-se um pouco para trás.

– Isso foi só uma brincadeira – explicou o diabrete. – Eu pensei que era o que acontecia, percebes? Morte, destruição e coisas desse género.

– Pensaste, não foi? – disse o Rei. – Milhares de pessoas mais ou menos inocentes mortos? Saídos das tuas próprias mãos, assim – e estalou os dedos. – Diretamente para o terreno da caçada, ou lá o que é. É esse o vosso problema. Nunca pensam no que verdadeiramente interessa. Vejam os Tezumanos, por exemplo. Taciturnos, sem imaginação, obsessivos... Por esta altura, já podiam ter inventado um sistema burocrático de impostos que teria transformado os cérebros do continente em escória. Em vez disso, são apenas um bando de assassinos de machado, de segunda categoria. Que desperdício.

Quezovercoatl contorceu-se, desconfortável.

O Rei balançou o trono para a frente e para trás.

– Agora, quero que vás lá e peças desculpa – disse o Rei.

– Desculpe?

– Diz-lhes que mudaste de opinião. Diz que o que realmente querias, era que eles se dedicassem ao progresso dos seus semelhantes. Vai ser um êxito.

– O quê? – perguntou Quezovercoatl, com ar matreiro – Queres que eu me manifeste?

– Eles já te viram, não viram? Eu vi a estátua, tem um aspeto muito real.

– Sim, é verdade. Já apareci em sonhos e coisa assim – disse o demónio, hesitante.

– Muito bem. Então faz o que te disse.

Quezovercoatl estava claramente aborrecido com alguma coisa.

"Eh..." he said. "You want me to actually materialise, sort of thing? I mean, actually sort of turn up on the spot?"

"Yes!"

"Oh!" The prisoner dusted himself down and extended a wrinkled hand to Rincewind.

"Many thanks. Ponce da Quirm,"^{NT53} he said.

"Pardon?"

"It's my name."

"Oh."

"It's a proud old name," said da Quirm, searching Rincewind's eyes for any traces of mockery.

"Fine," said Rincewind, blankly.

"We were searching for the Fountain of Youth," da Quirm went on.

Rincewind looked him up and down.

"Any luck?" he said politely.

"Not significantly, no."

Rincewind peered back down into the pit.

"You said we," he said. "Where's everyone else?"

"They got religion."

Rincewind looked up at the statue of Quezovercoatl. It took no imagination whatsoever to imagine what kind.

"I think," he said carefully, "that we had better go."

"Too true," said the old man. "And quickly, too. Before the Ruler of the World turns up."

Rincewind went cold. It starts, he thought. I knew it was all going to turn out badly, and this is where it starts. I must have an instinct for these things.

"How do you know about that?" he said.

"Oh, they've got this prophecy, well...not a prophecy, really, it's more the entire history of the world, start to finish. It's written all over this pyramid," said da Quirm, cheerfully. "My word, I wouldn't like to be the Ruler when he arrives. They've got plans."

Eric stood up.

"Now just you listen to me," he said. "I'm not going to stand for this sort of thing. I'm your ruler, you know...?"

^{NT53} **Ponce da Quirm** – Alusão a **Juan Ponce de León**, um conquistador espanhol do início do século XVI. Acredita-se que tenha sido o primeiro europeu a ter visitado a Florida (foi ele que deu o nome à região), após ter partido à frente de uma expedição em busca da Fonte da Juventude.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Juan_Ponce_de_Le%C3%B3n, consultado em 15-03-2010

- Eh... – disse ele. – Queres mesmo que eu me materialize? Queres mesmo que apareça aqui, já?
- Quero!
- Oh!

O prisioneiro sacudiu-se e estendeu a mão enrugada a Rincewind.

- Muito obrigada. Ponce da Quirm – disse ele.
- Desculpe?
- É o meu nome.
- Oh!
- É um nome antigo e imponente – disse da Quirm, procurando no olhar de Rincewind algum sinal de ironia.
- Excelente! – respondeu Rincewind, num tom inexpressivo.

– Andamos à procura da Fonte da Juventude – continuou da Quirm.

Rincewind olhou-o de alto a baixo.

- Encontraram alguma coisa? – perguntou, educadamente.
- Nada de significativo.

Rincewind espreitou para dentro do poço.

- Disseste ‘nós’ – disse Rincewind – Onde estão os outros?
- Envolveram-se com a religião.

Rincewind olhou para a estátua de Quezovercoatl. Não era preciso ter muita imaginação para adivinhar o significado da frase.

- Eu acho – disse cuidadosamente, – que devíamos sair daqui.
- É bem verdade – disse o velho. – E depressa. Antes que o Governador do Mundo apareça.

Rindewind ficou gelado: – Já começou – pensou. – Eu sabia que isto ia acabar mal, e isto é apenas o começo. Devo ter intuição para estas coisas.

- Como é que sabes isso? – perguntou.
- Oh, eles têm uma profecia. Na verdade é mais toda a história do mundo, do princípio ao fim. Está escrito nesta pirâmide toda – respondeu da Quirm, animado. – Pode crer, eu não queria estar na pele do Governador quando ele chegar. Eles têm planos.

Eric levantou-se.

- Agora, oiçam-me com atenção. Não vou tolerar este tipo de coisa. Eu sou o vosso governador, sabem disso, não sabem...?

Rincewind stared at the blocks nearest the statue. It had taken the Tezumen two storeys, twenty years and ten thousand tons of granite to explain what they intended to do to the Ruler of the World, but the result was, well, graphic. He would be left in no doubt that they were annoyed. He might even go so far as to deduce that they were quite vexed.

"But why do they give him all the jewels to start with?" he said, pointing.

"Well, he is the Ruler," said da Quirm. "He's entitled to some respect, I suppose."

Rincewind nodded. There was a sort of justice in it. If you were a tribe who lived in a swamp in the middle of a damp forest, didn't have any metal, had been saddled with a god like Quezovercoatl, and then found someone who said he was in charge of the whole affair, you probably would want to spend some time explaining to him how incredibly disappointed you were. The Tezumen had never seen any reason to be subtle in dealing with deities.

It was a very good likeness of Eric.

His eye followed the story on to the next wall.

This block showed a very good likeness of Rincewind. He had a parrot on his shoulder.

"Hang on," he said. "That's me!"

"You should see what they're doing to you on the next block," said the parrot smugly. "It'll turn your wosname."

Rincewind looked at the block. His wosname revolved.

"We'll just leave very quietly," he said firmly. "I mean, we won't stop to thank them for the meal. We can always send them a letter later. You know, so's not to be impolite."

"Just a moment," said da Quirm, as Rincewind dragged at his arm, "I haven't had a chance to read all the blocks yet. I want to see how the world's going to end..."

"How it's going to end for everybody else I don't know," said Rincewind grimly, dragging him down the tunnel. "I know how it's going to end for me."

He stepped out into the dawn light, which was fine. Where he went wrong was stepping into a semi-circle of Tezumen. They had spears. They had exquisitely chipped obsidian spearheads, which, like their swords, were nowhere near as sophisticated as ordinary, coarse, inferior steel weapons. Was it better to know that you were going to be skewered by delicate examples of genuine ethnic origin rather than nasty forge-made items hammered out by people not in contact with the cycles of nature?

Probably not, Rincewind decided.

"I always say," said da Quirm, "that there is a good side to everything."

Rincewind, trussed to the next slab, turned his head with difficulty.

"Where is it at the moment, precisely?" he said.

Da Quirm squinted down across the swamps and the forest roof.

Rincewind olhou fixamente para os blocos de pedra junto da estátua. Os Tezumanos precisaram de dois andaimes, vinte anos e dez mil toneladas de granito para explicar o que tencionavam fazer ao Governador do mundo, mas o resultado era... bem... gráfico. Não havia dúvida nenhuma de que estavam aborrecidos. Podia até dizer que estavam muito melindrados.

– Então porque lhe estão a dar essas joias todas? – perguntou, apontando para os objetos.

– Bom, ele é o governador – disse da Quirm – Merece algum respeito, julgo eu.

Rincewind assentiu. Havia alguma justiça naquele gesto. Se fizesse parte de uma tribo e vivesse num pântano no meio de uma floresta húmida, sem conhecer os metais, contentar-se-ia com um deus como Quezovercoatl; e se depois encontrasse o responsável por aquilo tudo, provavelmente ia gastar algum tempo a explicar-lhe como estava incrivelmente desiludido. Os Tezumanos nunca encontraram motivo que os obrigasse a ser subtis no relacionamento com as divindades. Nisso, eram muito parecidos com Eric. Seguiu a história, com o olhar, até à parede seguinte.

Este bloco tinha uma figura muito parecida com Rincewind. Tinha um papagaio no ombro.

– Alto lá! – disse ele – Esse sou eu!

– Espera até veres, no próximo bloco, o que te vão fazer – disse o papagaio, com ar afetado. – Vão virar-te o coiso do avesso.

Rincewind olhou para o bloco de pedra. Sentiu o coiso a andar à roda.

– Vamos sair daqui devagarinho – disse, com firmeza. – Quer dizer, não vamos parar para lhes agradecer a refeição. Escrevemos uma carta de agradecimento mais tarde. Só para não parecermos mal-educados.

– Só um momento – disse da Quirm, enquanto Rincewind o puxava pelo braço. – Ainda não tive tempo de ler os blocos todos. Quero ver como é que o mundo vai acabar.

– Como é que vai acabar para os outros, não sei – disse Rincewind, em tom grave, enquanto o arrastava pelo túnel. – Sei como é que vai acabar para mim.

Saiu lá para fora com a luz do amanhecer, o que foi muito agradável. O que saiu mal, foi ter ido parar no meio de um semicírculo de Tezumanos. Tinham lanças. As lanças de obsidiana tinham as pontas afiadas com requinte e, como as espadas, estavam longe de ser armas toscas e vulgares. Seria melhor saber que íamos ser espetados por graciosos exemplares de arte étnica em vez de objetos repugnantes, martelados numa bigorna qualquer, por qualquer pessoa sem o mínimo contacto com os ciclos da natureza?

Provavelmente não, decidiu Rincewind.

– Eu sempre digo – disse da Quirm – tudo tem um lado bom.

Rincewind, amarrado na placa de pedra ao lado, virou a cabeça com dificuldade.

– E neste momento, qual é o lado bom? – perguntou ele.

Da Quirm deu uma olhadela para lá dos pântanos e o topo da floresta.

"Well. It's a first-class view from up here, to begin with."

"Oh, good," said Rincewind. "You know, I never would have looked at it like that. You're absolutely right. It's the kind of view you'll remember for the rest of your life, I expect. I mean, it's not as if it will be any great feat of recollection."

"There's no need to be sarcastic. I was only passing a remark."

"I want my mum," said Eric, from the middle slab.

"Chin up, lad," said da Quirm. "At least you're being sacrificed for something worthwhile. I just suggested they tried using the wheels upright, so they'd roll. I'm afraid they're not very responsive to new ideas around here. Still, *nil desperandum*.^{NT54} Where there's life there's hope."

Rincewind growled. If there was one thing he couldn't stand, it was people who were fearless in the face of death. It seemed to strike at something absolutely fundamental in him.

"In fact," said da Quirm, "I think..." He rolled from side to side experimentally, tugging at the vines which were holding him down. "Yes, I think that when they did these ropes up... yes, definitely, they ..."

"What? What?" said Rincewind.

"Yes, definitely," said da Quirm. "I'm absolutely sure about it. They did them up very tightly and professionally. Not an inch of give in them anywhere."

"Thank you," said Rincewind.

The flat top of the truncated pyramid was in fact quite large, with plenty of room for statues, priests, slabs, gutters, knife-chipping production lines and all the other things the Tezumen needed for the bulk disposal of religion.

In front of Rincewind several priests were busy chanting a long list of complaints about swamps, mosquitoes, lack of metal ore, volcanoes, the weather, the way obsidian never kept its edge, the trouble with having a god like Quezovercoatl, the way wheels never worked properly however often you laid them flat and pushed them, and so on.

The prayers of most religions generally praise and thank the gods involved, either out of general piety or in the hope that he or she will take the hint and start acting responsibly. The Tezumen, having taken a long hard look around their world and decided bluntly that things were just about as bad as they were ever going to get, had perfected the art of the plainchant whinge.

"Won't be long now," said the parrot, from its perch atop a statue of one of the Tezumen's lesser gods.

It had got there by a complicated sequence of events that had involved a lot of squawking, a cloud of feathers and three Tezumen priests with badly swollen thumbs.

^{NT54} *nil desperandum* – expressão latina que significa: 'Não desespere'
<http://www.sacklunch.net/Latin/N/nildesperandum.html>, consultado em 17-04-2010

– Bem, para começar, isto é um panorama de primeira categoria.

– Ah, que bom – disse Rincewind. – Eu nunca teria reparado nisso. Tens toda a razão. É o género de panorama de que te vais lembrar para o resto da vida, espero. E não será preciso um grande esforço de memória.

– Não é preciso ser sarcástico. Foi só um comentário.

– Quero a minha mãe – choramingou Eric, amarrado na pedra do meio.

– Anima-te, miúdo – disse da Quirm. – Pelo menos, vais ser sacrificado por algo valioso. Eu só sugeri que experimentassem usar as rodas na vertical, para elas rolarem. Acho que eles não são muito recetivos a ideias novas por aqui. Mesmo assim, *'nil desperandum'*. Enquanto há vida, há esperança.

Rincewind resmungou. Se havia alguma coisa com que embirrava, eram pessoas que não tinham medo da morte. Sentia que ia contra algo que era absolutamente fundamental.

– Na verdade, – disse da Quirm – eu acho... – e rolava de um lado para o outro, enquanto testava os movimentos e puxava os caules que o prendiam. – Sim, acho que quando eles nos amarraram...sim... decididamente, eles...

– O quê? O que estás a dizer? – perguntou Rincewind.

– Sim, definitivamente – disse da Quirm. – Tenho a certeza absoluta. Eles amarraram-nos bem. De uma maneira muito profissional. Nem um centímetro de folga.

– Obrigado – disse Rincewind.

O topo plano da pirâmide truncada era bastante largo, com muito espaço para estátuas, sacerdotes, placas de pedra, canais, linhas de produção de facas lascadas e todas as outras coisas de que os Tezumanos precisavam para difundir a religião em larga escala.

Mesmo em frente de Rincewind, vários sacerdotes entoavam cânticos queixando-se dos pântanos, dos mosquitos, da falta de metais preciosos, dos vulcões, do tempo, do facto de não conseguirem aguçar os gumes em obsidiana, do problema que era ter um deus como Quezovercoatl, do facto de as rodas não funcionarem bem, por muito que as achatassem, e por aí adiante.

As orações da maior parte das religiões louvam e agradecem aos seus deuses, imploram piedade ou têm esperança de que o seu deus, ou deusa, oiça as suas preces e comece a comportar-se de forma responsável. Depois de observarem com muita atenção o seu mundo, e de chegarem à súbita conclusão que as coisas não podiam piorar, os Tezumanos aperfeiçoaram a arte de se lamentarem em cânticos gregorianos.

– Já não deve faltar muito – disse o papagaio, empoleirado na estátua de um dos deuses menores dos Tezumanos.

Tinha conseguido chegar àquele sítio depois de muitas peripécias complicadas que envolveram muita gritaria, uma nuvem de penas e três sacerdotes Tezumanos com os polegares bem inchados.

"The high priest is just performing a wossname in honour of Quezovercoatl," it went on, conversationally. "You've drawn quite a crowd."

"I suppose you wouldn't kind of hop down here and bite through these ropes, would you?" said Rincewind.

"Not a chance."

"Thought so."

"Sun's coming up soon," the parrot continued. Rincewind felt that it sounded unnecessarily cheerful.

"I'm going to complain about this, demon," moaned Eric. "You wait my mother finds out. My parents have got influence, you know."

"Oh, good," said Rincewind weakly. "Why don't you tell the high priest that if he cuts your heart out she'll be right down to the school tomorrow to complain."

The Tezumen priests bowed towards the sun, and all eyes in the crowd below turned to the jungle. Where something was happening. There was the sound of crackling undergrowth. Tropical birds erupted through the trees, shrieking.

Rincewind, of course, could not see this.

"You never should have wanted to be ruler of the world," he said. "I mean, what did you expect? You can't expect people to be happy about seeing you. No one ever is when the landlord turns up."

"But they're going to kill me!"

"It's just their way of saying that, metaphorically, they're fed up with waiting for you to repaint the place and see to the drains."

The whole jungle was in uproar now. Animals exploded out of the bushes as if running from a fire. A few heavy thumps indicated that trees were falling over.

At last a frantic jaguar crashed through the undergrowth and loped down the causeway. The Luggage was a few feet behind it.

It was covered with creepers, leaves and the feathers of various rare jungle fowls, some of which were now even rarer. The jaguar could have avoided it by zigging or zagging to either side, but sheer idiot terror prevented it. It made the mistake of turning its head to see what was behind.

This was the last mistake it ever made.

"You know that box of yours?" said the parrot.

"What about it?" said Rincewind.

"It's heading this way."

– O sumo-sacerdote está a fazer um coiso em honra de Quezovercoatl – continuou o papagaio, em tom de amena cavaqueira. – Conseguieste chamar a atenção de muita gente.

– Será que não podias descer até aqui e roer estas cordas? – pediu Rincewind.

– Nem penses.

– Bem me parecia.

– O sol não tarda a aparecer – continuou o papagaio.

Rincewind sentiu uma alegria muito despropositada no tom de voz.

– Vou fazer queixa disto, demónio – lamentou-se Eric – Vais ver o que te acontece quando a minha mãe souber o que se está a passar. Os meus pais são pessoas muito influentes.

– Ah! Muito bom – disse Rincewind, já sem forças – Porque é que não dizes ao sumo-sacerdote que, se ele te arrancar o coração, a tua mãe vai à escola, amanhã, apresentar queixa?

Os sacerdotes Tezumanos curvaram-se diante do sol e a multidão voltou-se, dirigindo o olhar em direção à selva. Estava a acontecer ali alguma coisa. Ouviram-se os estalidos do matagal a ser calcado. As aves tropicais fugiram das árvores, fazendo uma grande algazarra.

Claro que Rincewind não conseguiu ver a cena.

– Tu nunca devias ter desejado ser o governador do mundo – disse ele – O que esperavas? Não podes querer que as pessoas fiquem felizes quando o senhorio aparece.

– Mas eles vão matar-me!

– É a maneira que eles têm de exprimir, metaforicamente falando, o seu descontentamento por esperarem, em vão, que mandasses pintar as paredes e consertar a canalização.

Toda a selva estava em grande alvoroço. Os animais pulavam de dentro dos arbustos como se estivessem a fugir de um incêndio. Ouviam-se alguns estrondos, o que indicava que as árvores estavam a ser derrubadas.

Por fim, um jaguar desvairado passou a correr, calcando os arbustos e saltou por cima do pântano. A Bagagem estava uns metros atrás dele.

Estava coberta de trepadeiras, folhas e penas de várias aves raras da floresta. O jaguar podia ter-se desviado dela se tivesse feito um movimento de ziguezague, mas estava demasiado apavorado para pensar. Caiu na asneira de virar a cabeça para ver o que estava atrás dele. Foi o último erro da sua vida.

– Lembras-te daquela tua caixa? – disse o papagaio.

– O que é que tem?

– Está a avançar na nossa direção.

The priests peered down at the running figure far below. The Luggage had a straightforward way of dealing with things between it and its intended destination: it ignored them.

It was at this moment, against all his instincts, in great trepidation and, most unfortunately of all, in deep ignorance of what was happening, that Quezovercoatl himself chose to materialise on top of the pyramid.

Several of the priests noticed him. The knives fell from their fingers.

"Er," squeaked the demon.

Other priests turned around.

"Right. Now, I want you all to pay attention," squeaked Quezovercoatl, cupping his tiny hands around his main mouth in an effort to be heard.

This was very embarrassing. He'd enjoyed being the Tezumen god, he'd been really impressed by their single-minded devotion to duty, he'd been very gratified by the incredible lifelike statue in the pyramid, and it really hurt to have to reveal that, in one important particular, it was incorrect.

He was six inches high.

"Now then," he began, "this is very important..."

Unfortunately, no one ever found out why. At that moment the Luggage breasted the top of the pyramid, its legs whirring like propellers, and landed squarely on the slabs.

There was a brief, flat squeak.

"It was a funny old world," said da Quirm. "You had to laugh, really. If you didn't, you'd go mad, wouldn't you? One minute strapped to a slab and about to undergo exquisite torture, the next being given breakfast, a change of clothes, a hot tub and a free lift out of the kingdom. It made you believe there was a god. Of course the Tezumen knew there was a god, and that he was currently a small and distressing greasy patch on top of the pyramid. Which left them with a bit of a problem."

The Luggage squatted in the city's main plaza. The entire priesthood was sitting around it and watching it carefully, in case it did anything amusing or religious.

"Are you going to leave it behind?" said Eric.

"It's not as simple as that," said Rincewind. "It generally catches up. Let's just go away quickly."

"But we'll take the tribute, won't we?"

"I think that could be an amazingly bad idea," said Rincewind. "Let's just quietly go, while they're in a good temper. The novelty will wear off soon, I expect."

"And I've got to get on with my search for the Fountain of Youth," said da Quirm.

"Oh yes," said Rincewind.

"I've devoted my whole life to it, you know," said the old man proudly.

Os sacerdotes olharam para o vulto que vinha a correr lá longe. A Bagagem tinha uma forma muito própria de lidar com tudo o que se metesse no seu caminho: ignorava, pura e simplesmente.

Foi naquele momento, contra os seus próprios instintos, com grande agitação e, pior ainda, sem ter a menor noção do que estava a acontecer, que Quezovercoatl resolveu materializar-se no topo da pirâmide.

Alguns sacerdotes deram pela sua presença. As facas caíram-lhes das mãos.

– Eh... – guinchou o demónio.

Os outros sacerdotes viraram-se para ele.

– Muito bem. Agora, quero que todos prestem muita atenção – começou Quezovercoatl, pondo as mãos em concha à volta da boca, fazendo um enorme esforço para que o ouvissem.

Aquilo era muito constrangedor. Tinha gostado de ser o deus dos Tezumanos, ficara bastante impressionado com a sua devoção primária e obstinada, tinha ficado muito agradecido pela estátua na pirâmide, mas custava-lhe muito ter de revelar que havia um detalhe que não estava correto.

Ele tinha apenas um metro e meio de altura.

– Ora bem, – começou ele – isto é muito importante...

Infelizmente, ninguém percebeu porquê. Naquele momento, a Bagagem atirou-se para cima da pirâmide, com as pernas a girar como hélices e caiu, em cheio, sobre as placas de pedra.

Ouviu-se um gritinho curto e rápido.

– O mundo é muito engraçado. – disse da Quirm – Dá mesmo vontade de rir. De outra maneira, endoidecíamos, não acham? Num minuto, amarrados a uma laje de pedra, prestes a sofrer torturas horríveis; no minuto seguinte, estão a servir-nos o pequeno-almoço, oferecem-nos roupa lavada, um banho quente e uma boleia para sairmos daqui. Até nos faz acreditar que deus existe. Claro que os Tezumanos sabiam que havia deus, que agora está reduzido a um montículo insignificante no topo da pirâmide. E isso representa, para eles, um grande problema.

A Bagagem acorrou-se na principal praça da cidade. Os sacerdotes sentaram-se todos à sua volta, observando-o com muita atenção, para verem se ela fazia alguma coisa divertida ou religiosa.

– Vais deixá-la aqui? perguntou Eric.

– Não é bem assim. – Respondeu Rincewind. – Geralmente, ela consegue apanhar-me. Vamos mas é sair daqui rapidamente.

– Mas levamos a homenagem, não levamos?

– Acho que isso seria uma péssima ideia – disse Rincewind. – Vamos sair daqui sem dar nas vistas, enquanto eles estão bem-humorados. O efeito ‘surpresa’ da novidade vai desaparecer depressa.

– E eu tenho de continuar a procurar a Fonte da Juventude – disse da Quirm.

– Oh, pois, claro – respondeu Rincewind.

– Sabes, dediquei a isto a minha vida inteira – disse o velho, cheio de orgulho.

Rincewind looked him up and down. "Really?" he said.

"Oh, yes. Exclusively. Ever since I was a boy."

Rincewind's expression was one of acute puzzlement.

"In that case," he began, in the manner of one talking to a child, "wouldn't it have been better... you know, more sensible... if you'd just got on with..."

"What?" said da Quirm.

"Oh, never mind," said Rincewind. "I'll tell you what though," he added, "I think, in order to prevent you getting, you know, bored, we should present you with this wonderful talking parrot." He made a swift grab, while keeping his thumbs firmly out of harm's way.

"It's a jungle fowl," he said. "Cruel to subject it to city life, isn't it?"

"I was born in a cage, you raving wosname!" screamed the parrot. Rincewind faced it, nose to beak.

"It's that or fricassee time," he said. The parrot opened its beak to bite his nose, saw his expression, and thought better of it.

"Polly want a biscuit," it managed, adding, sotto voce, "wosnamewosnamewosname."

"A dear little bird of my very own," said da Quirm. "I shall look after it."

"wosnamewosname."

They reached the jungle. A few minutes later the Luggage trotted after them.

It was noon in the kingdom of Tezuma.

From inside the main pyramid came the sounds of a very large statue being dismantled.

The priests sat around thoughtfully. Occasionally one of them stood up and made a short speech.

It was clear that points were being made. For example, how the economics of the kingdom depended on a buoyant obsidian knife industry, how the enslaved neighbouring kingdoms had come to rely on the smack of firm government, and incidentally on the hack, slash and disembowelling of firm government as well, and on the terrible fate that awaited any people who didn't have gods. Godless people might get up to anything, they might turn against the fine old traditions of thrift and non-self-sacrifice that had made the kingdom what it was today, they might start wondering why, if they didn't have a god, they needed all these priests, anything.

The point was well put by Mazuma, the high priest, when he said:

"Squashed-figure-with-broken-nose, jaguar claw, three feathers, stylised spiny anteater"

After a while a vote was taken.

By nightfall, the kingdom's leading stonemasons were at work on a new statue.

Rincewind olhou-o, dos pés à cabeça. – A sério? – Perguntou ele.

– É verdade. Nunca fiz outra coisa. Desde criança.

Rincewind estava estupefacto.

– Nesse caso, – começou, como se estivesse a falar com uma criança – não teria sido melhor...sabes, mais sensato...se tivesses continuado...

– O quê? – perguntou da Quirm.

– Nada, não tem importância – disse Rincewind – mas deixa-me dizer-te – acrescentou – que, para nunca te sentires aborrecido, vamos oferecer-te este magnífico papagaio falador.

Pegou na ave, rapidamente, tendo o cuidado de manter os polegares protegidos.

– É um pássaro da floresta – disse ele – seria muito cruel obrigá-lo a viver numa cidade, não achas?

– Nasci numa gaiola, seu coiso maluco! – gritou o papagaio.

Rincewind enfrentou-o com o nariz encostado ao bico do animal.

– É isso, ou transformamos-te em fricassé – disse Rincewind. O papagaio abriu o bico para lhe morder o nariz, mas olhou para a expressão do seu rosto e recuou.

– Polly quer um biscoito. – Disse o papagaio e acrescentou, em surdina: – coiso, coiso, coiso.

– Um passarinho tão querido, só para mim – disse da Quirm. – Vou cuidar dele muito bem.

– Coiso, coiso, coiso.

Chegaram à selva. Alguns minutos mais tarde, a Bagagem já caminhava vigorosamente ao lado deles.

Era meio-dia no reino dos Tezumanos.

Ouviu-se o barulho de uma grande estátua a ser desmantelada no interior da pirâmide principal.

Os sacerdotes, sentados por perto, estavam com ar pensativo. De vez em quando, um deles levantava-se e fazia um pequeno discurso.

Era evidente que se discutiam ideias. Por exemplo, como a economia do reino dependia de uma sólida indústria de facas de obsidiana, como os reinos vizinhos, escravizados, confiavam cegamente na pujança de um governo firme e, em consequência disso, nos golpes e carnificinas de um governo como aquele, no destino terrível que estava reservado a qualquer povo que não tivesse deuses. De um povo sem deuses poder-se-ia esperar tudo; podiam revoltar-se contra as tradições antigas de sobriedade e espírito de sacrifício que tinham contribuído para construir aquele reino, podiam começar a por em causa a existência dos sacerdotes, e coisas do género.

A questão foi bem colocada por Mazuma, o sumo-sacerdote, quando disse:

– **‘Figura esmagada com o nariz partido, pata de jaguar, três penas, papa-formigas estilizado cheio de espinhos’.**

Passado algum tempo, procedeu-se à votação.

Ao anoitecer, os chefes pedreiros já trabalhavam na construção de uma nova estátua.

It was basically oblong, with lots of legs.

The Demon King drummed his fingers on his desk. It wasn't that he was unhappy about the fate of Quezovercoatl, who would now have to spend several centuries in one of the nether hells while he grew a new corporeal body. Serve him right, the ghastly little imp. Nor was it the broad trend of events on the pyramid. After all, the whole point of the wish business was to see to it that what the client got was exactly what he asked for and exactly what he didn't really want.

It was just that he didn't feel in control of things.

Which was of course ridiculous. If the best came to the best he could always materialise and sort things out personally. But he liked people to believe that all the bad things happening to them were just fate and destiny. It was one of the few things that cheered him up.

He turned back to the mirror. After a while he had to adjust the temporal control.

One minute the breathless, humid jungles of Klatch, the next...

"I thought we were going back to my room," Eric complained.

"I thought that, too," said Rincewind, shouting to be heard over the rumbling.

"Snap your fingers again, demon."

"Not on your life! There's plenty of places worse than this!"

"But it's all hot and dark."

Rincewind had to concede that. It was also shaking and noisy. When his eyes grew used to the blackness he could make out a few spots of light here and there, whose dim radiance suggested that they were inside something like a boat. There was a definite feel of carpentry about everything, and a powerful smell of wood shavings and glue. If it was a boat, then it was having an awfully painful launching down a spillway greased with rocks.

A jolt slung him heavily against a bulkhead.

"I must say," complained Eric, "if this is where the most beautiful woman lives I don't think much of her choice of 'boudoir'. You'd think she'd put a few cushions or something around the place."

"Boudoir?" said Rincewind.

"She's bound to have one," said Eric smugly. "I've read about them. She reclines on it."

Era uma figura de forma rectangular com muitas pernas.

O Rei Demónio tamborilava sobre a secretária. Não estava contrariado com a sorte de Quezovercoatl, que iria ter de passar vários séculos num dos mais horripilantes infernos, até chegar o momento de ter um novo corpo físico. Bem tinha merecido o castigo, aquele diabrete antipático. Também não estava aborrecido pela forma como decorriam os trabalhos na pirâmide. Afinal de contas, o objetivo principal da arte dos feitiços, era que o cliente recebesse exatamente o que pediu e não o que realmente desejava.

O problema é que ele não sentia que tivesse controlo sobre os acontecimentos.

E isto era, obviamente, ridículo. Se as coisas não corressem bem, podia materializar-se e resolver tudo pessoalmente. Mas ele gostava que as pessoas acreditassem que tudo o que de mau lhes acontecia era obra do destino. Isto era uma das poucas coisas que o animavam.

Virou-se, novamente, para o espelho. Agora, tinha de acertar a cronologia dos acontecimentos.

Num momento, estava nas selvas húmidas e irrespiráveis de Klatch, no minuto seguinte...

– Eu julguei que íamos voltar para o meu quarto – queixou-se Eric.

– Também eu... – disse Rincewind, aos gritos, para se fazer ouvir no meio de todo aquele barulho.

– Estala os dedos novamente, demónio.

– Nem penses! Há outros lugares muito piores do que este!

– Mas aqui está muito calor e escuro.

Rincewind tinha de concordar. Havia também muita trepidação e barulho. Quando os olhos se habituaram à escuridão, conseguiu distinguir uns pontos de luz, algures, e o tipo de brilho levou-o a pensar que estariam a bordo de uma embarcação. Sentia-se um cheiro forte a madeira e cola. Se aquilo fosse um barco, então estava a ter um lançamento muito doloroso sobre uma rampa cheia de pedras.

Uma sacudidela brusca atirou-o, com força, contra uma antepara.

– Devo dizer – queixou-se Eric – que se é aqui que vive a mulher mais bela, não estou lá muito bem impressionado com a sua decisão de escolher este *boudoir*.^{NT55} Estava à espera de ver algumas almofadas espalhadas por aqui.

– Boudoir? – perguntou Rincewind.

– Devia ter um – disse Eric, presunçosamente – Li qualquer coisa sobre isso. Serve para ela descansar.

^{NT55} **Boudoir** – Palavra de origem francesa que designa um aposento privado dentro do quarto de dormir de uma senhora; pequena sala privada; quarto de vestir.

<http://en.wikipedia.org/wiki/Boudoir>, consultado em 17-08-2010

"Tell me," said Rincewind, "have you ever felt the need to have a cold bath and a brisk run around the playing fields?"

"Never."

"It could be worth a try."

The rumbling stopped abruptly.

There was a distant clanging noise, such as might be made by a pair of great big gates being shut. Rincewind thought he heard some voices fading into the distance, and a chuckle. It wasn't a particularly pleasant chuckle, it was more of a snigger, and it boded no good for someone.

Rincewind had a pretty good idea who.

He'd stopped wondering how he'd come to be here, wherever it was. Malign forces, that was probably it. At least nothing particularly dreadful was happening to him right now. Probably it was only a matter of time.

He groped around a bit until his fingers encountered what turned out to be, following an inspection by the light of the nearest knothole, a rope ladder. Further probing at one end of the hull, or whatever it was, brought him in contact with a small, round hatchway. It was bolted on the inside.

He crawled back to Eric.

"There's a door," he whispered.

"Where does it go?"

"It stays where it is, I think," said Rincewind.

"Find out where it leads to, demon!"

"Could be a bad idea," said Rincewind cautiously.

"Get on with it!"

Rincewind crawled gloomily to the hatch and grasped the bolt.

The hatch creaked open.

Down below - quite a long way below - there were damp cobblestones, across which a breeze was driving a few shards of morning mist. With a little sigh, Rincewind unrolled the ladder.

Two minutes later they were standing in the gloom of what appeared to be a large plaza. A few buildings showed through the mist.

"Where are we?" said Eric.

"Search me."

"You don't know?"

– Diz-me, – perguntou Rincewind – nunca sentiste vontade de tomar um banho frio e fazer uma corrida rápida em volta do campo de jogos?

– Nunca.

– Talvez devesse experimentar.

O ruído parou abruptamente.

Ouviu-se, ao longe, um som metálico como se dois grandes portões se tivessem fechado. Rincewind pensou ter ouvido algumas vozes e uma risada, sumindo-se à distância. Não era uma risada particularmente agradável, era mais um risinho de escárnio que não augurava nada de bom para ninguém. Rincewind calculava quem fosse.

Tinha desistido de se interrogar sobre as razões que o teriam levado até àquele sítio, fosse aquilo o que fosse. Forças malignas, provavelmente. Pelo menos, não lhe estavam a acontecer coisas particularmente terríveis. Mas, se calhar, era apenas uma questão de tempo.

Tateou um pouco mais no escuro até os dedos encontrarem algo que descobriu ser uma escada de corda, depois de uma observação cuidadosa através da luz que passava pelo buraco de madeira mais próximo.

Continuou a tatear na ponta do casco, ou o que quer que aquilo fosse, e sentiu uma escotilha redonda e pequena. Estava trancada por dentro.

Rastejou na direção de Eric.

– Há ali uma porta – sussurrou.

– Até onde vai?

– Acho que fica exatamente onde está – disse Rincewind.

– Descobre onde é que ela vai dar, demónio!

– Pode ser uma má ideia – disse Rincewind, prudentemente.

– Anda lá!

Rincewind rastejou, sem entusiasmo, até à escotilha e agarrou o parafuso.

A escotilha abriu-se.

Lá no fundo – e era bem fundo, de facto – havia paralelepípedos húmidos através dos quais soprava uma brisa que transportava restos da névoa matinal. Com um pequeno suspiro, Rincewind desenrolou a escada.

Dois minutos depois, estavam de pé na escuridão do que parecia ser uma grande praça. Conseguiram ver alguns edifícios através da neblina.

– Onde é que nós estamos? – perguntou Eric.

– Não sei.

– Não sabes?

"Not a clue," said Rincewind.

Eric glared at the mist-shrouded architecture. "Fat chance of finding the most beautiful woman in the world in a dump like this," he said.

It occurred to Rincewind to see what they had just climbed out of. He looked up.

Above them - a long way above them - and supported on four massive legs, which ran down to a huge wheeled platform, there was undoubtedly a huge wooden horse. More correctly, the rear of a huge wooden horse.

The builder could have put the exit hatch in a more dignified place, but for humorous reasons of his own had apparently decided not to.

"Er," said Rincewind.

Someone coughed.

He looked down.

The evaporating mists now revealed a broad circle of armed men, many of them grinning and all of them carrying mass-produced, soulless but above all sharp long spears.

"Ah," said Rincewind.

He looked back at the hatchway. It said it all, really.

"The only thing I don't understand," said the captain of the guard, "is: why two of you? We were expecting maybe a hundred."

He leaned back on his stool, his great plumed helmet in his lap, a pleased smile on his face.

"Honestly, you Epebians!" ^{NT56} he said. Talk about laugh! You must think we was born yesterday! All night nothing but sawing and hammering, the next thing there's a damn great wooden horse outside the gates, so I think, that's funny, a bloody great wooden horse with airholes. That's the kind of little detail I notice, see. Airholes. So I muster all the lads and we nips out extra early and drag it in the gates, as per expectations, and then we bides quiet, like, around it, waiting to see what it coughs up. In a manner of speaking. Now," he pushed his unshaven face close to Rincewind, "you've got a choice, see? Top seat or bottom seat, it's up to you. I just have to put the word in. You play discus with me and I'll play discus with you. (Ball games were unknown in the Discworld at this time)"

"What seat?" said Rincewind, reeling from the gusts of garlic.

^{NT56} **Epebians** - Clara alusão aos Gregos e à antiga Grécia. A palavra inglesa *Epebe* é a correspondente à palavra grega *Epebos* que significa 'rapaz adolescente'.
<http://wiki.lspace.org/wiki/Epebe>, consultado em 05-09-2010

– Não faço a mínima ideia. – disse Rincewind.

Eric olhou fixamente para a construção envolta em neblina.

– Que azar encontrar a mulher mais bela do mundo num lugar horrível como este – disse ele.

Rincewind lembrou-se de examinar o lugar que tinham escalado e de onde tinham saído. Olhou para cima.

Por cima deles – a uma distância considerável – e apoiado em quatro pernas maciças que acabavam numa plataforma com rodas enormes, estava um enorme cavalo de madeira. Mais corretamente, a parte traseira de um colossal cavalo de madeira.

O construtor podia ter colocado a escotilha de saída num lugar mais digno, mas por uma ironia pessoal, decidiu não o fazer.

– Eh – disse Rincewind.

Alguém tossiu.

Rincewind olhou para baixo.

A evaporação da neblina deixava entrever um amplo círculo de homens armados, muitos deles sorrindo e todos empunhavam espadas toscas, impiedosas, mas sobretudo muito afiadas.

– Ah – disse Rincewind.

Olhou para a escotilha atrás de si. Estava tudo dito.

– A única coisa que eu não entendo é – disse o capitão da guarda – porque é que são só dois? Esperávamos que aparecessem às centenas.

Recostou-se no banco com o grande capacete emplumado pousado sobre as pernas e um sorriso de prazer no rosto.

– Francamente, Efebianos! – disse ele – Não me façam rir! Devem pensar que nascemos ontem!

Toda a noite a serrar, a martelar e o resultado é uma porcaria de um grande cavalo de madeira à entrada do portão, acho eu, que engraçado, um grande cavalo de madeira com respiradouros. Sabem, reparo muito nesse tipo de pormenores. Respiradouros. Vou juntar os rapazes, puxamos o cavalo rapidamente, arrastamo-lo para os portões e ficamos à espera para ver o que ele expele. Isto é uma maneira de falar.

– Agora, – e aproximou de Rincewind o rosto com a barba por fazer – podes escolher, estás a ver? O banco de cima ou o banco de baixo, tu é que sabes. Só tens de me dizer. Tu discutes comigo e eu discuto contigo. (Os jogos com bola eram desconhecidos no Discworld naquela época).

– Que banco? – perguntou Rincewind, recuperando das baforadas de hálito de alho.

"It's the war triremes," said the sergeant cheerfully. "Three seats, see, one above the other? Triremes. You get chained to the oars for years, see, and it's all according whether you're in the top seat, up in the fresh air and that, or the bottom seat where" - he grinned - "you're not. So it's down to you, lads. Be co-operative and all you'll need to worry about will be the seagulls. Now. Why only the two of you?"

He leaned back again.

"Excuse me," said Eric, "is that Tsort,^{NT57} by any chance?"

"You wouldn't be trying to make fun of me, would you now, boy? Only there's such a thing as quinquireme, see? You wouldn't like that at all."

"No, sir," said Eric. "If you please, sir, I'm just a little lad lead astray by bad companionship."

"Oh, thank you," said Rincewind bitterly. "You just accidentally drew a lot of occult circles, did you, and..."

"Sarge! Sarge!" A soldier burst into the guardroom. The sergeant looked up.

"There's another of them, sarge! Right out side the gates this time!"

The sergeant grinned triumphantly at Rincewind.

"Oh, that's it, is it?" he said. "You were just the advance party, come to open the gates or whatever. Right. We'll just go and sort your friends out, and we'll be right back." He indicated the captives.

"You stay here. If they move, do something horrible to them."

Rincewind and Eric were left alone with the guard.

"You know what you've done, don't you," said Eric. "You've only taken us all the way back to the Tsortean Wars!^{NT58} Thousands of Years! We did it at school, the wooden horse, everything! How the beautiful Elenor^{NT59} was kidnapped from the Ephebians - or maybe it was by the Ephebians - and there was this siege to get her back and everything." He paused. "Hey, that means I'm going to meet her." He paused again. "Wow!" he said.

^{NT57} **Tsort** - **Troia** é uma cidade lendária, onde ocorreu a célebre Guerra de Troia, descrita na *Ilíada*, um dos poemas atribuídos a Homero.

<http://wiki.lspace.org/wiki/Tsort>, consultado em 05-09-2010

^{NT58} **Tsortean Wars** - De acordo com a lenda associada à conquista de **Troia** pela Grécia, na chamada Guerra de Troia, um grande cavalo de madeira foi deixado junto às muralhas de Troia. Construído de madeira e oco no seu interior, o cavalo abrigava alguns soldados gregos dentro da sua barriga. Deixado à porta da cidade pelos gregos, os Troianos acreditaram que ele seria um presente como sinal de rendição do exército inimigo. Após a morte de Lacoonte, um grego que atirou um dardo ao cavalo, o presente entrou na cidade. Durante a noite, os guerreiros deixaram o artefacto e abriram os portões da cidade. O exército grego pôde assim entrar sem esforço em Troia, tomar a cidade, destruí-la e incendiá-la. **O cavalo de Troia** teria sido uma invenção de Odisseu/Ulisses (o guerreiro mais sagaz da *Ilíada* e personagem da *Odisseia*) e construído por Epeu. Apesar de ser parte da história da Guerra de Troia, o **cavalo de Troia** só é descrito com detalhe na *Eneida*, obra da literatura latina que conta a fundação de Roma.

http://en.wikipedia.org/wiki/Trojan_Horse, consultado em 05-09-2010

^{NT59} **Elenor** - Alusão a Helena, a mulher mais bela do mundo e rainha de Esparta que, segundo a lenda, foi raptada por Páris, príncipe de Troia. Este acontecimento terá estado na origem da Guerra de Troia.

http://wiki.lspace.org/wiki/Elenor_of_Tsort, consultado em 05-09-2010

– É o trirreme^{NT60} de guerra – respondeu o sargento, alegremente – Três lugares, estás a ver, um acima do outro? Trirreme. Vives acorrentado aos remos durante anos, estás a ver, e tudo depende de estares no banco de cima, onde tens ar fresco e tal, ou no de baixo e – sorriu – onde não tens nada disso. Bom, agora é convosco, rapazes. Colaborem e não têm de se preocupar com mais nada a não ser com as gaiivotas. Agora digam lá: porque é que só estão vocês os dois?

E recostou-se novamente.

– Desculpe – disse Eric – ali não é Tsort, por acaso?

– Tu não queres brincar comigo, pois não, rapaz? É que há uma coisa que se chama quinquirreme,^{NT61} sabias? Acho que não ias gostar nada disso.

– Não, Senhor – disse Eric – desculpe, Senhor. Sou apenas um rapazinho rodeado de más companhias.

– Oh, muito obrigado – disse Rincewind, com azedume. – Tu apenas desenhaste, sem querer, alguns círculos mágicos, não foi?

– Sargento! Sargento! – gritou um soldado, entrando de rompante na sala. O sargento olhou para cima.

– Há mais um, sargento! Está do lado de fora do portão!

O sargento sorriu para Rincewind, triunfante.

– Oh, então é isso, não é? – Vocês vieram à frente para abrir os portões. – Muito bem. Vamos lá fora buscar os vossos amigos e voltamos já – disse, dirigindo-se aos prisioneiros.

– Guarda! – apontou para os prisioneiros. – Vocês ficam aqui – se eles se mexerem, faz-lhes qualquer coisa horrível.

Rincewind e Eric ficaram a sós com o guarda.

– Sabes o que fizeste, não sabes? – disse Eric – levaste-nos de volta para as Guerras dos Tsortianos! Milhares de anos! Aprendemos isso na escola, o cavalo de madeira e tudo! Como a bela Elenor foi raptada dos Efebianos – ou talvez tenha sido raptada pelos Efebianos – e houve um cerco para a resgatar e tudo – Eric fez uma pausa. – Espera aí, isto significa que a vou conhecer – fez outra pausa. – Uauu! – disse ele.

^{NT60} **Trirreme** - (*trieres*, em grego, *trireme* em latim) uma antiga embarcação grega da Antiguidade impelida por remos. Tinha esse nome porque os remadores ficavam em três níveis ou pavimentos (três ordens), permitindo maior número de homens em navios mais pequenos.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Trirreme>, consultado em 25-09-2010

^{NT61} **Quinquirreme** – Uma embarcação inovadora, a quinquirreme. *Quinqui* – cinco. *Reme* – remos. A quinquirreme contava com cinco linhas de remadores, mais de quarenta metros de comprimento, entre três a quatro de largura e podia levar consigo até 420 marinheiros e 100 toneladas de peso no seu carregamento máximo. Era uma grande máquina de matar inventada pelos gregos e utilizada em sua plenitude pelos cartagineses, que simplesmente esraçalhavam, com a sua velocidade e força, as trirremes (barco menor e mais conhecido, que contava com três linhas de remos) .

<http://oviesrevista.wordpress.com/2010/01/09/cartago-um-grande-imperio-de-po/>, consultado em 25-09-2010

Rincewind looked around the room. It didn't look ancient, but then it wouldn't, because it wasn't, yet. Everywhere in time was now, once you were there, or then. He tried to remember what little he knew of classical history, but it was just a confusion of battles, one-eyed giants and women launching thousands of ships with their faces.^{NT62}

"Don't you see?" hissed Eric, his glasses aglow. "They must have brought the horse in before the soldiers had hidden in it! We know what's going to happen! We could make a fortune!"

"How, exactly?"

"Well..." The boy hesitated. "We could bet on horses, sort of thing."

"Great idea," said Rincewind.

"Yes, and..."

"All we've got to do is escape, then find out if they have horse races here, and then try really hard to remember the names of the horses that won races in Tsort thousands of years ago."

They went back to looking glumly at the floor. That was the thing about time travel. You were never ready for it. About the only thing he could hope for, Rincewind decided, was finding da Quirm's Fountain of Youth and managing to stay alive for a few thousand years so he'd be ready to kill his own grandfather which was the only aspect of time travel that had ever remotely appealed to him. He had always felt that his ancestors had it coming to them.

Funny thing, though. He could remember the famous wooden horse, which had been used to trick a way into the fortified city. He didn't remember anything about there being two of them. There was something inevitable about the next thought that turned up.

"Excuse me," he said to the guard. "This, er, this second wooden thing outside the gate... it's probably not a horse, I expect?"

"Well, of course you'd know that, wouldn't you?" said the guard. "You're spies."

"I bet it's more oblong and sort of smaller?" said Rincewind, his face a picture of innocent enquiry.

"You bet. Pretty unimaginative bastards, aren't you?"

"I see." Rincewind folded his hands on his lap.

"Try to escape," said the guard. "Go on, just try it. You try it and see what happens."

"I expect your colleagues will be bringing it into the city," Rincewind went on.

"They might do," the guard conceded.

Eric began to giggle.

^{NT62} **'Women launching thousands of ships with their faces'** – Uma referência à mitológica figura de Helena de Troia. Diz-se que o facto de ter sido raptada por Páris, esteve na origem da Guerra de Troia, com a partida de milhares de barcos de guerra. <http://www.phrases.org.uk/meanings/359800.html>, consultado em 03-10-2010

Rincewind olhou à sua volta. A sala não parecia ser antiga. E não parecia antiga porque ainda não o era. Em qualquer sítio ou em qualquer lugar o tempo que se vive é o *presente*. Tentou lembrar-se do pouco que sabia de história clássica, mas só se lembrava da confusão de batalhas, dos gigantes só com um olho e das mulheres que causavam a partida de milhares de embarcações para a guerra com os seus rostos.^{NT63}

– Não vêes? – sussurrou Eric, com os olhos a brilhar atrás dos óculos – Devem ter trazido o cavalo antes que os soldados tivessem tido tempo de se esconderem dentro dele! Nós sabemos o que vai acontecer! Podíamos fazer uma fortuna!

– Como?

– Bem... – o rapaz hesitou – Podíamos fazer apostas nos cavalos, ou coisa do género.

– Excelente ideia – disse Rincewind.

– Pois, e...

– Só precisamos de fugir, descobrir se eles faziam aqui corridas de cavalos, naquela época, e depois tentarmos descobrir os nomes dos cavalos que ganharam corridas em Tsort há milhares de anos.

Voltaram para trás, olhando para o chão, com ar pensativo. Era o tal problema de viajar no tempo. Nunca se está preparado para isso. A esperança de Rincewind era encontrar a Fonte da Juventude do da Quirm e conseguir viver alguns milhares de anos para ser capaz de matar o seu próprio avô. Era o único aspeto que achava vagamente interessante sobre as viagens no tempo. Sempre sentira que os seus antepassados o teriam desejado.

Era curioso. Lembrava-se do famoso cavalo de madeira, que fora usado como embuste para conseguirem entrar na cidade fortificada. Mas não se lembrava de serem dois. De repente, ocorreu-lhe um pensamento inevitável.

– Desculpe – perguntou ao guarda – este, eh., este segundo objeto de madeira que está lá fora... não será, por acaso, um cavalo?

– Bem, vocês é que devem saber isso, não achas? – respondeu o guarda – São espões.

– Aposto que é retangular e um pouco mais pequeno, não? – disse Rincewind, com ar de inocente.

– Pois sim. Que falta de imaginação vocês têm, seus bandidos!

– Compreendo – disse Rincewind, cruzando as mãos sobre os joelhos.

– Experimentem tentar fugir – disse o guarda. – Vá lá, experimentem. Vão ver o que acontece.

– Espero que os teus amigos o tragam para a cidade – continuou Rincewind.

– É provável – concordou o guarda.

Eric começou a rir.

^{NT63} **mulheres que causavam a partida de milhares de embarcações para a guerra com os seus rostos** – tradução literal da expressão usada pelo personagem.

It had just begun to dawn on the guard that there was a lot of shouting going on in the distance. Someone tried to blow a bugle, but the notes gurgled into silence after a few bars.

"Bit of a fight going on out there, by the sound of it," said Rincewind. "People winning their spurs, doing heroic deeds of valour, being noticed by superior officers, that sort of thing. And here's you hanging around in here with us."

"I've got to stick to my post," said the guard.

"Exactly the right attitude," said Rincewind. "Never mind about everyone else out there fighting valiantly to defend their city and womenfolk against the foe. You stop in here and guard us. That's the spirit. They'll probably put up a statue to you in the city square, if there's one left. `He did his duty,` they'll write on it."

The soldier appeared to think about this, and while he was doing so there was a terrible splintering creak from the direction of the main gates.

"Look," he said desperately, "if I just pop out for a moment..."

"Don't you worry about us," said Rincewind encouragingly. "It's not even as if we're armed."

"Right," said the soldier. "Thanks."

He gave Rincewind a worried smile and hurried off in the direction of the noise. Eric looked at Rincewind with something like admiration.

"That was actually quite amazing," he said.

"Going to go a long way, that lad," said Rincewind. "A sound military thinker if ever I saw one. Come on. Let's run away."

"Where to?"

Rincewind sighed. He'd tried to make his basic philosophy clear time and again, and people never got the message.

"Don't you worry about to," he said. "In my experience that always takes care of itself. The important word is away."

The captain raised his head cautiously over the barricade, and snarled.

"It's just a box, sergeant," he snapped. "It's not even as if it could hold one or two men."

"Beg pardon, sir," said the sergeant, and his face was the face of a man whose world has changed a lot in a few short minutes. "It holds at least four, sir. Corporal Disuse and his squad, sir. I sent them out to open it sir."

"Are you drunk, sergeant?"

"Not yet, sir," said the sergeant, with feeling.

"Little boxes don't eat people, sergeant."

"After that it got angry, sir. You can see what it did to the gates."

O guarda estranhou a gritaria que se ouvia ao longe. Alguém estaria a tentar tocar uma trombeta mas as notas esmoreciam depois de alguns compassos.

– Pelo barulho, vai para ali uma grande algazarra – disse Rincewind. – Vão conquistar o reconhecimento dos superiores pelos seus feitos heroicos, ganhar notoriedade, esse género de coisas. E tu estás para aqui, à nossa volta, sem fazeres nada.

– Devo manter-me no meu posto – disse o guarda.

– É essa a atitude correta – aprovou Rincewind. – Não interessa que toda a gente esteja a lutar com bravura para defender a cidade e as suas mulheres do inimigo. Tu ficas aqui a vigiar-nos. Isso é o que interessa. Provavelmente vão erguer-te uma estátua na praça da cidade, se, no final, ainda houver praça na cidade. E vão gravar as palavras: “Cumriu o seu dever”.

O soldado pareceu meditar naquelas palavras e, naquele momento, ouviu-se um enorme estrondo vindo dos portões.

– Olhem – disse o guarda, desesperado – se eu saísse daqui só por um bocadinho...

– Não te preocupes connosco – disse Rincewind, em tom encorajador. – Nós nem estamos armados.

– Está bem – disse o soldado. – Obrigado.

Dirigiu a Rincewind um sorriso preocupado e saiu, apressadamente, na direção do barulho. Eric olhou para Rincewind com admiração.

– Isso foi realmente extraordinário – disse ele.

– Vai longe, aquele rapaz – disse Rincewind – Um estratega militar como nunca vi. Anda daí. Vamos fugir.

– Para onde?

Rincewind suspirou. Já tinha tentado deixar claro qual era a sua filosofia de vida, mas ninguém percebia.

– Não te preocupes com o ‘para onde’ – disse ele – Pelo que sei, por experiência própria, o mais importante é ‘fugir’.

O capitão espreitou por cima da trincheira e tossicou.

– É só uma caixa, sargento – gritou – nem sequer ali cabem um ou dois homens.

– Desculpe, Senhor, – discordou o sargento, com uma expressão de alguém que viu o seu mundo mudar em poucos minutos – cabem, pelo menos, quatro. O cabo Disuse e o seu pelotão. Eu mandei-os lá para a abrir.

– Está bêbado, sargento?

– Ainda não, Senhor – respondeu o sargento, em tom amistoso.

– Caixas pequenas não comem pessoas, sargento.

– Depois disso, a caixa ficou enraivecida. Pode ver o que ela fez aos portões.

The captain peered over the broken timbers again.

"I suppose it grew legs and walked over there, did it?" he said sarcastically.

The sergeant broke into a relieved grin. At last they seemed to be on the same wavelength.

"Got it in one, sir," he said. "Legs. Hundreds of the little bleeders, sir."

The captain glared at him.

The sergeant put on the poker face which has been handed down from NCO^{NT64} to NCO ever since one proto amphibian told another, lower-ranking proto amphibian to muster a squad of newts and *Take That Beach*. The captain was eighteen and fresh from the academy, where he had passed with flying colours in such subjects as Classical Tactics, Valedictory Odes and Military Grammar. The sergeant was fifty-five, and instead of an education he had spent about forty years attacking or being attacked by harpies, humans, cyclopes, furies and horrible things on legs. He felt put upon.

"Well, I'm going to have a look at it, sergeant..."

"Not a good plan, sir, if I may..."

"And after I've had a look at it, sergeant, there is going to be trouble."

The sergeant threw him a salute.

"Right you are, sir," he predicted.

The captain snorted and climbed over the barricade towards the box which sat, silent and unmoving, in its circle of devastation. The sergeant, meanwhile, slid into a sitting position behind the stoutest timber he could find and, with determination, pulled his helmet down hard over his ears.

Rincewind crept through the streets of the city, with Eric tagging along behind.

"Are we going to find Elenor?" the boy said.

"No," said Rincewind firmly. "What we're going to do is, we're going to find another way out. And we're going to go out through it."

"That's not fair!"

"She's thousands of years older than you! I mean attraction of the mature woman, all right, but it'd never work out."

"I demand that you take me to her," wailed Eric. "Avaunt!"

^{NT64} **NCO - noncommissioned officer** - Oficial subalterno.
<http://www.thefreedictionary.com/NCO>, consultado em 04-10-2010

O capitão espreitou de novo por cima dos bocados de madeira.

– Então cresceram-lhe umas pernas e caminhou para ali, foi isso? – disse, em tom sarcástico.

O sargento sorriu, aliviado. Finalmente, pareciam estar de acordo.

– Foi isso mesmo, Senhor – disse – Pernas. Centenas de perninhas, Senhor.

O capitão olhou fixamente para ele.

O sargento estava com uma expressão de inocência, a expressão que tinha sido passada de subalterno para subalterno desde que um anfíbio primitivo mandou outro anfíbio primitivo reunir um exército de salamandras e *invadir aquela praia*. O capitão tinha dezoito anos e acabava de sair da academia, onde tinha sido aprovado com êxito em disciplinas como Táticas Clássicas, Poemas de Despedida e Gramática Militar. O sargento tinha cinquenta e cinco anos e, em vez de ter ido estudar passou cerca de quarenta anos a atacar e a ser atacado por harpias,^{NT65} humanos, ciclopes, fúrias e coisas horríveis com pernas. Sentia que se tinham aproveitado dele.

– Bem, vou dar uma vista de olhos, sargento.

– Se me permite, Senhor, não me parece boa ideia...

– A seguir, sargento, vamos ter problemas.

O sargento fez continência.

– Com certeza, Senhor – respondeu o sargento.

O capitão respirou fundo e trepou pela trincheira em direção à caixa, que permanecia imóvel e silenciosa no meio de toda aquela destruição. Entretanto, o sargento pôs-se em posição de ataque, atrás da viga de madeira mais firme que encontrou e puxou, com determinação, o capacete para baixo, até tapar as orelhas.

Rincewind arrastava-se pelas ruas da cidade, seguido de Eric.

– Será que vamos encontrar a Elenor? – perguntou o rapaz.

– Não – respondeu Rincewind, com firmeza – o que vamos fazer é encontrar outra saída. E vamos fugir daqui para fora.

– Isso não é justo!

– Ela é milhares de anos mais velha do que tu! Compreendo a atração por mulheres mais velhas, mas neste caso, nunca resultaria.

– Ordeno-te que me leves até ela – choramingou Eric – *Vade retro!*

^{NT65} As **harpias** são criaturas da mitologia grega, frequentemente representadas como aves de rapina com rosto de mulher e seios. Enéias e seus companheiros, depois da queda de Troia, na viagem para Itália, pararam na ilha das Harpias; mataram animais dos rebanhos delas, atacaram-nas quando elas roubaram as carnes, e ouviram de uma das harpias terríveis profecias sobre a sua viagem.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Harpia_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Harpia_(mitologia)), consultado em 05-10-2010

Rincewind stopped so sharply that Eric walked into him.

"Listen," he said. "We're in the middle of the most fatuous war there has ever been, any minute now thousands of warriors will be locked in mortal combat, and you want me to go and find this over-rated female and say, my friend wants to know if you'll go out with him. Well, I won't."

Rincewind stalked up to another gateway in the city wall; it was smaller than the main one, didn't have any guards, and had a wicket gate in it. Rincewind slid back the bolts.

"This isn't anything to do with us," he said. "We haven't even been born yet, we're not old enough to fight, it isn't our business and we're not going to do anything more to upset the course of history, all right?"

He opened the door, which saved the entire Ephebian army a bit of effort. They were just about to knock.

All day long the noise of battle raged. This was chronicled by later historians, who went on at length about beautiful women being kidnapped, fleets being assembled, wooden animals being constructed, heroes fighting one another, and completely failed to mention the part played by Rincewind, Eric and the Luggage. The Ephebians did notice, however, how enthusiastically the Tsortean soldiery ran towards them... not so much keen to get into battle as very anxious to get away from something else.

The historians also failed to note another interesting fact about ancient Klatchian warfare, which was that it was still at that stage quite primitive and just between soldiers and hadn't yet been thrown open to the general public. Basically, everyone knew that one side or the other would win, a few unlucky generals would get their heads chopped off, large sums of money would be paid in tribute to the winners, everyone would go home for the harvest and that bloody woman would have to make up her mind whose side she was on, the hussy.

So Tsortean street life went on more or less as normal, with the citizens stepping around the occasional knots of fighting men or trying to sell them kebabs. Several of the more enterprising ones began to dismantle the wooden horse for souvenirs.

Rincewind didn't attempt to understand it. He sat down at a street café and watched a spirited battle take place between market stalls, so that amid the cries of "Ripe olives!" there were the screams of the wounded and shouts of "Mind your backs please, mêlée coming through."

Rincewind parou tão bruscamente que Eric foi contra ele.

– Ouve bem – disse Rincewind – estamos no meio da guerra mais absurda que alguma vez aconteceu, a qualquer momento milhares de guerreiros vão travar uma batalha mortífera, e tu queres que eu vá procurar uma mulher sobrestimada e dizer: – “o meu amigo quer saber se queres sair com ele”. – Pois bem, isso não faço.

Rincewind aproximava-se de mais uma passagem aberta nos muros da cidade; era mais pequena do que a principal, não havia guardas e tinha um postigo. Rincewind fez deslizar o ferrolho.

– Nós não temos nada a ver com isto, não nos diz respeito e não vamos fazer mais nada que possa perturbar o curso da História. Entendido?

Abriu a porta, o que poupou algum esforço ao exército Efebiano. Estavam mesmo à porta.

Ouviu-se o tumulto furioso da batalha durante todo o dia. Este facto foi registado por historiadores que divagaram muito sobre os raptos de belas mulheres, as frotas enormes, a construção de animais de madeira, lutas entre heróis e esqueceram-se completamente de mencionar o papel desempenhado por Rincewind, Eric e a Bagagem. Os Efebianos aperceberam-se do entusiasmo com que os soldados Tsortianos os perseguiram... não tanto pela ânsia de lutar, mas pela necessidade de fugir de qualquer coisa... Os historiadores também falharam porque não registaram um outro facto interessante sobre a antiga arte marcial dos Klatchianos; ainda estava na fase primitiva em que só os soldados podiam lutar – a guerra ainda não tinha sido aberta ao público em geral. Essencialmente, todos sabiam que um dos dois lados sairia vencedor, alguns generais sem sorte seriam decapitados, grandes quantias de dinheiro seriam oferecidas, como homenagem, aos vencedores e todos regressariam a casa, para as colheitas, e aquela mulher detestável tinha de decidir de que lado é que estava, a leviana.

A vida, nas ruas de Tsort, seguia o seu curso, mais ou menos normal, com os cidadãos a fugirem de grupos de homens armados que lutavam entre si ou que andavam a vender ‘kebabs’.^{NT66} Alguns deles, os mais arrojados, começaram a desmontar o cavalo de madeira para vender as peças como lembranças.

Rincewind nem tentou perceber aqueles comportamentos. Sentou-se a uma mesa de um café e assistiu a uma animada batalha que decorria entre as barracas do mercado, e por entre os pregões de ‘*azeitonas maduras!*’ ouviam-se os berros dos feridos e gritos:

– *‘Fujam, a confusão está a chegar aqui!’*

^{NT66} O **kebab** é uma especialidade de origem turca, que consiste numa espetada de pedaços de carne, por vezes entremeados com vegetais, que vai a assar ou a grelhar no forno ou na brasa.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Kebab>, consultado em 05-10-2010

The hard part was watching the soldiers apologise when they bumped into customers. The even harder part was getting the café owner to accept a coin bearing the head of someone whose great-great-great-grand father wasn't born yet. Fortunately, Rincewind was able to persuade the man that the future was another country.

"And a lemonade for the boy," he added.

"My parents let me drink wine," said Eric. "I'm allowed one glass."

"I bet you are," said Rincewind.

The owner industriously swabbed the tabletop, spreading its coating of dregs and spilt *retsina*^{NT67} into a thin varnish.

"Up for the fight, are you?" he said.

"In a manner of speaking," said Rincewind guardedly.

"I shouldn't wander about too much," said the owner. "They say a civilian let the Ephebians in... not that I've got anything against the Ephebians, a fine body of men," he added hurriedly, as a knot of soldiery jogged past. "A stranger, they say. That's cheating, using civilians. There's people out looking for him so's they can explain." He made a chopping motion with his hand.

Rincewind stared at the hand as though hypnotised.

Eric opened his mouth. Eric screeched and clutched at his shins.

"Have they got a description?" Rincewind said.

"Don't think so."

"Well best of luck to them," said Rincewind, rather more cheerfully.

"What's up with the lad?"

"Cramp."

When the man had gone back behind his counter Eric hissed, "You didn't have to kick me!"

"You're quite right. It was an entirely voluntary act on my part."

A heavy hand dropped on to Rincewind's shoulder. He looked around and up into the face of an Ephebian centurion. A soldier beside him said:

"That's the one, sarge. I'd bet a year's salt."

"Who'd of thought it?" said the sergeant. He gave Rincewind an evil grin. "Up we come, chummy. The chief would like a word with you."

^{NT67} **Retsina** - Um vinho de origem Grega, branco ou rosé, aromatizado pela madeira de pinho.
<http://www.answers.com/main/ntquery?s=retsina&gwp=13>, consultado em 05-10-2010

A parte difícil era observar os soldados a pedir desculpa quando tropeçavam nos clientes. Mas ainda pior, era convencer o dono do café a aceitar como pagamento uma moeda com a efígie de alguém cujo tetravô ainda não tinha nascido. Felizmente, Rincewind conseguiu convencer o homem de que isso do *'futuro'* era o nome de outro país.

– E traga uma limonada para o menino – acrescentou.

– Os meus pais deixam-me beber vinho – protestou Eric. – Posso beber um copo.

– Claro que deixam – disse Rincewind.

O dono do café esfregou a mesa com energia, limpando as migalhas e o vinho entornado, até ficar a brilhar.

– Vão entrar na luta? – perguntou.

– De certa forma, sim – respondeu Rincewind, com prudência.

– Se estivesse no vosso lugar, não andava por aí – disse o dono do café. – Dizem que foi um civil que deixou entrar os Efebianos – não tenho nada contra os Efebianos, uns homens extraordinários – apressou-se a acrescentar, enquanto um grupo de soldados passava a correr. – Dizem que foi um desconhecido. Culpar os civis, isso não se faz. Andam a ver se o encontram para lhe pedir explicações. – E fez, com a mão, um gesto de decapitação.

Rincewind olhou para a mão como se estivesse hipnotizado.

Eric abriu a boca. Deu um grito e agarrou-se às canelas.

– Sabem como ele é? – perguntou Rincewind.

– Acho que não.

– Bem, desejo-lhes boa sorte – disse Rincewind, muito mais animado.

– O que se passa com o rapaz?

– Teve uma câibra.

Quando o homem se afastou e foi para trás do balcão, Eric sussurrou:

– Não era preciso dares-me um pontapé!

– Tens razão. Foi mesmo de propósito.

Uma mão pesada pousou sobre o ombro de Rincewind. Ele virou-se e olhou para cima e viu a cara de um centurião Efebiano. Um soldado que estava ao lado, disse:

– Foi ele, sargento. Aposto um ano de sal.

– Quem diria? – disse o sargento. Lançou um sorriso perverso a Rincewind. – Vamos lá, amigo. O chefe quer ter uma conversa contigo.

Some talk of Alexander and some of Hercules, of Hector and Lysander and such great names as these. In fact, throughout the history of the multiverse people have said nice things about every cauliflower-eared sword-slinger, at least in their vicinity, on the basis that it was a lot safer that way. It's funny how the people have always respected the kind of commander who comes up with strategies like "I want fifty thousand of you chappies to rush at the enemy", whereas the more thoughtful commanders who say things like "Why don't we build a damn great wooden horse and then nip in at the back door while they're all round the thing waiting for us to come out" are considered only one step above common oiks and not the kind of person you'd lend money to.

This is because most of the first type of commanders are brave men, whereas cowards make far better strategists.

Rincewind was dragged before the Ephebian leaders, who had set up a command post in the city's main square so that they could oversee the storming of the central citadel, which loomed over the city on its vertiginous hill. They were not too close, however, because the defenders were dropping rocks.

They were discussing strategy when Rincewind arrived. The consensus seemed to be that if really large numbers of men were sent to storm the mountain, then enough might survive the rocks to take the citadel. This is essentially the basis of all military thinking.

Several of the more impressively dressed chieftains glanced up when Rincewind and Eric approached, gave them a look which suggested that maggots were more interesting, and turned away again. The only person who seemed to be pleased to see them...didn't look like a soldier at all. He had the armour, which was tarnished, and he had the helmet, which looked as though its plume had been used as a paintbrush, but he was skinny and had all the military bearing of a weasel. There was something vaguely familiar about his face, though. Rincewind thought it looked quite handsome.

"Pleased to see them" was only a comparative description. He was the only one who acknowledged their existence.

He was lounging in a chair and feeding the Luggage with sandwiches.

"Oh, hallo," he said gloomily. "It's you."

It was amazing how much information can be crammed in to a couple of words. To achieve the same effect the man could have said: It's been a long night, I'm having to organise everything from wooden horse building to the laundry rota, these idiots are about as much help as a rubber hammer, I never wanted to be here anyway and, on top of all this there's you. Hallo, you.

He indicated the Luggage, which opened its lid expectantly.

Há quem fale de Alexandre, Hércules, Heitor e Lisandro e de outros grandes nomes como esses. Na verdade, ao longo da História do *Multiverso*, sempre se disseram coisas simpáticas sobre todos os indivíduos com orelhas mutiladas e peritos no uso da espada, pelo menos os das redondezas, quanto mais não fosse, por precaução. É curioso como o povo sempre respeitou o tipo de líder que aparece com a estratégia de: *‘Quero que reúnam cinquenta mil soldados e arrasem o inimigo’*, enquanto um líder mais ponderado diria algo como: *‘E se construíssemos um enorme cavalo de madeira para usarmos como engodo, enquanto o inimigo fica à toa à espera de nos ver aparecer’*, e são considerados quase como comuns boçais e não como o tipo de pessoa a quem se emprestaria dinheiro sem qualquer problema.

Isto acontece porque a maior parte dos que pertencem ao primeiro tipo de líder são destemidos, ao contrário dos cobardes, que são muito melhores estrategas.

Rincewind foi levado à presença dos líderes Efebianos, que tinham montado um posto de comando na praça principal da cidade, de forma a poderem perceber o que se passava no interior da cidadela que se situava no alto da colina. No entanto, não se instalaram muito perto porque os seus opositores se defendiam fazendo rolar grandes pedras pela colina abaixo.

Eles estavam a discutir estratégias quando Rincewind chegou. Todos concordavam que se mandassem muitos soldados para lutar na colina, era provável que sobrevivessem os suficientes para conquistar a cidadela. Esta é a essência de qualquer raciocínio militar.

Alguns dos chefes, com vestes imponentes, olharam para cima quando Rincewind e Eric apareceram, com menos entusiasmo do que teriam olhado para um verme e desviaram de novo o olhar. O único que pareceu satisfeito com a presença deles... não se parecia nada com um soldado. Tinha a armadura, que estava em muito mau estado, tinha o capacete, cuja pluma parecia ter sido usada como pincel, mas era magro e tinha o porte bélico de uma doninha. No entanto, o seu rosto tinha algo vagamente familiar. Rincewind achou que ele era muito bonito.

‘Pareceu satisfeito com a presença deles’ é apenas uma maneira de falar. Na verdade, foi o único que deu pela presença deles.

Estava recostado numa cadeira a dar sanduíches à Bagagem.

– Ah, olá – disse, em tom desanimado – são vocês.

É impressionante a quantidade de informação que se pode transmitir apenas em meia dúzia de palavras. Para obter o mesmo efeito, poderia ter dito: *‘Foi uma noite longa. Tenho de organizar tudo desde a construção dos cavalos de madeira até aos serviços de lavandaria, estes idiotas são tão úteis como um martelo de borracha, de qualquer maneira nunca quis estar aqui e, ainda por cima, aparecem vocês. Olá.’*

Apontou para a Bagagem, que abriu a tampa, expectante.

"This yours?" he said.

"Sort of," said Rincewind guardedly. "I can't afford to pay for anything it's done, mind you."

"Funny little thing, isn't it?" said the soldier. "We found it herding fifty Tsorteans into a corner. Why was it doing that, do you think?"

Rincewind thought quickly. "It has this amazing ability to know when people are thinking about harming me," he said. He glared at the Luggage as one might glare at a sly, evil-tempered and generally reprehensible family pet who, after years of biting visitors, has rolled over on its scabby back and played as Lovable Puppy to impress the bailiffs.

"Yes?" said the man, without much surprise. "Magic, is it?"

"Yes."

"Something in the wood, is it?"

"Yes."

"Good job we didn't build the sodding horse out of it, then."

"Yes."

"Got into it by magic, did you?"

"Yes."

"Thought so."

He threw another sandwich at the Luggage.

"Where you from?"

Rincewind decided to come clean.

"The future," he said.

This didn't have the expected effect. The man just nodded.

"Oh," he said, and then he said, "Did we win?"

"Yes."

"Oh. I suppose you can't remember the results of any horse races?" said the man, without much hope.

"No."

"I thought you probably wouldn't. Why did you open the gate for us?"

It occurred to Rincewind that saying it was because he had always been a firm admirer of the Epebrian political position would not, strangely enough, be the right thing to do. He decided to try the truth again. It was a novel approach and worth experimenting with.

"I was looking for a way out," he said.

– Isto é vosso? – perguntou ele.

– Mais ou menos – respondeu Rincewind, prudentemente – mas olhe, eu não posso pagar por qualquer estrago que ela possa ter causado.

– Que coisinha tão engraçada, não é? – disse o soldado. – Encontramo-la a encurrular cinquenta Tsortianos. Sabes porque é que terá feito uma coisa dessas?

Rincewind pensou rapidamente.

– Ela tem a capacidade fabulosa de pressentir quando alguém me quer fazer mal – disse ele.

Lançou um olhar furioso à Bagagem, como se fosse um animal de estimação que, depois de anos a morder as visitas, estivesse a fingir ser um bichinho amoroso, que rolava no chão com as patinhas no ar, só para impressionar as autoridades.

– Ah sim? – disse o homem, sem muita surpresa – É magia?

– Sim.

– É alguma coisa na madeira?

– Sim.

– Então, ainda bem que não construímos o maldito cavalo com ela.

– Sim.

– Então conseguiste isso por magia, não foi?

– Sim.

– Logo vi.

Atirou outra sanduíche à Bagagem.

– De onde é que vocês vieram?

Rincewind decidiu fazer jogo limpo.

– Viemos do futuro – disse ele.

Não obteve o efeito que esperava. O homem limitou-se a abanar a cabeça.

– Oh – disse o homem. A seguir, acrescentou: – E nós ganhámos?

– Sim.

– Oh, calculo que não te consigas lembrar dos resultados das corridas de cavalos? – perguntou o homem, sem grandes expetativas.

– Não.

– Calculei que não. Porque é que nos abriste os portões?

Rincewind pensou que se dissesse que tinha feito aquilo por ser um grande admirador da política Efebiana, talvez não fosse o mais acertado. Decidiu dizer a verdade, mais uma vez. Era uma abordagem nova mas valia a pena experimentar.

– Estava à procura de uma saída – disse ele.

"To run away."

"Yes."

"Good man. Only sensible thing, in the circumstances."

He noticed Eric, who was staring at the other captains clustered around their table and deep in argument.

"You, lad," he said. "Want to be a soldier when you grow up?"

"No, sir."

The man brightened a bit. "That's the stuff," he said.

"I want to be a eunuch, sir," Eric added.

Rincewind's head turned as though it was being dragged.

"Why?" he said, and then came up with the obvious answer at the same as Eric:

"Because you get to work in the harem all day long," they chorused slowly.

The captain coughed.

"You're not this boy's teacher, are you?" he said.

"No."

"Do you think anyone has explained to him...?"

"No."

"Perhaps it would be a good idea if I got one of the centurions to have a word? You'd be amazed at the grasp of language those chaps have got."

"Do him the power of good, I expect," said Rincewind.

The soldier picked up his helmet, sighed, nodded at the sergeant and smoothed out the creases in his cloak. It was a grubby cloak.

"I think I'm expected to tell you off, or something," he said.

"What for?"

"Spoiling the war, apparently."

"Spoiling the war?"

The soldier sighed.

"Come on. Let's go for a stroll. Sergeant, you and a couple of lads, please."

A stone whistled down from the fort high above them, and shattered.

"They can hold out for bloody weeks, up there." Said the soldier gloomily, as they walked away with the Luggage padding patiently behind them.

– Para fugirem.

– Sim.

– Pobre homem. Era a única coisa sensata, dadas as circunstâncias.

Reparou em Eric que olhava fixamente para os outros soldados que, reunidos à mesa, discutiam acaloradamente.

– Eh, rapaz – disse ele – queres ser um soldado quando fores grande?

– Não, Senhor.

O homem mostrou-se um pouco mais animado.

– Assim é que é falar – disse ele.

– Eu quero ser eunuco, Senhor – acrescentou Eric.

A cabeça de Rincewind rodou como se estivesse a ser arrastada.

– Porquê? – perguntou Rincewind. E lembrou-se logo da resposta óbvia ao mesmo tempo que Eric respondia:

– Porque têm de trabalhar num harém o dia inteiro – disseram ambos num coro lento.

O capitão tossiu.

– Tu não és o professor deste rapaz, pois não? – perguntou.

– Não.

– Achas que alguém já lhe explicou...?

– Não.

– Talvez fosse boa ideia se um dos centuriões falasse com ele, não achas? É surpreendente a intuição que esses homens têm.

– Acho que lhe faria bem – disse Rincewind.

O soldado pegou no capacete, suspirou, acenou para o sargento e alisou as dobras da capa. Era uma capa imunda.

– Eles acham que eu devia dar-te uma descompostura, ou algo parecido.

– Porquê?

– Por teres estragado a guerra, ao que parece.

– Estragado a guerra?

O soldado suspirou.

– Anda daí. Vamos dar um passeio. – Sargento, venha e traga dois soldados, por favor.

Um pedregulho rolou, a grande velocidade, pela encosta e desfez-se em pedaços no chão.

– Vão conseguir resistir ali em cima durante semanas – disse o soldado, desanimado, enquanto se afastavam com a Bagagem colada a eles, seguindo-os pacientemente.

"I'm Lavaeolus.^{NT68} Who're you?"

"He's my demon," said Eric.

Lavaeolus raised an eyebrow, the closest he ever came to expressing surprise at anything.

"Is he? I suppose it takes all sorts. Any good at getting into places, is he?"

"He's more the getting-out kind," said Eric.

"Right," said Lavaeolus. He stopped beside a building and walked up and down a bit with his hands in his pockets, tapping on the flagstones with the toe of his sandal.

"Just here, I think, sergeant," he said after a while.

"Right you are, sir."

"Look at that lot, will you?" said Lavaeolus, while the sergeant and his men started to lever up the stones. "That bunch around the table. Brave lads, I'll grant you, but look at them. Too busy posing for triumphant statues and making sure the historians spell their names right. Bloody years we've been laying siege to this place. More military, they said. You know, they actually enjoy it? I mean, when all's said and done, who cares? Let's just get it over with and go home, that's what I say."

"Found it, sir," said the sergeant.

"Right." Lavaeolus didn't look round. "Ok."

He rubbed his hands together.

"Let's sort this out, and then we can get an early night. Would you care to accompany me? Your pet might be useful."

"What are we going to do?" said Rincewind suspiciously.

"We're just going to meet some people."

"Is it dangerous?"

A stone smashed through the roof of a building nearby.

"No, not really," said Lavaeolus. "Compared to staying here, I mean. And if the rest to them try to storm the place, you know, in a proper military way... "

The hole led into a tunnel. The tunnel, after winding a bit, led to stairs. Lavaeolus mooched along it, occasionally kicking bits of fallen masonry as if he had a personal grudge against them.

"Er," said Rincewind, "where does this lead?"

"Oh, it's just a secret passageway into the centre of this citadel."

^{NT68} **Lavaeolus** – Um herói de guerra que corresponde, no Discworld, a Ulisses. É um dos mais ardilosos guerreiros de toda a epopeia grega.

<http://wiki.lspace.org/wiki/Lavaeolus>, consultado em 05-10-2010

– Chamo-me Lavaeolus. E tu?

– Ele é o meu demónio – respondeu Eric.

Lavaeolus ergueu o sobrolho, numa expressão de extrema surpresa.

– Ah sim? Imagino que existam muitas espécies. Ele é dos que entram facilmente em qualquer sítio?

– Não, ele é mais do género dos que são bons a sair dos sítios.

– Muito bem – disse Lavaeolus.

Parou ao lado de um edifício e depois começou a andar de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos, batendo nas pedras da calçada com a ponta das sandálias.

– Acho que é mesmo aqui, sargento – disse, passado algum tempo.

– Com certeza, Senhor.

– Vigia aquele grupinho, está bem? – disse Lavaeolus, enquanto o sargento e os homens começavam a levantar as pedras. – Aquele grupo à volta da mesa. São uns valentes, tenho de admitir, mas olhem para eles. Estão muito ocupados a posar para as estátuas e a fazer de tudo para garantir que os historiadores vão escrever os seus nomes de forma correta. Há anos que cercamos esta região. *‘Aí vêm mais soldados’*, dizem eles. E vocês sabem que eles até gostam? Ao fim e ao cabo, quem se importa com isso? Vamos mas é acabar com isto e voltar para casa, isso é que interessa.

– Encontramos, Senhor – disse o sargento.

– Muito bem. – Lavaeolus nem olhou para trás – *‘Ok’* – esfregou as mãos, satisfeito. – Vamos lá resolver isto e podemos todos ir embora mais cedo. Vocês querem fazer-me companhia? O vosso bichinho de estimação pode vir a ser útil.

– E o que vamos fazer? – perguntou Rincewind, desconfiado.

– Vamos só encontrar-nos com umas pessoas.

– Será perigoso?

Um pedregulho caiu e esmagou o telhado de um edifício próximo.

– Não, não é nada perigoso – disse Lavaeolus. – Quer dizer, comparado com ficarmos aqui. E se os outros tentarem alguma coisa, em termos militares, digo eu...

O buraco ia dar a um túnel. E, depois de algumas curvas, levava até umas escadas.

Lavaeolus deslizou lentamente ao longo do túnel, dando alguns pontapés em bocados de pedra soltos, como se tivesse um ressentimento especial contra eles.

– Eh... – balbuciou Rincewind – onde é que isto vai dar?

– Oh, é apenas uma passagem secreta para a parte central do castelo.

"You know, I thought it would be something like that," said Rincewind. "I've got an instinct for it, you know. And I expect all the really top Tsorteans will be up there, will they?"

"I hope so," said Lavaeolus, trudging up the steps.

"With lots of guards?"

"Dozens, I imagine."

"Highly trained, too?"

Lavaeolus nodded. "The best."

"And this is where we're going," said Rincewind, determined to explore the full horror of the plan as one probes the site of a rotting tooth.

"That's right."

"All six of us."

"And your box, of course."

"Oh, yes," said Rincewind, making a face in the darkness.

The sergeant tapped him gently on the shoulder and leaned forward.

"Don't you worry about the captain, sir" he said. "He's got the finest military brain on the continent."

"How do you know? Has anyone ever seen it?" said Rincewind.

"You see, sir, what it is, he likes to get it over with without anyone getting hurt, sir, especially him. That's why he dreams up things like the horse, sir. And bribing people and that. We got into civvies last night and come in and got drunk in a pub with one of the palace cleaners, see, and found out about this tunnel."

"Yes, but secret passages!" said Rincewind. "There'll be guards and everything at the other end!"

"No, sir. They use it to store the cleaning things, sir."

There was a clang in the darkness ahead of them. Lavaeolus had tripped over a mop.

"Sergeant?"

"Sir?"

"Just open the door, will you?"

Eric was tugging at Rincewind's robe.

"What?" said Rincewind testily.

"You know who Lavaeolus is, don't you?" whispered Eric.

– Bem me pareceu que seria alguma coisa desse género – disse Rincewind – Tenho uma intuição para estas coisas, sabes? Espero que todos os Tsortianos mais importantes estejam lá em cima, o que achas?

– Também espero que sim – respondeu Lavaeolus, subindo os degraus com esforço.

– Com muitos guardas?

– Dúzias deles, acho eu.

– Muito bem treinados?

Lavaeolus acenou com a cabeça.

– Os melhores.

– E é para lá que vamos – disse Rincewind, determinado a descobrir o horror do plano, como alguém que investiga a posição exata de um dente podre.

– É isso mesmo.

– Nós os seis.

– E a vossa caixa, claro.

– Oh, sim – disse Rincewind, fazendo uma careta, na escuridão.

O sargento bateu-lhe levemente no ombro e inclinou-se para a frente.

– Não te preocupes com o capitão – disse ele – Ele tem o cérebro militar mais extraordinário de todo o continente.

– Como é que sabes isso? Alguma vez alguém o viu? – perguntou Rincewind.

– Sabes, ele gosta de vencer as batalhas sem que ninguém fique ferido, especialmente ele. É por isso que idealiza coisas como o cavalo. E pessoas que se deixam subornar e coisas do género. Nós vestimo-nos à paisana, ontem à noite, saímos e embebedamo-nos num bar com um dos empregados de limpeza do palácio, estás a ver, e foi assim que descobrimos este túnel.

– Pois, mas é uma passagem secreta! – disse Rincewind – Deve haver guardas e tudo, do lado de lá!

– Nada disso. Eles usam este túnel para guardar os utensílios de limpeza.

Ouviu-se um som estridente, na escuridão, mesmo à frente deles. Lavaeolus tinha tropeçado numa esfregona.

– Sargento?

– Senhor?

– Pode abrir a porta, por favor?

Eric puxava pela capa de Rincewind.

– O que se passa? – perguntou Rincewind, irritado.

– Sabes quem é o Lavaeolus, não sabes? sussurrou Eric.

"Well..."

"He's Lavaeolus!"

"Get away?"

"Don't you know the Classics?"

"That isn't one of these horse race we're supposed to remember, is it?"

Eric rolled his eyes. "Lavaeolus was responsible for the fall of Tsort, on account of being so cunning," he said. "And then afterwards it took him ten years to get home and he had all sorts of adventures with temptresses and sirens and sensual witches."

"Well I can see why you've been studying him. Ten years, eh? Where did he live?"

"About two hundred miles away," said Eric earnestly.

"Kept getting lost, did he?"

"And when he got home he fought his wife's suitors and everything, and his dear dog recognised him and died."

"Oh, dear."

"It was the carrying his slippers in its mouth for fifteen years that killed it off."

"Shame."

"And you know what, demon? All this hasn't happened yet. We could save him all that trouble!"

Rincewind thought about this.

"We could tell him to get a better navigator, for a start," he said.

There was a creak. The soldiers had got the door open.

"Everyone fall in, or whatever the bloody stupid command is," said Lavaeolus. "The magic box to the front, please. No killing anyone unless it's really necessary. Try not to damage things. Right. Forward."

The door led into a column-lined corridor. There was the distant murmur of voices.

The troop crept towards the sound until it reached a heavy curtain. Lavaeolus took a deep breath, pushed it aside and stepped forward and launched into a prepared speech.

"Now, I want to make myself absolutely clear," he said. "I don't want there to be any unpleasantness of any kind, or any shouting for guards and so forth. Or indeed any shouting at all. We will just take the young lady and go home, which is where anyone of any sense ought to be. Otherwise I shall really have to put everyone to the sword, and I hate having to do things like that."

The audience to this statement did not appear to be impressed. This was because it was a small child on a potty.

– Bem...

– Ele é o Lavaeolus!

– Fugimos?

– Não conheces os Clássicos?

– Por acaso isso não é uma daquelas corridas de cavalos de que eu devia lembrar-me, pois não?

Eric revirou os olhos.

– Lavaeolus foi o responsável pela queda de Tsort por ser tão habilidoso – disse ele – Depois, levou dez anos a chegar a casa e envolveu-se em toda a espécie de aventuras com mulheres sedutoras, sereias e bruxas sensuais.

– Bem, agora percebo porque é que andaste a estudar sobre ele. Com que então, dez anos? Onde é que ele vivia?

– A cerca de trezentos quilómetros daqui – respondeu Eric, muito sério.

– Andava sempre a perder-se, não era?

– E quando voltou para casa lutou com os homens que andavam a fazer a corte a sua mulher, o cão velhinho reconheceu-o e, a seguir, morreu.

– Meu deus!

– O facto de andar com os chinelos dele na boca, nos últimos quinze anos, matou o cachorro.

– Que coisa horrível.

– E sabes uma coisa? Isto tudo ainda não aconteceu. Podíamos poupar-lhe esse trabalho todo!

Rincewind ficou a pensar naquilo.

– Para começar, podíamos dizer-lhe para usar um guia mais eficiente – disse ele.

Ouviram um estrondo. Os soldados tinham aberto a porta.

– Todos em formatura, ou lá como é a voz de comando – disse Lavaeolus. – A caixa mágica para a frente, por favor. Não matem ninguém a não ser que seja absolutamente necessário. Façam os possíveis para não danificarem nada. Muito bem. Marchar!

A porta dava para um corredor com colunas alinhadas. Havia um murmúrio de vozes, ao longe. O exército moveu-se, lentamente, na direção do som até chegar a uma cortina pesada. Lavaeolus respirou fundo, afastou-a, avançou e começou a discursar.

– Quero ser absolutamente claro – disse ele – Não quero aqui situações desagradáveis, de nenhuma espécie, gritaria para chamar os guardas e coisas do género. Nem berros de espécie alguma. Vamos só resgatar a jovem e regressamos a casa, onde devíamos estar, se tivéssemos juízo. Caso contrário, terei de usar a espada, e isso é algo que detesto ter de fazer.

Quem estava a ouvir estas declarações não pareceu ficar impressionado. É que era só uma criancinha sentada num pote.

Lavaeolus changed mental gear and went on smoothly:

"On the other hand, if you don't tell me where everyone is, I shall ask the sergeant here to give you a really hard smack."

The child took its thumb out of its mouth.

"Mummy is seeing to Cassie," it said. "Are you Mr. Beekle?"

"I don't think so," said Lavaeolus.

"Mr. Beekle is a silly."

The child withdrew its thumb and, with the air of one concluding some exhaustive research, added:

"Mr. Beekle is a poo."

"Sergeant?"

"Sir?"

"Guard this child."

"Yes, sir. Corporal?"

"Sarge?"

"Take care of the kid."

"Yes, sarge. Private Archeios?"

"Yes, corp," said the soldier, his voice gloomy with prescience.

"See to the sprog."

Private Archeios looked around. There was only Rincewind and Eric left and, while it was true that a civilian was in every respect the lowest possible rank there was, coming somewhere after the regimental donkey, the expressions on their faces suggested that they weren't about to take any orders.

Lavaeolus wandered across the room and listened at another curtain.

"We could tell him all kinds of stuff about his future," hissed Eric. "He had - I mean, he will have - all kinds of things happen to him. Shipwrecks and magic and all his crew turned into animals and stuff like that."

"Yes. We could say 'Walk home'," said Rincewind.

The curtain swished aside.

There was a woman there... plump, good-looking in a slightly faded way, wearing a black dress and the beginnings of a moustache. A number of children of varying sizes were trying to hide behind her. Rincewind counted at least seven of them.

"Who's that?" said Eric.

"Ahem," said Rincewind. "I rather think it's Elenor of Tsort."

"Don't be silly," whispered Eric. "She looks like a mum. Elenor was much younger and was all..."

Lavaeolus percebeu a situação e continuou:

– Por outro lado, se não me disseres para onde foi toda a gente, mando o sargento dar-te uma bofetada.

A criança tirou o dedo da boca.

– A mamã está a tratar da Cassie – disse a criança. – És o Sr. Beekle?

– Acho que não – disse Lavaeolus.

– O Sr. Beekle é um tolo.

A criança afastou o dedo e, com ar de quem acaba de chegar a uma importante conclusão, acrescentou:

– O Sr. Beekle é uma porcária.

– Sargento?

– Senhor?

– Tome conta desta criança.

– Sim, Senhor. Cabo?

– Sargento?

– Tome conta da criança.

– Sim, sargento. Soldado Archeios?

– Sim, cabo – disse o soldado, num tom de voz triste e com mau pressentimento.

– Tome conta do bebé.

O soldado Archeios olhou à sua volta. Restavam apenas Rincewind e Eric e, embora fosse verdade que um civil era, sob todos os aspetos, o posto mais baixo que existia, logo a seguir ao burro do regimento, a expressão dos seus rostos sugeria que não estavam dispostos a obedecer a ordens.

Lavaeolus vagueava pela sala e pôs-se à escuta atrás de outra cortina.

– Podíamos contar-lhe tudo sobre o futuro dele – sussurrou Eric. – Aconteceram, quer dizer, vão acontecer-lhe muitas coisas. Naufrágios, encantamentos e toda a tripulação transformada em animais e coisas desse género.

– Pois, podíamos dizer-lhe “vai mas é para casa” – disse Rincewind.

A cortina abriu-se.

Estava ali uma mulher... rechonchuda, um tipo de beleza à antiga, com um vestido preto e com um ligeiro bigode. Algumas crianças, de diversas idades, tentavam esconder-se atrás dela. Rincewind contou, pelo menos, umas sete.

– Quem é esta? – perguntou Eric.

– Hum – disse Rincewind – acho que é a Elenor de Tsort.

– Não sejas parvo – sussurrou Eric – Tem ar de mãe. Elenor era muito mais nova e mais...

His voice gave out and he made several wavy motions with his hand, indicative of the shape of a woman who would probably be unable to keep her balance.

Rincewind tried not to catch the sergeant's eye.

"Yes," he said, going a bit red. "Well, you see. Er. You're absolutely right, but well, it's been a long siege, hasn't it, what with one thing and another."

"I don't see what that's got to do with it," said Eric sternly. "The Classics never said anything about children. They said she spent all her time mooning around the towers of Tsort and pining for her lost love."

"Well, yes, I expect she did pine a bit," said Rincewind. "Only, you know, you can only pine so much, and it must have been a bit chilly up on those towers."

"You can catch your death, mooning," nodded the sergeant.

Lavaeolus watched the woman thoughtfully. Then he bowed.

"I expect you know why we're here, my lady?" he said.

"If you touch any of the children I shall scream," said Elenor flatly.

Once again Lavaeolus showed that along with his guerilla abilities was a marked reluctance to waste a prepared speech once he had it all sorted out in his head.

"Fair maiden," he began. "We have faced many dangers in order to rescue you and take you back to your loved..." His voice faltered. "...ones. Er. This has all gone terribly wrong, hasn't it?"

"I can't help it," said Elenor. "The siege seemed to go on for such a long time and King Mausoleum was very kind and I never liked it much in Ephebe anyway..."

"Where is everyone now? The Tsorteans, I mean. Apart from you."

"They're all out on the battlements throwing rocks, if you must know."

Lavaeolus flung up his hands in desperation.

"Couldn't you, you know, have slipped us a note or something? Or invited us to one of the christenings?"

"You all seemed to be enjoying yourselves so much," she said.

Lavaeolus turned and shrugged gloomily. "All right," he said. "Fine. Q.E.D.^{NT69} No problem. I wanted to leave home and spend ten years sitting in a swamp with a bunch of meat-headed morons. It wasn't as if I had anything important to do back home, just a little kingdom to rule, that sort of thing. Ok. Well, then. We might as well be off. I'm sure I don't know how I shall break it to everyone," he said bitterly, "they were having such fun. They'll probably have a bloody great banquet and laugh about it and get drunk, it'd be their style."

^{NT69} **Q.E.D. - Quod erat demonstrandum**, uma expressão em latim que significa "como se queria demonstrar".
http://pt.wikipedia.org/wiki/Quod_erat_demonstrandum, consultado em 08-10-2010

Calou-se e fez vários movimentos com a mão, desenhando as formas de uma mulher que, provavelmente, não conseguiria equilibrar-se de pé.

Rincewind tentou não atrair a atenção do sargento.

– Pois – disse ele, ligeiramente ruborizado. – Bem, sabes como é. É que... Tens toda a razão, mas o cerco durou muito tempo, e tal, e com umas coisas e outras...

– Não percebo o que uma coisa tem a ver com a outra – disse Eric, em tom áspero. – Os Clássicos não falam em crianças. Dizem que ela passou o tempo todo a vaguear pelas torres de Tsort, chorando pelo seu amor perdido.

– Bem, acredito que ela tenha chorado um pouco – disse Rincewind – Só que, sabes, as lágrimas também têm um limite e devia estar um frio de rachar naquelas torres.

– Pode-se morrer de desgosto – disse o sargento, assentindo com a cabeça.

Lavaeolus observou a mulher, pensativo. A seguir, fez uma vénia.

– Sabe porque estamos aqui, Senhora? – perguntou ele.

– Se tocarem nas crianças, eu grito – disse Elenor, decidida.

Lavaeolus mostrou de novo que, para além das suas capacidades bélicas, tinha evidente relutância em desperdiçar um discurso que já tinha definido na sua cabeça.

– Encantadora donzela – começou. – Enfrentamos muitos perigos para a salvar e levá-la de volta ao seu amado... – emudeceu – ...aos seus entes queridos. Eh, isto agora correu muito mal, não correu?

– Não tive culpa nenhuma – disse Elenor. – O cerco demorou muito tempo, o Rei Mausoleum foi muito amável e eu também nunca gostei muito daquilo lá em Efebe...

– Onde estão todos agora? Os Tsortianos. Quer dizer, para além da senhora.

– Estão todos nas muralhas a atirar pedras, se quer saber.

Lavaeolus ergueu as mãos, desesperado.

– Não podia, ao menos, ter avisado, mandado um bilhete ou coisa parecida? Ou convidar-nos para um dos batizados?

– Vocês pareciam estar tão divertidos – disse ela.

Lavaeolus virou-se e encolheu os ombros, desanimado.

– Muito bem – disse ele. – Ótimo. *‘Quod erat demonstrandum’*. Não há problema. Fui eu que quis sair de casa e passar dez anos num pântano com um bando de imbecis. Não tinha nada para fazer, só um pequeno reino para governar, coisas assim. *Ok*. Então, está bem. Já podemos ir embora. O que não sei é como é que vou contar isto a toda a gente – disse, amargamente. – *“...estavam tão divertidos. Provavelmente, vão fazer um grande banquete, embebedar-se e rir disto tudo. É mesmo deles.”*

He looked at Rincewind and Eric.

"You might as well tell me what happens next," he said. "I'm sure you know."

"Humm," said Rincewind

"The city burns down," said Eric. "Especially the topless towers. I didn't get to see them," he added sulkily.

"Who did it? Their lot or our lot?" said Lavaeolus.

"Your lot, I think," said Eric.

Lavaeolus sighed. "Sounds like them," he said.

He turned to Elenor: "Our lot... that is, my lot... are going to burn down the city," he said. "It sounds very heroic. It's just the kind of thing they go for. It might be a good idea to come with us. Bring the kids. Make it a day out for all the family, why don't you?"

Eric pulled Rincewind's ear towards his mouth.

"This is a joke, isn't it?" he said. "She's not really the fair Elenor, you're just having me on?"

"It's always the same with these hot-blooded types," said Rincewind. "They definitely go downhill at thirty-five."

"It's the pasta that does it," said the sergeant.

"But I read where she was the most beautiful..."

"Ah, well," said the sergeant. "If you're going to go around reading..."

"The thing is," said Rincewind quickly, "it's what they call dramatic necessity. No one is going to be interested in a war fought over a, a quite pleasant lady, moderately attractive in a good light. Are they?"

Eric was nearly in tears.

"But it said her face launched a thousand ships..."

"That's what you call a metaphor," said Rincewind.

"Lying," the sergeant explained, kindly.

"Anyway, you shouldn't believe everything you read in the classics," Rincewind added. "They never check their facts. They're just out to sell legends."

Lavaeolus, meanwhile, was deep in argument with Elenor.

"All right, all right," he said. "Stay here if you like. Why should I care? Come on, you lot. We're going. What are you doing, Private Archeios?"

"I'm being a horse, sir," explained the soldier.

"He's Mr. poo," said the child, who was wearing Private Archaos' helmet.

"Well, when you've finished being a horse, find us an oil lamp. I caught my knees a right wallop in that tunnel."

Olhou para Rincewind e Eric.

– Podem dizer-me o que vai acontecer agora? – Tenho a certeza de que sabem.

– Humm... – disse Rincewind.

– A cidade vai arder – disse Eric. – Principalmente as torres sem topo, aquelas que nem consegui ver – acrescentou, mal-humorado.

– Quem fez isso? O grupo deles ou o nosso? – perguntou Lavaeolus.

– Acho que foi o seu grupo – respondeu Eric.

Lavaeolus suspirou.

– É mesmo deles – disse ele. Virou-se para Elenor:

– O nosso grupo, ou seja, o meu grupo, vai incendiar a cidade – disse ele. – Que gesto tão heroico. Mesmo o que eles gostam de fazer. É capaz de ser boa ideia vir connosco. Traga as crianças. Vai ser como passar o dia fora com a família, não acha?

Eric puxou a orelha de Rincewind e aproximou-a da boca:

– Estás a brincar, não estás? – perguntou – Ela não é a Elenor, queres enganar-me?

– É sempre a mesma coisa com estas pessoas fogosas – disse Rincewind. Entram em decadência depois dos trinta e cinco.

– É por causa da massa – disse o sargento.

– Mas eu li que ela era a mais bela...

– Ah, pois, – disse o sargento – se acreditares em tudo o que lêes...

– O que se passa é o seguinte – disse Rincewind, rapidamente – é aquilo a que se chama ‘necessidade dramática’. Ninguém se vai interessar por uma guerra que foi travada por causa de uma senhora simpática, mais ou menos atraente, sob a iluminação certa, estão a ver?

Eric estava quase a chorar.

– Mas dizia que o rosto dela causou a partida de milhares de navios para a guerra...

– Isso é uma metáfora – disse Rincewind.

– Mentir – explicou o sargento, delicadamente.

– Seja como for, não deves acreditar em tudo o que lêes nos Clássicos – acrescentou Rincewind. – nunca verificam esse factos. Só querem vender histórias.

Entretanto, Lavaeolus discutia com Elenor.

– Está bem, está bem – disse ele. – Fique aqui, se quiser. O que me importa? Vamos lá, rapazes. Vamos embora. Soldado Archeios, o que está a fazer?

– Estou a fingir que sou um cavalo, Senhor – explicou o soldado.

– Ele é o Senhor Porcaria – disse a criança, com o capacete do soldado na cabeça.

– Bem, quando acabares de fingir que és um cavalo, arranja-nos uma lamparina. Magoei-me nos joelhos quando estava no túnel.

Flames roared over Tsort. The entire hubward^{NT70} sky was red.

Rincewind and Eric watched from a rock down by the beach.

"They're not topless towers, anyway," said Eric after a while. "I can see the tops."

"I think they meant the topple less towers," Rincewind hazarded, as another one collapsed, red-hot, into the ruins of the city. "And that was wrong, too."

They watched in silence for a while longer, and the Eric said, "Funny, that. The way you tripped over the Luggage and dropped the lamp and everything."

"Yes," said Rincewind shortly.

"Makes you think history is always going to find a way to work itself out."

"Yes."

"Good, though, the way your luggage rescued everyone."

"Yes."

"Funny to see all those kids riding on its back."

"Yes."

"Everyone seems quite pleased about it."

The opposing armies were, at any rate.

No one was bothered to ask the civilians, whose views on warfare were never reliable. Among the soldiery, at least among the soldiery of a certain rank, there was a lot of back-slapping and telling of anecdotes, jovial exchanging of shields and a general consensus that, what with the fires and sieges and armadas and wooden horses and everything, it had been a jolly good war. The sound of singing echoed across the wine-dark sea.

"Hark at them," said Lavaeolus, emerging from the gloom around the beached Epebian ships. "It'll be fifteen choruses of 'The Ball of Philodelphus' next, you mark my words. Lot of idiots with their brains in their jockstraps."

He sat down on the rock.

"Bastards," he said, with feeling.

"Do you think Elenor will be able to explain it all to her boyfriend?" said Eric.

"I imagine so," said Lavaeolus. "They usually can."

"She did get married. And she's got lots of children," said Eric.

Lavaeolus shrugged.

^{NT70} **Hubward** – Os mapas, direções e orientações no Discworld são radicalmente diferentes dos planetas esféricos mais comuns. Por ter a forma de disco, os sentidos “usuais” tais como o norte ou o oeste não se aplicam. Em seu lugar, os sentidos são **hubwards** (para o centro do disco), **rimwards** (para a borda do disco), **turnwise** (ao longo do sentido em que o disco gira) e **widdershins** (sentido contrário àquele em que o disco gira).
http://wiki.lspace.org/wiki/Discworld_%28world%29, consultado em 09-10-2010

As chamas alastraram sobre Tsort. O céu, no centro do disco, estava todo vermelho.

Rincewind e Eric assistiam a tudo, atrás de uma pedra, ao fundo, na praia.

– Afinal, não são torres sem topo – disse Eric, passado algum tempo. – Já consigo ver as extremidades.

– Acho que queriam dizer torres altas, que não caem – arriscou Rincewind, enquanto outra torre se desmoronava, em chamas, sobre a cidade em ruínas. – E isso também não estava correto.

Continuaram a observar em silêncio, durante uns momentos, e, depois, Eric disse:

– Foi engraçado. A maneira como tropeçaste na Bagagem, deixaste cair a lanterna e tudo.

– Foi – disse Rincewind, bruscamente.

– Faz-nos pensar que a História arranja sempre uma solução.

– É.

– Mas foi bom ver a maneira como a tua Bagagem salvou toda a gente.

– Sim.

– E foi engraçado ver aquelas crianças todas montadas nas costas dela.

– Foi.

– Parece que todos ficaram contentes.

O exército inimigo, pelo menos, estava.

Ninguém se tinha dado ao trabalho de abordar os civis, cuja opinião sobre assuntos de guerra nunca era levada a sério. Entre os militares, pelo menos os de um certo nível hierárquico, havia muitas pancadinhas nas costas e anedotas, trocas de escudos por entre sorrisos de boa camaradagem e a opinião unânime de que, com os incêndios, os cercos, a frota de navios de guerra, os cavalos de madeira e tudo o mais, até tinha sido uma guerra muito interessante. O som das cantorias ecoava pelo mar escuro como vinho.

– Escutem-nos com atenção – disse Lavaeolus, surgindo da escuridão que rodeava os navios Efebianos encalhados na praia. – A seguir vão cantar os quinze refrãos de ‘O Baile de Philadelphus’. Oçam o que eu digo. Bando de idiotas que pensam com a cabeça de baixo.

Sentou-se num rochedo.

– Os sacanas – disse, enraivecido.

– Vocês acham que a Elenor vai conseguir explicar isto tudo ao namorado? – perguntou Eric.

– Calculo que sim – disse Lavaeolus. – Normalmente conseguem.

– Ela casou mesmo. E teve muitos filhos. – Disse Eric

Lavaeolus encolheu os ombros.

"A moment's wild passion," he said. He gave Rincewind a sharp look.

"Hey, you, demon," he said. "I'd like a quiet word, if I may."

He led Rincewind towards the boats, pacing heavily across the damp sand as if there was a lot on weighing on his mind.

"I'm going home tonight, on the tide," he said. "No sense in hanging about here, what with the war being over and everything."

"Good idea."

"If there's one thing I hate, it's sea voyages," said Lavaeolus. He gave the nearest boat a kick. "It's all idiots striding around and shouting, you know? Pull this, lower that, avast the other. And I get seasick, too."

"It's heights with me," said Rincewind, sympathetically.

Lavaeolus kicked the boat again, obviously wrestling with some big emotional problem.

"The thing is," he said, wretchedly. "You wouldn't happen to know if I get home all right, would you?"

"What?"

"It's only a few hundred miles, it shouldn't take too long, should it?" said Lavaeolus, radiating anxiety like a lighthouse.

"Oh."

Rincewind looked at the man's face. Ten years, he thought. And all kinds of weird stuff with winged wossnames and sea-monsters. On the other hand, would it do him any good to know?

"You get home okay," he said. "You're well known for it, in fact. There's whole legends about you going home."

"Phew." Lavaeolus leaned against a hull, took off his helmet and wiped his forehead. "That's a load off my mind, I'll tell you. I was afraid the gods might have a grudge against me."

Rincewind said nothing.

"They get a bit angry if you go around thinking up ideas like wooden horses and tunnels," said Lavaeolus. "they're traditionalists, you know. They prefer people just to hack at one another. I thought, you see, that if I could show people how to get what they wanted more easily they'd stop being so bloody stupid."

From further along the shoreline came the sound of male voices raised in song:

"... vestal virgins, Came down from Heliodeliphilodelphiboschromenos,^{NT71} And when the ball was over, There were..."

^{NT71} **Heliodeliphilodelphiboschromenos** – Cidade grega existente na época da Guerra de Troia.
<http://wiki.lspace.org/wiki/Heliodeliphilodelphiboschromenos>, consultado em 09-10-2010

– Foi um momento de paixão louca – explicou. E lançou um olhar malicioso a Rincewind.

– Ei, demónio – disse Lavaeolus. – Gostaria de te dar uma palavrinha em privado.

Acompanhou Rincewind até aos barcos, caminhando pesadamente sobre a areia húmida, como se sentisse o enorme peso dos seus pensamentos.

– Vou voltar esta noite para casa, com a maré – disse ele. – Já não faz sentido continuar aqui, agora que a guerra acabou e tudo o mais.

– Boa ideia.

– Se há uma coisa que eu detesto é ter de viajar por mar – disse Lavaeolus. E deu um pontapé no barco que estava mesmo ali. – São só idiotas a andar de um lado para o outro e a gritar, sabes como é? Puxa isto, baixa aquilo, larga o outro. E também enjoa.

– Eu tenho medo de alturas – disse Rincewind, solidário.

Lavaeolus deu outro pontapé no barco, e era óbvio que se debatia com um sério problema emocional.

– O problema é... – disse, com tristeza – por acaso não sabes se chego a casa são e salvo?

– O quê?

– São só algumas centenas de quilómetros, não deve demorar muito, pois não? – disse Lavaeolus, com a ansiedade espelhada no rosto.

– Oh –

Rincewind olhou para ele. Uns dez anos, talvez. E todo o género de aventuras esquisitas com coisas alados e monstros marinhos. Por outro lado, servir-lhe-ia de alguma coisa saber disso?

– Vais chegar bem a casa – disse Rincewind. E ficaste conhecido por isso. Há muitas narrativas sobre o teu regresso.

– Uffa !

Lavaeolus encostou-se ao casco de um barco, tirou o capacete e limpou a testa.

– Tiraste-me um peso de cima, acredita. Tinha medo que os deuses tivessem algum ressentimento contra mim.

Rincewind ficou calado.

– Eles ficam um pouco zangados quando começamos a pensar em cavalos de madeira e túneis – disse Lavaeolus. – São conservadores, sabes como é. Preferem os que lutam uns com os outros. Sabes, eu pensava que se mostrasse às pessoas como podiam obter o que desejam de uma forma mais fácil, elas deixariam de ser tão estúpidas.

De um ponto distante da costa, chegava o som de vozes masculinas entoando uma canção:

– ‘...virgens castas, vieram de Heliodeliphilodelphiboschromenos e quando o baile acabou, havia...’

"It never works," said Rincewind.

"It's got to be worth a try, though. Hasn't it?"

"Oh, yes."

Lavaeolus slapped him on the back.

"Cheer up," he said. "Things can only get better."

They walked out into the dark breakers where Lavaeolus' ship was riding at anchor, and Rincewind watched him swim out and climb aboard. After a while the oars were shipped, or unshipped, or whatever they called it when they were stuck through the holes in the sides, and the boat moved slowly out into the bay.

A few voices floated back over the surf.

"Point the pointed end that way, sergeant."

"Aye, aye, sir!"

"And don't shout. Did I tell you to shout? Why do you all have to shout? Now I'm going downstairs for a lie down."

Rincewind trudged back up the beach.

"The trouble is," he said, "is that things never get better, they just say the same, only more so. But he's going to have enough to worry about."

Behind him, Eric blew his nose.

"That was the saddest thing I've ever heard," he said.

From further along the beach the Ephebian and Tsortean armies were still in full voice around their convivial campfires.

"... the village harpy she was there... "

"Come on," said Rincewind. "Let's go home."

"You know the funny thing about his name?" said Eric, as they strolled along the sand.

"No. what do you mean?"

"Lavaeolus means 'Rinser of winds'."

– Isto nunca dá bom resultado – disse Rincewind.

– Mas deve valer a pena tentar, não achas?

– Oh, sim.

Lavaeolus deu-lhe uma palmadinha nas costas.

– Anima-te – disse – As coisas só podem melhorar.

Caminharam até à zona de rebentação das ondas, onde o navio de Lavaeolus estava ancorado, e Rincewind ficou a vê-lo nadar e subir a bordo. Passado algum tempo, prenderam os remos, ou desprenderam, fosse qual fosse o termo que usavam quando os posicionavam nos buracos laterais, e o barco afastou-se suavemente em direção à baía.

Ouviram-se algumas vozes, trazidas pela brisa, sobre a espuma das ondas.

– Vire o leme para aquele lado, sargento.

– Sim, sim, Senhor!

– E não grite. Eu mandei-o gritar? Porque é que vocês todos têm a mania de gritar? Agora vou lá para baixo descansar um pouco.

Rincewind subiu, com dificuldade, o caminho de volta para sair da praia.

– O problema é que – disse ele – as coisas nunca melhoram, eles dizem sempre a mesma coisa, está tudo na mesma. Mas ele vai ter muito com que se preocupar.

Atrás dele, Eric assoava o nariz.

– Nunca ouvi coisa tão triste – disse ele.

De um ponto distante da praia, ainda chegavam as vozes dos soldados Efebianos e Tsortianos em alegre convívio à volta das fogueiras.

– ‘... lá estava a harpia da aldeia ...’

– Anda lá – disse Rincewind – vamos para casa.

– Sabes o que tem mais graça nome dele? – disse Eric, enquanto caminhavam pela areia.

– Não. O que é?

– Lavaeolus significa ‘*o que lava os ventos*’.^{NT72}

NT⁷² **Lavaeolus** – em inglês: ‘Washer of winds’. Trocadilho com ‘Rincewind’, o nome do demónio que acompanha Eric.

<http://wiki.lspace.org/wiki/Lavaeolus>, consultado em 28-10-2010

Rincewind looked at him.

"He's my ancestor?" he said.

"Who knows?" said Eric.

"Oh. Gosh." Rincewind thought about this. "Well, I wish I'd told him to avoid getting married. Or visiting Ankh-Morpork."

"It probably isn't even built yet..."

Rincewind tried snapping his fingers.

This time it worked.

Astfgl sat back. He wondered what did happen to Lavaeolus.

Gods and demons, being creatures outside of time, don't move in it like bubbles in the stream. Everything happens at the same time for them. This should mean they know everything that is going to happen because, in a sense, it already has. The reason they don't is that reality is a big place with a lot of interesting things going on, and keeping track of all of them is like trying to use a very big video recorder with no freeze button or tape counter.

It's usually easier just to wait and see.

One day he'd have to go and look.

Right here and now, insofar as the words can be employed about an outside of space and time, matters were not progressing well. Eric seemed marginally more likeable, which wasn't acceptable. He also appeared to have changed the course of history, although this is impossible since the only thing you can do to the course of history is facilitate it.

What was needed was something climactic. Something really soul-destroying.

The Demon King realised he was twirling his moustaches.

The trouble with snapping your fingers is that you never knew what it would lead to...

Everything around Rincewind was black. It wasn't simply an absence of colour. It was a darkness that flatly denied any possibility that colour might ever have existed.

His feet weren't touching anything, and he appeared to be floating. There was something else missing. He couldn't quite put his finger on it.

"Are you there, Eric?" he ventured.

A clear voice nearby said: "Yes. Are you there, demon?"

"Yes!"

"Where are we? Are we falling?"

Rincewind olhou para ele.

– Será meu antepassado? perguntou.

– Quem sabe? respondeu Eric.

– Caramba! – Rincewind ficou a pensar nisto. – Bem, quem me dera ter podido dizer-lhe para não se casar. Nem ir a Ankh Morpork.

– Se calhar, ainda nem foi construída...

Rincewind tentou estalar os dedos.

Desta vez, resultou.

Astfgl recostou-se. Pensava no que teria acontecido a Lavaeolus

Deuses e demónios, enquanto criaturas alheias ao tempo, não se deslocam nele como a espuma na corrente. Para eles, tudo acontece ao mesmo tempo. Isto quer dizer que eles sabem tudo o que vai acontecer, porque, de certa forma, já aconteceu. A razão pela qual eles não sabem é que a realidade é um sítio muito grande com muitas coisas interessantes a acontecerem e, manter-se a par de tudo é como tentar usar um enorme gravador de vídeo sem botão de pausa nem contador de fita.

Normalmente, é mais fácil esperar para ver o que acontece.

Um dia qualquer, iria ver o que estava a acontecer.

Naquele momento, na medida em que podemos usar palavras para definir o que há para lá do tempo e do espaço, as coisas não corriam lá muito bem. Eric estava ligeiramente mais simpático, o que não era aceitável. Também parecia ter mudado o curso da História, embora isto seja impossível, uma vez que a única coisa que se pode fazer é facilitar os acontecimentos.

O que era preciso era qualquer coisa estrondosa. Algo capaz de destruir almas.

O Rei Demónio apercebeu-se de que estava a encaracolar o bigode.

O problema de estalar os dedos é que nunca se sabe o que vai acontecer...

À volta de Rincewind estava tudo negro. Não era apenas a ausência de cor. Era uma escuridão que impedia categoricamente a possibilidade da existência de qualquer cor.

Os seus pés não tocavam em nada e parecia estar a flutuar. Faltava alguma coisa. Mas não conseguia perceber o que seria.

– Estás aí, Eric? – perguntou, tentando adivinhar.

Uma voz clara e nítida, nas proximidades, respondeu:

– Sim, estou. E tu, demónio, estás aí?

– Sim!

– Onde é que nós estamos? Vamos cair?

"I don't think so," said Rincewind, speaking from experience. "There's no rushing wind. You get a rushing wind when you're falling. Also your past life flashes before your eyes, and I haven't seen anything I recognise yet."

"Rincewind?"

"Yes?"

"When I open my mouth no sounds come out."

"Don't be... "

Rincewind hesitated. He wasn't making any sound either. He knew what he was saying, it just wasn't reaching the outside world. But he could hear Eric. Perhaps the words just gave up on his ears and went straight to his brains.

"It's probably some kind of magic, or something," he said. "There's no air. That's why there no sound. All the little bits of air sort of knock together, like marbles. That's how you get sound, you know."

"Is it? Gosh!"

"So we're surrounded by absolutely nothing," said Rincewind. "Total nothing." He hesitated. "There's a word for it," he said. "It's what you get when there's nothing left and everything's been used up."

"Yes. I think it's called the bill," said Eric.

Rincewind gave this some thought. It sounded about right.

"Okay," he said. "The bill."

That's where we are. Floating in absolute bill. Total, complete, rock-hard bill."

Astfgl was going frantic now. He had spells that could find anyone anywhere, anywhen, and they weren't anywhere. One minute he was watching them on the beach, the next... nothing.

That left only two other places.

Fortunately, he chose the wrong one first.

"Even some stars would be nice," said Eric.

"There's something very odd about all this," said Rincewind. "I mean, do you feel cold?"

"No."

"Well do you feel warm?"

"No. I don't feel anything much, really."

"No hot, no cold, no light, no heat, no air," said Rincewind. "Just bill. How long have we been here?"

"Don't know. Seems like ages, but..."

– Não me parece – disse Rincewind, falando por experiência própria. – Não há vento. Quando estamos a cair, sentimos o vento. E também vemos a nossa vida a passar à frente dos olhos, como um filme, e eu ainda não vi nada familiar.

– Rincewind?

– O que é?

– Quando abro a boca, não sai nenhum som.

– Não sejas...

Rincewind hesitou. Também não saía nenhum som da sua boca. Sabia que estava a falar, só que o som não chegava ao mundo exterior. Mas conseguia ouvir Eric. Se calhar, as palavras tinham deixado de passar pelos ouvidos e entravam diretamente no cérebro.

– Deve ser magia, ou algo parecido – disse ele. – Não há ar. É por isso que não há som. Todos os bocadinhos de ar batem uns nos outros como berlindes. É assim que se forma o som, sabias?

– Ai é? Caramba!

– Nós estamos no meio do nada – disse Rincewind. – O nada total – hesitou. – Há uma palavra para isso – disse ele – É o que acontece quando já não existe mais nada.

– Sim. Acho que se chama ‘a conta’ – disse Eric.

Rincewind refletiu. Devia ser isso.

– *Ok* – disse. – É ‘a conta’.

– É onde nós estamos. A flutuar em plena conta. Na conta total, suprema e absoluta.

Por esta altura, Astfgl estava de cabeça perdida. Tinha magias que conseguiam encontrar qualquer pessoa em qualquer lugar, em qualquer tempo, e eles não estavam em lado nenhum. Num dado momento via-os na praia, no minuto seguinte...nada.

Assim, faltava-lhe procurar apenas em mais dois sítios.

Felizmente para eles, Astfgl escolheu primeiro o sítio errado.

– Ao menos, podia haver umas estrelas – disse Eric.

– Há aqui qualquer coisa muito estranha – disse Rincewind. – Quer dizer, tens frio?

– Não.

– Então tens calor?

– Não. Não sinto praticamente nada.

– Nem calor, nem frio, nem luz, nem ar – disse Rincewind. – Só a conta. Há quanto tempo estamos aqui?

– Não sei. Parece que estamos aqui há séculos, mas...

"Ah, ah! I'm not sure there's any time, either. Not what you'd call proper time. Just the kind of time people make up as they go along."

"Well, I didn't expect to see anybody else here," said a voice by Rincewind's ear.

It was a slightly put-upon voice, a voice made for complaining in, but at least there was no hint of menace. Rincewind let himself float around.

A little rat-faced man was sitting cross-legged, watching him with vague suspicion. He had a pencil behind one ear.

"Ah. Hallo," said Rincewind. "And where is here, exactly?"

"Nowhere. It's the whole point, isn't it?"

"Nowhere at all?"

"Not yet."

"All right," said Eric. "When is it going to be somewhere?"

"Hard to say," said the little man. "Looking at the pair of you, and taking one thing with another, metabolic rates and that, I'd say that this place is due to become somewhere in, well, give or take a bit, in about five hundred seconds. "He began to unwrap the pack in his lap. "Fancy a sandwich while we're waiting?"

"What? Would I... " At this point Rincewind's stomach, aware that if his brain was allowed to make the running it was in danger of losing the initiative, cut in and prompted him to say, "What sort?"

"Search me. What sort would you like it to be?"

"Sorry?"

"Don't mess about. Just say what sort you'd like it to be."

"Oh?" Rincewind stared at him. "Well, if you've got egg and cress..."

"Let there be egg and cress, sort of thing," said the little man. He reached into the package, and proffered a white triangle to Rincewind.

"Gosh," said Rincewind. "What a coincidence."

"It should be starting any minute now," said the little man. "Over - not that they've got any proper directions sorted out yet, of course, not them - there."

"All I can see is darkness," said Eric.

"No you can't," said the little man, triumphantly. "You're just seeing what there is before the darkness has been installed, sort of thing."

He gave the not-yet-darkness a dirty look.

– Ah, ah! Já não tenho a certeza de que o tempo exista. Não o tempo, propriamente dito. Apenas o tipo de ‘tempo’ que as pessoas conhecem enquanto vivem.

– Bem, eu não esperava ver mais ninguém por aqui – disse uma voz ao ouvido de Rincewind.

Era uma voz ligeiramente agitada, uma voz boa para apresentar reclamações, mas, pelo menos, não era ameaçadora. Rincewind flutuou para o lado.

Um homenzinho com cara de rato estava sentado de pernas cruzadas, observando-o, com ar desconfiado. Tinha um lápis atrás de uma orelha.

– Ah. Olá! – disse Rincewind – E que sítio é este, exatamente?

– Sítio nenhum. Esse é que é o problema, não é?

– Sítio nenhum?

– Ainda não.

– Muito bem – disse Eric – E quando é que isto vai ser um determinado sítio?

– É difícil dizer – respondeu o homenzinho. – Olhando para vocês os dois e juntando uma coisa à outra, taxas metabólicas e tal, diria que este sítio deve transformar-se num ‘determinado sítio’ dentro de, bem, mais coisa, menos coisa, dentro de quinhentos segundos. – E começou e desembulhar um pacote que tinha no colo. – Aceitam uma sanduíche, enquanto esperamos?

– O quê? Será que posso...

Nesta altura, o estômago de Rincewind, ao perceber que era o cérebro que comandava tudo e que estava prestes a falhar, interferiu e incitou-o a perguntar:

– Sanduíche de quê?

– Não faço ideia. De que é que gostavas que fosse?

– Desculpe?

– Não estragues tudo. Diz lá de que é que gostavas que fosse.

– Oh!?! – Rincewind olhou fixamente para ele. – Bem, se tivesses de ovo e agrião...

– Pois que seja de ovo e agrião, ou lá o que é! – disse o homenzinho. Meteu a mão no pacote e ofereceu um triângulo branco a Rincewind.

– Caramba! – disse Rincewind. – Que coincidência.

– Deve estar mesmo a começar – disse o homenzinho. – Mais ou menos ali – é que aqui ainda não há indicações precisas, eles, não – ali.

– Só vejo escuridão – disse Eric.

– Não vês, não – corrigiu o homenzinho, triunfante. – Tu só consegues ver o que existe antes de a escuridão se ter instalado, por assim dizer.

E lançou um olhar reprovador para a ‘*ainda-não escuridão*’.

"Come on," he said. "Why are we waiting, why are we waiting?"

"Waiting for what?" said Rincewind.

"Everything."

"Everything what?" said Rincewind.

"Everything. Not everything what. Everything, sort of thing."

Astfgl peered through the swirling gas clouds. At least he was in the right place. The whole point about the end of the universe was that you couldn't go past it accidentally.

The last few embers winked out. Time and space collided silently, and collapsed.

Astfgl coughed. It can get so very lonely, when you're twenty million light years from home.

"Anyone there?" he said.

Yes.

The voice was right by his ear. Even demon's kings can shiver.

"Apart from you, I mean," he said. "Have you seen anybody?"

Yes.

"Who?"

Everyone.

Astfgl sighed.

"I mean anyone recently."

It's been very quiet, said Death.

"Damn."

Were you expecting someone else?

"I thought there might be someone called Rincewind, but..." Astfgl began.

Death's eye sockets flared red. **The wizard?** he said.

"No, he's a dem..." Astfgl stopped. For what would have been several seconds, had time still existed, he floated in a state of horrible suspicion. "A human?" he growled.

It is stretching the term a little, but you are broadly correct.

"Well I'll be damned!" Astfgl said.

I believe you already are.

- Vamos lá – disse ele – de que é que estamos à espera, de que é que estamos à espera?
- À espera de quê? – perguntou Rincewind.
- De tudo.
- Tudo, o quê? – insistiu Rincewind
- Tudo. Não é: *tudo o quê*. É tudo, uma coisa desse tipo.

Astfgl assomou por entre as nuvens de fumo. Pelo menos, ele estava no sítio certo. O principal problema sobre os confins do universo é que ninguém pode passar por lá sem consequências.

As últimas brasas começavam a apagar-se. O tempo e o espaço colidiram silenciosamente e desfizeram-se.

Astfgl tossiu. Uma pessoa pode sentir-se muito só, quando está a vinte milhões de anos-luz de distância de casa.

– Está aí alguém? perguntou.

– **Sim.**

A voz estava mesmo ao lado do seu ouvido. Até os reis dos demónios estremecem.

– Quer dizer, para além de ti – disse ele. – Viste alguém?

– **Sim.**

– Quem?

– **Todos.**

Astfgl suspirou.

– O que eu estou a perguntar é se viste alguém recentemente.

– **Tem estado tudo muito sossegado** – disse a Morte.

– Que chatice.

– **Estavas à espera de mais alguém?**

– Pensei que tivesses visto alguém chamado Rincewind, mas... – começou Astfgl.

As órbitas dos olhos da Morte ficaram vermelhas.

– **O Feiticeiro?** – perguntou a Morte.

– Não, ele é um dem... – Astfgl calou-se. Durante o que seriam vários segundos, se o tempo ainda existisse, ele ficou num estado de terrível dúvida. – Um humano? – resmungou.

– **Isso é ampliar um pouco o sentido da palavra, mas de uma maneira geral, sim.**

– Estou bem arranjado! – disse Astfgl.

– **Acho que estás mesmo.**

The Demon King extended a shaking hand. His mounting fury was over-riding his sense of style; his red silk gloves ripped as the talons unfolded.

And then, because it's never a good idea to get on the wrong side of anyone with a scythe, Astfgl said:

"Sorry you've been troubled," and vanished.

Only when he judged himself out of Death's extremely acute hearing did he scream his rage.

Nothingness uncoiled its interminable length through the draughty spaces at the end of time.

Death waited. After a while his skeletal fingers began to drum on the handle of his scythe.

Darkness lapped around him. There wasn't even any infinity any more.

He attempted to whistle a few snatches of unpopular songs between his teeth, but the sound was simply sucked into nothingness.

Forever was over. All the sands had fallen. The great race between entropy and energy had been run, and the favourite had been the winner after all.

Perhaps he ought to sharpen the blade again?

No. Not much point, really.

Great roals of absolutely nothing stretched into what would have been called the distance, if there had been a space-time reference frame to give words like "distance" any sensible meaning any more.

There didn't seem to be much to do.

Perhaps it's time to call it a day. He thought.

Death turned to go but, just as he did so, he heard the faintest of noises. It was to sound what one photon is to light, so weak and feeble that it would have passed entirely unheard in the din of an operating universe.

It was a tiny piece of matter, popping into existence.

Death stalked over to the point of arrival and watched carefully.

It was a paperclip (Many people think it should have been a hydrogen molecule, but this is against the observed facts. Everyone who has found a hitherto unknown egg-whisk jamming an innocent kitchen drawer knows that raw matter is continually flowing into the universe in fairly developed forms, popping into existence normally in ashtrays, vases and glove compartments. It chooses its shape to allay suspicion, and common manifestations are paperclips, the pins out of shirt packaging, the little keys for central heating radiators, marbles, bits of crayon, mysterious sections of herb-chopping devices and old Kate Bush albums. Why matter does this is unclear, but it is evident that matter has Plans.

O Rei Demónio estendeu a mão trémula. A fúria crescente sobrepunha-se à sua noção de estilo; as luvas de seda vermelha rasgaram-se quando as garras se abriram.

A seguir, e porque nunca é boa ideia fazer frente a alguém com uma foice na mão, Astfgl disse:

– Desculpe o incómodo.

E desapareceu.

Só quando julgou estar fora do alcance do ouvido extremamente apurado da Morte, gritou de raiva.

O nada desenrolou a sua extensão interminável através dos espaços ventosos do fim do tempo.

A Morte esperou. Passado algum tempo, começou a bater com os dedos esqueléticos no cabo da foice. A escuridão envolvia-a. Já nem a eternidade existia.

Tentou assobiar alguns trechos de canções de mau gosto, mas o som era simplesmente absorvido pelo nada.

A eternidade acabara. Todos os grãos de areia tinham caído. A grande corrida entre a entropia e a energia tinha acabado e a favorita tinha vencido.

Será que deveria afiar a lâmina, mais uma vez?

Não. Não, na verdade, não fazia sentido.

Grandes aglomerações de nada estendiam-se por aquilo que deveria chamar-se *distância*, se houvesse uma referência no espaço-tempo para dar a palavras como ‘distância’ um significado coerente.

Parecia que não havia nada a fazer.

– **Talvez seja o momento de dar o dia por terminado** – pensou a Morte.

A Morte virou-se para regressar, mas, nesse preciso momento, ouviu um leve ruído. Estava para o som como um fotão está para a luz, tão fraco e delicado que teria passado despercebido no meio do barulho contínuo de um universo em funcionamento.

Era uma pequena porção de matéria que, de repente, passava a existir.

A Morte caminhou até ao ponto de origem do ruído e observou cuidadosamente.

Era um clipe para papel. (Muitos pensam que terá sido uma molécula de hidrogénio, mas isto vai contra os factos observados. Qualquer pessoa que tenha encontrado uma - naquela época desconhecida - batedeira a congestionar uma inofensiva gaveta de cozinha, sabe que a matéria flui constantemente no universo assumindo as mais diversas formas, surgindo, normalmente, em sítios como cinzeiros, jarras e porta-luvas. Escolhe a forma em que se manifesta de maneira a desviar suspeitas e as mais comuns são cliques para papel, alfinetes de embalagens de camisa novas, pequenos interruptores de aparelhos de ar condicionado, berlindes, lápis de cor, utensílios para cortar ervas aromáticas e álbuns antigos de Kate Bush. As razões pelas quais a matéria se manifesta desta forma não são conhecidas, mas é evidente que a matéria tem um Plano.

It is also apparent that creators sometimes favour the Big Bang method of universe construction, and at other times use the more gentle methods of Continuous Creation. This follows studies by cosmotherapists which have revealed that the violence of the Big Bang can give a universe serious psychological problems when it gets older).

A paperclip...Well, it was a start.

There was another pop, which left a small white shirt-button spinning gently in the vacuum.

Death relaxed a little. Of course, it was going to take some time. There was going to be an interlude before all this got complicated enough to produce gas clouds, galaxies, planets and continents, let alone tiny corkscrew-shaped things wiggling around in slimy pools and wondering whether evolution was worth all the bother of growing fins and legs and things. But it indicated the start of an unstoppable trend.

All he had to do was be patient, and he was good at that. Pretty soon there'd be living creatures, developing like mad, running and laughing in the new sunlight. Growing tired. Growing old.

Death sat back. He could wait.

Whenever they needed him, he'd be there.

The Universe came into being.

Any created-again cosmogonist will tell you that all the interesting stuff happened in the first couple of minutes, when nothingness bunched together to form space and time and lots of really tiny black holes appeared and so on. After that, they say, it became just a matter of, well, matter. It was basically all over bar the microwave radiation.

Seen from close by, though, it had a certain gaudy attraction.

The little man sniffed.

"Too showy," he said. "You don't need all that noise. It could just as easily have been a Big Hiss, or a bit of music."

"Could it?" said Rincewind.

"Yeah, and it looked pretty iffy around the two picosecond mark. Definitely a bit of ropy filling-in, but that's how it goes these days. No craftsmanship. When I was a lad it took days to make a universe. You could take pride in it. Now they just throw it together and it's back on the lorry and away. And, you know what?"

"No?" said Rincewind weakly.

Parece também que os Criadores preferem o método Big Bang para a construção do universo e, outras vezes, usam métodos mais suaves de Criação Contínua. Isto está de acordo com estudos de cosmólogos, que demonstraram que a violência do Big Bang pode vir a causar sérios problemas psicológicos ao universo, quando ele for mais velho).

Um clipe para papel... Bem, já era um começo.

Houve mais um estalido que deixou um pequenino botão branco de camisa a girar suavemente no vácuo.

A Morte relaxou um pouco. Claro que aquilo ia demorar algum tempo. Haveria um intervalo até que tudo se tornasse suficientemente complicado para produzir nuvens de gás, galáxias, planetas e continentes, para não falar em coisas em forma de saca-rolhas, torcendo-se em poças cheias de lodo e interrogando-se sobre se, em nome da evolução, valeria a pena tanto trabalho como desenvolver barbatanas, pernas e outras coisas. Mas aquilo era o princípio de algo inevitável.

Só precisava de ter paciência, e nisso ela era boa. Em breve haveria criaturas vivas, a desenvolverem-se como loucas, correndo e rindo à luz do novo sol. Crescendo. E envelhecendo.

A Morte recostou-se. Podia esperar.

Assim que precisassem dela, ela lá estaria.

O Universo passou a existir.

Qualquer cosmogónico diz que todas as coisas interessantes aconteceram nos primeiros minutos, quando o nada se aglomerou para formar o espaço e o tempo e surgiu uma quantidade de pequenos buracos negros e assim por diante. Depois disso, dizem eles, foi apenas uma questão de... bem ... matéria, por assim dizer. Estava em todo o lado, exceto na radiação micro-ondas. Porém, observando de perto, tinha um encanto esplendoroso.

O homenzinho fungou.

– Demasiado espalhafatoso – disse ele – Não é preciso aquele barulho todo. Podia ser um Grande Sussurro ou um pouco de música.

– Achas? – perguntou Rincewind.

– Claro e pareceu-me muito complicado por volta dos dois picossegundos.^{NT73} Definitivamente, parecia um pouco a despachar a coisa de qualquer maneira. Mas hoje em dia, é assim. Sem arte. Nos meus tempos de criança, demorávamos dias para fazer um universo. Sentíamo-nos orgulhosos. Agora, atiram tudo lá para dentro e vão-se embora. E sabes uma coisa?

– Não – disse Rincewind, em voz fraca.

^{NT73} Um **picossegundo** é uma unidade de tempo igual a um milésimo de um bilionésimo de um segundo, um milésimo de um nanossegundo.

<http://en.wikipedia.org/wiki/Picosecond>, consultado em 29-10-2010

"They pinches stuff off the site. They finds someone nearby who wants to expand their universe a bit, next thing you know they've had it away with a bunch of firmament and flogged it for an extension somewhere."

Rincewind stared at him.

"Who are you?"

The man took the pencil from behind his ear and looked reflectively at the space around Rincewind.

"I makes things," he said.

"What sort of things?"

"What sort of things would you like?"

"You're the Creator?"

The little man looked very embarrassed.

"Not the. Not the. Just a. I don't contract for the big stuff, the stars, the gas giants, the pulsars and so on. I just specialise in what you might call the bespoke trade." He gave them a look of defiant pride.

"I do all my own trees, you know," he confided. "Craftsmanship. Takes years to learn how to make a tree. Even the conifers."

"Oh," said Rincewind.

"I don't get someone in to finish them off. No sub-contracting, that's my motto. The buggers always keep you hanging about while they're installing stars or something for someone else. "

The little man sighed.

"You know, people think it must all be very easy, creating. They think you just have to move on the face of the waters and wave your hands a bit. It's not like that at all."

"It isn't?"

The little man scratched his nose again.

"You soon run out of ideas for snowflakes, for example."

"Oh."

"You start thinking it'd be a doddle to sneak in a few identical ones."

"You do?"

– Eles *surripia* umas coisinhas. *Encontra* alguém que quer ampliar um pouco o seu universo e, quando se dá por ela, já venderam um pedaço de firmamento para ser usado como extensão em qualquer sítio.

Rincewind olhava-o fixamente.

– Quem és tu?

O homem tirou o lápis de trás da orelha e olhou em torno do espaço que rodeava Rincewind.

– Eu *faz* coisas.

– Que tipo de coisas?

– Que tipo de coisas é que querias que eu fizesse?

– És o Criador?

O homenzinho pareceu ficar muito embaraçado.

– Não *o*. Não *o*. Só *um* Criador. Não me comprometo com coisas grandes, como estrelas, nuvens de gás, pulsares, etc. Sou mais um especialista naquilo a que se pode chamar de encomendas exclusivas. – Olhou-os com ar de desafio e orgulho. – Sabem, eu faço as minhas próprias árvores – confidenciou. – Isto é arte. São precisos anos para aprender a fazer uma árvore. Até as coníferas.

– Oh! – disse Rincewind.

– Não contrato ninguém para dar os retoques finais. Subcontratação, nunca. É o meu lema. Os infelizes fazem sempre asneira quando andam a pendurar as estrelas ou outras coisas por conta de alguém.

O homenzinho suspirou.

– Sabem, as pessoas acham que o ato de criar é muito fácil. Pensam que basta tocar na superfície das águas com as mãos e agitar um pouco. Não é nada assim.

– Não é?

O homenzinho esfregou outra vez o nariz.

– Depressa ficamos sem ideias para os flocos de neve, por exemplo.

– Oh!

– Estás a começar a pensar que deve ser fácil *surripia* alguns.

– E tu, achas?

"You think to yourself, `There's a billion trillion squillion of them, no one's going to notice`. But that's where professionalism comes in, sort of thing."

"It does?"

"Some people" - and here the creator looked sharply at the unformed matter still streaming past - "think it's enough to install a few basic physical formulas and then take the money and run. A billion years later you got leaks all over the sky, black holes the size of your head, and when you pray up to complain there's just a girl on the counter who says she don't know where the boss is. I think people appreciate the personal touch, don't you?"

"Ah," said Rincewind. "So... when people get struck by lightning... er... it's not just because of all that stuff about electrical discharges and high points and everything... er... you actually mean it?"

"Oh, not me. I don't run the things. It's a big enough job just building them, you can't expect me to operate them as well. There's a load of other universes, you know," he added, a slight note of accusation in his voice. "Got a list of jobs as long as your arm."

He reached underneath him and produced a large, leatherbound book, which he had apparently been sitting on. It opened with a creak.

Rincewind felt a tugging at his robe.

"Look," said Eric. "This isn't really... Him, is it?"

"He says it is," said Rincewind.

"What are we doing here?"

"I don't know."

The creator glared at him.

"A little quiet there, please," he said.

"But listen," hissed Eric, "if he really is the creator of the world, that sandwich is a religious relic!"

"Gosh," said Rincewind weakly.

He hadn't eaten for ages. He wondered what the penalty was for eating a venerated object. It was probably severe.

"You could put it in a temple somewhere and millions of people would come to look at it."

Rincewind cautiously levered up the top slice of bread.

"It's got no mayonnaise in it," he said. "Will that still count?"

The creator cleared his throat, and began to read aloud.

– Tu é que estás a pensar: – Existem biliões, triliões, *ziliões* deles, ninguém vai sentir a falta de uns poucos. – Mas é precisamente aí que entra o profissionalismo.

– Ai é?

– Algumas pessoas – e, neste momento, o Criador olhou fixamente e com ar sério, para toda a matéria disforme que pairava por ali – pensam que é só usar umas quantas fórmulas básicas da física, pegar no dinheiro e ir embora. Passados alguns biliões de anos, o céu está cheio de fissuras, os buracos negros estão do tamanho da tua cabeça e, quando se põem a rezar e a reclamar, só encontram uma assistente no balcão que lhes diz que não sabe onde está o patrão. Acho que as pessoas gostam de um atendimento personalizado, não achas?

– Ah, – disse Rincewind – Então...quando as pessoas são atingidas por relâmpagos... eh...não é só por causa daquelas coisas das descargas elétricas, por estarem em sítios altos e coisas assim... eh... então isso é de propósito?

– Não, eu não faço nada disso. Eu não controlo as coisas. Já é uma enorme responsabilidade construir isso tudo, não querias que também tivesse de as controlar. Há uma quantidade imensa de outros universos, sabias? – acrescentou, com um ligeiro tom de acusação na voz. – Tenho uma lista de responsabilidades do tamanho do teu braço.

Meteu a mão por baixo do banco e tirou um grande livro, com capa de couro, em cima do qual, aparentemente, estivera sentado. O livro abriu com um rangido.

Rincewind sentiu um puxão no manto.

– Olha – disse Eric – Esse não é... não é Ele, pois não?

– Ele diz que é – respondeu Rincewind.

– O que é que nós estamos a fazer aqui?

– Não sei.

O Criador olhou firmemente para Rincewind.

– Um pouco de silêncio, por favor – pediu.

– Mas ouve – se ele for mesmo o Criador do mundo, aquela sanduíche é uma relíquia religiosa!

– Caramba! – exclamou Rincewind, em surdina.

Estava sem comer há algum tempo. E ficou a pensar sobre qual seria o castigo por comer um objeto sagrado. Provavelmente era severa.

– Podias pô-la num templo e viriam milhões de pessoas para a ver.

Rincewind pegou, com muito cuidado, na fatia de cima da sanduíche.

– Não tem maionese – disse ele – será que ainda vale?

O Criador pigarreou e começou a ler em voz alta.

Astfgl surfed across the entropy slope, an angry red spark against the swirls of interspace. He was so angry now that the last vestiges of self-control were slipping away; his jaunty cap with its stylish hornlets had become a mere wisp of crimson dangling from the tip of one of the great-coiled ramshorns that framed his skull.

With a rather sensuous ripping noise the red silk across his back tore open and his wings unfolded. They are conventionally represented as leathery, but leather wouldn't survive more than a few seconds in that environment. Besides, it doesn't fold up very well.

These wings were made of magnetism and shaped space, and spread out until they were a faint curtain against the incandescent firmament and they beat as slowly as the rise of civilisations.

They still looked bat like, but that was just for the sake of tradition.

Somewhere around the 29th millennium he was overtaken, quite without noticing, by something small and oblong and probably even angrier than he was.

Eight spells go to make up the world. Rincewind knew that well enough. He knew that the book which contained them was the Octavo, because it still existed in the library of the Unseen University - currently inside a welded iron box at the bottom of a specially-dug shaft, where its magical radiations could be kept under control.

Rincewind had wondered how it had all started. He'd imagined a sort of explosion in reverse, with interstellar gases roaring together to form Great A'Tuin, or at least a roll of thunder or something.

Instead there was a faint, musical twang, and where the Discworld hadn't been, there the Discworld was, as if it had always been hiding somewhere the whole time.

He also realised that the feeling of falling he had so recently learned to live with was one he was probably going to die with, too. As the world appeared beneath him it brought this aeon's special offer - gravity, available in a choice of strengths from your nearest massive planetary body.

He said, as so often happens on these occasions:

"Aargh."

The creator, still sitting serenely in mid-air, appeared beside him as he plummeted.

"Nice clouds, don't you think? Done a good job on the clouds," he said.

"Aargh." Rincewind repeated.

"Something the matter?"

"Aargh."

Astfgl escapou pela rampa da entropia como uma faísca vermelha e raivosa por entre o turbilhão do interespaço. Estava tão furioso que os últimos vestígios de autocontrolo começavam a desaparecer. A sua elegante boina, com os chifrinhos cheios de estilo, tinham-se transformado num mero tufo vermelho pendurado na ponta de um dos cornos em espiral que emolduravam o seu crânio.

A seda vermelha que lhe cobria as costas rompeu-se com um ruído estridente, e as asas abriram-se. Tradicionalmente, as asas são representadas como sendo de couro, mas o couro não resistiria mais do que alguns segundos naquele tipo de ambiente. Além disso, não é um material muito maleável.

Aquelas asas eram feitas de magnetismo e espaço e abriam-se até formarem uma leve cortina sobre o firmamento incandescente e batiam ao ritmo lento do desenvolvimento das civilizações.

Pareciam asas de morcego, mas isso era só para manter a tradição.

Algures, por volta do 29º milénio, ele foi ultrapassado, quase sem se aperceber, por algo pequeno, retangular, e, provavelmente, ainda mais furioso do que ele.

São oito as magias necessárias para criar o mundo. Rincewind sabia disso muito bem. Sabia que o livro que as continha era o Oitavo, porque esse livro ainda estava na Biblioteca Invisível...dentro de uma caixa de ferro soldada no fundo de um poço especialmente escavado para a guardar, onde as suas radiações mágicas podiam ficar sob controlo.

Rincewind interrogava-se sobre como tudo teria começado. Imaginava uma espécie de explosão ao contrário, com gases interestelares juntando-se para formar a Great A'Tuin, ou, pelo menos, o ribombar de um trovão.

Em vez disso, houve um som leve e musical e, onde antes não havia Discworld, surgiu o Discworld, como se tivesse estado escondido, algures, durante aquele tempo todo.

Também percebeu que a sensação de estar a cair, com a qual tivera recentemente de aprender a conviver, era algo que, provavelmente, morreria com ele. À medida que o mundo surgia sob os seus pés, trazia a oferta especial daquela era: a gravidade, disponível numa enorme variedade de forças, num corpo planetário mais perto de si.

E exclamou, como fazia tantas vezes, em ocasiões como aquela:

– Aargh!

O Criador, sentado serenamente em pleno ar, apareceu ao seu lado enquanto ele caía.

– Que belas nuvens, não achas? Fiz um excelente trabalho com as nuvens – disse ele.

– Aargh! – repetiu Rincewind.

– Algum problema?

– Aargh!

"That's humans for you," said the creator. "Always rushing off somewhere." He leaned closer. "It's not up to me, of course, but I've often wondered what it is that goes through your heads."

"It's going to be my feet in a minute!" screamed Rincewind.

Eric, falling alongside him, tugged at his ankle.

"That's not the way to talk to the creator of the universe!" he shouted. "Just tell him to do something, make the ground soft or something!"

"O, I don't know if I could do that," said the creator. "It's causality regulations. I'd have the Inspector down on me like a ton of, a ton of, a ton of weight," he added. "I could probably knock you up a really spongy bog. Or quicksand's very popular at the moment. I could do you a complete quicksand with marsh and swamp en suite, no problem."

"Ih..." said Rincewind.

"You're going to have to speak up a bit, I'm sorry. Wait a moment."

There was another harmonious twanging noise.

When Rincewind opened his eyes he was standing on a beach. So was Eric. The creator floated nearby.

There was no rushing wind. He hadn't go so much as a bruise.

"I just wedged a thingy in the velocities and positions," said the creator, noticing his expression.

"Now: what was it you were saying?"

"I rather wanted to stop plunging to my death," said Rincewind.

"Oh. Good. Glad that's sorted out, then."

The creator looked around distractedly. "You haven't seen my book around, have you? I thought I had it in my hand when I started." He sighed. "Lose me own head next. I done a whole world once and completely left out the fingles. Not one of the buggers. Couldn't get them at the time, told myself I could nip back when they were in stock, completely forgot. Imagine that. No one spotted it, of course, because obviously they just evolved there and they didn't know there ought to be fingles, but it was definitely causing them deep, you know, psychological problems. Deep down inside they could tell there was something missing, sort of thing."

The creator pulled himself together.

"Anyway, I can't hang about all day," he said. "Like I said, I've got a lot of jobs on."

"Lots?" said Eric. "I thought there was only one."

– Aí tens os humanos – disse o Criador. – Sempre a correr de um lado para o outro. – Aproximou-se um pouco mais. – Não tenho nada com isso, mas tenho pensado muitas vezes sobre o que se passará nas vossas cabeças.

– Daqui a pouco, vão ser mesmo os meus pés! – gritou Rincewind.

Eric, que caía ao lado dele, puxou-lhe pelo tornozelo.

– Isso não são maneiras de se falar com o Criador do Universo! – gritou. – Diz-lhe mas é para fazer alguma coisa, tornar o chão macio, ou coisa parecida!

– Ah, não sei se poderei fazer isso – disse o Criador. – São as leis da causalidade. O Inspetor caía-me em cima com quatro pedras na mão – acrescentou. – Podia fazer aparecer um pântano bem fofinho. Ou areias movediças, que estão muito na moda. Até podia arranjar instalações completas com areias movediças, um charco e um pântano, sem problemas.

– Ih... – disse Rincewind.

– Desculpa, mas tens de falar um pouco mais alto. Espera um momento.

Ouviu-se outro som metálico e melodioso.

Quando Rincewind abriu os olhos, estava numa praia. E Eric também. O Criador flutuava perto deles.

Não havia vento. Rincewind tinha apenas uma pequena nódoa negra.

– Só ajustei umas coisinhas nas velocidades e nas posições – explicou o Criador, ao ver a expressão de Rincewind. – Muito bem, o que é que estavas a dizer?

– Gostava de parar com estes mergulhos para a morte – disse Rincewind.

– Oh! Ótimo. Ainda bem que está tudo resolvido.

O Criador olhou à sua volta, distraído.

– Por acaso, não viste o meu livro por aí? Ia jurar que o tinha na mão quando comecei – e suspirou. – Agora só me falta perder a cabeça. Uma vez fiz um mundo e esqueci-me completamente dos **'fingles'**.^{NT74} Nem um só. Não consegui encontrar nenhum naquele momento e pensei que podia voltar mais tarde, rapidamente, quando já houvesse reserva em armazém. Mas esqueci-me completamente. Estão a imaginar uma coisa dessas? Ninguém reparou em nada, claro, porque, obviamente, eles só apareceriam lá e ninguém sabia que eles deviam existir. Mas isso causou-lhes graves problemas psicológicos. Lá no fundo, sentiam que faltava qualquer coisa.

O Criador recompôs-se.

– Enfim, não posso passar o dia sem fazer nada – disse ele. – Como já tinha dito, tenho muitos trabalhos em mãos.

– Muitos? – disse Eric. – Pensava que era só um.

^{NT74} **Fingles** – termo usado pelo autor, no original, que se refere a criaturas imaginárias.

"Oh, no. There's masses of them," said the creator, beginning to fade away. "That's quantum mechanics for you, see. You don't do it once and have done. No, they keep on branching off. Multiple choice they call it, it's like painting the - painting the - painting something very big that you have to keep on painting, sort of thing. It's all very well saying you just have to change one little detail, but which one, that's the real bugger. Well, nice to have met you. If you need any extra work, you know, an extra moon or something... "

"Hey!"

The creator reappeared, his eyebrows raised in polite surprise.

"What happens now?" said Rincewind.

"Now? Well, I imagine there'll be some gods along soon. They don't wait long to move in, you know. Like flies around a - flies around a - like flies. They tend to be a bit high-spirited to start with, but they soon settle down. I suppose they take care of all the people, etc."

The creator leaned forward. "I've never been good at doing people. Never seem to get the arms and legs right." He vanished.

They waited.

"I think he's really gone this time," said Eric, after a while. "What a nice man."

"You certainly understand a lot more about why the world is like it is after talking to him," said Rincewind.

"What're quantum mechanics?"

"I don't know. People who repair quantums, I suppose."

Rincewind looked at the egg and cress sandwich, still in his hand. There was still no mayonnaise in it, and the bread was soggy, but it would be thousands of years before there was another one. There had to be the dawn of agriculture, the domestication of animals, the evolution of the breadknife from its primitive flint ancestry, the development of dairy technology - and, if there was any desire to make a proper job of it, the cultivation of olive trees, pepper plants, salt pans, vinegar fermentation processes and the techniques of elementary food chemistry - before the world would see another on like it. It was unique, a little white triangle full of anachronisms, lost and all alone in an unfriendly world.

He bit it anyway. It wasn't very nice.

"What I don't understand," said Eric, "is why we are here."

"I take it that isn't a philosophical question," said Rincewind, "I take it you mean: why are we here at the dawn of creation on this beach which has hardly been used?"

– Oh, não. São muitos – disse o Criador, começando a desaparecer. – A mecânica quântica é isto. E não é só fazer uma vez e já está. Não, está sempre em atualização. Chamam-lhe escolha múltipla. É como pintar o... como pintar... como pintar qualquer coisa que nunca fica acabada, qualquer coisa desse género. É muito fácil dizer que é preciso mudar um pormenor, mas saber exatamente qual, isso é que é o problema. Bem, foi um prazer conhecer-vos. Se precisarem de algum serviço extra, uma outra lua ou coisa assim...

– Ei!

O Criador reapareceu, com as sobrancelhas erguidas e uma expressão de surpresa.

– E agora, o que vai acontecer? – perguntou Rincewind.

– Agora? Bem, acho que vão começar a aparecer alguns deuses. Eles não se fazem esperar. São como moscas à volta de...moscas à volta de...parecem moscas. Têm tendência para ser um pouco exuberantes, no princípio, mas depois, acalmam-se. Acho que tomam conta das pessoas, etc.

O Criador inclinou-se para eles:

– Nunca fui lá muito bom a fazer pessoas. Os braços e as pernas nunca me saem bem.

E desapareceu.

Eles ficaram à espera.

– Acho que desta vez ele foi mesmo embora – disse Eric, passados uns momentos. – Que homem tão simpático.

– Agora, depois de falares com ele, deves perceber melhor porque é que o mundo é como é – disse Rincewind.

– O que é a mecânica quântica?

– Não sei. Devem ser pessoas que fazem reparações nos *quânticos*, acho eu.

Rincewind olhava para a sanduíche de ovo e agriões, na sua mão. Ainda não tinha maionese e o pão já estava húmido, mas ia demorar milhares de anos até conseguir ter outra. Primeiro teria de surgir a agricultura, a domesticação de animais, a evolução da faca de cortar pão a partir do ancestral sílex, o desenvolvimento da tecnologia dos laticínios...e depois, se quisessem mesmo desenvolver esse modo de vida, teriam de cultivar oliveiras, pimenteiras, construir salinas, desenvolver o processo de fermentação do vinagre e de todas as técnicas essenciais da química alimentar... até o mundo poder ver outra sanduíche como aquela. Era um exemplar único, um pequeno triângulo cheio de anacronismos, perdido e sozinho num mundo hostil.

Deu-lhe uma dentada. Não estava lá muito boa.

– O que eu não consigo perceber – disse Eric – é porque é que estamos aqui.

– Presumo que essa não é uma pergunta filosófica – disse Rincewind. – Entendo a tua pergunta como: – ‘*Porque é que estamos aqui, no princípio da criação, nesta praia quase virgem?*’

"Yes. That's what I meant."

Rincewind sat down on a rock and sighed. "I think it's pretty obvious, isn't it?" he said. "You wanted to live forever."

"I didn't say anything about travelling in time," said Eric. "I was very clear about it so there'd be no tricks."

"There isn't a trick. The wish is trying to be helpful. I mean, it's pretty obvious when you think about it. `Forever` means the entire span of space and time. Forever. For Ever. See?"

"You mean you have to sort of start at Square One?"

"Precisely."

"But that's no good! It's going to be years before there's anyone else around!"

"Centuries," corrected Rincewind gloomily. "Millennia. Aeons. And then there's going to be all kinds of wars and monsters and stuff. Most of history is pretty appalling, when you look hard at it. Or even not very hard."

"But what I meant was, I just wanted to go on living for ever from now," said Eric frantically.

"I mean, from then. I mean, look at this place. No girls. No people. Nothing to do on Saturday nights..."

"It won't even have any Saturday nights for thousands of years," said Rincewind. "Just nights."

"You must take me back at once," said Eric. "I order it. Avaunt!"

"You say that one more time and I will give you a thick ear," said Rincewind.

"But all you have to do is snap your fingers!"

"It won't work. You've had your three wishes. Sorry."

"What shall I do?"

"Well, if you see anything crawl out of the sea and try to breathe, you could try telling it not to bother."

"You think this is funny, don't you?"

"It is rather amusing, since you mention it," said Rincewind, his face expressionless.

"The joke's going to be wearing pretty thin over the years, then," said Eric.

"What?"

"Well, you're not going to go anywhere, are you? You'll have to stay with me."

"Nonsense, I'll - " Rincewind looked around desperately. I'll what? He thought.

– Sim. É mais ou menos isso.

Rincewind sentou-se num rochedo e suspirou.

– Parece-me óbvio, não achas? – disse ele – Tu querias viver para sempre.

– Mas eu não falei em viagens no tempo – disse Eric. – Fui muito claro quando disse que não queria magias.

– Não é magia. O teu desejo está a tentar realizar-se. Quer dizer, é tudo muito óbvio se pensares um bocadinho. ‘Para sempre’ significa em toda a dimensão do espaço e do tempo. Para sempre. Para todo o sempre. Estás a perceber?

– Estás a querer dizer que temos de começar do ponto 0?

– Exatamente.

– Mas isso não é nada bom! Vai demorar muito tempo até aparecer alguém por aqui!

– Séculos – corrigiu Rincewind, desconsolado. – Milénios. Uma eternidade. E, a seguir, virão todos os tipos de guerras, monstros e coisas dessas. A maior parte da História é pavorosa, se a analisares bem. E mesmo sem a analisares.

– Mas o que eu queria era continuar a viver para sempre, *de agora em diante* – disse Eric, nervoso

– Quer dizer, *daquele dia em diante*. Quer dizer, olha só para este sítio. Não há raparigas. Ninguém. Não há nada para fazer ao sábado à noite...

– Não vai haver ‘noites de sábado’ durante milhares de anos – disse Rincewind. – Apenas ‘noites’.

– Tens de me levar de volta, imediatamente – disse Eric. – Ordeno-te. *Vade retro!*

– Se voltares a dizer isso, eu dou-te um puxão de orelhas.

– Mas só tens de estalar os dedos!

– Já não funciona. Já tiveste os teus três desejos. Lamento muito.

– Então, o que devo fazer?

– Bom, se vires alguma coisa a rastejar na areia e a tentar respirar, podes dizer-lhe para não nos importunar.

– Achas que isto é muito engraçado, não achas?

– Acho bastante divertido, já que falas nisso – disse Rincewind, fleumático.

– Então, a piada vai perder a graça com o passar dos anos – disse Eric.

– O quê?

– Bom, não vais a lado nenhum, pois não? Vais ter de ficar comigo.

– Nada disso, eu vou... – Rincewind olhou à sua volta, desesperado. – Vou para onde? – pensou.

The waves rolled peacefully up the beach, not very strongly, at the moment, because they were still feeling their way. The first high tide was coming in, cautiously. There was no tideline, no streaky line of old seaweed and shells to give it some idea of what was expected of it. The air had the clean, fresh smell of air that has yet to know the effusions of a forest floor or the ins and outs of a ruminant's digestive system.

Rincewind had grown up in Ankh-Morpork. He liked air that had been around a bit, had got to know people, had been lived in.

"We've got to get back," he said urgently.

"That's what I've been saying," said Eric, with strained patience.

Rincewind took another bite of the sandwich. He'd looked death in the face many times, or more precisely Death had looked him in the back of his rapidly-retreating head many times, and suddenly the prospect of living forever didn't appeal. There were of course great questions he might learn the answer to, such as how life evolved and all the rest of it, but looked at as a way of spending all your spare time for the next infinity it wasn't a patch on a quiet evening strolling through the streets of Ankh.

Still, he'd acquired an ancestor. That was something. Not everyone had an ancestor. What would his ancestor have done in a situation like this?

He wouldn't have been here.

Well, yes, of course, but apart from that, he would have - he would have used his fine military mind to consider the tools available, that's what he would have done.

He had: item, one half-eaten egg and cress sandwich. No help there. He threw it away.

He had: item, himself. He drew a tick in the sand. He wasn't certain what use he could be, but he could come back to that later.

He had: item, Eric. Thirteen-year-old demonologist and acne attack ground zero.

That seemed to be about it.

He stared at the clean, fresh sand for a while, doodling in it.

Then he said, quietly: "Eric. Come here a moment..."

The waves were a lot stronger now. They had really got the hang of the tide thing, and were venturing a little ebb and flow.

Astfgl materialised in a puff of blue smoke.

As ondas rolavam serenamente na praia, muito devagar, naquele momento, porque ainda estavam a avaliar a situação. A primeira maré alta estava a aproximar-se, com prudência. Não havia nenhuma marca da subida do mar, nenhuma linha marcada com algas e conchas, que desse alguma ideia do que se esperava dela. O ar tinha aquele cheiro puro e fresco do ar que ainda não conheceu os eflúvios do solo da floresta nem os resultados do funcionamento do sistema digestivo de um ruminante.

Rincewind tinha crescido em Ankh-Morpork. Gostava do ar já usado, que já tivesse estado em contacto com pessoas, onde as pessoas já tivessem vivido.

– Temos de voltar para trás – disse ele, subitamente.

– É o que eu tenho estado a dizer – disse Eric, ansioso.

Rincewind deu outra dentada na sanduíche. Já tinha visto a morte à sua frente, muitas vezes, ou melhor, a Morte tinha ficado a olhar para as suas costas, muitas vezes, depois de ele ter fugido e, de repente, a ideia de viver para sempre não lhe agradava. Havia muitas questões importantes para as quais viria a saber as respostas, claro, tais como a forma como a vida evoluiu e tudo o resto. Mas isto, numa perspetiva de ocupação dos tempos livres por toda a eternidade, não era, nem de perto, tão interessante como passear pelas ruas de Ankh, numa noite tranquila.

Apesar de tudo, tinha encontrado um antepassado. Já era qualquer coisa. Nem toda a gente tem um antepassado. O que teria feito o seu antepassado numa situação como aquela?

Não poderia ter estado ali.

Bem, pois, claro, mas, esquecendo esse facto, ele teria... teria usado o seu raciocínio militar para avaliar todos os meios disponíveis, era isso que ele teria feito.

Ele tinha: o meio: metade de uma sanduíche de ovo com agrião. Inútil. Deitou-a ao lixo.

Tinha: o meio: ele próprio. Fez um visto na areia. Não sabia muito bem qual seria a sua utilidade, mas veria isso mais tarde.

Tinha outro meio: Eric. Um demonólogo de 13 anos, severamente atacado pela acne.

E era tudo o que tinha.

Olhava fixamente para a areia clara e limpa, desenhando pequenos círculos.

A seguir, disse, muito calmo:

– Eric, aproxima-te um pouco...

As ondas, agora, eram muito mais fortes. Tinham percebido o espírito das marés e aventuravam-se em avanços e recuos.

Astfgl apareceu no meio de nuvem de fumo azul.

"Aha!" he said, but this fell rather flat because there was no one to hear it.

He looked down. There were footprints in the sand. Hundreds of them. They ran backwards and forwards, as if something had been frantically searching, and then vanished.

He leaned nearer. It was hard to make out, what with all the footprints and the effects of the wind and the tide, but just on the edge of the encroaching surf were the unmistakable signs of a magic circle.

Astfgl said a swearword that fused the sand around him into glass, and vanished.

The tide got on with things. Further down the beach the last surge poured into a hollow in the rocks, and the new sun beamed down on the soaking remains of a half-eaten egg and cress sandwich. Tidal action turned it over. Thousands of bacteria suddenly found themselves in the midst of a taste explosion, and started to breed like mad.

If only there had been some mayonnaise, life might have turned out a whole lot different. More piquant, and perhaps with a little extra cream in it.

Travelling by magic always had major drawbacks. There was the feeling that your stomach was lagging behind. And your mind filled up with terror because the destination was always a little uncertain. It wasn't that you could come out anywhere. "Anywhere" represented a very restricted range of choices compared to the kind of places magic could transport you to. The actual travelling was easy. It was achieving a destination which, for example, allowed you to survive in all four dimensions at once that took the real effort.

In fact the scope for error was so huge it seemed something of an anti-climax to emerge in a fairly ordinary, sandy-floored cavern.

It contained, on the far wall, a door.

There was a forbidding door. It looked as though its designer had studied all the cell doors he could find and had then gone away and produced a version for, as it were, full visual orchestra. It was more of a portal. Some ancient and probably fearful warning was etched over its crumbling arch, but it was destined to remain unread because over it someone else had pasted a bright red-and-white notice which read: **"You Don't Have To Be 'Damned' To Work Here, But It Helps!!!"**

Rincewind squinted up at the notice.

"Of course I can read it," he said. "I just don't happen to believe it."

"Multiple exclamation marks," he went on, shaking his head, "are a sure sign of a diseased mind."

– Ah, ah! – disse ele, mas não teve muita graça porque não estava ali ninguém para o ouvir.

Olhou para baixo. Havia pegadas na areia. Centenas de pegadas. Marcas para a frente e para trás como se alguém tivesse andado, freneticamente, à procura de alguma coisa e depois, tivesse desaparecido.

Inclinou-se para observar mais de perto. Era difícil distinguir, com todas aquelas pegadas e os efeitos do vento e da maré, mas, mesmo na beira da espuma que invadia a praia, havia sinais inconfundíveis de um círculo mágico.

Astfogl disse um palavrão que transformou a areia à sua volta em vidro e desapareceu.

A maré continuou no seu vaivém. Mais à frente, na praia, uma onda inundou uma cavidade entre as rochas e o novo sol fez brilhar os restos encharcados de uma sanduíche de ovo e agriões. A força da água virou-a ao contrário. Milhares de bactérias viram-se, de repente, numa explosão de sabores, e começaram a reproduzir-se como loucas.

Se, ao menos, tivesse maionese, a vida poderia ter-se transformado em algo bastante diferente. Mais picante e talvez um pouco mais succulenta.

Viajar por magia tem sempre alguns inconvenientes. Fica-se com a sensação de que o estômago está sempre atrasado. E andamos sempre apavorados porque o destino é sempre incerto. Não era porque pudéssemos ir ter a um lugar qualquer. *‘Um lugar qualquer’* representa uma variedade de escolhas muito restritas comparadas com o tipo de lugares para onde a magia nos pode transportar. Viajar, na essência do termo, é fácil. Alcançar um destino que, por exemplo, nos permita sobreviver em quatro dimensões é que dá muito trabalho.

Na verdade a margem de erro era tão grande, que parecia uma espécie de anticlímax ir parar a uma caverna normal, com o chão coberto de areia.

Na parede do fundo havia uma porta.

Aquilo era uma porta proibida. Parecia que o arquiteto tinha estudado todo o tipo possível de portas de celas que conseguiu encontrar e depois produziu uma versão que reunisse todas as características que existiam. Parecia mais um portal. No arco degradado da porta estava gravado um aviso antigo e provavelmente medonho, mas que não se conseguia ler porque alguém tinha pintado por cima, umas palavras em vermelho e branco que diziam: **‘Não é preciso ser abominável para trabalhar aqui, mas isso ajuda!!!’**

Rincewind franziu os olhos para ler melhor o aviso.

– Claro que consigo ler – justificou-se Rincewind. – Só não acredito no que está ali escrito. –
Tantos pontos de exclamação, – continuou, abanando a cabeça – é mesmo sinal de uma mente doentia.

He looked behind him. The glowing outlines of Eric's magic circle faded and winked out.

"I'm not being picky, you understand," he said. "It's just that I thought you said you could get us back to Ankh. This isn't Ankh. I can tell by the little details, like the flickering red shadows and the distant screaming. In Ankh the screaming is usually much closer," he added.

"I think I did very well to get it to work at all," said Eric, bristling. "You're not supposed to be able to run magic circles in reverse. In theory it means you stay in the circle and reality moves around you. I think I did very well. You see," he added, his voice suddenly vibrating with enthusiasm, "if you rewrite the source codex and, this is the difficult bit, you route it through a high-level..."

"Yes, yes, very clever, what will you people think of next," said Rincewind. "The only thing is, we're, I think it's quite possible that we're in Hell."

"Oh?"

Eric's lack of reaction made Rincewind curious.

"You know," he added. "The place with all the demons in it?"

"Oh?"

"Not a good place to be, it's generally felt," said Rincewind.

Rincewind thought about this. He wasn't, when you got right down to it, quite sure what it was that demons did to you. But he did know what humans did to you, and after a lifetime in Ankh-Morpork this place could turn out to be an improvement. Warmer, at any rate.

He looked at the door-knocker. It was black and horrible, but that didn't matter because it was also tied up so that it couldn't be used. Beside it, with all the signs of being installed recently by someone who didn't know what they were doing and didn't want to do it, was a button set into the splintered woodwork. Rincewind gave it an experimental prod.

The sound it produced might once have been a popular tune, possibly even one written by a skilled composer to whom had been vouchsafed, for a brief ecstatic moment, the music of the spheres. Now, however, it just went *bing-Bong-ding-Dong*.

And it would be a lazy use of language to say that the thing that answered the door was a nightmare. Nightmares are usually rather daft things and it's very hard to explain to a listener what was so dreadful about your socks coming alive or giant carrots jumping out of hedgerows. This thing was the kind of terrifying thing that could only be created by someone sitting down and thinking horrible thoughts very clearly. It had more tentacles than legs, but fewer arms than heads.

Olhou para trás de si. Os contornos brilhantes do círculo mágico de Eric tinham-se desvanecido e tinham desaparecido.

– Não quero parecer muito exigente, – disse Rincewind – mas pensei que nos ias levar de volta para Ankh. E isto não é Ankh. Percebe-se pelos pormenores, como o tremeluzir das luzes vermelhas e o rumor de vozes que se ouvem, ao longe. Em Ankh ouve-se muito mais o barulho da vozaria – acrescentou.

– Acho que me saí muito bem ao pô-lo a funcionar – disse Eric, aborrecido. – Aposto que mais ninguém é capaz de pôr os círculos mágicos a funcionar ao contrário. Em teoria, significa que ficamos no meio do círculo e a realidade move-se à nossa volta. Acho que fiz muito bem. Sabes, – acrescentou, com a voz vibrante de entusiasmo – se re-escreveres o código original e, esta é a parte mais difícil, o enviases através de um alto nível...

– Sim, sim, muito esperto, o que será que vocês vão inventar a seguir – disse Rincewind.– A única questão é que, nós estamos, acho, que é muito possível estarmos no Inferno.

– Oh?

A ausência de reação de Eric provocou a curiosidade de Rincewind.

– Sabes? – acrescentou – naquele sítio onde estão todos os demónios.

– Oh?

– Não é lá um sítio muito bom para estar, segundo dizem – disse Rincewind.

Rincewind ficou a pensar naquilo. Na verdade, não tinha bem a certeza do que os demónios fazem às pessoas. Mas sabia o que os humanos são capazes de fazer e depois de uma vida inteira em Ankh-Morpork, o inferno até podia ser um progresso. Pelo menos, devia ser mais quente.

Olhou para o puxador da porta. Era preto e horrível. Mas também não tinha importância; estava amarrado para não ser usado. Ao lado, com todos os sinais de que tinha sido instalado por alguém que não sabia o que estava a fazer, e trabalhou contrariado, havia um botão cravado na madeira lascada. Rincewind experimentou carregar no botão.

O som que produziu podia ter sido, um dia, uma melodia popular, até mesmo ter sido escrita por um compositor talentoso a quem tinha sido concedida, num breve momento de êxtase, a música das esferas. Agora, só fazia *bing-Bong, ding-Dong*.

E seria usar a linguagem de forma preguiçosa dizer que a coisa que abriu a porta era um pesadelo. Os pesadelos normalmente são coisas muito tolas e é muito difícil explicar, a quem está a ouvir, o que foi tão horrível que fez as meias ganharem vida ou as cenouras gigantes pularem para fora das vedações. Esta coisa era o tipo das horrorosas que só podia ter sido criada por alguém que parou para pensar em coisas verdadeiramente horríveis. Tinha mais tentáculos do que pernas, mas menos braços do que cabeças.

It also had a badge.

The badge said: "My name is Urglefloggah,^{NT75} Spawn of the Pit and Loathly Guardian of the Dread Portal: How May I Help You?"

It was not very happy about this.

"Yes?" it rasped.

Rincewind was still reading the badge.

"How may you help us?" he said, aghast.

Urglefloggah, who bore a certain resemblance to the late Quezovercoatl, ground some of its teeth.

"Hi...there," it intoned, in the manner of one who has had the script patiently explained to him by someone with a red-hot branding iron. "My name is Urglefloggah, Spawn of the Pit, and I am your host for today... May I be the first to welcome you to our luxuriously-appointed...`"

"Hang on a moment," said Rincewind.

"...chosen for your convenience... ," Urglefloggah rumbled.

"There's something not right here," said Rincewind.

"...full regard for the wishes of **you**, the consumer...," the demon continued stoically.

"Excuse me," said Rincewind.

"...as pleasurable as possible," said Urglefloggah.

It made a noise like a sigh of relief, from somewhere deep in its mandibles. Now it appeared listening for the first time.

"Yes? What?" it said.

"Where are we?" said Rincewind.

Various mouths beamed. "Quail, mortals!"

"What? We're in a bird?"

"Grovel and cower, mortals!" the demon corrected itself, "for you are condemned to everlast... " It paused, and gave a little whimper.

"There will be a brief period of corrective therapy," it corrected itself again, spitting out each word, "which we hope to make as instructive and enjoyable as possible, with due regard to all the rights of **You**, the customer."

^{NT75} **Urglefloggah** – O porteiro do Inferno.
<http://wiki.lspace.org/wiki/Urglefloggah>, consultado em 30-10-2010

E também usava um crachá.

No crachá estava escrito: *O meu nome é Urglefloggah, Cria das Profundezas e Vil Guardiã do Portal dos Horrores: em que posso ser útil?*

Parecia não gostar muito daquilo.

– Faz favor? – disse, em tom áspero.

Rincewind ainda estava a ler o crachá.

– Como podes ser útil? – perguntou Rincewind, aterrorizado.

Urglefloggah, que era vagamente parecido com Quezovercoatl, rangeu os dentes.

– Olá... – começou, como se tivesse recebido, de alguém com um ferro em brasa na mão, uma explicação paciente sobre o que devia dizer – O meu nome é Urglefloggah, Cria das Profundezas, e hoje serei o vosso anfitrião...Permitam-me ser o primeiro a recebê-los nas nossas luxuosas e bem equipadas...

– Espera um momento – disse Rincewind.

– ...escolhidas para os servir... – murmurava Urglefloggah.

– Há aqui qualquer coisa errada – disse Rincewind.

– ...respeitando todos os **seus** desejos, caro cliente,... – continuou o demónio, impassível.

– Com licença – interrompeu Rincewind.

– ... da forma mais agradável possível – concluiu Urglefloggah.

Ouviu-se um barulho, que pareceu um suspiro de alívio, vindo de algures no fundo das suas mandíbulas. Naquele momento pareceu estar a ouvir pela primeira vez.

– Sim? O quê? – disse ele.

– Onde estamos?– perguntou Rincewind.

Muitas bocas abriram-se num sorriso.

– Tremam, mortais!

– O quê? Estamos num lugar frio?

– Rastejem e encolham-se de medo, mortais!^{NT76} – corrigiu o demónio – porque estão condenados para todo o sempre. – Fez uma pausa e deu um gritinho.

– Haverá um pequeno período de terapia corretiva – corrigiu-se novamente, cuspiendo a cada palavra que dizia – que desejamos seja o mais instrutivo e divertido possível, respeitando todos os **seus** direitos, caro cliente.

^{NT76} Optei por traduzir a palavra 'Quail', do original, por um dos possíveis significados, o verbo 'Tremar'. Adaptei a expressão de forma a fazer sentido na língua de chegada, uma vez que me deparei, na frase seguinte com o verbo 'Cower', sinónimo de 'Quail' e que completa o sentido. Julgo que estamos em presença da utilização de um trocadilho da palavra "Quail" e dos seus possíveis significados na língua Inglesa. A utilização de "quail" poderá invocar também a presença do papagaio que é sempre uma constante no imaginário do leitor; daí que a parte humorística da piada "Are we in a bird?" perder-se-ia em Português.

It eyed Rincewind with several eyes.

"Dreadful, isn't it?" it said, in a more normal voice. "Don't blame me. If it was up to me it would be the old burning thingys up the whatsit, toot sweet."^{NT77}

"This is hell, isn't it?" said Eric. "I've seen pictures."

"You're right there," said the demon mournfully.

It sat down, or at least folded itself in some complicated way.

"Personal service, that's what it used to be. People used to feel that we were taking an interest, that they weren't just numbers but, well, victims. We had a tradition of service. Fat lot he cares. But what am I telling you my troubles for? It's not as if you haven't got plenty of your own, what with being dead and being here. You're not musicians, are you?"

"Actually we're not even dea..." Rincewind began.

The demon ignored him, but got up and began to plod ponderously down the dank corridor, beckoning them to follow.

"You'd really hate it here if you was musicians. Hate it more, I mean. The walls play music all day long, well, he calls it music, I've got nothing against a good tune, mark you, something to scream along with, but this isn't it, I mean, I heard where we're supposed to all the best tunes, so why've we got all this stuff that sounds like someone turned on the piano and then walked away and left it?"

"In point of fact ..."

"And then there's the potted plants. Don't get me wrong, I like to see a bit of green around the place. Only some of the lads says these plants aren't real but what I say is, they must be, no one in their right mind would make a plant that looks like dark green leather and smells like a dead sloth. He says it gives the place a friendly and open aspect. Friendly and open aspect! I've seen keen gardeners break down and cry. I'm telling you, they said it made everything we did to them afterwards seem like an improvement."

"Dead is not what we..." said Rincewind, trying to hammer the words into a gap in the things endless monotone, but he was too late.

"The coffee machine, now, the coffee machine's a good one, I'll grant you. We only used to drown people in lakes of cat's pee, we didn't make them buy it by the cup."

"We're not dead!" Eric shouted.

Urglefloggah came to a quivering halt.

"Of course you're dead," it said. "Else you wouldn't be here. Can't imagine live people coming here. They wouldn't last five minutes."

^{NT77} **Toot sweet** - Rapidamente, imediatamente. Esta expressão é uma corruptela do Francês 'tout de suite', que significa literalmente 'imediatamente'

<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=toot%20sweet> , consultado em 30-10-2010

Olhou para Rincewind com os vários olhos.

– É medonho, não é? – disse ele, numa voz mais normal – Eu não tenho culpa. Se eu mandasse, queimava-se tudo e todos, imediatamente, à boa maneira antiga.

– Isto é mesmo o Inferno, não é? – disse Eric – Já tinha visto pinturas.

– Tens razão – respondeu o demónio, com ar lúgubre.

Sentou-se, ou, pelo menos, dobrou-se de uma maneira complicada.

– Antigamente havia serviço personalizado. As pessoas sentiam que nos interessávamos por elas, que não eram apenas números, melhor, vítimas. Tínhamos uma tradição de serviço. Não me ligam nenhuma. Mas porque é que vos estou a contar os meus problemas? Como se já não tivessem problemas que cheguem, estarem mortos e virem para aqui. Vocês não são músicos, pois não?

– Na verdade, nós nem estamos mor... – começou Rincewind.

O demónio ignorou-o, mas levantou-se e começou a andar, pensativo, pelo corredor húmido, fazendo-lhes sinal para o seguirem.

– Vocês iam odiar este sítio se fossem músicos. Quer dizer, iam odiar ainda mais. As paredes tocam música o dia inteiro. Bem, ele diz que aquilo é música. Não tenho nada contra uma bela melodia, reparem, quer dizer, qualquer coisa para acompanhar os gritos, mas não é isso. Dizem que temos as melhores melodias, mas então porque será que temos essas coisas que soam como se alguém tivesse ligado o piano e fugido?

– De facto...

– E depois há os vasos com plantas. Não me interpretem mal. Gosto de ver um cenário com um pouco de verde. Só que a malta diz que aquelas plantas não são verdadeiras. Mas eu acho que são, têm de ser. Ninguém, no seu perfeito juízo ia fazer uma planta que parece couro verde-escuro e cheira a bicho-preguiça morto. Ele diz que dá ao ambiente um aspeto amplo e acolhedor. Um aspeto amplo e acolhedor! Tenho visto jardineiros fanáticos sem conseguirem conter as lágrimas. A sério, disseram que depois daquilo, tudo o que lhes fizemos, parecia brincadeira.

– Mortos é que nós não... – disse Rincewind, insistindo nas palavras, na tentativa de quebrar a monotonia de tudo aquilo, mas era demasiado tarde.

– A máquina de café. A máquina de café é boa, garanto-vos. Nós só costumávamos afogar as pessoas em lagos de chichi de gato, não as obrigávamos a comprar o chichi ao copo.

– Nós não estamos mortos! – Gritou Eric.

Urglefloggah estremeceu e parou.

– Claro que estão mortos, – disse Urglefloggah – de outra forma, não estariam aqui. Nem consigo imaginar pessoas vivas neste sítio. Não durariam nem cinco minutos.

It opened several of its mouths, showing a choice of fangs.

"Hrr hrr," it added. "If I was to catch any live people down here..."

Not for nothing had Rincewind survived for years in the paranoid complexities of Unseen University. He felt almost at home. His reflexes operated with incredible precision.

"You mean you weren't told?" he said.

It was hard to see if Urglefloggah's expression changed, if only because it was hard to know what part of it was expression, but it definitely projected a familiar air of sudden and resentful uncertainty.

"Told what?" it said.

Rincewind looked at Eric.

"You'd think they'd tell people, wouldn't you?"

"Tell them wh – argarg, argarg..." said Eric, clutching his ankle.

"That's modern management for you," said Rincewind, his face radiating angry concern. "They go ahead and make all these changes, all these new arrangements, and do they consult the very people who form the backbone -"

"... exoskeleton ..." corrected the demon.

"...or other calcareous or chitinous structure, of the organisation?" Rincewind finished smoothly. He waited for what he knew would have to come.

"Not them," said Urglefloggah. "Too busy sticking up notices, they are."

"I think that's pretty disgusting," said Rincewind.

"D'you know, said Urglefloggah, "they wouldn't let me on the Club 18,000 - 30,000 holiday? Said I was too old. Said I would spoil the fun."

"What's the netherworld coming to?" said Rincewind sympathetically.

"They never come down here, you know," said the demon, sagging a bit. "They never tell me anything. Oh yes, very important, only keeping the bloody gate, most important I don't think!"

"Look," said Rincewind. "You wouldn't like me to have a word, would you?"

"Down here all hours, seeing them in..."

"Perhaps if we spoke to someone?" said Rincewind.

The demon sniffed, from several noses at once.

"Would you?" it said.

"Be happy to," said Rincewind.

Abriu várias bocas mostrando uma enorme diversidade de dentes.

– Hrr, hrr... – acrescentou – se eu apanhasse uma pessoa viva aqui em baixo...

Não tinha sido em vão que Rincewind sobrevivera, durante anos, nas estruturas complexas e paranoicas da Universidade Invisível. Sentia-se como se estivesse em casa. Os seus reflexos funcionavam com uma precisão incrível.

– Então não vos contaram? – perguntou.

Era difícil perceber se a expressão de Urglefloggah se tinha alterado, porque era difícil saber que parte daquilo tudo era a sua expressão. Mas, sem dúvida, manifestou uma reação súbita de indignação e insegurança.

– Contar-nos o quê?

Rincewind olhou para Eric.

– Pensaram que eles vos iam contar, não pensaram?

– Contar-lhes o que...ai... arre... – disse Eric, agarrando-se ao tornozelo.

– Isto agora é gestão moderna. – disse Rincewind, com uma expressão de raiva e preocupação. – Fazem estas alterações todas, todas as adaptações sem consultar as pessoas que constituem a coluna vertebral...

– O exosqueleto – corrigiu o demónio.

– ...ou outra estrutura calcária ou quitinosa da organização?

Rincewind terminou, confiante, e ficou à espera da reação que sabia não se faria esperar.

– A esses, não – disse Urglefloggah. – Esses estão muito ocupados com as ordens que têm de cumprir.

– Acho isso detestável – disse Rincewind.

– Sabes... – disse Urglefloggah – que eles não me deixaram entrar no Clube de Férias dos 18000 a 30000? Dizem que sou muito velho e que ia estragar a piada toda.

– Onde é que vai parar o mundo inferior? – perguntou Rincewind, solidário.

– Sabes, eles nunca vêm cá abaixo – disse o demónio, encolhendo os ombros. – Nunca me contam nada. Pois, é muito importante estar de guarda ao maldito portão, não há nada mais importante!

– Olha, – disse Rincewind – gostavas que eu fosse falar com eles?

– Estou sempre aqui em baixo a levar as pessoas lá para dentro...

– E se falássemos com alguém? – disse Rincewind.

O demónio fungou com vários narizes ao mesmo tempo.

– Fazias isso? – disse ele.

– Com todo o prazer – respondeu Rincewind.

Urglefloggah brightened a little, but not too much, just in case.

"Can't do any harm, can it?" it said.

Rincewind steeled himself and patted the thing on what he hoped fervently was its back...

"Don't you worry about it." he said.

"That's very kind of you."

Rincewind looked across the shuddering heap at Eric.

"We'd better go," he said. "So we're not late for our appointment." He made frantic signals over the demon's head.

Eric grinned. "Yeah, right, appointment," he said.

They walked up the wide passage.

Eric started to giggle hysterically.

"This is where we run, right?" he said.

"This is where we walk," said Rincewind. "Just walk. The important thing is to act nonchalant. The important thing is to get the timing right."

He looked at Eric.

Eric looked at him.

Behind them, Urglefloggah made a kind of 'I've-just-worked-it-out' noise.

"About now?" said Eric.

"About now I think would do it, yes."

They ran.

Hell wasn't what Rincewind had been led to expect, although there were signs of what it might once have been - a few clinkers in a corner, a bad scorch mark on the ceiling. It was hot, though, with the kind of heat that you get by boiling air inside an oven for years...

Hell, it has been suggested, is other people.

This has always come as a bit of a surprise to many working demons, who had always thought hell was sticking sharp things into people and pushing them into lakes of blood and so on.

This is because demons, like most people, have failed to distinguish between the body and the soul.

Urglefloggah ficou mais animado, mas, por precaução, conteve-se.

– Mal não vai fazer, pois não? – perguntou.

Rincewind respirou fundo e deu uma palmadinha naquilo que desejava ardentemente que fossem as costas da coisa.

– Não te preocupes – disse ele.

– És muito amável.

Rincewind olhou para Eric, que estava atrás da criatura trémula.

– É melhor irmos andando, – disse Rincewind – para não chegarmos atrasados ao nosso compromisso.

E fez sinais frenéticos por cima da cabeça demónio.

Eric sorriu de orelha a orelha.

– Ah, pois, o compromisso – disse ele.

E atravessaram a ampla passagem.

Eric começou a rir histericamente.

– É agora que começamos a correr, não é? – perguntou.

– Vamos andar – disse Rincewind. – Só andar. O importante é parecermos descontraídos e atuar na hora certa.

Olhou para Eric.

Eric olhou para ele.

Atrás deles, Urglefloggah emitido um rugido que significava: *‘já percebi tudo’*.

– Agora? – disse Eric.

– Sim, agora!

E desataram a correr.

O inferno não correspondia às expetativas de Rincewind, embora houvesse indícios de como já pudesse ter sido: alguns bocados de carvão num canto, uma marca de chamuscado no teto. Estava quente, aquele tipo de calor de um forno que está sempre a aquecer o mesmo ar, durante anos...

O Inferno, como já tinham sugerido, são os outros.

Isto surpreendia sempre os demónios que estavam de serviço que pensavam que o inferno era espetar coisas afiadas nas pessoas, empurrá-las para dentro de lagos de sangue, etc.

O que acontece, é que os demónios, como grande parte das pessoas, não conseguem perceber a diferença entre o corpo e a alma.

The fact was that, as droves of demon's kings had noticed, there was a limit to what you could do to a soul with, e.g., red-hot tweezers, because even fairly evil and corrupt souls were bright enough to realise that since they didn't have the concomitant body and nerve endings attached to them there was no real reason, other than force of habit, why they should suffer excruciating agony. So they didn't. Demons went on doing it anyway, because numb and mindless stupidity is part of what being a demon is all about, but since no one was suffering they didn't enjoy it much either and the whole thing was pointless. Centuries and centuries of pointlessness.

Astfgl had adopted, without realising what he was doing, a radically new approach.

Demons can move interdimensionally, and so he'd found the basic ingredients for a very worthwhile lake of blood equivalent, as it were, for the soul. Learn from humans, he'd told the demon lords. Learn from humans. It's amazing what you can learn from humans.

You take, for example, a certain type of hotel. It is probably an English version of an American hotel, but operated with that peculiarly English genius for taking something American and subtracting from it its one worthwhile aspect, so that you end up with slow fast food, West Country and Western music and, well, this hotel.

It's early closing day. The bar is really just a pastel-pink paneled table with a silly bucket on it, set in one corner, and it won't be open for hours yet. And then you add rain, and let the one channel available on the TV be, perhaps, Welsh Channel Four, showing its usual mobius Eisteddfod from Pant-y-gyrdl.^{NT78} And there is only one book in this hotel, left behind by a previous victim. It is one of those where the name of the author is on the front in raised gold letters much bigger than the title, and it probably has a rose and a bullet on there too. Half the pages are missing.

And the only cinema in the town is showing something with sub-titles and French umbrellas in it.

And then you stop time, but not experience, so that it seems as though the very fluff in the carpet is gradually rising up to fill the brain and your mouth starts to taste like an old denture.

And you make it last for ever and ever. That's even longer than from now to opening time.

And then you distil it.

Of course the Discworld lacks a number of the items listed above, but boredom is universal and Astfgl had achieved in Hell a particularly high brand of boredom which is like the boredom you get which is a) costing you money, and b) is taking place while you should be having a nice time.

^{NT78} **Eisteddfod** – É um festival tradicional de música, literatura e teatro que tem lugar no País de Gales. Esta tradição remonta ao século XII.

<http://en.wikipedia.org/wiki/Eisteddfod>, consultado em 30-10-2010

O que acontecia era que, como inúmeros Reis Demónios já tinham constatado, havia um limite para o que se podia fazer a uma alma com pinças incandescentes, por exemplo. Até mesmo as almas mais corruptas e más eram suficientemente inteligentes para perceber que, como já não tinham corpo nem terminações nervosas, não havia nenhuma razão, senão a força do hábito, para sofrerem agonias excruciantes. E não sentiam nada. Os demónios continuavam a aplicar essas torturas, porque a estupidez e o embrutecimento mental são atributos dos demónios, mas como ninguém sofria, eles também deixaram de achar graça a essa prática e tudo aquilo deixou de fazer sentido. Séculos e séculos de inutilidades.

Sem se aperceber disso, Astfgl tinha adotado uma abordagem totalmente diferente.

Os demónios podem deslocar-se através das várias dimensões e ele tinha encontrado os ingredientes básicos para criar o equivalente, para a alma, a um verdadeiro lago de sangue. – ‘Aprendam com os humanos’ – dissera aos lordes demónios. – ‘É impressionante o que se pode aprender com os humanos’.

Imagine, por exemplo, um determinado tipo de hotel. Será, provavelmente, a versão inglesa de um hotel americano, administrado com o peculiar espírito de gestão inglês, que vai buscar as melhores características americanas e o resultado será um hotel com um delicado *fast food*, música *country* e, bem, o resultado será *este* hotel.

Imagine que estamos no fim do dia. O bar resume-se a uma mesa com uma toalha em tons pastel e um recipiente qualquer em cima, num canto da sala. E ainda faltam muitas horas para abrir. Acrescente-lhe um dia chuvoso e, o único canal de televisão disponível, o Canal Quatro do País de Gales, que está a transmitir um dos habituais e monótonos festivais de canções folclóricas.

Só existe um livro, que uma *vítima* anterior lá terá deixado. É um daqueles livros com o nome do autor na capa, a dourado e em alto-relevo, com as letras em tamanho muito maior do que o título. Metade das páginas está em falta.

No único cinema da cidade está a passar um documentário legendado e no qual aparecem guarda-chuvas franceses. A seguir, uma pessoa para no tempo, mas continua a viver aquela experiência de tal forma que fica com a impressão que até os pelos da carpete sobem até lhe encherem o cérebro e começa a sentir na boca o gosto de dentadura velha.

E esta situação prolonga-se por tempo interminável. Mais tempo do que o bar demora a abrir.

Ora, daqui podemos tirar uma ideia.

Claro que no Discworld não existem os itens mencionados, mas o tédio é universal e Astfgl tinha conseguido criar no Inferno um tipo de tédio altamente especializado, algo como o que se sente quando: **a)** o próprio tédio está a fazer-nos perder dinheiro; **b)** nesse período de tempo entediante deveríamos estar a divertir-nos.

The caverns that opened before Rincewind were full of mist and tasteful room dividers. Now and again screams of ennui rose from between the pot plants, but mainly there was the terrible numbing silence of the human brain being reduced to cream cheese from the inside out.

"I don't understand..." said Eric, "Where are the furnaces? Where are the flames? Where," he added, hopefully, "are the succubi?"

Rincewind peered at the nearest exhibit.

A disconsolate demon, whose badge proclaimed it to be Azaremoth,^{NT79} the Stench of Dog Breath, and moreover hoped the reader would have a nice day, was sitting on the edge of a shallow pit wherein lay a rock on which a man was chained and spread-eagled.

A very tired-looking bird was perched beside him. Rincewind thought that Eric's had it bad, but this bird had definitely been through the mangle of Life. It looked as though it had been plucked first and then had its feathers stuck back on.

Curiosity overcame Rincewind's usual cowardice

"What's going on?" he said. "What's happening to him?"

The demon stopped kicking his heels on the edge of the pit. It didn't occur to it to question Rincewind's presence. It assumed that he wouldn't be here unless he had a right to be. The alternative was unbelievable.

"I don't know what he done," it said, "but when I first come here his punishment was to be chained to that rock and every day an eagle would come down and peck his liver out. Bit of an old favourite, that one"

"It doesn't look as though it's attacking him now," said Rincewind.

"Nah. That's all changed. Now it flies down every day and tells him about its hernia operation. Now it's effective, I'll grant you," said the demon sadly, "but it's not what I'd call torture."

Rincewind turned away, but not before catching a glimpse of the look of terminal agony on the victim's face. It was terrible.

There was worse, however. In the next pit several chained and groaning people were being shown a series of paintings. A demon in front of them was reading from a script:

"...this is when we were in the Fifth Circle, only you can't see where we stayed, it was just off to the left there, and this is that funny couple we met, you'd never believe it, they lived on the Icy Plains of Doom just next door to... "

^{NT79} **Azaremoth** - um dos lordes do Inferno que tem a alcunha de 'Fedor de Bafo de Cão'.
<http://wiki.lspace.org/wiki/Azaremoth>, consultado em 30-10-2010

As cavernas que se abriam na frente de Rincewind estavam repletas de névoa e tinham elegantes divisórias. De vez quando, ouviam-se gritos de enfado vindos de algures entre os vasos de plantas, mas, o pior, era o silêncio entorpecido do cérebro humano a ser reduzido a creme de queijo, de dentro para fora.

– Não percebo... – disse Eric. – Onde estão os fornos? Onde estão as chamas? Onde – acrescentou, expectante, – estão os súcubos?

Rincewind examinou o objeto que estava mais próximo dele.

Um demónio triste, cujo crachá dizia que o seu nome era Azaremoth, o Fedor de Bafo de Cão e que também tinha escrito os votos de um bom dia para quem o lesse, estava sentado na beira de um fosso pouco profundo, onde estava um homem acorrentado, de braços e pernas afastados.

Um pássaro, com ar muito cansado, estava empoleirado ao lado dele. Rincewind achava que o papagaio de Eric estava maltratado, mas aquele pássaro estava feito em frangalhos. Parecia que já tinha sido depenado e que depois alguém lhe colara as penas outra vez.

A curiosidade de Rincewind superou a sua habitual cobardia.

– O que se passa aqui? – perguntou Rincewind. – O que é que lhe estão a fazer?

O demónio parou de bater com os calcanhares na beira do poço. Não lhe tinha ocorrido questionar a presença de Rincewind. Presumiu que se ele estava ali, teria de haver uma boa razão para tal. O contrário seria impensável.

– Não sei o que ele fez – começou – mas quando cheguei aqui o castigo dele era ser acorrentado a essa pedra e todos os dias viria uma águia arrancar-lhe um bocado do fígado. Este castigo é muito antigo e tem muito sucesso.

– Não me parece que o bicho esteja a atacar agora – observou Rincewind.

– Não. Agora é tudo diferente. Agora o pássaro voa até aqui todos os dias e conversa com o homem sobre a cirurgia que fez a uma hérnia. Isto é muito eficaz, garanto-te – disse o demónio, com tristeza – mas, na minha opinião, não é bem o que se possa chamar de tortura.

Rincewind virou a cara, mas não sem antes olhar para a expressão de agonia terminal no rosto da vítima. Era horrível.

Contudo, havia situações piores. No fosso ao lado, várias pessoas acorrentadas gemiam e olhavam para uma série de imagens que lhes mostravam. Um dos demónios lia-lhes uma espécie de descrição:

–... isto foi quando estávamos no Quinto Círculo, só não se consegue perceber onde é que estávamos, era ali mais para a esquerda, e este é aquele casal divertido que conhecemos lá. Nem dá para acreditar, eles viviam nas Planícies Geladas da Perdição, mesmo ao lado do...

Eric looked at Rincewind.

"It's showing them pictures of itself on holiday?" he said.

They both shrugged and walked away, shaking their heads.

Then there was a small hill. At the bottom of the hill there was a round rock. Beside the rock sat a manacled man, his despairing head buried in his hands. A squat green demon stood beside him, almost buckling under the weight of an enormous book.

"I've heard of this one," said Eric.

"Man who went and defied the gods or something. Got to keep pushing that rock up the hill even though it rolls back all the time..."

The demon looked up.

"But first," it trilled, "he must listen to the Unhealthy and Unsafety Regulations governing the lifting and moving of Large Objects."

Volume 93 of the Commentaries, in fact. The Regulations themselves comprised a further 1,440 volumes. Part 1, that is.

Rincewind had always liked boredom, treasuring it if only because of its rarity value. It had always seemed to him that the only times in his life when he wasn't being chased, imprisoned or hit were when he was being dropped from things, and while falling a long way always had a certain sameness about it, it did not really count as "boring". The only time he could look back on with a certain amount of fondness was his brief spell as assistant Librarian at Unseen University, when there wasn't much to do except read books, make sure the Librarian's banana supply wasn't interrupted and, rarely, help him with a particularly recalcitrant grimoire.

Now he realised what made boredom so attractive. It was the knowledge that worse things, dangerously exciting things, were going on just around the corner and that you were well out of them. For boredom to be enjoyable there had to be something to compare it with.

Whereas this was just boredom on top of more boredom, winding in on itself until it became a great crushing sledgehammer, which paralysed all, thought and experience and pounded eternity into something like flannel.

"This is dreadful," he said.

The chained man raised a haggard face.

Eric olhou para Rincewind.

– Ele está a mostrar-lhes fotografias das férias? – perguntou.

Os dois encolheram os ombros e continuaram a andar, abanando a cabeça.

A seguir, depararam-se com uma pequena colina. Na base, havia uma pedra redonda. Ao lado da pedra estava um homem algemado, com a cabeça entre as mãos, com ar desesperado. Um demónio verde e atarracado estava ao seu lado, quase curvado sob o peso de um livro enorme.

– Deste, já tinha ouvido falar – disse Eric. – O homem que desafiou os deuses ou algo parecido. Tem de empurrar aquela pedra pela colina acima mas a pedra está sempre a escorregar pela colina abaixo....

O demónio olhou para cima.

– Mas, primeiro – trinou ele – tem de ouvir as Normas de Insalubridade e Insegurança que regulam os Atos de Erguer e Mover Grandes Objetos.

O Volume 93 dos Comentários. As Normas, propriamente ditas, eram constituídas por mais de 1440 volumes. Só a Parte 1.

Rincewind sempre gostara da monotonia, apreciava-a, quanto mais não fosse, pela pouca frequência com que acontecia. Sempre lhe parecera que os únicos momentos da sua vida em que não tinha sido perseguido, preso ou agredido foram aqueles em que tinha sido atirado de qualquer sítio. Ainda que cair de uma grande distância implicasse sempre a mesma sensação, não considerava a situação monótona. O único momento de que se conseguia lembrar com uma certa nostalgia, foi o curto período em que trabalhou como Bibliotecário Assistente na Universidade Invisível, onde não havia muito que fazer, exceto ler livros, garantir que o fornecimento de bananas do Bibliotecário não falhava e, algumas vezes, ajudá-lo com algum grimório rebelde.

Agora percebia o que tornava a monotonia uma coisa tão fascinante. Era o facto de saber que coisas muito piores, coisas perigosamente excitantes, estavam a acontecer mesmo ali ao lado e nós não tínhamos nada a ver com o assunto. Para se poder apreciar a monotonia era preciso ter um termo de comparação.

Por outro lado, aquilo era monotonia em cima de mais monotonia, enrolando-se em volta de si própria até se transformar num enorme martelo esmagador que paralisava todo e qualquer pensamento e experiência e destruía a eternidade, reduzindo-a a conversa fiada.

– Isto é medonho – disse ele.

O homem acorrentado ergueu o rosto macilento.

"You're telling me?" he said. "I used to like pushing the ball up the hill. You could stop for a chat, you could see what was going on, you could try various holds and everything. I was a bit of a tourist attraction, people used to point me out. I wouldn't say it was fun, but it gave you a purpose in the afterlife."

"And I used to help him," said the demon, its voice raw with sullen indignation. "Give you a bit of a hand, sometimes, didn't I? Pass on a bit of gossip and that. Sort of encourage him when it rolled back and that. I'd say things like `whoops, there goes the bleeder again,` and he'd say `Bugger it`.

We had some times, dint we? Great times." It blew its nose.

Rincewind coughed.

"S'getting too much," said the demon. "We used to be happy in the old days. It wasn't as if it used to hurt anyone much and, well, we was all in it together."

"That's it," said the chained man. "You knew if you kept your nose clean you'd stand a chance of getting out one day. You know, once a week now I have to stop this for craft lessons?"

"That must be nice," said Rincewind uncertainly.

The man's eyes narrowed.

"Basketwork?" he said.

"I been here eighteen millennia, demon and imp," grumbled the demon. "I learned my trade, I did. Eighteen thousand bloody years behind the pitchfork, and now this. Reading a..."

A sonic boom echoed the length of Hell.

"Oi oi," said the demon. "He's back. He sounds angry, too. We'd better get our heads down." And indeed, all over the circles of Hades, demons and damned were groaning in unison and getting back to their private hells.

The chained man broke into a sweat.

"Look, Vizzimuth," he said, "couldn't we just sort of miss out one or two of paragraphs..."

"It's my job," said the demon wretchedly. "You know He checks up, it's more than my job's worth..." He broke off, gave Rincewind a sad grimace, and patted the sobbing figure with a gentle talon.

"Tell you what," he said kindly, "I'll skip some of the sub-clauses."

Rincewind took Eric by an unresisting shoulder.

"We'd better get along," he said quietly.

"This is really horrible," said Eric, as they walked away. "It gives evil a bad name."

– E é a mim que diz isso? Antes, eu gostava de empurrar a bola pela colina acima. Podia parar um pouco para conversar, para ver o que se passava à minha volta, experimentava formas diferentes de empurrar a bola e tudo. Era uma espécie de atração turística, as pessoas reparavam em mim. Não digo que era divertido, mas dava algum sentido à vida depois da morte.

– E eu ajudava-o – disse o demónio, com uma voz áspera de indignação e mau humor.– Ajudava-te muitas vezes, não era? Contava umas intriguinhas e tal. – Uma espécie de encorajamento quando a bola rolava outra vez pela encosta abaixo. Dizia coisas como: ‘Upss, lá vai a marota outra vez’, e ele dizia: ‘Deixa lá isso’. – Divertíamos-nos muito, não era? Bons tempos.– E assoou o nariz.

Rincewind tossiu.

– Está a ser de mais – disse o demónio. – Naquele tempo éramos felizes. Nenhum de nós se magoava muito e, bem, estávamos juntos naquilo.

– É isso mesmo – concordou o homem acorrentado. – Sabíamos que se não arranjássemos problemas tínhamos hipótese de sair daqui um dia. Sabes que agora, uma vez por semana, tenho de parar com isto para ter aulas de artesanato?

– Deve ser interessante – opinou Rincewind, vagamente.

O homem semicerrou os olhos.

– Fazem cestos de vime? – perguntou Rincewind.

– Eu estou aqui há dezoito mil anos, demónio e diabrete – resmungou o demónio. – Aprendi o meu ofício, sim. Dezoito mil malditos anos com a forquilha na mão e agora isto. A ler um...

Um estrondo ecoou por toda a extensão do Inferno.

– Ai, ai... – disse o demónio. – Ele voltou. E parece estar zangado. É melhor baixarmos a cabeça.

E, de facto, por todos os círculos de Hades, demónios e condenados gemiam em unísono e regressavam aos seus infernos privados.

O homem acorrentado começou a transpirar.

– Olha, Vizzimuth – disse ele – será que não podias avançar um ou dois parágrafos...?

– Isto é o meu trabalho – respondeu o demónio, tristemente.– Tu sabes que ele controla tudo, e isso vale mais do que o meu trabalho....

Parou um instante, fez uma careta triste para Rincewind, e deu uma pancadinha com a garra nas costas do homem, que soluçava.

– Já sei como vamos fazer – disse, delicadamente. – Vou omitir algumas das subcláusulas.

Rincewind pousou a mão sobre o ombro de Eric.

– É melhor irmos embora – disse, calmamente.

– Isto realmente é horrível – comentou Eric, enquanto se afastavam.– Acaba com a reputação do mal.

"Humm," said Rincewind. He didn't like the sound of Him being back and Him being angry. Whenever something important enough to deserve capital letters was angry in the vicinity of Rincewind, it was usually angry with him.

"If you know such a lot about this place," he said, "perhaps you can remember how to get out?"

Eric scratched his head.

"It helps if one of you is a girl," he said. "According to Epehebian mythology, there's a girl who comes down here every winter."

"To keep warm?"

"I think the story says she actually creates the winter, sort of."

"I've known women like that," said Rincewind, nodding wisely.

"Or it helps if you've got a lyre, I think."

"Ah. We could be on firmer ground here," said Rincewind.

He thought for a bit and then said, "Er... My dog... my dog has six legs."

"The kind you play," said Eric patiently.

"Oh."

"And, and, and when you do leave, if you look back... I think pomegranates come into it somewhere, or, or, or you turn into a piece of wood."

"I never look back," said Rincewind firmly. "One of the first rules of running away is, never look back."

There was a roar behind them.

"Especially when you hear loud noises," Rincewind went on. "When it comes to cowardice, that's what sorts out the men from the sheep. You run straight away."

He grabbed the skirts of his robe.

And they ran and ran, until a familiar voice said: "Ho there, dear lads. Hop up. It's amazing how you meet old friends down here."

And another voice said:

"Wosname? Wosname?"

"Where are they!"

The sub-lords of Hell trembled. This was going to be dreadful. It might even result in a memo.

– Humm – disse Rincewind.

Não lhe estava a agradar o barulho que Ele tinha feito quando regressou e também do som dos rugidos de ira. Sempre que alguém, perto de Rincewind, era tão importante ao ponto de merecer letras maiúsculas, era sinal que estava furioso com ele.

– Se sabes assim tanto sobre este lugar – disse ele – talvez te lembres como sair daqui.

Eric coçou a cabeça.

– Ajudava se um de vocês fosse uma rapariga – disse ele. De acordo com a mitologia Efebiana, há uma rapariga que vem para aqui todos os invernos.

– Para se aquecer?

– Acho que a lenda diz que ela é que cria o inverno.

– Já conheci mulheres assim – disse Rincewind, acenando com a cabeça, sabiamente.

– Acho que também ajudava se tivéssemos uma lira.

– Agora já nos estamos a entender – disse Rincewind.

Pensou durante uns momentos e depois acrescentou:

– Ah... o meu cão... o meu cão tem seis pernas...

– Uma lira para tocar, um instrumento musical – disse Eric, pacientemente.

– Oh!

– E se, se quando fores embora olhares para trás ... acho que aparecem romãs vindas de todo o lado, ou então te transformas num bocado de madeira.

– Eu nunca olho para trás – respondeu Rincewind, com firmeza. – Uma das regras mais importantes da fuga é nunca olhar para trás.

Ouviu-se um ronco atrás deles.

– Especialmente quando ouvimos barulhos intensos – continuou Rincewind. – No que diz respeito a cobardia é o que distingue um homem de um carneiro. É para fugir imediatamente.

Segurou nas pontas do manto.

E depois correram, correram, até que ouviram uma voz familiar que dizia:

– Ei, vocês, caros amigos. Animem-se. É incrível como encontramos velhos amigos aqui em baixo.

Ouviu-se outra voz que dizia:

– Coiso? Coiso?

– Onde é que eles estão?

Os sublordes do Inferno estremeçeram. Aquilo ia ser horrível. Talvez até resultasse num memorando.

"They can't have escaped," rasped Astfgl. "They're here somewhere. Why can you not find them? Am I surrounded by incompetents as well as fools?"

"My lord..."

The demon princes turned.

The speaker was Duke Vassenego, one of the oldest demons. How old, no one knew. But if he didn't actually invent original sin, at least he made one of the first copies. In terms of sheer enterprise and deviousness of mind he might even have passed for human and, in fact, generally took the form of an old, rather sad lawyer with an eagle somewhere in his ancestry.

And every demonic mind thought: poor Vassenego, he's done it this time. This won't be just a memo, this will be a policy statement, c.c.'d to all departments and a copy for files.

Astfgl turned slowly, as though mounted on a turntable. He was back in his preferred form now but had pulled himself together, as it were, on a higher level of emotion. The mere thought of living humans in his domain made him twang with fury like a violin string. You couldn't trust them. They were unreliable. The last human allowed down here alive had given the place a terribly bad press. Above all, they made him feel inferior.

Now the full wattage of his anger focused on the old demon.

"You had a point to make?" he said.

"I was merely going to say, lord, that we have made an extensive search of all eight circles and I am really certain -"

"Silence! Don't think I don't know what's going on," growled Astfgl, circling the drawn figure. "I've seen you - and you, and you" - his trident pointed at some of the other lords - "plotting in corners, encouraging rebellion! I rule here, is that not so? And I will be obeyed!"

Vassenego was pale. His patrician nostrils flared like jet intakes. Everything about him said: you pompous little creature, of course we encourage rebellion, we're demons! And I was maddening the minds of princes when you were encouraging cats to leave dead mice under the bed, you small-minded, paper-worshipping nincompoop! Everything about him said this except his voice, which said, calmly:

"No one is denying this, sire."

"Then search again! And the demon who let them in is to be taken to the lowest pit and disassembled, is that clear?"

– Eles não podem ter escapado – vociferou Astfgl. – Têm de estar aqui, algures. Porque é que não os encontram? Será que estou rodeado de incompetentes além de serem imbecis?

– Meu Senhor...

Os Príncipes dos Demónios voltaram-se.

Quem falava era o Duque Vassenego, um dos demónios mais velhos. A idade dele, ninguém sabia ao certo. Mas se não foi ele que inventou o pecado original, pelo menos deve ter feito uma das primeiras cópias. Por iniciativa própria e puro divertimento, deve ter-se feito passar por humano e, geralmente, tomava a forma de um advogado velho e muito triste, que teria uma águia algures na sua árvore genealógica.

E todas as mentes demoníacas pensaram:

– Pobre Vassenego, desta vez conseguiu. Isto não vai ser só um memorando, vai ser um depoimento policial com conhecimento para todos os departamentos e uma cópia para os arquivos.

Astfgl virou-se, lentamente, como se estivesse em cima de uma plataforma giratória. Voltara à sua forma preferida, mas tinha-se reorganizado emocionalmente a um nível superior. O simples facto de imaginar os humanos vivos nos seus domínios, fazia-o vibrar de fúria como a corda de um violino. Não conseguia confiar neles. Não mereciam a sua confiança. O último humano que tivera autorização para descer vivo ao Inferno, produziu uma propaganda péssima para aquele local. Além disso, os humanos faziam com que se sentisse inferior.

Naquele momento, toda a energia da sua raiva concentrava-se no velho demónio.

– Tens alguma coisa importante para nos dizer? – disse ele.

– Senhor, eu apenas ia dizer que fizemos uma busca alargada em todos os oito círculos e tenho a certeza de que...

– Silêncio! Não pense que eu não sei o que se passa, – gritou Astfgl, andando à sua volta. – Tenho-te visto a ti...e a ti... e a ti... – e apontava com o tridente para alguns dos outros lordes – a conspirarem pelos cantos, a encorajarem a rebelião! Eu é que mando aqui, não é assim? E respeitem-me!

Vassenego estava pálido. As suas narinas aristocráticas dilataram-se como turbinas de um jato. Todas as suas reacções pareciam dizer: *‘Sua criaturinha arrogante, claro que encorajamos a rebelião, somos demónios! E eu estava a convencer os príncipes enquanto tu incitavas os gatos a deixarem ratos mortos debaixo da cama, seu cretino, tacanho e amante da burocracia!’* Tudo nele dizia isto, exceto a sua voz, que dizia, em tom calmo:

– Ninguém diz o contrário, Senhor.

– Então, procurem outra vez! E o demónio que os deixou entrar vai ser levado para o fosso mais fundo para ser destruído, perceberam?

Vassenego's eyebrows rose.

"Old Urglefloggah, sire? He was foolish, certainly, but he is loyal..."

"Are you by any chance endeavouring to contradict me?"

Vassenego hesitated. Dreadful as he privately held the king to be, demons are strong believers in precedence and hierarchy. There were too many young demons pressing below them for the senior lords to openly demonstrate the ways of regicide and coup, no matter what the provocation. Vassenego had plans of his own. No sense in spoiling things now.

"No, sire," he said. "But that will mean, sire, that the dread portal is no longer..."

"Do it!"

The Luggage arrived at the dread portal.

There was no way to describe how angry you can get running nearly twice the length of the space-time continuum, and the Luggage had been pretty annoyed to start with.

It looked at the hinges. It looked at the locks. It backed away a bit and appeared to read the new sign over the portal.

Possibly this made it angrier, although with the Luggage there wasn't any reliable way of telling because it spent all its time beyond, in a manner of speaking, the hostility event horizon.

The doors of Hell were ancient. It wasn't just time and heat that had baked their wood to something like black granite. They'd picked up fear and dull evil. They were more than mere things to fill a hole in the wall. They were bright enough to be dimly aware what their future was likely to hold.

They watched the Luggage shuffle back across the sand, flex its legs and crouch down.

The lock clicked. The bolts dragged themselves back hurriedly. The great bars jerked from their sockets. The doors flung themselves back against the wall.

The Luggage untensed. It straightened. It stepped forward. It almost strutted. It passed between the straining hinges and, when it was nearly through, turned and gave the nearest door a damn good kick.

There was a great treadmill. It didn't power anything, and had particularly creaky bearings. It was one of Astfgl's more inspired ideas, and had no use whatsoever except to show several hundred people that if they had thought their lives had been pretty pointless, they hadn't seen anything yet.

"We cant stay here for ever," said Rincewind. "We need to do things. Like eat."

Vassenego ergueu o sobrolho.

– O velho Urglefloggah, Senhor? Ele foi um tolo, claro, mas é leal...

– Atreves-te a contrariar as minhas ordens?

Vassenego hesitou. Por mais que achasse o Rei horrível, os demónios respeitam os seus superiores hierárquicos. Havia muitos demónios jovens a incitar os lordes mais velhos a mostrarem abertamente como cometer regicídios e golpes de estado, sob qualquer pretexto. Mas Vassenego tinha os seus próprios planos. Não valia a pena estragar tudo agora.

– Não, Senhor – disse ele. – Mas isso significa, Senhor, que o Portal dos Horrores não vai ficar...

– Faz o que te ordeno!

A Bagagem chegou ao Portal dos Horrores.

É impossível descrever a raiva que se sente depois de andar a correr, de um lado para o outro, pelo universo, e a Bagagem já estava bastante irritada desde o início.

Olhou para as dobradiças. Olhou para os cadeados. Recuou um pouco e parecia estar a ler o letreiro novo que tinham posto no Portal.

É possível que isto a tenha deixado ainda mais irritada, embora com a Bagagem fosse difícil de avaliar, porque ela estava, quase sempre, aborrecida.

As portas do Inferno eram antigas. Não foi o efeito do tempo e do calor que queimou a madeira até ficar parecida com granito negro. Aquelas portas tinham acumulado medo e tédio maldito. Eram mais do que simples objetos para tapar um buraco na parede. E eram suficientemente espertas para terem uma noção de qual seria o seu futuro.

Observaram a Bagagem a afastar-se, arrastando-se pela areia, dobrando as pernas e ajoelhando.

A fechadura abriu-se. Os ferrolhos deslizaram para trás rapidamente. As barras enormes soltaram-se dos buracos. As portas atiraram-se contra a parede.

A Bagagem esticou-se. A seguir, endireitou-se. Deu um passo em frente. Andava com um ar quase majestoso. Passou por entre as dobradiças estragadas e, quando estava quase a chegar ao outro lado, virou-se e deu um valente pontapé na porta mais próxima.

Havia um grande moinho acionado por uma grande roda. Não produzia nenhum tipo de energia e as engrenagens faziam um barulho ensurdecador. Era uma das ideias mais inspiradas de Astfgl e não servia para absolutamente nada a não ser para mostrar a centenas de pessoas que, se pensavam que as suas vidas não tinham tido nenhum significado, então ainda não tinham visto nada.

– Não podemos ficar aqui para sempre – disse Rincewind. – Precisamos de fazer alguma coisa. Comer, por exemplo.

"That's one of the tremendous advantages of being a damned soul," said Ponce da Quirm. "All the old bodily cares fade away. Of course, you get a completely new set of cares, but I have always found it advisable to look for the silver lining."

"Wosname!" said the parrot, who was sitting on his shoulder.

"Fancy that," said Rincewind. "I never knew animals could go to Hell. Although I can quite see why they made an exception in this case."

"Up yours wizard!"

"Why don't they look for us here, that's what I don't understand?" said Eric.

"Shut up and keep walking," said Rincewind. "They're stupid, that's why. They can't imagine that we would be doing something like this."

"Yes, they're right there. I can't imagine that we are doing something like this, either," said Eric.

Rincewind treadled for a bit, watching a crowd of frantically searching demons hurry past.

"So you didn't find the Fountain of Youth, then," he said, feeling that he should make some conversation.

"Oh, but I did," said da Quirm earnestly. "A clear spring, deep in the jungle. It was very impressive. I had a good long drink, too. Or draught, which I think is the more appropriate word."

"And...?" said Rincewind.

"It definitely worked. Yes. For a while there I could definitely feel myself younger."

"But..." Rincewind waved a vague hand to take in da Quirm, the treadmill, the towering circles of the Pit.

"Ah," said the old man. "Of course, that's the really annoying bit. I'd read so much about the fountain, and you'd have thought someone in all those books would have mentioned the really vital thing about the water, wouldn't you?"

"Which was...?"

"Boil it first. Says it all doesn't it? Terrible shame, really."

The Luggage trotted down the great spiral road that linked the circles of the Pit. Even if conditions had been normal it probably would not have attracted much attention. If anything, it was rather less astonishing than most of the denizens

"This is really boring," said Eric.

"That's the point," said Rincewind.

"We shouldn't be lurking here, we should be trying to find a way out!"

"Well, yes, but there isn't one."

– Essa é uma das grandes vantagens de ser uma alma condenada – observou Ponce da Quirm. – Todas os velhos cuidados com o corpo desaparecem. Claro que passamos a ter uma série de preocupações totalmente novas, mas eu penso sempre nisso pelo lado positivo.

– Coiso! – gritou o papagaio, sentado no seu ombro.

– Vejam só isto – disse Rincewind. – Nunca imaginei que os animais fossem para o Inferno. Mas neste caso, percebo porque é que fizeram uma exceção.

– Vai passear, feiticeiro!

– Não percebo porque é que não nos procuram aqui – disse Eric.

– Cala-te e continua a andar – disse Rincewind. – É porque são estúpidos, só isso. Nem conseguem imaginar que estaríamos a fazer uma coisa destas.

– Pois, mas nisso eles têm razão. Nem eu consigo imaginar que estamos a fazer isto – disse Eric.

Rincewind andou, por uns instantes, nos degraus do moinho, observando uma multidão de demónios que passava apressadamente, vasculhando tudo à sua passagem.

– Então, não encontraste a Fonte da Juventude, – perguntou, achando que devia fazer conversa.

– Oh, sim, encontrei – disse da Quirm, muito sério. – Uma fonte cristalina no meio da selva. Foi muito emocionante. Também bebi um golinho. Um grande sorvo, é a palavra mais apropriada.

– E...? – disse Rincewind.

– Resultou. Sim. Por uns momentos, senti-me muito mais jovem.

– Mas... – Rincewind fez um gesto com a mão, abrangendo da Quirm, o moinho e as zonas circundantes do Inferno.

– Ah – começou o ancião – é claro, essa é a parte mais desagradável. Li tantos livros sobre a fonte, era de esperar que alguém tivesse mencionado o que é mais importante em relação à água, não acham?

– Que é...?

– Ferver a água antes de beber. Não é preciso dizer mais nada, pois não? Que vergonha.

A Bagagem desceu a correr a grande estrada em espiral que ligava as áreas do Inferno. Mesmo em condições normais, provavelmente não teria atraído muitas atenções. Talvez até fosse menos surpreendente do que a maioria dos habitantes daquele lugar.

– Isto é muito aborrecido – disse Eric.

– É essa a ideia – respondeu Rincewind.

– Não devíamos andar a passear, mas sim a procurar uma saída!

– Pois, mas não há saída nenhuma.

"There is, in fact," said a voice behind Rincewind. It was the voice of someone who had seen it all and hadn't liked any of it very much.

"Lavaeolus?" said Rincewind. His ancestor was right behind them.

"`You'll get home all right,`" said Lavaeolus bitterly. "Your very words. Huh. Ten years of one damn thing after another. You might have told a chap."

"Er," said Eric. "We didn't want to upset the course of history."

"You didn't want to upset the course of history," said Lavaeolus slowly.

He stared down at the woodwork of the treadmill.

"Oh. Good. That makes it all right. I feel a lot better for knowing that. Speaking as the course of history, I'd like to say thank you very much."

"Excuse me," said Rincewind.

"Yes?"

"You said there's another way out?"

"Oh, yes. A back way."

"Where is it?"

Lavaeolus stopped treading for a moment and pointed across the misty hollow.

"See that arch over there?"

Rincewind peered into the distance.

"Just about," he said. "Is that it?"

"Yes. A long steep climb. Don't know where it comes out, though."

"How did you find out about it?"

Lavaeolus shrugged.

"I asked a demon," he said. "There's always an easier way of doing everything, you know."

"It'd take forever to get there," said Eric. "It's right on the other side, we'd never make it."

Rincewind nodded, and glumly continued the endless walk. After a few minutes he said:

"Has it struck you we seem to be going faster?"

Eric turned around.

The Luggage had stepped aboard and was trying to catch up with them.

– Por acaso, até há – disse uma voz, atrás de Rincewind. Era a voz de alguém que já tinha visto tudo e não tinha gostado nada do que vira.

– Lavaeolus? – perguntou Rincewind.– O seu antepassado estava mesmo atrás de si.

– ‘Vais chegar bem a casa’ – disse Lavaeolus, com amargura. – Foi o que tu disseste. Heh. Dez anos de aflições, umas atrás das outras. Podias ter-me avisado.

– Eh – disse Eric. – Não queríamos perturbar o curso da História.

– Não queriam perturbar o curso da História – repetiu Lavaeolus, devagar.

Olhou para a estrutura de madeira do moinho.

– Oh. Muito bem. Assim fica tudo certo. Sinto-me muito melhor por ouvir isso. Por falar em curso da História, gostava de vos agradecer.

– Desculpe – interrompeu Rincewind.

– Sim?

– Disseste que há outra saída?

– Sim. Uma passagem pelas traseiras.

– Onde é isso?

Lavaeolus parou de pedalar nos degraus do moinho e apontou para o outro lado do vale enevado.

– Estás a ver aquele arco?

Rincewind apurou a vista.

– Acho que sim – disse ele – é ali?

– Sim. É uma subida longa e muito íngreme. Mas não sei onde vai dar.

– E como é que descobriste isso?

Lavaeolus encolheu os ombros.

– Perguntei a um demónio – respondeu ele. – Sabes, há sempre uma maneira mais simples de resolver as coisas.

– Vai demorar uma eternidade a chegar lá – disse Eric. – É mesmo do outro lado. Nunca vamos conseguir.

Rincewind concordou e, carrancudo, continuou a caminhada sem fim. Passados alguns minutos, disse:

– Não estão com a impressão de que estamos a andar mais depressa?

Eric virou-se.

A Bagagem tinha retomado o caminho e tentava alcançá-los.

Astfgl stood in front of his mirror.

"Show me what they can see," he commanded.

"Yes, master."

Astfgl inspected the whirring image for a moment.

"Tell me what this means," he said.

"I'm just a mirror, master. What do I know?"

Astfgl growled.

"And I'm Lord of Hades," he said, gesturing with his trident. "And I'm prepared to risk another seven years' bad luck."

The mirror considered the available options.

"I might be able to hear some creaking, lord" it ventured.

"And?"

"I smell smoke."

"No smoke. I specifically banned all open fires. A very old-fashioned concept. It gave the place a bad name."

"Nevertheless, master."

"Show me... Hades."

The mirror gave of its best. The King was just in time to see the treadwheel, its bearings glowing red hot, crash down from its mountings and roll, as deceptively slowly as an avalanche, across the country of the damned.

Rincewind hung from the push bar, watching the rungs whirr past at a speed that would have burned the soles off his sandals if he'd been foolish enough to let his feet down. The dead, however, were taking it all with the cheerful aplomb of those who know that the worst has already happened to them.

Cries of "Pass the candyfloss," drifted down. He heard Lavaeolus commending the wheel's splendid traction and explaining to da Quirm how, if you had a vehicle which put down its road in front of it, just like the Luggage was in fact doing, and then you covered it with armour, then wars would be less bloody, over in half the time and everyone could spend even longer going home.

The Luggage made no comment at all. It could see its master hanging a few feet away, and just kept going. It may have occurred to it that the journey was taking some time, but that was Time's problem. And so, flinging out the occasional screaming soul, bumping and gyrating and crushing the occasional luckless demon, the wheel bowled on.

It smashed against the opposite cliff.

Astfagl estava de pé, em frente do espelho.

– Mostra-me o que eles estão a ver – ordenou.

– Sim, Mestre.

Astfagl observou a imagem sibilante durante alguns momentos.

– Explica-me o que é que isto significa.

– Eu sou só um espelho, Mestre. Como posso saber?

Astfagl resmungou.

– E eu sou o Senhor de Hades – disse ele, gesticulando com o tridente. – E estou preparado para arriscar mais sete anos de azar.

O espelho considerou as opções disponíveis.

– Talvez consiga distinguir um crepitar, Senhor – arriscou o espelho.

– E?

– Cheira-me a fumo.

– Não pode ser fumo. Eu proibi todos os fogos ao ar livre. Isso é um conceito muito antiquado.

Estragou a reputação deste sítio.

– Mesmo assim, Mestre...

– Mostra-me... Hades.

O espelho esforçou-se para dar o seu melhor. O Rei estava prestes a assistir ao desmoronamento da roda do moinho, com os pontos de apoio em brasa, caindo do suporte a rolar, com uma lentidão tão dececionante como a de uma avalanche, sobre a terra dos condenados.

Rincewind, pendurado na barra de apoio, via os degraus da roda girarem a uma velocidade tal, que lhe teriam queimado as solas das sandálias se ele tivesse sido tolo ao ponto de baixar os pés. Os mortos, no entanto, encaravam aquilo tudo com o à-vontade de quem sabe que o pior já passou. Gritos como: ‘Passem o algodão-doce’ pairavam no ar. O feiticeiro ouviu Lavaeolus elogiar o esplêndido movimento que fazia girar a roda e a explicar a da Quirm como, com um veículo blindado que destruísse tudo à sua passagem, tal como a Bagagem fazia, as guerras seriam menos sangrentas, acabariam em metade do tempo e todos poderiam regressar calmamente a suas casas.

A Bagagem não fez nenhum comentário. Podia ver o dono pendurado a alguns metros de distância e continuou. Possivelmente, ocorreu-lhe que a viagem estava a demorar mais tempo do que tinham pensado, mas isso era um problema do Tempo. E assim, atropelando esta ou aquela alma penada, chocando, girando e esmagando um demónio qualquer, a roda continuou a rolar.

Desfez-se contra o penhasco em frente.

Lord Vassenego smiled.

"Now," he said, "it is time."

The other senior demons looked a bit shifty. They were, of course, steeped in evil, and Astfgl was definitely Not One Of Us and the most revolting little oik ever to oil his way into the post...

But... well, this... perhaps there were some things that were too...

"Learn from the ways of humans," mimicked Vassenego. "He bade me learn from humans. Me! The impudence! The arrogance! But I watched, oh, yes. I learned. I planned."

The look on his face was unspeakable. Even the lords of the nethermost circles, who gloried in villainy, had to turn their heads.

Duke Drazometh the Putrid raised a hesitant talon.

"But if he even suspects," he said, "I mean, he has a foul temper on him. Those memos..."

He shuddered.

"But what are we doing?" Vassenego spread his hands in a gesture of innocence. "Where is the harm in it? Brothers, I ask you: where is the harm?"

His fingers curled. The knuckles shone white under the thin, blue-veined skin as he surveyed the doubting faces.

"Or would you rather receive another statement of policy?" he said.

Expressions twitched as the lords made up their minds like a row of dominoes falling over. There were some things on which even they were united. No more policy statements, no more consultative documents, no more morale-boosting messages to all staff. This was Hell, but you had to draw the line somewhere.

Earl Beezlemoth rubbed one of his three noses.

"And humans somewhere thought this up all by themselves?" he said. "We didn't give them any you know, hints?"

Vassenego shook his head.

"All their own work," he said proudly, like a fond schoolmaster who has just seen a star pupil graduate *summa cum laude*.^{NT80}

The earl stared into infinity.

"I thought we were supposed to be the ghastly ones," he said, his voice filled with awe.

The old lord nodded. He'd waited a long time for this. While others had talked of red-hot revolution he'd just stared out into the world of men, and watched, and marveled.

^{NT80} *Summa Cum Laude* é uma expressão em latim que significa 'Com a Maior das Honras' - representa a maior distinção e é o reconhecimento por obter a máxima qualificação possível numa formação universitária, especialmente nos níveis do mestrado ou doutoramento.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cum_laude, consultado em 02-11-2010

Lorde Vassenego sorriu.

– É agora, – disse ele – chegou o momento.

Os outros demónios seniores tinham um ar manhoso. Estavam, claro, cheios de maldade e Astfgl definitivamente, *Não Era Um de Nós*, para além de ser o sujeitinho mais repugnante que conseguira o seu estatuto por meios duvidosos...

Mas ...bem, isto... talvez houvesse algumas coisas que eram muito...

– ‘Aprendam com os humanos’ – imitou Vassenego.– Mandou-me aprender com os humanos. Eu! Que falta de respeito! Que arrogância! Mas eu observei, ah, sim, eu aprendi. Eu planeei.

A expressão do seu rosto era indescritível. Até mesmo os lordes dos círculos inferiores, que adoravam a perversidade, desviaram o olhar.

O Duque Drazometh, o Pútrido, levantou a garra, hesitante.

– Mas se ele desconfia... – disse ele. – Quer dizer, ele tem mau génio. Aqueles memorandos...

Estremeceu.

– Mas o que estamos a fazer? – Vassenego estendeu os braços num gesto de inocência. – O que estamos a fazer de mal? Irmãos, digam-me: qual é o mal?

Os dedos dobravam-se. As articulações brancas brilhavam através da pele fina com veias azuis, enquanto ele examinava os rostos indecisos.

– Ou vocês preferem receber outra declaração de política da empresa? – perguntou Vassenego.

Os rostos contraíam-se à medida que os lordes tomavam as suas decisões. Pareciam uma fila de dominós a desmoronar-se. Havia algumas coisas em relação às quais até eles estavam de acordo. Não queriam mais declarações de política da empresa, consulta de documentos e mensagens moralizadoras dirigidas a todo o pessoal. Aquilo era o Inferno, mas tudo tem limites.

O conde Beezlemoth esfregou um dos três narizes.

– E os humanos eram capazes de inventar isso sem a ajuda de ninguém? – perguntou. Não lhes demos nenhuma pista, nem nada?

Vassenego abanou a cabeça.

– Fizeram tudo sozinhos – disse ele, orgulhoso, como um professor dedicado que acaba de ver um dos alunos preferidos formar-se com distinção.

O duque tinha o olhar fixo no infinito.

– Pensei que nós é que éramos os abomináveis – comentou, em tom de profundo respeito.

O velho lorde concordou. Tinha esperado muito tempo por este momento. Enquanto os outros falavam da revolução ao rubro, ele tinha concentrado a sua atenção no mundo dos homens e ficou maravilhado.

This Rincewind character had been extremely useful. He'd managed to keep the King totally occupied. He'd been worth all the effort. The damn-fool human still thought it was his fingers doing the business! Three wishes, indeed!

And thus it was, when Rincewind pulled himself free of the wreckage of the wheel, he found Astfgl, King of Demons, Lord of Hell, Master of the Pit, standing over him.

Astfgl had passed through the earlier stage of fury and was now in that calm lagoon of rage where the voice is steady, the manner is measured and polite, and only a faint trace of spittle at the corner of the mouth betrays the inner inferno.

Eric crawled out from under a broken spar and looked up.

"Oh dear..." he said.

The Demon King twirled the trident. Suddenly, it didn't look comical any more. It looked like a heavy metal stick with three horrible spikes on the end.

Astfgl smiled, and looked around.

"No," he said, apparently to himself. "Not here. It is not public enough. Come!"

A hand grasped each of them by the shoulder. They could no more resist it than a couple of non-identical snowflakes could resist a flame-thrower. There was a moment's disorientation, and Rincewind found himself in the largest room in the universe.

It was the great hall. You could have built moon rockets in it. The kings of Hell might have heard of words like "subtlety" and "discretion", but they had also heard that if you had it you should flaunt it and reasoned that, if you didn't have it, you should flaunt it even more, and what they didn't have was good taste. Astfgl had done what he could but even he had been unable to add much to the basic bad design, the clashing colours, and the terrible wallpaper.

He'd put in a few coffee tables and a bullfight poster, but they were more or less lost in the overall chaos, and the new antimacassar on the back of the Throne of Dread only served to highlight some of its more annoying bas-reliefs.

The two humans sprawled on the floor.

"And now ..." said Astfgl.

But his voice was lost in a sudden cheering.

He looked up.

Aquele Rincewind tinha sido extremamente útil. Tinha conseguido manter o Rei completamente ocupado. Tinha valido a pena o esforço. Aquele humano idiota ainda pensava que os seus dedos faziam magia. Três desejos, pois sim!

E foi assim que Rincewind, mal conseguiu libertar-se dos destroços da roda, encontrou Astfgl, Rei dos Demónios, Senhor do Inferno, Mestre das Profundezas, parado à sua frente.

Astfgl tinha ultrapassado aquela fase inicial de fúria e estava agora naquele patamar de raiva calma em que a voz fica firme, os gestos são calculados e sob controlo e apenas um fio de saliva no canto da boca revela o inferno interior.

Eric saiu, a rastejar por baixo de um poste partido e olhou para cima.

– Ai, caramba... – gemeu.

O Rei Demónio rodopiou o tridente. De repente, deixou de ter aquele aspeto engraçado. Parecia um bastão de metal pesado com três horríveis espigões na ponta.

Astfgl sorriu e olhou à sua volta.

– Não – disse, aparentemente para si próprio. – Aqui não. Não há público suficiente. Venham!

Uma mão pegou em cada um deles pelo ombro. Não conseguiam resistir mais do que um par de flocos de neve resistiria a um lança-chamas. Houve um momento de desorientação e Rincewind viu-se na maior sala do universo.

Era o salão grande. Podiam ter construído foguetões espaciais lá dentro. Os Reis do Inferno deviam ter ouvido falar em palavras como ‘subtileza’ e ‘discrição’. Mas também deviam ter ouvido dizer que quem tinha, devia exhibir-se. E concluíram que se não tivessem, deviam exhibir-se ainda mais. Mas o que eles não tinham era bom gosto. Astfgl tinha feito tudo o que podia, mas não conseguira alterar o estilo horrível, as cores que não combinavam e o horroroso papel de parede.

Tinha colocado algumas mesas de café e um cartaz de tourada, mas ficava tudo perdido no meio do caos geral e a manta nova sobre o Trono do Medo serviu apenas para fazer sobressair alguns dos mais incomodativos baixos-relevos.

Os dois humanos estatelaram-se no chão.

– E agora... – disse Astfgl.

Mas a sua voz foi abafada por uma gritaria repentina.

Olhou para cima.

Demons of every size and shape filled almost all the hall, piling up the walls and even hanging from the ceiling. A demonic band struck up a choice of chords on a variety of instruments. A banner, slung from one side of the hall to the other, read: *Hail To The Chief*.^{NT81}

Astfgl's brow knitted in instant paranoia as Vassenego, trailed by the other lords, bore down on him. The old demon's face was split in a totally guileless grin, and the King nearly panicked and hit it with the trident before Vassenego reached out and slapped him on the back.

"Well done!" he cried.

"What?"

"Oh, very well done!"

Astfgl looked down at Rincewind.

"Oh," he said. "Yes. Well." He coughed. "It was nothing," he said, straightening up, "I knew you people weren't getting anywhere so I just..."

"Not these," sneered Vassenego. "Such trivial things. No, sire. I was referring to your elevation."

"Elevation?" said Astfgl.

"Your promotion, sire!"

A great cheer went up from the younger demons, who would cheer anything.

"Promotion? But I am the King..." Astfgl protested weakly.

He could feel his grasp on events beginning to slip.

"Pfooie!" said Vassenego expansively.

"Pfooie?" "Indeed, sire. King? King? Sire, I speak for us all when I say that is no title for a demon such as you, sire, a demon whose grasp of organisational matters and priorities, whose insight into the proper functions of our being, whose - if I may say so - sheer intellectual capabilities have taken us to new and greater depths, sire!"

Despite himself, Astfgl preened.

"Well, you know ..." he began.

"And yet we find, despite your position, that you interest yourself in the tiniest details of our work," said Vassenego, looking down his nose at Rincewind. "Such dedication! Such devotion!"

^{NT81} "**Hail to the Chief**" é um hino associado ao Presidente dos Estados Unidos da América, nos momentos de aparições públicas.

http://en.wikipedia.org/wiki/Hail_to_the_Chief, consultado em 04-11-2010

Demónios de todos os tamanhos e feitios enchiam quase todo o salão, subiam as paredes e penduravam-se no teto. Uma orquestra demoníaca começou a tocar uma seleção de acordes em variadíssimos instrumentos. Numa faixa, esticada de uma ponta à outra da sala, lia-se: ‘Saudação ao Chefe’.

Astfgl franziu a testa, em paranoia, quando Vassenego, seguido dos outros lordes, veio em direção a ele. O rosto do velho demónio exibia um sorriso sincero e o Rei, quase em pânico, atingiu-o com o tridente antes de ele ter tempo de se aproximar com a mão estendida para lhe dar uma palmadinha nas costas.

– Muito bem! – gritou ele.

– O quê?

– Oh! Muitíssimo bem!

Astfgl olhou para Rincewind.

– Oh! Sim. Bem. – O Rei tossiu.– Não é nada – começou, tentando aprumar-se.– Eu sabia que vocês não iam conseguir chegar a lado nenhum e, então eu só...

– Não tem nada a ver com esses – disse Vassenego, com desdém. – Esses não têm importância nenhuma. Não, Majestade. Eu estava a referir-me à sua nomeação.

– Nomeação?

– À sua promoção, Majestade!

Ouviram-se gritos de ‘viva!’ de um grupo de jovens demónios que gritavam ‘viva!’ por qualquer coisa.

– Promoção? Mas eu sou o Rei... – protestou Astfgl, com voz fraca.

Sentia que a evolução dos acontecimentos começava a escapar-lhe.

– Pff! – disse Vassenego, muito expansivo.

– Pff?

– Claro, Majestade. Rei? Rei? Majestade, eu falo em nome de todos quando digo que isso não é título para um demónio como o senhor, Majestade, um demónio cuja compreensão das questões e prioridades organizacionais, cuja visão das funções adequadas a cada um de nós, cuja – se me é permitido dizê-lo – pura capacidade intelectual nos levou a atingir novos e mais profundos níveis, Majestade!

Sem querer, Astfgl envaideceu-se.

– Bem, sabes como é...

– E, no entanto, descobrimos que, apesar da sua posição, o senhor interessa-se pelos mínimos pormenores do nosso trabalho – observou Vassenego, olhando para baixo, para Rincewind. – Tanta dedicação! Tanta devoção!

Astfgl swelled.

"Of course, I've always felt..."

Rincewind pulled himself up on his elbows, and thought: look out, behind you...

"And so," said Vassenego, beaming like a coastful of lighthouses, "the Council met and has decided, and may I add, sire, has decided unanimously, to create an entirely new award in honour of your outstanding achievements!"

"The importance of proper paperwork has - what award?" said Astfgl, the minnows of suspicion suddenly darting across the oceans of self-esteem.

"The position, sire, of Supreme Life President of Hell!"

The band struck up again.

"With your own office - much bigger than the pokey thing you have had to suffer all these years, sire. Or rather, Mr. President!"

The band had a go at another chord.

The demons waited.

"Will there be... potted plants?" said Astfgl, slowly.

"Hosts! Plantations! Jungles!"

Astfgl appeared to be lit by a gentle, inner glow.

"And carpets? I mean, wall to wall...?"

"The walls have had to be moved apart especially to accommodate them all, sire. And thick pile, sire? Whole tribes of pygmies are wondering why the light stays on at night, sire!"

The bewildered King allowed himself to have an expansive arm thrown across his shoulder and was gently led, all thoughts of vengeance forgotten, through the cheering crowds.

"I've always fancied one of those special things for making coffee," he murmured, as the last vestiges of self-control were eroded.

"A positive manufactory has been installed, sire! And a speaking tube, sire, for you to communicate your instructions to your underlings. And the very latest in diaries, two aeons to a page, and a thing for..."

"Coloured marker pens. I've always held that..."

"Complete rainbows, sire," Vassenego boomed. "And let us go there without delay, sire, for I suspect that with your normal keen insight, you cannot wait to get to grips with the mighty tasks ahead of you, sire."

Astfgl ficou inchado de orgulho.

– É claro, sempre senti que...

Rincewind ergueu-se, apoiando-se nos cotovelos e pensou: *'tem cuidado, olha para trás...'*

– E então – continuou Vassenego, radiante como uma praia cheia de faróis – o Conselho reuniu e decidiu, e agora devo acrescentar, Majestade, decidiu por unanimidade, criar um prémio em honra do seu impressionante desempenho!

– A importância que os documentos e papéis têm... Que prémio? – perguntou Astfgl, com uns laivos de desconfiança a perpassarem-lhe os oceanos da autoestima.

– O cargo, Majestade, de Supremo Presidente Vitalício do Inferno!

A orquestra começou a tocar de novo.

– Com um escritório próprio, muito maior do que aquela coisa exígua que teve de suportar estes anos todos, Majestade. Ou melhor, Senhor Presidente!

A orquestra tentou outro acorde.

Os demónios esperaram.

– Vai haver... vasos com plantas? – perguntou Astfgl, calmamente.

– Imensos! Plantações! Florestas!

Astfgl parecia iluminado por um suave brilho interior.

– E tapetes? Quer dizer, tem de ser a cobrir as paredes...

– As paredes tiveram de ser demolidas e reconstruídas especialmente para os instalar. São muito felpudos, Majestade. Tribos inteiras de pigmeus interrogam-se sobre a razão de haver luzes acesas toda a noite, Majestade!

O Rei, desnortado, deixou que um braço expansivo passasse pelos seus ombros e foi delicadamente conduzido com um movimento suave, esquecendo todos os sentimentos de vingança, por entre a multidão eufórica.

– Sempre gostei daquelas coisas especiais para fazer café – murmurou, enquanto os últimos vestígios de autocontrolo se desvaneciam.

– Instalamos uma fábrica verdadeira, Majestade! E um altifalante, Majestade, para poder comunicar com os seus subordinados. E as últimas notícias num diário, duas épocas por página, e uma coisa para...

– Canetas coloridas para marcar textos. Sempre disse que...

– Arco-íris completos, Majestade – disse Vassenego, aumentando o volume da voz. – E vamos para lá agora mesmo, porque suspeito que, com a sua visão perspicaz, estará ansioso por começar as inúmeras tarefas que tem pela frente, Majestade.

"Certainly, certainly! Time they were done, indeed..." an expression of vague perplexity passed across Astfgl's flushed face. "These mighty tasks..."

"Nothing less than a complete, full, authoritative, searching and in-depth analysis of our role, function, priorities and goals, sire!"

Vassenego stood back.

The demon lords held their breath.

Astfgl frowned. The universe appeared to slow down. The stars halted momentarily in their courses.

"With forward planning?" he said, at last.

"A top priority, sire, which you have instantly pinpointed with your normal incisiveness," said Vassenego quickly.

The demon lords breathed again.

Astfgl's chest expanded several inches.

"I shall need special staff, of course, in order to formulate..."

"Formulate! The very thing!" said Vassenego, who was perhaps getting just a bit carried away.

Astfgl gave him a faintly suspicious glance, but at that moment, the band struck up again.

The last words that Rincewind heard, as the King was led out of the hall, were: "And in order to analyse information, I shall need..."

And then he was gone.

The rest of the demons, aware that the entertainment seemed to be over for the day, started to mill around and drift out of the green doors. It was beginning to dawn on the brightest of them that the fires would soon be roaring again.

No one seemed to be taking any notice of the two humans. Rincewind tugged at Eric's robe.

"This is where we run, right?" said Eric.

"Where we walk," said Rincewind firmly. "Nonchalantly, calmly, and, er..."

"Fast?"

"You pick things up quickly, don't you?"

– Claro, claro! Já devia estar tudo feito... – Uma vaga expressão de embaraço perpassou pelo rosto ruborizado de Astfgl. – Essas tarefas imensas...

– Apenas uma análise completa, pormenorizada, equilibrada, com autoridade e aprofundada das nossas competências, funções, prioridades e objetivos, Majestade!

Vassenego recuou.

Os lordes demónios sustiveram a respiração.

Astfgl franziu a testa. O universo parecia ter abrandado. As estrelas pararam, momentaneamente, os seus movimentos.

– Com planeamento antecipado? – perguntou, finalmente.

– Isto tem prioridade máxima, Majestade, a qual, aliás, notou imediatamente com a sua habitual atitude incisiva – disse Vassenego, prontamente.

Os lordes demónios voltaram a respirar normalmente.

Astfgl respirou fundo.

– Vou precisar de uma equipa especial, claro, para poder formular...

– Formular! É isso mesmo! – disse Vassenego, deixando-se levar pelo entusiasmo.

Astfgl olhou para ele com ar levemente desconfiado, mas naquele momento, a orquestra começou de novo a tocar.

As últimas palavras que Rincewind ouviu, enquanto levavam o Rei para fora do salão, foram: *‘E para poder analisar a situação, vou precisar de ...’*

E, entretanto, o Rei desapareceu.

Os outros demónios, percebendo que a diversão daquele dia tinha acabado, começaram a andar em círculos, entrando e saindo pelas portas verdes. Os mais espertos pressentiram que, em breve, o rugido das labaredas voltaria.

Ninguém parecia ter consciência da presença dos dois humanos. Rincewind puxou o manto de Eric.

– É agora que fugimos, não é? – perguntou Eric.

– Agora, andamos – corrigiu Rincewind, com firmeza. – Como quem não quer nada, com muita calma, eh, e...

– Depressa?

– És rápido a aprender, não és?

It is essential that the proper use of three wishes should bring happiness to the greatest available number of people, and this is what in fact had happened.

The Tezumen were happy. When no amount of worshipping caused the Luggage to come back and trample their enemies, they poisoned all their priests and tried enlightened atheism instead, which still meant they could kill as many people as they liked but didn't have to get up so early to do it.

The people of Tsort and Ephebe were happy - at least, the ones who write and feature in the dramas of history were happy, which is all that mattered.

Now their long war was over and they could get on with the proper concern of civilised nations, which is to prepare for the next one.

The people of Hell were happy, or at least happier than hitherto. The flames were flickering brightly again, the same old familiar tortures were being inflicted on ethereal bodies quite incapable of feeling them, and the damned had been given the insight which makes hardship easier to bear - the absolute and certain knowledge that things could be worse.

The demon lords were happy.

They stood around the magic mirror, enjoying a celebratory drink. Occasionally one of them would risk slapping Vassenego on the back.

"Shall we let them go, sire?" said a duke, peering at the climbing figures in the mirror's dark image.

"Oh, I think so," said Vassenego airily. "It's always a good thing to let a few tales spread, you know. *Pour encouragy le... por encoura...* to make everyone sit up and take notice. And they have been useful, after their fashion."

He looked into the depths of his drink, exulting quietly.

And yet, and yet, in the depths of his curly mind he thought he could hear the tiny voice that would grow louder over the years, the voice that haunts all demon kings, everywhere: look out, behind you...

It is hard to say whether the Luggage was happy or not. It had viciously attacked fourteen demons so far, and had three of them cornered in their own pit of boiling oil. Soon it would have to follow its master, but it didn't have to rush.

One of the demons made a frantic grab for the bank. The Luggage stamped heavily on its fingers.

É essencial que o uso adequado dos três desejos traga felicidade ao maior número de pessoas possível e isso foi o que, de facto, aconteceu.

Os Tezumanos estavam felizes.

Quando perceberam que por mais orações que rezassem não conseguiriam fazer com que a Bagagem voltasse e espezinhasse os inimigos deles, envenenaram todos os sacerdotes e experimentaram o ateísmo esclarecido, o que significava que ainda podiam matar as pessoas que quisessem, mas não precisariam de se levantar de madrugada para o fazer.

O povo de Tsort e de Efebe estava feliz, pelo menos os que escrevem e protagonizam as peças de teatro históricas, que é o que agora interessa.

Agora a guerra tinha acabado e eles podiam dar início à principal atividade dos povos civilizados, que é preparar a guerra seguinte.

O povo do Inferno estava feliz, ou pelo menos, mais feliz do que antes. As chamas bruxuleavam de novo, as velhas e conhecidas torturas eram infligidas a corpos etéreos, incapazes de as sentir, e os condenados tinham agora uma perspetiva que permite suportar melhor as coisas difíceis – a certeza absoluta de que as coisas podiam ser piores.

Os lordes demónios estavam felizes.

Reuniram-se à volta do espelho mágico e comemoraram com um brinde. De vez em quando, um deles dava umas palmadinhas nas costas de Vassenego.

– Deixamo-los ir embora, Majestade? – perguntou um duque, observando as silhuetas que subiam, a correr, na superfície escura do espelho.

– Ah, acho que sim – respondeu Vassenego, distraído.– Sabes, é sempre bom deixar que algumas histórias se espalhem. *Pour encouragy le...por encoura...*, para que todos fiquem alerta e não percam a noção do perigo. E, à sua maneira, eles foram úteis.

Olhou para o fundo do copo, regozijando-se em silêncio.

E, no entanto, lá no fundo da sua mente sinuosa, ainda conseguia ouvir aquela vozinha que iria soar mais alto ao longo dos anos, aquela voz que assombra todos os Reis Demónios, em qualquer sítio: ‘tem cuidado, olha para trás...’

Era difícil perceber se a Bagagem estava feliz. Já tinha atacado, ferozmente, catorze demónios e encurralara três no seu próprio fosso de óleo a ferver. Teria de se juntar ao seu dono, mas não precisava de ter pressa.

Um dos demónios fez um gesto desesperado para se segurar na borda. A Bagagem deu-lhe uma valente pisadela nos dedos.

The creator of universes was happy. He'd just inserted one seven-sided snowflake into a blizzard as an experiment, and no one had noticed. Tomorrow he was half-inclined to try small, delicately crystallised letters of the alphabet. Alphabet Snow. It could be a winner.

Rincewind and Eric were happy:

"I can see blue sky!" said Eric. "Where do you think we'll come out?" he added. "And when?"

"Anywhere," said Rincewind. "Anytime."

He looked down at the broad steps they were climbing. They were something of a novelty; each one was built out of large stone letters. The one he was just stepping on to, for example, read: **I Meant It For The Best.**

The next one was: **I Thought You'd Like It.**

Eric was standing on: **For the Sake of the Children.**

"Weird, isn't it?" he said. "Why do it like this?"

"I think they're meant to be good intentions," said Rincewind.

This was a road to Hell, and demons were, after all, traditionalists.

And, while they are of course irredeemably evil, they are not always bad. And so Rincewind stepped off **We Are Equal Opportunity Employers** and through a wall, which healed up behind him, and into the world.

It could, he had to admit, have been a lot worse.

President Astfgl, sitting in a pool of light in his huge, dark office, blew into the speaking tube again.

"Hallo?" he said. "Hallo?"

There didn't seem to be anyone answering.

Strange.

He picked up one of his coloured pens, and looked around at the stack of work behind him. All those records, to be analysed, considered, assessed and evaluated, and then suitable management directives to be arrived at, and an in-depth policy document to be drafted and then, after due consideration, redrafted again...

O Criador dos Universos estava feliz. Tinha acabado de incluir um floco de neve com sete faces num nevão e ninguém se tinha apercebido disso. Já estava a pensar experimentar cristais com a forma de letras do alfabeto, no dia seguinte. Neve de letras. Podia ser um sucesso.

Rincewind e Eric estavam felizes:

– Consigo ver o azul do céu! – disse Eric – Onde é que vamos parar quando sairmos daqui? E quando?

– Vamos parar a um sítio qualquer – disse Rincewind. – A qualquer momento.

Olhou para baixo, para a grande escadaria que estavam a subir. Eram uma novidade; cada degrau era feito de um conjunto de grandes letras de pedra. No degrau que estava a pisar naquele momento, estava escrito: **‘A minha intenção foi a melhor possível’**

No degrau seguinte, lia-se: **‘Achei que ias gostar’**

Eric estava sobre um degrau que dizia: **‘Pelo bem das crianças’**

– Que esquisito, não achas? – disse ele. – Porque é que eles fizeram isto?

– Acho que nos querem dizer que são bem intencionados – respondeu Rincewind.

Isto era um caminho para o Inferno e os demónios, afinal, eram tradicionalistas.

E, se por um lado, são irremediavelmente perversos, por outro lado, nem sempre são assim. Então, Rincewind tirou os pés de um degrau que dizia: **‘Somos pela igualdade de oportunidades’**, atravessou uma parede, que se refez depois de ele passar, e entrou no mundo.

Tinha de admitir, aquilo podia ter sido muito pior.

O Presidente Astfagl, sentado num lago de luz no seu enorme e escuro escritório, falava ao altifalante, mais uma vez.

– Estou? – Dizia ele. – Estou?

Mas parecia que ninguém respondia.

Que estranho.

Pegou uma das suas canetas de cor e olhou para o monte de documentos atrás de si. Todos aqueles registos para analisar, considerar, avaliar e apreciar... e depois, definir os objetivos a atingir...esboçar um relatório detalhado sobre política de gestão e, depois de o reler, corrigir e escrever nova versão...

He tried the tube once more.

"Hallo? Hallo?"

No one there. Still, not to worry, lots to do. His time was far too important to waste.

He sank his feet into his thick, warm carpet.

He looked proudly at his potted plants.

He tapped a complicated assembly of chromed wire and balls, which began to swing and click executively.

He unscrewed the top of his pen with a firm, decisive hand.

He wrote: What business are we in???

He thought for a bit, and then carefully wrote, underneath:

We are in the damnation business!!!

And this, too, was happiness. Of a sort.

Tentou novamente o altifalante.

– Estou? Estou?

Ninguém. Mesmo assim, não estava preocupado, tinha muito que fazer. O seu tempo era demasiado importante para desperdiçar.

Afundou os pés no tapete grosso e quente.

Olhou, com orgulho, para os vasos com plantas.

Deu um toque num conjunto de esferas de fio cromado, que começaram a balançar e estalar vivamente.

Desenroscou a tampa da caneta com mão firme e decidida.

Escreveu: *Qual é o nosso negócio???*

Pensou um pouco e depois escreveu, por baixo:

Estamos num negócio dos diabos!!!

E isto era, também, um certo tipo de felicidade.

